



EM GUARDA

*Defenda a fé cristã
com razão e precisão*

PREFÁCIO DE LEE STROBEL

WILLIAM LANE CRAIG
AUTOR DO BEST-SELLER APOLOGÉTICA CONTEMPORÂNEA



EM GUARDA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Craig, William Lane

Em guarda: defenda a fé cristã com razão e precisão / William Lane Craig;
tradução Marisa K. de Siqueira Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2011.

Título original: On guard: defending your faith with reason and precision.
ISBN 978-85-275-0479-9

1. Apologética I. Título.

11-09790

CDD-239

Índice para catálogo sistemático:

1. Apologética : Doutrina cristã 239

EM GUARDA



*Defenda a fé cristã
com razão e precisão*

WILLIAM LANE CRAIG

*Tradução
Marisa K. A. de Siqueira Lopes*



VIDA NOVA

Copyright © 2010 de William Lane Craig
Título do original: On Guard
Traduzido da edição publicada pela David C. Cook, 4050
Lee Vance View Colorado Springs, CO 80918 EUA

1.ª edição: 2011
Reimpressão: 2012

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP, 04602-970
www.vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados, etc.), a não ser em citações breves, com indicação de fonte.

ISBN 978-85-275-0479-9

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

SUPERVISÃO EDITORIAL

Marisa K. A. de Siqueira Lopes

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Jonas Madureira

REVISÃO

Arkhé Editorial

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Sérgio Siqueira Moura

REVISÃO DE PROVAS

Ubevaldo G. Sampaio

DIAGRAMAÇÃO

Luciana Di Iorio

CAPA

Amy Kiechlin

IMAGEM DA CAPA

iStockphotos, royalty-free

Todas as citações bíblicas, salvo indicação contrária, foram extraídas da versão Almeida Século 21 publicada no Brasil com todos os direitos reservados por Sociedade Religiosa Edições Vida Nova.

Aos defensores



SUMARIO

Prefácio por Lee Strobel	9
1. O que é apologética?	13
2. Que diferença faz se Deus existe?	31
3. Por que as coisas existem?	59
Interlúdio pessoal: a jornada de fé de um filósofo (Parte 1)	73
4. Por que o universo começou?	79
5. Por que o universo está precisamente ajustado com a vida?	115
6. Podemos ser bons sem Deus?	139
7. E o que dizer do sofrimento?	163
Interlúdio pessoal: a jornada de fé de um filósofo (Parte 2)	195
8. Quem foi Jesus?	203
9. Jesus ressuscitou dos mortos?	243
10. Jesus é o único caminho que leva a Deus?	293



PREFACIO

POR LEE STROBEL

Em minha opinião, William Lane Craig está entre os melhores defensores da fé cristã de sua geração. Com títulos de doutorado em filosofia e teologia, uma mente aguçada incisiva, e um coração apaixonado de um evangelista, ele viaja pelo mundo afora para debates com ateístas ardentes e articulados. Invariavelmente, os argumentos desses ateístas murcham em face das evidências afirmativas de Craig a favor da existência de um Criador e da verdade da fé cristã.

Por exemplo, em 2009 ele debateu com Christopher Hitchens, autor do campeão de vendas *God is not Great* [Deus não é grande] e um dos chamados “quatro cavaleiros do novo ateísmo”. Craig construiu uma impressionante argumentação em favor da existência de Deus — uma argumentação que Hitchens não conseguiu refutar — e ao mesmo tempo expôs com habilidade a retórica vazia de Hitchens. Sabe qual foi o resultado? Veja como um comentarista ateu resumiu o evento: “Francamente falando, Craig deu uma surra em Hitchens, como quem repreende uma criança tola”.

Encontrei Craig pela primeira vez há alguns anos, quando um amigo meu, que era um orador de âmbito nacional ligado à organização American Atheists, Inc, me disse: “Não seria incrível se pudéssemos fazer uma defesa do ateísmo e o pessoal do seu lado pudesse fazer uma defesa do cristianismo, e deixássemos que a plateia decidisse por si mesma?”.

Agarrei na hora essa oportunidade. “Vá e me traga o melhor defensor do ateísmo que você conseguir — o seu melhor e mais brilhante ateu”, disse eu. “Vou encontrar o mais forte e incrível defensor do cristianismo e assim teremos um duelo de mentes!”.

Os ateístas escolheram Frank Zindler, colega da renomada ateiísta Madalyn Murray O'Hair e ex-professor de geologia e biologia. Para defender o cristianismo, escolhemos William Craig.

A imprensa — embasbacada pelo fato de que a igreja não estava com medo de confrontar as mais duras objeções por parte dos cééticos — rapidamente espalhou a notícia. Logo comecei a receber ligações de estações de rádio do país inteiro. “Podemos transmitir esse debate ao vivo?”, eles me perguntaram. “Lógico”, disse eu. Para nosso espanto, logo tínhamos 117 estações de rádio para fazer a transmissão, de costa a costa.

Na noite do debate, o tráfego ficou congestionado em volta da igreja. Quando abrimos as portas, as pessoas correram para garantir seus lugares. Quando foi a última vez que você viu alguém correndo *para entrar* em uma igreja? No total, tivemos 7 778 pessoas presentes ao evento. A atmosfera estava eletrizada!

Craig abriu sua participação apresentando cinco poderosos argumentos em favor de Deus e do cristianismo. Primeiro argumento, a criação do universo claramente aponta para um Criador (“Tudo que começa a existir tem uma causa; o universo começou a existir, logo o universo tem uma causa”). Segundo argumento, a incrível sintonia do universo desafia a coincidência e dá mostras do trabalho habilidoso de um designer inteligente. Terceiro argumento, os valores morais objetivos são uma prova de que existe um Deus, uma vez que somente ele poderia estabelecer um padrão universal de certo e errado. Quarto argumento, as evidências históricas em favor da ressurreição — entre elas o sepulcro vazio, o relato de testemunhas oculares e a origem da fé cristã — estabelecem a divindade de Jesus. E quinto argumento, Deus pode ser conhecido e experimentado de forma imediata por aqueles que o buscam.

A despeito dos repetidos desafios de Craig, Zindler tropeça em defender positivamente o ateísmo. Em vez de defendê-lo, ele acusa-va que a evolução biológica “anuncia a morte do cristianismo”; que não havia evidências convincentes de que Jesus de fato existira; e



que a existência do mal é um argumento que contraria a existência de Deus.

Para espanto da audiência, Craig prontamente usou os próprios argumentos de Zindler contra ele mesmo. Apontou que se a evolução de fato existiu, a despeito de todas as difíceis probabilidades contrárias, então ela só pode ter sido um milagre, e, sendo assim, seria mais uma evidência em favor da existência de Deus!

Quanto à existência do mal no mundo, Craig disse: “Jamais foi demonstrada qualquer inconsistência lógica entre os dois enunciados Deus existe e o mal existe . Além disso, ele acrescentou, em um sentido mais profundo a presença do mal “na verdade demonstra a existência de Deus, pois sem Deus não haveria qualquer fundamento [moral] para chamar algo de mal”.

Ao final de duas horas de debate, pedimos que a audiência votasse. Uma porcentagem de 82 por cento dos ateístas, agnósticos e outros não cristãos concluíram que a evidência apresentada em favor do cristianismo fora a mais convincente. E veja só isto: quarenta e sete pessoas chegaram ao debate como ateus, e após ouvir os dois lados, foram embora acreditando na existência de Deus. E mais, nem uma pessoa sequer se tornou um ateu. A afirmação de que os cristãos têm uma vantagem injusta no mercado de ideias era impressionante: *Nós temos a verdade do nosso lado!*

Pode ser que você nunca debata com um ateu. No entanto, a Bíblia diz em 1Pedro 3.15 que todos os cristãos devem estar preparados para explicar a razão da sua fé, por que acreditam naquilo em que acreditam e isso deve ser feito como Craig sempre faz, com mansidão e respeito.

Em um mundo em que a mídia vive tocando trombetas para as alegações dos céticos, batendo recordes de venda com livros de hawk-ateísmo, e muitos professores universitários parecem inclinados a destruir a fé de jovens cristãos, torna-se cada vez mais importante que todos nós sejamos capazes de articular os motivos pelos quais nossa fé faz sentido. E por isso que este livro é tão absolutamente vital.

Nestas páginas você conhecerá os argumentos mais convincentes em favor do cristianismo. E não somente isso, você também descobrirá como responder às objeções mais conhecidas que costumam ser feitas a esses argumentos. Verá que este livro é solidamente factual, encantadoramente pessoal e consistentemente prático, e acima de tudo convincente em sua defesa do cristianismo.

Portanto, devore este livro. Leia-o e releia-o. Sublinhe e destaque trechos dele. Faça anotações nas margens. Estude-o e debata-o com seus amigos. Familiarize-se com sua lógica e ensinamentos. Teste alguns dos pontos que apresenta com seus amigos ateus. No final, eis a minha profecia do que acontecerá: Você sairá dessas páginas fortalecido em sua fé e muito mais confiante em compartilhar Cristo com as pessoas.

Lee Strobel, ex-cético e autor de *The Case for Christ*

[Em defesa de Cristo] e *The Case for the Real Jesus*

[Em defesa do Jesus real].



CAPITULO 1

O QUE É APOLOGÉTICA?

Estai sempre preparados para responder a todo o que vos pedir a razão da esperança que há em vos (1Pe 3,15).

Na igreja em que frequento, em Atlanta, sou professor de escola dominical de uma classe que se chama “Defensores”, na qual dou aulas para cerca de 100 pessoas, que variam de estudantes do segundo grau a adultos mais velhos. Falamos sobre os ensinamentos bíblicos (doutrina cristã) e sobre como defendê-los (apologética cristã). Às vezes as pessoas que não frequentam nossas aulas não entendem bem o que fazemos nelas. Certa vez, uma senhora muito educada, uma típica dama do sul, ao ouvir que eu ensinava apologética cristã retrucou indignada: “Jamais pediria desculpas por minha fé!”.

Apologética significa uma defesa

A razão do equívoco cometido por essa senhora é evidente: “Apologética”, em inglês, soa como “pedir desculpas”. No entanto, a apologética não é a arte de pedir desculpas para alguém por você ser cristão! Ao contrário, “apologética” vem do grego *apologia*, que significa defesa, como a que se faz em um tribunal. A apologética cristã implica em fazer uma defesa em favor da verdade da fé cristã.

A Bíblia na verdade nos recomenda que tenhamos essa defesa pronta para oferecer àquele que nos pedir a razão de nossa fé. Assim como dois competidores, numa partida de esgrima, aprendem a se desviar dos ataques, bem como a atacar o rival, nós também

APOLOGETICA

A palavra *apologética* vem do grego *apologia*, que significa uma defesa, como a que se faz nos tribunais. A apologética cristã envolve fazer a defesa da verdade da fé cristã.



PARA DISCUTIR

Por que mansidão e respeito são essenciais quando estamos dialogando com pessoas que não são cristãs acerca daquilo em que cremos? Você já viu algum cristão dialogar sem mansidão e respeito? O que aconteceu?

devemos estar sempre “*en garde*”. A passagem de 1Pedro 3.15 diz: “Estai sempre preparados para responder a todo o que vos pedir a razão da esperança que há em vós. Mas fazei isso com mansidão e temor”.

Note bem a atitude que devemos assumir quando estivermos fazendo a nossa defesa: Devemos ser mansos e respeitosos. A apologética também é a arte de não fazer o outro lamentar o fato de você ser cristão! Podemos apresentar uma defesa da fé cristã sem nos tornarmos defensivos. Podemos apresentar

argumentos em favor do cristianismo sem nos tornarmos argumentativos, ou seja, briguintos.

Quando falo neste livro sobre a apresentação de argumentos em defesa da fé cristã é de vital importância que as pessoas entendam que com isso não quero dizer discussão, bate-boca. Jamais devemos bater-boca a respeito de nossa fé com alguém que não compartilhe dela. Isso apenas enfurece as pessoas e as afasta ainda mais. Como explicarei mais para frente, neste mesmo capítulo, argumentar em termos filosóficos não é o mesmo que discutir ou ter uma troca de palavras ásperas; argumentar é apenas apresentar uma série de enunciados ou premissas que levem a uma conclusão. E isso é tudo.

Ironicamente, quem tem bons argumentos na sustentação da sua fé se torna menos inclinado a bate-bocas e a sair frustrado da discussão. Já percebi que quanto melhores forem meus argumentos, menos beligerante eu

me torno. Quanto melhor for a minha defesa, menos preciso ficar na defensiva. Se você tem boas razões para aquilo em que crê e sabe as respostas para as perguntas e objeções que alguém que não é cristão costuma fazer, não tem motivo para se exaltar. Pelo contrário, você perceberá que estará calmo e confiante, mesmo quando estiver sob ataque, pois sabe que tem as respostas.

PARA DISCUTIR

Como você costuma se sentir quando alguém desafia aquilo em que você crê, como cristão, ou faz disso motivo de gozação?



Frequentemente participo de debates em universidades em torno de temas como: “Deus existe?” ou “Cristianismo *versus* ateísmo”. Durante a parte de perguntas e respostas, é comum alguns estudantes da audiência se levantarem e começarem a me atacar pessoalmente ou fazer um discurso agressivo. Percebi que minha reação a esses estudantes não é de raiva, mas antes de me sentir simplesmente pesaroso pelo fato de eles estarem tão perdidos, tão confusos. Se você tem boas razões para aquilo em que crê, então, em vez de sentir raiva, sentirá uma compaixão genuína pelos perdidos, que em geral estão tão desorientados. A boa apologética envolve falar “a verdade em amor” (Ef 4.15).

A apologética é bíblica?

Algumas pessoas pensam que a apologética não é bíblica. Elas dizem que você deve apenas pregar o evangelho e deixar que o Espírito Santo faça a sua parte! No entanto, acredito que o exemplo de Jesus e dos apóstolos afirma o valor da apologética. Jesus apelava para milagres e cumprimento das profecias para provar que suas alegações eram verdadeiras (Lc 25.25–27; Jo 14.11). E os apóstolos? Ao falar para outros judeus, eles apelavam para o cumprimento das profecias, para os milagres de Jesus e especialmente para a ressurreição a fim de provar que Jesus era o Messias. Tomemos, por exemplo, o sermão de Pedro no dia de Pentecostes, registrado no segundo capítulo de Atos. No versículo 22, ele apela para os milagres de Jesus. Nos versículos 25-31, ele apela para o cumprimento da profecia. No versículo 32, ele apela para a ressurreição de Cristo. Por meio desses argumentos os apóstolos procuravam mostrar aos outros judeus que o cristianismo era verdadeiro.

Ao falar para os que não eram judeus, os apóstolos procuravam demonstrar a existência de Deus por meio da sua obra na natureza (At 14.17). Em Romanos 1, Paulo afirma que apenas com base na natureza todo homem pode saber que Deus existe (Rm 1.20). Paulo também apelava para as palavras de testemunhas oculares da

ressurreição de Jesus para mais uma prova de que o cristianismo era verdadeiro (1Co 15.3-8).

Fica, portanto, claro que tanto Jesus quanto os apóstolos não

temiam dar evidências em favor da verdade daquilo que proclamavam. Isso não quer dizer que eles não confiavam no Espírito Santo para trazer as pessoas a Cristo. Antes, confiavam que o Espírito usava os argumentos e as evidências deles para fazer isso.

PARA DISCUTIR

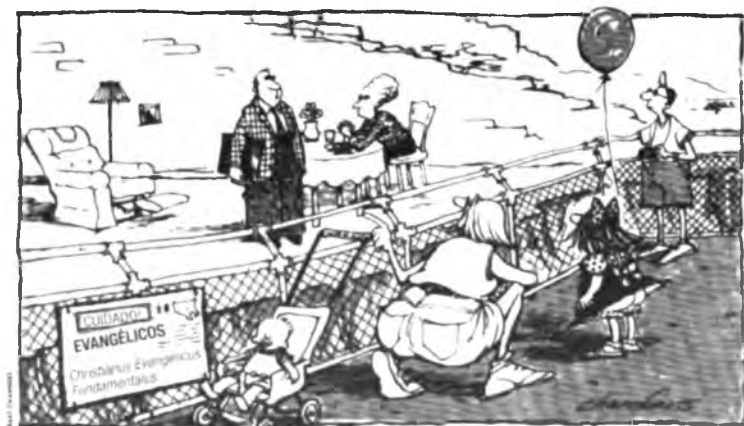
Que tipos de argumentos Paulo usa em Atos 17.22-31, para convencer os que não eram judeus de que o evangelho é verdade? De que modo os argumentos dele são semelhantes e diferentes dos argumentos usados por Pedro em Atos 2.14-29, quando ele falava para os judeus? O que você aprendeu sobre o papel da apologética no evangelismo?

Por que a apologética é importante?

E de vital importância que os cristãos de hoje sejam treinados em apologética. Por quê? Permita-me oferecer três razões para isso.

1. *Para influenciar a cultura.* Todos já ouvimos falar da chamada batalha cultural que acontece hoje na sociedade ocidental. Pode ser que alguns não apreciem essa metáfora militar, mas a verdade é que uma tremenda luta pela alma das pessoas está sendo travada exatamente agora. Esse esforço de guerra não tem matizes somente políticas. Traz também em si uma dimensão religiosa e espiritual. Os secularistas têm a tendência de eliminar do mapa a religião da esfera pública. Os chamados novos ateístas, representados por pessoas como Sam Harris, Richard Dawkins e Christopher Hitchens são ainda mais agressivos. Eles pretendem riscar totalmente do mapa qualquer forma de religião.

A sociedade ocidental já se tornou uma sociedade pós-cristã. A crença em um Deus genérico ainda é regra geral, mas crer em Jesus Cristo é hoje politicamente incorreto. Quantos filmes produzidos por Hollywood retratam cristãos de forma positiva? Em vez disso, quantas vezes já não vimos nesses filmes os cristãos sendo retratados como vilões superficiais, preconceituosos e hipócritas? Como a cultura de hoje vê os cristãos que creem na Bíblia?



O quadrinho acima retrata de forma pungente a percepção que a elite cultural da sociedade americana tem hoje dos cristãos: estranhas curiosidades a serem observadas com espanto por pessoas normais. Mas observe bem, eles também são considerados *perigosos*. Eles não devem ter acesso a posições de influência na sociedade. Talvez seja por isso que eles não chegam nem mesmo a ser cotados para possíveis cargos.

Por que essas considerações acerca da cultura são importantes? Por que nós, cristãos, não podemos apenas seguir a Cristo e ignorar o que acontece na cultura que nos rodeia? Por que apenas não pregamos o evangelho para esse mundo sombrio, as portas da morte?

A resposta é porque o evangelho nunca é ouvido em isolamento. Ele sempre é ouvido em contraste com o pano de fundo da cultura na qual nascemos e fomos criados. Alguém que tenha sido criado em uma cultura que olhe para o cristianismo com simpatia será aberto ao evangelho de um modo que outra pessoa, criada em uma cultura secular, não será. No caso de pessoas inteiramente secularizadas, dizer para crer em Jesus é como dizer para acreditar em fadas e duendes! É assim absurda que a mensagem de Cristo soa aos seus ouvidos.

Para perceber a influência que a cultura tem na forma como pensamos, imagine o que você pensaria se um seguidor da religião hindu ou um Hare Krishna, com sua cabeça raspada e aquela roupa

SECULARISMO

Secularismo é uma cosmovisão que não abre espaço para o sobrenatural: não crê em milagres, nem na revelação divina, nem em Deus.

alaranjada, abordasse você em um aeroporto ou shopping center e lhe oferecesse uma flor, e convidasse você a se tornar um seguidor de Krishna. Um convite como esse provavelmente soaria bizarro a seus ouvidos, uma aberração, talvez até um pouco engraçado. Agora pense em como haveria uma reação completamente diferente se essa mesma pessoa abordasse alguém em Deli, na Índia! Por ter sido criado na Índia, é possível que ele levasse esse convite muito a sério.

Se essa tendência de cair no secularismo é geral hoje, nos Estados Unidos, o que nos espera amanhã já está evidente na Europa de hoje. A Europa ocidental se tornou uma sociedade tão secularizada que é difícil até mesmo ter hoje uma chance justa de ser ouvido. Em consequência disso, missionários precisam trabalhar anos a fio para ganhar meia dúzia de convertidos por lá. Depois de ter vivido na Europa por 13 anos, em quatro países diferentes, posso dar meu testemunho pessoal do quanto é difícil para as pessoas dali responder à mensagem de Cristo. Ao falar em universidades por toda a Europa, percebi que a reação dos estudantes era em geral de espanto diante do que eu dizia. Segundo o pensamento que eles têm, *o cristianismo é coisa de mulheres idosas e crianças. Afinal, o que esse senhor, com dois títulos de doutorado de universidades europeias, está fazendo aqui, defendendo a verdade da fé cristã com argumentos para os quais não temos respostas?*

Certa vez, quando estava fazendo uma palestra em uma universidade da Suécia, um estudante me perguntou, durante a sessão de perguntas e respostas, logo depois da minha preleção: “O que você está fazendo aqui?”. Completamente espantado, eu respondi: “Fui convidado pelo Departamento de Estudos Religiosos para dar essa palestra. Não é isso que estou querendo dizer”, insistiu ele. “Você não percebe o quanto tudo isso é estranho? Quero saber o que motiva você pessoalmente a vir aqui fazer isso”. Suspeito que ele nunca havia conhecido um filósofo cristão na vida — na verdade, um importante filósofo sueco me disse que não havia filósofos cristãos em nenhuma universidade da Suécia. Aquela pergunta me deu



a oportunidade de compartilhar com aquela estudante a história de como eu me converti.

O ceticismo nas universidades europeias é algo tão profundo que quando falei sobre a existência de Deus, na Universidade do Porto, em Portugal, os estudantes (segundo me informaram depois) chegaram a ligar para o Instituto de Filosofia da Universidade de Louvain, na Bélgica, ao qual sou afiliado, para saber se eu era um impostor! Eles acharam que eu era um embuste! Eu simplesmente não me adequava ao estereótipo que eles faziam de um cristão.

Se o evangelho deve ser ouvido como algo intelectualmente viável por mulheres e homens que pensam, então é vital que nós, cristãos, moldemos nossas culturas de tal forma que a fé cristã não possa ser descartada como mera superstição. É nesse ponto que entra a apologética cristã. Se os cristãos puderem ser treinados para fornecer sólidas evidências daquilo em que creem e boas respostas para as perguntas e objeções dos incrédulos, então a imagem que se tem dos cristãos vai pouco a pouco mudar. Os cristãos passarão a ser vistos como pessoas inteligentes e preparadas, a serem levadas a sério, e não meros fanáticos ou palhaços. E o evangelho será uma opção concreta para essas pessoas seguirem.

Não estou dizendo com isso que as pessoas se tornarão cristãs por causa de bons argumentos e evidências. Antes, estou dizendo que argumentos e evidências ajudarão a criar uma cultura na qual a fé cristã seja visto como algo razoável. E ajudarão também a criar um ambiente em que as pessoas estarão abertas ao evangelho. Portanto, ter uma boa formação em apologética é uma maneira de vital importância de ser sal e luz nas culturas ocidentais de hoje em dia.

2. *Para fortalecer os que creem.* Os benefícios da apologética em sua vida pessoal como cristão são imensos. Vou mencionar três deles. Primeiro, saber em que e porque você crê vai lhe dar mais confiança na hora de compartilhar sua fé. Vejo isso acontecer o tempo todo, nas universidades, quando participo de

PARA DISCUTIR

Já conheceu alguém que despreza o cristianismo por considerá-lo mera superstição? Quando? O que você disse a essa pessoa?

debates públicos com professores que não são cristãos. Minha experiência mostra que, embora esses professores universitários sejam muito bem preparados em sua área de especialização, eles praticamente não têm a mais remota ideia no que diz respeito às evidências do cristianismo. A posição cristã nesses debates em geral está tão na frente da posição dos não cristãos que estudantes incrédulos geralmente reclamam que o debate foi uma armação preparada para desmoralizar a posição contrária ao cristianismo! Mas a verdade é que procuramos trazer os melhores oponentes para os debates, e eles em geral são escolhidos pelo próprio grupo de ateus das universidades.

Já os estudantes cristãos, ao contrário, saem desses debates com o peito cheio de orgulho por serem cristãos. Certa vez um estudante canadense me disse após um debate: “Mal posso esperar para compartilhar a minha fé em Cristo!”. Pessoas que não são treinadas na apologética costumam ter medo de compartilhar sua fé ou falar de Cristo por temerem que alguém lhes faça alguma pergunta. Mas quem souber as respostas para essas perguntas não terá medo de entrar na caverna dos leões — na verdade, vai até gostar disso! Um bom treinamento em apologética ajudará a transformá-lo em alguém que testemunha a Cristo sem medo e com ousadia.

O segundo benefício é que a apologética também poderá ajudá-lo a manter sua fé em tempos de dúvidas e tribulações. As emoções só levarão você até certo ponto; dali para frente você precisará de algo mais substancial. Quando faço palestras em igrejas pelo país afora,

costumo encontrar pais que me dizem: “Ah se você tivesse vindo aqui dois ou três anos atrás! Nosso filho tinha uma série de perguntas sobre a fé cristã e não sabíamos respondê-las. Hoje ele está afastado dos caminhos do Senhor”. Na verdade, parece haver mais e mais relatos de pessoas que estão abandonando a fé cristã.

Um ministro cristão, na Universidade de Stanford, recentemente me contou que 40 por cento dos estudantes cristãos de segundo grau, que pertencem a grupos de jovens de igrejas, vão se afastar das



PARA DISCUTIR

Por que você acha que tantos estudantes abandonam a fé durante ou logo depois do Segundo grau? A quem ou o que devemos culpar por isso?



igrejas totalmente depois de formados. Estamos falando de 40 por cento! O que está acontecendo não é que eles estejam perdendo a fé no ambiente hostil das universidades. Ao contrário, muitos deles já tinham abandonado a fé quando ainda participavam de um grupo de jovens, mas continuaram deixando-se levar até que estivessem fora do alcance da autoridade dos pais.

Em minha opinião, a igreja está realmente falhando com esses jovens. Em vez de fornecer a eles um bom treinamento na defesa da fé cristã, nós ficamos envolvidos em lhes proporcionar experiências de louvor carregadas de emoção, ficamos nos preocupando com suas necessidades e em entretê-los. Não é à toa que eles se tornam presas fáceis para um professor que racionalmente ataca a sua fé. No segundo grau e na faculdade, os estudantes são bombardeados com todo tipo de filosofia não cristã combinada com um avassalador relativismo e ceticismo. Lemos que preparar nossos jovens para essa guerra. Como temos coragem de enviá-los desarmados para essa zona de guerra intelectual? Os pais devem fazer mais do que apenas levar seus filhos à igreja e ler histórias da Bíblia para eles. Pais e mães precisam ser bem treinados em apologética para que sejam capazes de explicar aos filhos, desde pequenos e cada vez com maior profundidade, porque cremos naquilo que cremos. Honestamente falando, acho difícil de entender como casais cristãos, nesses tempos em que vivemos, podem correr o risco de trazer filhos ao mundo sem terem recebido um bom treinamento em apologética como parte de seu ofício de pais.

É evidente que a apologética não garante que você e seus filhos vão manter a fé. Existem muitos outros fatores de caráter moral e espiritual que também influenciam nessa questão. Alguns dos websites ateístas mais eficazes trazem ex-cristãos que sabiam apologética e ainda assim abandonaram a fé. Mas se você olhar bem de perto os argumentos que eles usam para justificar o abandono da fé verá que em geral são argumentos fracos e confusos. Recentemente acessei um website em que uma pessoa fornecia uma lista de livros que a tinha persuadido de que o cristianismo não fazia sentido — e em seguida, dizia que esperava ter a oportunidade de lê-los algum dia!

RELATIVISMO

Relativismo é a visão de que algo é relativo, e não absoluto. Ou seja, aquilo que está sendo questionado (a verdade, um valor moral, uma propriedade) só é o que é em relação à outra coisa. Por exemplo, ser rico é algo relativo. Em relação a muitos norte-americanos, você provavelmente não é rico. Mas em relação às pessoas do Sudão, você é extraordinariamente rico! Por outro lado, o fato de que o Brasil ganhou a Copa de 2002 não é apenas relativamente verdade. É absolutamente verdade que o Brasil ganhou a Copa. Muitas pessoas acreditam que princípios morais e crenças religiosas são, na melhor das hipóteses, verdades relativas: como elas costumam dizer, são verdade para você, mas não para mim.

Ironicamente, algumas dessas pessoas assumem posturas mais radicais — como dizer, por exemplo, que Jesus jamais existiu — e que exigem uma dose maior de fé do que a visão conservadora que um dia elas tiveram.



Porém, embora a apologética não seja *garantia* de nada, ela pode ajudar. Nas minhas viagens também já encontrei pessoas que estavam a ponto de abandonar a fé, mas se reaproximaram dela após ter lido um livro de apologética ou assistido a um debate. Recentemente tive o privilégio de dar uma palestra na Universidade de Princeton sobre os argumentos em favor da existência de Deus. Depois da palestra, um jovem se aproximou, querendo conversar comigo. Tentando segurar as lágrimas, ele me confessou que uns dois anos atrás ele estivera lutando com muitas dúvidas e a ponto de abandonar sua fé. Então alguém lhe mandou um vídeo de um dos meus debates. Ele me disse: “Aquele vídeo me livrou de perder a fé. Não tenho como lhe agradecer por isso”.

E eu disse a ele: “Foi o Senhor que livrou você de perder a fé”. “Sim”, ele retrucou, “mas ele usou você para isso. Não tenho palavras para lhe agradecer”. Então, eu disse a ele o quanto estava entusiasmado com aquilo e lhe perguntei de seus planos para o futuro.



Eu me formo este ano e tenho planos de entrar para o seminário. Quero ser pastor”. Glória a Deus pela vitória na vida desse rapaz! Quando se está passando por um período difícil e Deus parece distante, a apologética pode ajudar a pessoa a se lembrar de que sua fé não está baseada em emoções, e que, portanto, é necessário permanecer firme na fé.

Finalmente, o terceiro benefício é que o estudo da apologética fará de você uma pessoa mais profunda e interessante. A cultura ocidental é tão incrivelmente superficial hoje em dia, tem fixação por celebridades, entretenimento, esportes e conforto pessoal. Estudar apologética fará você deixar tudo isso de lado e ir à busca das questões mais profundas sobre a existência e a natureza de Deus, a origem do universo, a fonte dos valores morais, o problema do mal e do sofrimento e assim por diante. À medida que for buscando respostas para essas questões, você mesmo vai sendo transformado e se tornará uma pessoa mais profunda e bem preparada. Aprenderá a pensar de forma lógica e a analisar o que outras pessoas falam. Em vez de dizer timidamente, “eu me *sinto* dessa forma sobre tal assunto. Veja bem, é só *minha* opinião”, será capaz de dizer: “[Eis o que eu penso de tal assunto e essas são minhas razões para pensar assim...”. Como cristão, você começará a apreciar com mais profundidade as verdades cristãs sobre Deus e o mundo, e a perceber como todas elas se encaixam para formar uma cosmovisão cristã.

3. *Para ganhar os incrédulos.* Muita gente concorda com o que eu disse sobre o papel da apologética para reforçar a fé dos cristãos, mas negam que ela seja de alguma utilidade para ganhar os incrédulos para Cristo. Costumam dizer: “Ninguém vem a Cristo através de argumentos!”

Até certo ponto acredito que essas pessoas são meras vítimas de falsas expectativas. Quando alguém se dá conta de que apenas uma minoria dos que ouvem o evangelho o aceita e passa a crer em Jesus Cristo, não deveria nos surpreender o fato de que a maior parte das pessoas não se deixem convencer pelos argumentos e evidências

PARA DISCUTIR

Como a apologética pode ajudar você?



APOSTOLO DOS

C. S. LEWIS

C. S. Lewis (1898–1963)

rejeitou o cristianismo quando era adolescente, por motivos pessoais e razões intelectuais.

No entanto, quando era professor de inglês em Oxford, e tinha por volta de trinta anos, ele teve contato com escritores e amigos que ofereceram a ele razões convincentes em favor do teísmo e depois em prol do cristianismo. Ele então se converteu e começou a colocar seus talentos intelectuais e literários a serviço de articular e defender uma visão cristã do mundo.

Veio a ser um dos mais influentes apologistas cristãos de sua geração. Seus livros já venderam mais de 100 milhões de cópias no mundo inteiro.

apresentadas por cristãos. Pela própria natureza da questão, deveríamos esperar que a maior parte dos incrédulos não se deixe convencer por nossos argumentos apologeticos, assim como a maioria não se comove com a mensagem da cruz.

E lembre-se, ninguém sabe nada ao certo sobre os efeitos cumulativos desses argumentos; é como uma semente, que é plantada e regada muitas vezes, de forma que nem sequer imaginamos. Assim, não devemos esperar que um incrédulo, já na primeira vez que ouvir nossa defesa apologetica da fé, vai logo cair prostrado! É lógico que ele vai relutar. Pense bem no que está em jogo para ele. Mas devemos plantar e regar a semente, com paciência, na esperança de que com o tempo ela floresça e dê frutos.

Pode ser que você se pergunte: “Mas por que devo me importar com essa minoria de uma minoria para quem a apologética tará efeito? . Primeiro, porque toda pessoa é preciosa para Deus, é alguém por quem Cristo morreu. Assim como um missionário que tem um chamado para uma obscura minoria étnica, o apologeta cristão tem a responsabilidade de alcançar essa minoria de pessoas que irão responder de forma positiva a argumentos e evidências racionais.

Em segundo lugar, essa minoria, embora modesta em termos numéricos, tem grande influência. Uma das pessoas dessa minoria foi, por exemplo, C. S. Lewis. Pense no impacto que a conversão desse homem continua a ter até hoje! Já percebi que as pessoas que respondem melhor aos meus argumentos apologeticos são engenheiros, médicos e advogados. São pessoas que estão entre as de maior influência na formação de nossa cultura atual. Portanto, alcançar as pessoas dessa minoria trará uma grande colheita para o reino de Deus.

De qualquer modo, a conclusão geral de que a apologética não é eficaz no evangelismo simplesmente não é verdade. Lee Strobel recentemente me contou que já perdeu a conta das pessoas que aceitaram a Cristo depois de terem lidos seus livros, *The Case for Christ* [Em defesa de Cristo] e *The Case for Faith* [Em defesa da fé]. Minha experiência pessoal também mostra que a apologética não é

ineficaz no evangelismo. Continuo a ficar muito entusiasmado ao ver pessoas entregando suas vidas a Jesus através de apresentações do evangelho combinadas com apologética.

Depois de uma palestra sobre os argumentos em favor da existência de Deus ou da ressurreição de Jesus, às vezes encerro com uma oração de entrega de vidas a Cristo, e os cartões distribuídos para comentários sobre a palestra mostram as pessoas que de fato resolveram dar esse passo. Há pouco tempo fiz um *tour* de palestras por várias universidades do centro de Illinois, e fiquei muito entusiasmado quando descobri que quase todas as vezes que eu fazia uma palestra estudantes da plateia haviam entregado sua vida a Jesus. Vi estudantes se converterem somente por ter ouvido uma defesa do argumento cosmológico (do qual falarei neste livro)!

Também tem sido incrível ouvir histórias de pessoas que se aproximaram de Cristo depois de ter lido algo que escrevi sobre apologética. Desde os ataques de 11 de setembro tenho tido oportunidade de participar de debates com apologetas do Islã em várias universidades do Canadá e dos Estados Unidos. Recentemente, num sábado bem cedinho, recebi um telefonema. A voz de um estrangeiro identificou-se do outro lado da linha: “Alô, quem fala é Sayd al-Islam. Estou ligando de Omã!”. E começou a me contar em sigilo que havia perdido a fé no islamismo e tornara-se ateu. Mas agora que ele estava lendo várias obras de apologética cristã que estava comprando pelo site da Amazon, ele viera a acreditar em Deus e estava prestes a entregar sua vida a Cristo.

Ele se dizia impressionado com as evidências em favor da ressurreição de Jesus e havia me ligado porque tinha muitas perguntas que ainda precisavam de respostas. Conversamos por cerca de uma hora e senti que no fundo do coração ele já acreditava em Jesus; ele só estava sendo cauteloso e queria estar certo de que tinha todas as evidências de que precisava antes de conscientemente dar o passo final. Ele explicou: “Você entende que eu não posso lhe dar meu nome verdadeiro. No meu país eu preciso levar uma espécie de vida dupla, pois, do contrário, eles me matam”. Orei com ele para que



Deus continuasse a guiá-lo para a verdade e então nos despedimos. Você consegue ter ideia do quanto meu coração estava agradecido por Deus usar esses livros e até a internet na vida desse homem? Podem existir muitas histórias como essa e nós, evidentemente, jamais ouviremos a maioria delas.

Quando a apologética é apresentada de forma convincente e, com sensibilidade, combinada à apresentação do evangelho e a um testemunho pessoal, o Espírito de Deus fica feliz em usá-la para trazer pessoas a Cristo.

Como tirar o melhor proveito deste livro

Pretendo que este livro seja uma espécie de manual a fim de prepará-lo para cumprir o mandamento de 1Pedro 3.15. Portanto, é um livro para ser *estudado*, e não apenas lido. Você encontrará nele vários argumentos que apresentei na forma de passos muito fáceis de memorizar. Ao expor um argumento, apresento uma razão (ou várias) para se acreditar que cada passo do argumento é verdade. A seguir, rebato cada uma das costumeiras objeções apresentadas a cada passo do argumento e mostro como respondê-las. Dessa forma você já estará de antemão preparado para as possíveis perguntas que encontrará quando for compartilhar sua fé.

Por exemplo, suponhamos que nosso argumento fosse o seguinte:

1. Todos os homens são mortais.
2. Sócrates é homem.
3. Logo, Sócrates é mortal.

Esse é um argumento que chamamos de logicamente válido. Isso equivale a dizer que, se os passos 1 e 2 são verdadeiros, então o passo 3, a conclusão, também é.

A lógica é uma expressão da mente de Deus (Jo 1.1). Ela descreve como um ser supremamente racional raciocina. Existem somente cerca de nove regras básicas de lógica. Desde que você as siga, elas





garantem a você que, se os passos do seu argumento forem verdadeiros, a conclusão também sera. Dizemos, então, que dos passos do argumento se *segue logicamente* a verdade da conclusão.

Você pode, então, se perguntar: Os passos 1 e 2 do argumento apresentado são *verdadeiros*? Em apoio ao passo 1, podemos apresentar evidências médicas e científicas em favor do fato de que todo homem é mortal. Em apoio ao passo 2, podemos nos basear em evidências históricas para provar que Sócrates foi homem. Ao longo desse processo, podemos considerar quaisquer objeções aos passos 1 e 2 e respondê-las. Por exemplo, alguém pode negar o passo 2 por acreditar que Sócrates não passava de uma figura mítica, que não existiu de fato. Nesse caso, teremos que demonstrar porque as evidências sugerem que essa crença é equivocada.

Os passos 1 e 2 de um argumento são chamados *premissas*. Se você seguir as regras da lógica e suas premissas forem verdadeiras, então sua conclusão necessariamente será verdadeira também. Ora, um cético convicto pode refutar qualquer conclusão simplesmente refutando uma de suas premissas. Você não tem como forçar alguém a aceitar a conclusão se ele estiver disposto a pagar o preço de rejeitar uma das premissas. No entanto, o que você pode fazer é aumentar o preço de se rejeitar a conclusão, fornecendo sólidas evidências da verdade das premissas.

Por exemplo, a pessoa que rejeitar a segunda premissa do argumento apresentado estará abraçando um ceticismo em relação à história que a vasta maioria dos historiadores profissionais acharia infundado. Assim, essa pessoa até pode refutar a segunda premissa se quiser, mas pagará o preço de parecer um maluco. E além disso dificilmente ela poderá chamar de irracional alguém que de fato *aceite* a segunda premissa como verdadeira.

Portanto, ao apresentar nossos argumentos apoloéticos para determinada conclusão, nosso objetivo é aumentar o máximo possível o preço de alguém negar sua conclusão. Nosso objetivo é ajudar um incrédulo a ver o que lhe custará em termos intelectuais a

PREMISSA

Os passos de um argumento que levam à conclusão são chamados de "premissas".

refutação da conclusão. Mesmo que *ele* esteja disposto a pagar o preço, ele no mínimo terá que admitir que *nós* não somos obrigados a pagá-lo, e com isso pode ser que ele pare de ridicularizar os cristãos, acusando-os de serem irracionais ou de não ter razão para crerem naquilo que professam. E caso ele *não* esteja disposto a pagar o preço, pode ser então que ele venha a mudar de ideia e aceite a conclusão que apresentamos.

Ao apresentar argumentos e evidências neste livro, procurei ser *simples* sem ser *simplista*. Levei em consideração as objeções mais fortes aos meus argumentos e propus respostas a elas. Em certos momentos, o conteúdo lhe parecerá novo e difícil. Nessas horas, encorajo você a ir devagar, um pedacinho por vez, pois assim fica mais fácil de digerir. Pode ser que também ajude formar um pequeno grupo para estudar o livro e discutir seus argumentos. E, por favor, não se sinta constrangido, caso discorde de mim em certos pontos. Quero que você pense com sua própria cabeça.

Ao final da maioria dos capítulos você encontrará um quadro explicativo com um esboço do argumento apresentado no capítulo. Vou explicar como esse quadro deve ser usado. O quadro tem um formato que traz o meu argumento do lado esquerdo, sob o título *Prós*. No lado direito, sob o título *Contras* trago as objeções que podem ser levantadas contra aquele argumento por um oponente. As flechas traçam os caminhos que podem ser percorridos por esses vários *prós* e *contras* oferecidos. O propósito desse quadro é ajudá-lo a visualizar o todo do argumento.

Considere, por exemplo, o seguinte quadro: Do lado esquerdo temos a primeira premissa do argumento: “Todos os homens são mortais”. Seguindo a flecha você encontrará a evidência que é dada em apoio a essa premissa. No caso da primeira premissa, não temos nenhuma objeção a ela, e assim o lado dos “Contras” fica em branco. Logo abaixo, no lado dos *Prós* encontramos a segunda premissa: Socrates e homem. Nesse caso, os céticos costumam oferecer uma objeção, e assim você encontrará no lado dos *Contras* a seguinte objeção: “Sócrates não passou de uma

figura mitica . Seguindo a flecha que sai do quadrinho dessa obje-
ção, você encontrara a resposta para ela, que traz de forma sucin-
ta as evidências históricas em favor da real existência de Sócrates.
Observe que é fornecida apenas uma resposta bem abreviada; ler
este quadro não elimina a necessidade de estudar a apresentação
dos argumentos no texto do capítulo. Esse quadro serve apenas
para ajuda-lo a visualizar o todo do argumento.



EXEMPLO DE UM ESBOÇO DE ARGUMENTO

Prós	Contras
1. Todos os homens são mortais. Evidências da biologia demonstram que os organismos humanos um dia morrem. 2. Sócrates é homem. Tanto Platão quanto Aristóteles se referem a Sócrates como uma pessoa real. 3. Logo, Sócrates é mortal.	"Sócrates não passou de uma figura mitica"



Você não gostaria de ser capaz de defender sua fé com inteligência? Não gostaria de ter alguns argumentos na ponta da língua para apresentar a alguém que diga que os cristãos não têm bons motivos para crerem naquilo que professam? Já não está cansado de se sentir intimidado por incrédulos? Se estiver, então leia este livro! Estou feliz por você tê-lo escolhido e recomendo que esteja sempre “*en garde*”, ou seja, pronto para dar a razão de sua esperança.





CAPÍTULO 2

QUE DIFERENÇA FAZ SE DEUS EXISTE?

Mas, quando pensei em tudo que as minhas mãos haviam feito e em todo o esforço que empenhei no que realizei, percebi que tudo era ilusão; tudo foi como perseguir o vento (Ec 2.11).

Jan e eu estávamos morando na Bélgica quando a União Soviética e a cortina de ferro caíram. Foi uma época incrível para se falar nas universidades em toda a Europa, com um evento histórico dessa proporção, que estava mudando o mundo, acontecendo bem diante de nossos olhos. Em uma viagem para São Petersburgo (antiga Leningrado), logo após a queda da cortina de ferro, visitei o famoso cosmólogo russo, Andrei Grib. Enquanto passeávamos por um convento, admirando esplêndidos tesouros do passado da Rússia czarista, perguntei a Andrei sobre a maciça procura por Deus na Rússia, logo após a queda do comunismo. “Bem”, ele me disse com forte sotaque russo, “em matemática chamamos isso de prova por contradição. Pode-se provar que algo é verdadeiro mostrando-se que o contrário daquilo é falso. Por setenta anos tentamos adotar o marxismo ateu neste país, e não funcionou. Por isso, todos chegaram à conclusão de que o oposto deve ser verdade!”.

Parte do desafio de fazer norte-americanos, e os ocidentais em geral, pensarem sobre Deus está no fato de que eles se acostumaram tanto com Deus que o tomam como algo certo. Jamais pensam em perguntar quais seriam as implicações se Deus *não* existisse. O resultado disso é a crença de que Deus é irrelevante. Não faz diferença se ele existe ou não.

Portanto, antes de compartilhar com as pessoas as evidências em favor da existência de Deus, pode ser que seja preciso primeiro ajudá-las a ver por que isso importa. Do contrário, elas simplesmente nem ligarão. Ao mostrar a elas as implicações do ateísmo, podemos ajudá-las a ver que a questão da existência de Deus significa muito mais do

Reductio ad absurdum ou redução ao absurdo é uma forma de argumento que prova a veracidade de um enunciado pela demonstração de que seu contrário é absurdo.

O sentido tem a ver com importância, o porquê de algo importar. O *valor* tem a ver com o bem e o mal, o certo e o errado. O *propósito* tem a ver com uma meta, uma razão para algo.

OBJETIVO VERSUS SUBJETIVO

Objetivo é tudo o que é real e verdadeiro independente da opinião que alguém tenha a seu respeito. “H₂O é a fórmula da água” é um fato objetivo.

Subjetivo é tudo o que se reduz a uma questão de opinião pessoal. Dizer que “o sabor baunilha é mais gostoso do que o sabor chocolate” é algo subjetivo. Você poderá guardar bem esses termos lembrando-se que “objetivo” é como um *objeto* que está realmente ali, na sua frente, ao passo que “subjetivo” é como um *sujeito* ou uma pessoa de cuja opinião algo dependa.

que um mero acréscimo de outro item em nosso repertório — pelo contrário, é uma questão que se encontra na própria essência do sentido da vida. Logo, diz respeito à essência de cada um de nós.

A “prova por contradição” do professor Grib também é conhecida como *reductio ad absurdum* (redução ao absurdo). Esse rótulo é bem apropriado quando se trata de ateísmo. Muitos filósofos, como Jean-Paul Sartre e Albert Camus, já argumentaram que se Deus não existe, logo a vida é absurda. Reconhecemos que nenhum deles fez prova em contrário disso, ou seja, nenhum deles provou que Deus existe. Antes, eles concluíram que a vida realmente *é* absurda. No entanto, a análise que fizeram da existência humana nos mostra claramente as cruéis implicações do ateísmo.

O absurdo da vida sem Deus pode não provar que Deus existe, mas na verdade mostra que a questão da existência de Deus é a pergunta mais importante que alguém pode se fazer. Ninguém que conheça a fundo as implicações do ateísmo ousará dizer que tanto faz se Deus existe ou não.

Quando uso a palavra *Deus* neste contexto, quero dizer o Criador do universo, o Deus onipotente e perfeito, que nos oferece a vida eterna. Se esse Deus não existisse, então a vida seria absurda. Isso equivale a dizer que a vida não teria sentido, valor ou propósito.

Esses três conceitos — sentido, valor e propósito — embora sejam intimamente relacionados, são distintos. *Sentido* tem a ver com significado, com o porquê algo importa. *Valor* tem a ver com o bem e o mal, o certo e o errado. *Propósito* tem a ver com a finalidade, com a razão de algo existir.

Minha alegação é que, se Deus não existir, então sentido, valor e propósito são, em última análise, meras ilusões humanas. São coisas que só existem em nossa cabeça. Se o ateísmo for verdade, então a vida de fato é objetivamente sem sentido, sem valor e sem propósito, a despeito das crenças subjetivas que possamos ter em contrário.

Vale a pena destacarmos esse ponto, uma vez que ele é tão frequentemente mal compreendido. Não estou dizendo que um ateu veja a vida como algo maçante, sem sentido, ou que ele não tenha



valores pessoais, ou leve uma vida imoral, não tenha objetivos nem propósitos na vida. Ao contrário, a vida seria insuportável e impossível de viver sem tais crenças. Meu ponto é que, dado o ateísmo, todas essas crenças não passam de ilusões subjetivas: são meras *aparências* de sentido, valor e propósito, muito embora, objetivamente falando, nada disso realmente exista. Se Deus não existir, nossas vidas são, em última análise, destituídas de sentido, de valor e de propósito, não importa o quão desesperadamente nos agarremos a ilusões em contrário.

O absurdo da vida sem Deus

Se Deus não existir, tanto o homem quanto o universo estão inevitavelmente fadados à morte. O homem, como todos os demais organismos biológicos, deve morrer um dia. Sem a esperança da imortalidade, a vida humana caminha apenas para a cova. A vida humana não passa de uma faísca na escuridão infinita, uma faísca que aparece, emite uma trêmula chama e se extingue para sempre.

Portanto, todo mundo deve ficar face a face com aquilo que Paul Tillich chamou de “a ameaça do não ser”. Pois, embora eu saiba que existo, que estou vivo, também sei que um dia não mais existirei, deixarei de existir, morrerei. Essa ideia é ardoante e ameaçadora: pensar que a pessoa que chamo de “mim mesmo” deixará de existir, e não mais será!

Lembro-me claramente da primeira vez que meu pai me explicou que um dia eu morreria. De algum modo aquele pensamento nunca havia passado pela minha mente infantil. Quando ele me disse isso, fui tomado por um grande medo e uma tristeza profunda. Embora ele ficasse me dizendo que isso ainda demoraria a acontecer, aquilo não parecia importar para mim. Cedo ou tarde, o fato inegável é que eu iria morrer, e esse pensamento me oprimia.

Com o passar do tempo, como acontece com todos nós, eu passei simplesmente a aceitar o fato. Todos nós aprendemos a conviver com o inevitável. Mas aquela percepção da minha infância ainda me



assombrava. Como disse Sartre, uma vez perdida a eternidade, não faz muita diferença se isso demorar muitas horas ou muitos anos.

O próprio universo também encara a morte a seu próprio modo. Os cientistas nos dizem que o universo está se expandindo, e que as galáxias estão cada vez mais se distanciando. À medida que isso acontece, vai ficando cada vez mais frio, à medida que se consome a energia. Um dia todas as estrelas se apagarão, e toda matéria será atraída por estrelas mortas e buracos negros. Não haverá mais luz, nem calor, nem vida; somente estrelas mortas e galáxias expandindo-se cada vez mais para dentro da escuridão sem fim dos frios intervalos do espaço — um universo em ruínas.

Não estou falando de ficção científica: isso *realmente vai acontecer*, a menos que Deus intervenha. Não é só a vida de cada um de nós que está fadada a terminar um dia; toda raça humana e tudo que a civilização humana já construiu e conquistou está fadado a ter o mesmo fim. Somos como prisioneiros condenados à morte, aguardando a inevitável execução da sentença. Não há como escapar. Não há esperança.

E qual é a consequência disso? Isso significa que a própria vida se torna algo absurdo. Significa que a vida que temos não tem um sentido, nem valor nem propósito final. Vamos analisar cada um desses pontos.

Sem um sentido último

Se toda pessoa deixa de existir quando morre, então, que sentido último há em viver? Será que faz alguma diferença no final ter ou não sequer existido? Com certeza a vida de uma pessoa pode ser importante em relação a certos acontecimentos, mas qual é o sentido último de qualquer desses acontecimentos? Se tudo está fadado a se acabar, então o que importa o fato de alguém ter tido alguma influência sobre determinados acontecimentos? Em última análise, não tem a menor importância.

UM HOMEM DISSE AO UNIVERSO

STEPHEN CRANE

Um homem disse ao
universo:

“Eu existo!”

Então o universo
respondeu:

“Mas esse fato não
gerou para mim nenhum
senso de obrigação.”

PARA DISCUTIR

Já sentiu alguma vez as trevas do
desespero tomando conta de você, a
sensação de que sua vida não tem sentido?
Como lidou com isso?

A humanidade, portanto, não tem mais sentido do que um enxame de mosquitos ou um punhado de porcos, pois o final de todos é o mesmo. O mesmo processo cósmico cego, do qual eles resultaram, vai, no fim de tudo, tragá-los de volta. As contribuições de um cientista para o avanço do conhecimento humano, as pesquisas para aliviar a dor e diminuir o sofrimento, os esforços diplomáticos para garantir a paz mundial, os sacrifícios feitos por pessoas de bem, em todo o mundo, para melhorar a sorte da raça humana — tudo isso resultará em nada. E este é o horror do homem moderno: por ele acabar em nada, ele nada é.



Porém, é importante perceber que o homem precisa mais do que apenas imortalidade para sua vida fazer sentido. A mera duração da existência não faz com que a existência tenha um sentido. Ainda que a

raça humana e o universo pudessem existir para sempre, se Deus não existisse, a existência continuaria a não ter um sentido último. Certa vez li uma história de ficção científica em que um astronauta foi abandonado em um estéril pedaço de rocha perdido no espaço sideral. Ele trazia consigo dois frascos, um deles com veneno e o outro tinha uma poção que o faria viver para sempre. Ao perceber o futuro que o aguardava, ele tomou o frasco de veneno. Mas, para seu horror, o pobre homem descobriu que havia tomado o frasco errado: ele tinha tomado a poção da imortalidade! E isso significava que estava condenado a viver para sempre uma vida sem sentido, sem fim.

Ora, se Deus não existir, nossas vidas são como a desse astronauta. Poderíamos viver para sempre e ainda assim vivermos uma vida completamente sem sentido. Mesmo se fossemos eternos, ainda assim perguntaríamos para a vida: “Afinal, e daí?”. Portanto, o homem não precisa apenas da imortalidade para que haja um sentido último para viver: ele precisa de Deus e da imortalidade. E se Deus não existir, então ele não tem nem uma coisa nem outra.

Logo, se Deus não existir a própria vida se torna sem sentido. O homem e o universo ficam sem um sentido último.

Sem um valor último

Se a vida termina no túmulo, então não faz a menor diferença se você vive como um Stalin ou como madre Teresa de Calcutá. Uma vez que seu destino não tem qualquer relação final com seu comportamento, você pode perfeitamente viver como bem entender. Como disse certa vez Dostoiévski: “Se a imortalidade não existe [...] então tudo é permitido.”

Os torturadores oficiais nas prisões russas entendiam bem essa colocação. Veja o relato de Richard Wurmbrand, um pastor que foi torturado por sua fé:

E difícil acreditar na crueldade do ateísmo quando não se crê na recompensa do bem ou na punição do mal. Não há

PARA DISCUTIR

Cite alguns personagens de filmes que exemplificaram o absurdo da vida. Como eles expressavam essa ideia de que a vida é absurda?

“Se a imortalidade não existe [...] então tudo é permitido.”

Fiódor Dostoiévski



motivo para ser humano. Não há limites para as insondáveis profundezas do mal que se encontram dentro do homem. Os torturadores comunistas costumavam dizer: “Não há Deus, não há outra vida, não há punição para o mal. Podemos fazer o que bem quisermos.” Ouvi até mesmo um torturador dizer: “Agradeço a Deus, em quem não acredito, por ter vivido para colocar para fora todo o mal que trago em meu coração.”¹ Ele disse essas palavras em meio a uma inacreditável brutalidade, enquanto torturava prisioneiros.¹

Devido ao caráter definitivo da morte, realmente não importa como se vive. Então, o que dizer a alguém que conclui que também pode viver como bem entender, do jeito que mais lhe agradar?

Pode ser que alguém diga que adotamos um padrão de vida moral porque isso interessa a nós mesmos. Você lava minhas costas, que eu lavo as suas! Mas isso claramente nem sempre é verdade: todos sabemos de situações em que o interesse próprio se choca de frente com a moralidade. Ainda mais se você for alguém poderoso, como um Ferdinando Marcos, um Papa Doc Duvalier ou mesmo um Donald Trump; nesse caso, você pode praticamente ignorar os ditados da consciência e viver tranquilamente do jeito que bem entender.

O historiador Stewart C. Easton resume bem essa questão, quando escreve: “Não ha nenhuma razão objetiva para que o homem tenha moral, a menos que a moralidade traga alguma recompensa para sua vida em sociedade ou o faça sentir-se bem. Não há nenhuma razão objetiva para que o homem faça qualquer coisa, a menos que isso lhe traga algum prazer.

Richard Wurmbrand, *Torturado por amor a Cristo*, Londres: Hodder & Stoughton, 1966, p. 34. Publicado em português sob o título *Torturado por amor a Cristo*, pela Voz dos Mártires.

Stewart C. Easton, *The Western Heritage*, Nova Iorque: Holt, Rinehart, & Winston, 1966, p. 8-8.

Mas o problema fica ainda pior. Pois, mesmo deixando de lado a imortalidade, se Deus não existir, então não há um padrão objetivo do que seja certo ou errado. Somos todos confrontados com isso que é, nas palavras de Sartre, “a realidade nua e crua, a realidade sem valor da existência”. Nesse caso os valores morais são meras expressões de gosto pessoal ou subprodutos da evolução biológica ou do condicionamento social.

Afinal de contas, segundo a visão do ateísmo, não há nada de especial nos seres humanos. Eles são meros subprodutos acidentais da natureza, que de forma relativa evoluíram recentemente sobre uma partícula infinitesimal de poeira chamada planeta Terra, perdido em algum lugar desse universo hostil e sem propósito, e que estão fadados a perecer, individual e coletivamente, em um tempo relativamente curto. A avaliação que Richard Dawkins faz do valor do ser humano pode ser deprimente, mas por que, dado o ateísmo, ele estaria errado quando diz que “no final não há nenhum design, nenhum propósito, nenhum mal, nenhum bem, nada mais do que uma insípida indiferença [...] Somos máquinas para a propagação de DNA [...] Essa é a única e exclusiva razão de cada ser vivo existir”?

Em um mundo sem Deus, quem pode dizer quais valores são certos e quais são errados? Nesse mundo não pode existir certo e errado, mas somente nossos juízos pessoais, relativos e subjetivos. Pense no que isso significa! Significa que é impossível condenar a guerra, a opressão, os crimes ou o mal.

Citado em Lewis Wolpert, *Six Impossible Things before Breakfast*. New York: W. W. Norton & Co, 2008 p. 215. Infelizmente, a referência de Wolpert está equivocada. Essa citação parece ter sido extraída de Richard Dawkins, *River out of Eden: a Darwinian View of Life*. Nova Iorque: Basic Books, 1996, p. 133 (publicado em português sob o título *O rio que saía do Eden: uma visão darwiniana da vida*, pela editora Rocco); e de outro escrito de Richard Dawkins, “The Ultraviolet Garden,” Palestra 4 das 7 Palestras do Royal Institution Christmas, Londres, 1991. Agradeço a meu assistent Joe Gorra por traçar a origem dessa referência!



PARA DISCUTIR

Como você viveria se acreditasse que os seres humanos não passam de máquinas para a propagação de seu DNA?



Também não se pode louvar a generosidade, o autossacrifício nem o amor. Matar ou amar alguém são coisas moralmente equivalentes. Pois em um universo sem Deus, não há bem e mal — há apenas “a realidade nua e crua, a realidade sem valor da existência”, e não há ninguém para dizer se você está certo ou errado.

Sem um propósito último

Se a morte nos espera de braços abertos no fim da estrada, qual é então o propósito de viver? Fazemos tudo isso para nada? Não há uma razão para a vida? E o universo, será que é algo absolutamente inútil? Se o seu destino for acabar numa cova fria dos intervalos do espaço sideral, a resposta deve ser uma só: sim, o universo é algo inútil. Não tem um fim, um propósito. Os fragmentos desse universo morto vão somente se expandir e se expandir para sempre.

E o ser humano, será que não há absolutamente nenhum propósito para a raça humana? Será que ela simplesmente desaparecerá um dia, perdida no esquecimento de um universo indiferente? O escritor inglês H. G. Wells previu essa possibilidade. Em seu romance *The Time Machine* [A máquina do tempo], um de seus personagens faz uma viagem no tempo e chega ao futuro, para descobrir o destino do homem. Tudo o que ele encontra é um planeta de cor púrpura girando em volta de um gigantesco sol, um planeta morto, exceto por uns poucos liquens e musgos. Os únicos sons são o murmúrio do vento e o barulho do mar. “Fora esses sons sem vida, o mundo se encontrava no mais completo e absoluto silêncio. Silêncio? Seria difícil descrever essa quietude, esse silêncio retumbante. Todos os sons produzidos pelos seres humanos, o som dos animais, o canto dos pássaros, o barulho dos insetos, toda a agitação que dá forma e substância ao contexto de nossas vidas — nada disso existia mais”.⁴ E o viajante retorna no tempo.

⁴ H. G. Wells, *The Time Machine*. Nova Iorque: Berkeley, 1957. Publicado em português sob o título *A máquina do tempo*, pela editora Alfaguara.

Mas retorna para quê? — retorna apenas para uma fração anterior de tempo, para uma mesma agitação frenética e sem propósito em direção a esse esquecimento. Quando li o romance de Well pela primeira vez, eu ainda não era cristão, e me lembro de ter pensado. *Não, não pode terminar assim!* Porém, se Deus não existir, certamente *terminará* assim, quer essa ideia nos agrade ou não. Essa é a realidade de um universo sem Deus: não há esperança nem propósito.

O que acontece com a humanidade como um todo também vale para cada um de nós, individualmente: estamos aqui sem nenhum propósito. Se Deus não existir, então não há diferença qualitativa entre a vida humana e a vida animal. É bem como o escritor de *Eclesiastes* colocou: “O que acontece com os homens é o mesmo que acontece com os animais; a mesma coisa acontece para ambos. Assim como um morre, morre também o outro. Todos têm o mesmo fôlego de vida. O homem não tem vantagem sobre os animais. Tudo é ilusão. Todos vão para o mesmo lugar; todos são pó e todos retornarão ao pó (Ec 3.19–20) ”.

Nesse antigo livro — que mais parece uma peça da literatura existencialista moderna do que um livro da Bíblia — o autor mostra

OZYMANDIAS

PERCY BYSSHE SHELLEY

Encontrei um viajante de uma terra antiga
Que disse: Duas imensas pernas de pedra e sem
tronco Encontram-se fincadas nas areias no deserto.
Perto delas,
Meio afundado na areia, jaz um semblante despedaçado.
Cujo cenho carregado, lábios franzidos e frio sorriso
de escárnio
Dizem que seu escultor leu bem essas paixões
E que ainda sobrevivem, estampadas nessas
coisas inertes,
A mão que delas escarneceu e o coração
que as alimentou.

E no pedestal da estátua aparecem estas
palavras:
“Meu nome é Ozymandias, rei dos reis:
“Olhe para minhas obras, ó Poderoso, e se
desespere!”
Nada mais resta. Em torno da decadência
Daquele destroço colossais, nuas e sem fim
As areias solitárias e planas do deserto vão
ao longe.”



a inutilidade do prazer, da riqueza, da instrução, da fama política e da honra em uma vida fadada a morrer. Sabe qual é o seu veredicto? “Que grande ilusão! Que grande ilusão! Tudo é ilusão! (Ec 1.2)”. Se a vida termina com a morte, então não temos um propósito último para a vida.

Mais que isso, mesmo que a vida não terminasse com a morte, sem Deus a vida ainda careceria de propósito. Pois o ser humano e o universo seriam meros acidentes do acaso, trazidos a uma existência sem razão. Sem Deus o universo é fruto de um acidente cósmico, de uma explosão accidental. Não há uma razão para que ele exista. E o ser humano é uma aberração da natureza, produto casual de matéria mais tempo mais acaso. Se Deus não existir, então você não passa de um aborto da natureza jogado em um universo sem propósito para viver uma vida sem propósito.

Portanto, se Deus não existir, isso significa que o ser humano e o universo existem sem um propósito — uma vez que o fim de tudo é a morte — e que vieram a existir sem propósito algum, uma vez que são meras obras do acaso. Em síntese, a vida é algo completamente sem razão.

Espero que você comece a entender a gravidade das alternativas que temos diante de nós. Pois, se Deus existe, então há esperança para o ser humano. Mas se Deus não existe, então tudo que nos resta é o desespero. Como alguém já escreveu com muita propriedade: “Se Deus está morto, o homem também está.”

Vivendo em negação

Lamentavelmente a maioria das pessoas não se dá conta disso. Continuam a viver como se nada tivesse mudado. Recordo-me de uma estória contada por Nietzsche, um filósofo ateu do século XIX, sobre um homem louco que, logo bem cedo invade a praça do mercado, com uma lanterna nas mãos, gritando: “Estou procurando a Deus! Estou procurando a Deus! . Como muitos dos que estavam por ali não acreditavam em Deus, ele foi motivo de riso. “Deus por acaso

O que acontece com os homens é o mesmo que acontece com os animais; a mesma coisa acontece para ambos. Assim como um morre, morre também o outro. Todos têm o mesmo fôlego de vida. O homem não tem vantagem sobre os animais. Tudo é ilusão. Todos vão para o mesmo lugar; todos são pó e todos retornarão ao pó (Ec 3.19-20).

está perdido?”, as pessoas zombavam dele. “Ou se escondeu? Ou quem sabe ele foi viajar ou se mudou para outro país?”. E riam dele às gargalhadas. Então, escreve Nietzsche, o homem louco virou para eles e os fulminou com os olhos.

“Sabem onde está Deus?”, gritou ele. “Vou contar a vocês. Nós o matamos — você e eu. Somos todos assassinos dele. Mas como fizemos isso? Como fomos capazes de beber o oceano? Quem nos deu uma esponja para apagarmos o horizonte? O que fizemos quando separamos a Terra do sol? Para onde ela caminha agora? [...] Para longe de todos os sois? Estamos afundando cada vez mais, para trás, para o lado, para frente, em todas as direções? Será que ainda restou algo acima ou abaixo? Estamos vagando como que através de um nada infinito? Não sentimos o hálito do espaço vazio? Ele não está mais gelado? Não são noites e mais noites que chegam o tempo todo? Será que não ouvimos ainda um barulho sequer daqueles que cavam a cova onde estão enterrando Deus? [...] Deus está morto [...] E fomos nós que o matamos. Como nós, assassinos dos assassinos, vamos consolar a nós mesmos:



PARA DISCUTIR

As pessoas que você conhece estão dispostas a encarar as consequências do ateísmo? Por que estão ou não estão?

A multidão olhava fixamente para o louco, em silêncio e espanto. Por fim, o homem jogou sua lanterna no chão. “Cheguei cedo demais”, disse ele. “Esse tremendo evento ainda está acontecendo e até agora não chegou aos ouvidos dos homens.”

As pessoas ainda não haviam compreendido as consequências da morte de Deus; mas Nietzsche previu que um dia o homem moderno se daria conta das implicações do ateísmo e essa percepção

Friedrich Nietzsche, “The God of Science”, em *The Portable Nietzsche*, ed. e trad. W. Kaufmann. Nova Iorque: Viking, 1954, p. 95. Publicado em português sob o título *A gaia ciência*, pela Companhia das Letras.



iria lançá-lo na era do niilismo — da destruição de todo e sentido e valor da vida.

A maior parte das pessoas ainda não reflete sobre as consequências do ateísmo e, assim, como a multidão na praça do mercado, vai sem saber pelo mesmo caminho. Mas quando nos damos conta, assim como Nietzsche deu, das implicações do ateísmo, então sentimos na carne a tremenda urgência da pergunta que ele fez: “Como nós, assassinos dos assassinos, vamos consolar a nós mesmos?”.

A impossibilidade prática do ateísmo

A única solução que o ateísmo pode oferecer e que encaremos de frente o absurdo da vida e vivamos com bravura. Por exemplo, Bertrand Russell, filósofo britânico, acreditava que não tínhamos outra opção a não ser construir nossa vida sobre a firme fundação do mais obstinado e inflexível desespero”. Somente reconhecendo que o mundo é de fato um lugar terrível de se viver conseguiremos chegar a um bom termo com a vida. Camus disse que devemos reconhecer com honestidade o absurdo da vida e, então, viver apaixonados um pelo outro.

No entanto, o problema fundamental com essa solução proposta está no fato de ser impossível viver de forma consistente e ao mesmo tempo ser feliz dentro da estrutura de uma cosmovisão como essa. Se você viver consistentemente dentro dela, não será feliz; se for feliz, é por não viver de forma consistente segundo essa cosmovisão.

Francis Schaeffer explicou bem esse ponto. Segundo ele, o homem moderno vive em um universo de dois andares. No andar de baixo está o mundo finito sem Deus; aqui, a vida é absurda, como vimos. No andar de cima do universo existe sentido, valor e propósito. Ora, o homem moderno vive no andar de baixo, pois acredita que Deus não existe. Mas não pode ser feliz em um mundo como esse; portanto, ele está sempre dando saltos de fé para chegar ao andar de cima, em busca de sentido, valor e propósito, ainda que não tenha direito a nada disso, uma vez que não acredita em Deus.



ALBERT CAMUS (1913-1960)

Escritor existencialista francês. Uma vez que Deus não existe, Camus considerava a vida absurda. Para ele a vida não era apenas sem sentido, mas também distorcida e cruel. O suicídio é a única questão filosófica séria. A despeito do absurdo da vida, Camus era contra o suicídio e promovia a fraternidade entre os seres humanos.

ANDAR
DE CIMA

DEUS
VALOR

SENTIDO
PROPÓSITO

ANDAR
DE BAIXO

HOMEM
MUNDO FÍSICO

Vamos olhar de novo, portanto, para cada uma dessas três áreas nas quais vimos o absurdo da vida sem Deus. Vamos ver como é difícil viver de forma consistente com uma cosmovisão ateísta e ser feliz ao mesmo tempo.

O sentido da vida

Primeiro, vamos analisar a questão do sentido. Já vimos que sem Deus a vida não tem sentido. No entanto, os filósofos continuam a viver como se a vida tivesse sentido. Por exemplo, Sartre argumentava que a pessoa pode criar um sentido para a própria vida ao escolher seguir certo curso de ação. Ele escolheu o marxismo.

Ora, isso é totalmente inconsistente. Não há consistência em dizer que a vida é objetivamente absurda e, depois, dizer que você pode criar um sentido para sua vida. Se a vida de fato é absurda, você está preso no andar de baixo do universo. Tentar criar sentido para a vida representa dar um salto de fé para o andar de cima. Sartre, contudo, não possuía qualquer base para um salto como esse. A proposta dele é na verdade um exercício para enganar-se a si mesmo. Pois na realidade o universo não passa a ter sentido pelo simples fato de eu lhe atribuir um sentido. É fácil perceber isso: Imaginemos que eu atribua um sentido ao universo e você lhe atribua outro. Quem estará certo? A resposta, evidentemente, é nenhum de nós. Pois o universo sem Deus continua objetivamente sem sentido, não importa como *nós* o consideremos. O que Sartre na verdade está dizendo é: Vamos fingir que o universo tem sentido". E isso não passa de enganar a si mesmo.

A questão é esta: Se Deus não existe, então a vida é objetivamente sem sentido; mas o ser humano não consegue viver de forma consistente com essa visão e ser feliz ao mesmo tempo, sabendo que a vida não tem sentido. Logo, para ser feliz, ele finge que a vida tem sentido. Mas essa atitude, evidentemente, é totalmente inconsistente — pois, sem Deus, o ser humano e o universo são totalmente destituídos de sentido.

O valor da vida

Passemos agora para a questão do valor. É aqui que ocorrem as inconsistências mais flagrantes. Em primeiro lugar, os humanistas ateus são totalmente inconsistentes em afirmar os valores tradicionais do amor e da irmandade entre os homens. Camus foi criticado com toda razão por defender de forma inconsistente *tanto* o absurdo da vida *quanto* uma ética de amor e valorização do próximo. A visão de que não existem valores é logicamente incompatível com a afirmação dos valores do amor e do respeito ao próximo. Bertrand

PARA DISCUTIR

Conhece alguém que pensa que pode criar seu próprio sentido para a vida? Em caso afirmativo, como você poderia conversar com essa pessoa sobre o fato de essa crença fazer sentido?



JEAN-PAUL SARTRE (1905–1980)

Filósofo existencialista francês. A partir da declaração de Nietzsche de que Deus está morto, Sartre negou a existência de quaisquer valores objetivos ou um sentido na vida a serem descobertos. Antes, alegava que cada um é livre para inventar quaisquer valores e propósitos que queira. Ele lutou para conciliar essa aparente libertinagem com sua oposição ao nazismo antisemita.

Russell também foi inconsistente, pois, embora fosse ateu, foi um franco crítico da sociedade, denunciando a guerra e as limitações à liberdade sexual. Russell admitiu que não poderia viver como se os valores éticos fossem simplesmente uma questão de gosto pessoal e que ele, portanto, achava que sua própria visão “não era crível”. “Não sei a resposta”, confessou ele.⁶

A questão é que, se Deus não existe, então, não existe certo e errado objetivamente falando. Como disse Dostoiévski: “Tudo é permitido”. Mas o ser humano não pode viver dessa forma. Então, ele dá um salto de fé e afirma os valores de qualquer modo. E ao fazer isso, revela a inadequação de um mundo sem Deus.

A realidade desse horror de um mundo destituído de valor me atingiu com uma nova intensidade muitos anos atrás, quando assistia a um documentário da BBC chamado *The Gathering* [O ajuntamento]. Mostrava uma reunião de sobreviventes do Holocausto em Jerusalém, onde eles reencontraram amigos com quem há muito tempo tinham perdido contato e compartilharam suas experiências. Uma enfermeira, antiga prisioneira de guerra, contou como acabara sendo ginecologista em Auschwitz. Ela havia observado que as mulheres grávidas eram agrupadas pelos soldados, por orientação do Dr. Josef Mengele, e colocadas nas mesmas barracas. Com o

Bertrand Russell, carta ao editor. *The Observer* [O observador], 6 de outubro de 1957.



passar do tempo, ela notou que não vira mais essas mulheres. Então, começou a perguntar: “Onde foram parar as mulheres grávidas que moravam naquela barraca?”, “Você não soube o que aconteceu com elas? , alguém respondeu. “Dr. Mengele as usou para experiências de *vivisseção*”.

Outra contou como Mengele havia suturado seus mamilos para que ela não amamentasse seu bebê. O médico queria saber quanto tempo um bebê sobreviveria sem nutrição. Em desespero, a pobre mulher tentou manter o bebê vivo dando-lhe pedacinhos de pão molhado no café, mas foi em vão. A cada dia o bebê perdia peso, um fato que o Dr. Mengele monitorava com grande expectativa. Então, uma enfermeira secretamente veio até essa mulher e lhe disse: ‘Arrumei um jeito de tirar você daqui, mas você não pode levar o bebê. Trouxe uma injeção de morfina para você aplicar no bebê para acabar com esse sofrimento’. Quando a mulher protestou, a enfermeira insistiu: “Olhe, seu bebê vai morrer de qualquer jeito. Pelo menos você se salvará”. E assim essa mãe se viu levada a tirar a vida do próprio filho. Dr. Mengele ficou furioso quando soube disso, pois havia perdido a sua cobaia, e começou a procurar o bebê entre os corpos para poder fazer uma última pesagem.

Meu coração estava dilacerado com essas histórias. Um rabino sobrevivente sintetizou bem tudo isso quando disse que em Auschwitz era como se existisse um mundo em que os Dez Mandamentos fossem ao contrário. A humanidade jamais vira tamanho inferno.

E ainda assim, se Deus não existir, este mundo, em certo sentido, e Auschwitz: não existe certo e errado; *todas as coisas* são permitidas.

Mas não há ateu ou agnóstico que consiga viver consistentemente com essa visão. O próprio Nietzsche, que defendia a necessidade de ser viver além do bem e do mal, rompeu laços de amizade com seu mentor, Richard Wagner, precisamente por discordar da visão antissemita do compositor e por seu notório nacionalismo. Assim como Sartre, que escrevendo logo após a Segunda Guerra Mundial, condenou o antissemitismo, afirmando que uma doutrina que leva a um extermínio em massa de pessoas não é meramente

uma questão de opinião ou gosto pessoal, como qualquer outra. Em seu importante ensaio *O existencialismo é um humanismo*, Sartre se esforça em vão para fugir da contradição entre sua negação da existência de valores preestabelecidos por Deus e seu premente desejo de afirmar o valor dos seres humanos. Como Russell, ele também não pôde conviver com as implicações de sua própria negação de absolutos éticos.

Como também não podem os chamados novos ateus, como Richard Dawkins. Pois embora ele afirme que não existe mal, nem bem, não existe nada, exceto uma profunda indiferença, Dawkins é um moralista petulante. Ele condena veementemente atitudes como o assédio e abusos cometidos contra homossexuais, a doutrinação re-

ligiosa de crianças, a prática de sacrifícios dos Incas, e a valorização da diversidade cultural em detrimento dos interesses das crianças *amish*. Ele é petulante a ponto de propor sua própria versão alterada dos Dez Mandamentos para orientar um comportamento moral,

ao mesmo tempo em que se mantém incrivelmente alheio à contradição com seu subjetivismo ético.

A grande verdade é que ninguém encontrará provavelmente um ateu que viva consistentemente segundo o seu próprio sistema de crenças. Pois um universo sem responsabilidade moral e destituído de valor é inimaginavelmente terrível.

O propósito da vida

Por fim, vamos analisar a questão do propósito da vida. Para aqueles que negam que a vida tenha um propósito, a única forma de ser feliz é criando algum propósito para a vida — o que equivale a enganar a si mesmo, como vimos acontecer com Sartre — ou

Richard Dawkins. *The God Delusion*. Nova Iorque: Houghton-Mifflin, 2006. p. 23, 264, 313-317, 326, 328, 330. Publicado em português sob o título *Deus, um delírio*, pela Companhia das Letras.



PARA DISCUTIR

Por que você supõe que mesmo os ateus mais sagazes em geral não se importam se as ideias que sustentam sobre certo e errado forem inconsistentes?



levar a sua visão até suas conclusões lógicas. A tentação de revestir os próprios e mesquinhos planos e projetos de significado objetivo e, assim, encontrar algum propósito para a vida, é quase que irresistível.

Por exemplo, Steven Weinberg, ganhador do Nobel de física e reconhecidamente ateu, no encerramento de seu aclamado livro, *The First Three Minutes* [Os três primeiros minutos], escreveu o seguinte:

É quase irresistível para o ser humano acreditar que tem alguma relação especial com o universo, que a vida humana não é, grosso modo, um resultado ridículo de uma cadeia de acontecimentos acidentais que remontam aos primeiros três minutos, mas sim que fomos de alguma forma criados desde o início [...] É muito difícil descobrir que tudo isso não passa de uma minúscula parte de um universo assustadoramente hostil. O mais difícil ainda é descobrir que o universo atual evolui a partir de uma condição inicial inexplicavelmente desconhecida, e tem pela frente uma futura extinção em um frio indescritível ou um calor intolerável. Quanto mais o universo nos parece compreensível, mais parece sem propósito.

Mas se não há nenhum consolo nos frutos da nossa pesquisa, ha ao menos algum consolo na pesquisa em si. Os homens e as mulheres não se contentam em se consolar com fábulas de deuses e gigantes, ou em confinar seus pensamentos nos afazeres cotidianos da vida; eles também constroem telescópios, satélites e aceleradores de partículas, e sentam-se em suas escrivaninhas por horas intermináveis para encontrar um sentido para os dados que reuniram. O esforço para entender o universo é uma das poucas coisas que eleva a vida humana acima do nível da farsa, e lhe confere um pouco da graça típica da tragédia.⁸

⁸ Steven Weinberg. *The First Three Minutes*. Londres: André Deutsch, 1977, 154-155. Publicado em português sob o título *Os três primeiros minutos do universo*, pela editora Gradiva.

Há algo de estranho acerca da comovente descrição que Weinberg faz do predicamento humano: *tragédia* não é uma palavra neutra. Ela exprime uma *avaliação* da situação. Weinberg evidentemente enxerga uma vida dedicada à pesquisa científica como algo que verdadeiramente tem sentido e, portanto, é trágico que tal empenho louvável vá acabar em nada. Mas, se acreditarmos no ateísmo, por que o esforço da ciência seria diferente de passar pela vida sem fazer nada? Uma vez que não há um propósito objetivo para a vida humana, nada do que façamos tem qualquer significado objetivo, por mais que isso, subjetivamente falando, nos pareça importante ou nos seja estimado. Nada disso terá mais sentido do que fazer a dança das cadeiras no convés do *Titanic*.

O predicamento humano

O dilema do homem moderno é de fato terrível. A cosmovisão do ateísmo não é suficiente para que viva uma vida feliz e consistente. O ser humano não pode viver de forma consistente se viver diante da perspectiva de uma vida sem sentido, sem valor e sem propósito finais. Se tentarmos viver de forma consistente com o ateísmo,

acabaremos profundamente infelizes. Se, ao contrário, dermos um jeito de viver felizes com essa cosmovisão, será somente se desmentirmos a nossa própria cosmovisão.

Confrontado com esse dilema, o homem moderno se debate em busca de uma saída. Em 1991, em um notável discurso para a

Academia Americana para o Avanço da Ciência, Dr. L. D. Rue, ao ser confrontado com esse dilema do homem moderno, ousadamente defendeu a ideia de que nos enganemos por meio de alguma “nobre mentira” a pensar que nós e o universo ainda temos algum valor. Segundo ele: “A lição que aprendemos nos últimos dois séculos é que a questão é profundamente o relativismo intelectual e moral”. Ele afirma que a consequência dessa descoberta é que a busca por autorrealização e a busca por uma coerência social ruíram. Isso



PARA DISCUTIR

Pense em algum filme que tenha visto recentemente. Se você perguntasse ao personagem principal, “Por que sua vida tem importância”, o que acha que ele diria?



ocorre porque na visão relativista a busca por autorrealização se torna algo radicalmente privado: cada pessoa escolhe seu próprio conjunto de valores e sentido.

E então, o que fazer? Rue diz que, por um lado, existe a “opção do hospício”: apenas buscamos a autorrealização a despeito da coerência social. Por outro lado, existe a “opção totalitária”: o estado impõe a coerência social à custa da realização pessoal. Se formos evitar essas duas opções, segundo ele, então não temos outra opção a não ser abraçar alguma nobre mentira que nos inspire a ir além dos interesses próprios e voluntariamente buscar a coerência social. Uma nobre mentira é aquela que “que nos ilude, nos engana, nos leva a ir além dos próprios interesses, além da família, da nação, [e] da raça”. É mentira por nos dizer que o universo está imbuído de valor (o que é uma grande ficção), por fazer uma alegação de verdade universal (quando não há), e por me dizer para não viver pelos meus próprios interesses (o que evidentemente é falso). “No entanto, sem essas mentiras, não podemos viver”.

Esse é o tenebroso veredicto proferido contra o homem moderno. Para sobreviver, ele tem que viver se enganando.

A minha história

O absurdo da vida é mais do que apenas uma questão acadêmica. É algo que diz respeito à essência do nosso ser. Sei disso perfeitamente. Quando era adolescente senti profundamente a falta de sentido da vida e o desespero que isso provoca.

Embora tenha crescido num lar repleto de amor, não éramos uma família que frequentava a igreja, nem mesmo éramos cristãos. Porém, quando entrei na adolescência, comecei a fazer as grandes perguntas existenciais: “Quem sou eu?”, “Por que estou aqui?”, “Para onde vou?”. Em minha busca por respostas comeci a frequentar uma grande igreja de nossa comunidade. Em vez de respostas, eu me deparei com um clube social, onde a obrigação se resumia a um dólar por semana de dízimo. Os outros estudantes da mesma

NOBRE MENTIRA

Uma nobre mentira – “é aquela que nos ilude, nos engana, nos leva a ir além dos próprios interesses, além da família, da nação, [e] da raça.”

Dr. L. D. Rue

idade que faziam parte do grupo de jovens e se diziam cristãos aos domingos viviam suas vidas para seu verdadeiro Deus, a popularidade, pelo resto da semana. Pareciam dispostos a qualquer coisa para serem populares.

Aquilo realmente me incomodava. *Eles se dizem cristãos, mas vivo a vida com mais decência do que eles*, eu costumava pensar. *Eu me sinto tão vazio por dentro. E eles não se sentem diferente. Apenas fingem ser algo que não são. São apenas um bando de hipócritas!* E comecei a me sentir muito amargurado em relação à igreja e às pessoas que a frequentavam.

Com o tempo passei a ter a mesma atitude em relação a todo mundo. *Ninguém é realmente autêntico*, pensava eu. *São todos um bando de falsos, mostrando suas máscaras para o mundo, enquanto seu verdadeiro eu está lá, escondido bem fundo, com medo de se mostrar e ser verdadeiro.* Com isso, minha raiva e meu ressentimento se espalharam para todo mundo. Comecei a desprezar as pessoas; não queria nada delas. *Não preciso das pessoas*, pensava, e mergulhava nos livros. Francamente falando, estava a caminho de me tornar um jovem bastante alienado.

Mas ainda assim, nos momentos de introspecção e sinceridade, eu sabia bem lá no fundo que o que realmente queria era amar e ser amado. E nesses momentos percebi que estava sendo tão falso quanto todos os outros. Pois lá estava eu, fingindo que não precisava de ninguém, quando bem no fundo sabia que precisava. Então todo aquele ódio se voltou contra mim mesmo, contra minha própria hipocrisia e falsidade.

Não sei se você já sentiu isso, mas essa raiva e desespero interiores acabam nos consumindo por dentro, tornando cada dia miserável, apenas mais um dia *para suportar*. Eu não conseguia enxergar um propósito para a vida; nada mais importava realmente.

Um daqueles dias em que eu me sentia particularmente miserável, entrei na aula de alemão e me sentei bem atrás de uma garota, um daquelas que está *sempre tão feliz* que chega a te deixar doente! Dei um tapinha no ombro dela e resmungei:

“Afinal, Sandy, por que você está sempre tão feliz?”.

“Ora, Bill, porque sou salva”.

Fiquei de boca aberta. Nunca tinha ouvido ninguém falar da
quele jeito antes.

“Você é o quê?”, perguntei de novo.

E ela me disse: “Conheço Jesus como meu Senhor e Salvador”.

“Eu vou à igreja” — disse, meio sem jeito.

“Isso não é o bastante, Bill. Você tem que ter Jesus no coração .

Para mim aquilo já tinha ido longe demais. “Por que Jesus iria
querer morar no meu coração?”

“Porque ele te ama, Bill”.

Aquilo me atingiu como um raio. Lá estava eu, tão cheio de
raiva e ódio, e ela dissera que havia alguém que me amava de verda-
de. E não era ninguém menos do que o Deus do universo! Aquele
pensamento me deixava estupefato. E pensar que o Deus do univer-
so me amava, a mim, Bill Craig, esse vermezinho perdido naquele
pontinho de poeira chamado planeta Terra. Era demais para mim!

Aquilo foi para mim o início do mais agonizante período de
busca por que já passei. Eu tinha um Novo Testamento e o li de capa
a capa. Quanto mais eu lia, mais encantando ficava com a pessoa
de Jesus. Havia uma sabedoria em seus ensinamentos que jamais
havia encontrado e uma autenticidade em sua vida que não era tí-
pica daquelas pessoas que eu havia conhecido, que se diziam cristãs,
naquela igreja que eu estava frequentando. Então, percebi que não
podia jogar fora o bebê junto com a água do banho.

Nesse meio tempo, Sandy me apresentou a outros estudantes
tãos da escola. Nunca havia encontrado pessoas como eles! O
que quer que eles dissessem sobre Jesus, uma coisa era inegável: eles
estavam vivendo suas vidas em um plano da realidade o qual eu
jamais sonhara que existisse, e isso lhes dava um profundo sentido
alegría de viver, algo pelo qual eu tanto ansiava.

Para resumir a história, minha busca espiritual continuou pelos
próximos seis meses. Passei a frequentar encontros de grupos cris-
tãos; li livros cristãos; buscava Deus em oração. Finalmente, cheguei



ao fim da linha e clamei a Deus. Clamei por toda raiva e amargura que haviam crescido dentro de mim e, na mesma hora, senti uma tremenda alegria tomando conta de mim, como um balão que vai se enchendo de ar até estar a ponto de estourar! Lembro-me de ter corrido para fora de casa — era uma clara noite de verão, e dava para ver a Via Láctea tomando o horizonte de um lado a outro. Enquanto admirava as estrelas, pensei: *Meu Deus! Finalmente te encontrei!*

Aquele momento mudou toda a minha vida. Já tinha refletido bastante sobre essa mensagem durante aqueles seis meses para saber que se aquilo era de fato a verdade — realmente *a verdade* — não tinha mais nada a fazer senão passar o resto da minha espalhando essa incrível mensagem para a humanidade.

Para muitos cristãos, a principal diferença que sentem quando vêm a conhecer a Cristo é o amor, a alegria ou a paz que isso lhes traz. Todas essas coisas também foram incríveis para mim. Mas se alguém me perguntar a principal diferença que Cristo fez na minha vida, direi sem hesitação: “Ele deu sentido à minha vida!”. Antes de conhecer a Cristo, vivia na escuridão, no desespero de uma vida afastada de Deus. Conhecer a Deus imediatamente deu um signifi-

cado eterno à minha vida. De agora em diante as coisas que eu fazia estavam carregadas de sentido eterno. De agora em diante a vida importava. De agora em diante eu podia me levantar a cada dia, pois cada dia era um dia em que eu caminhava com Deus.



PARA DISCUTIR

Você sente lá no fundo que sua vida importa? Em caso afirmativo, o que lhe dá essa sensação? Em caso negativo, por que supõe que ela não importa?

O sucesso do cristianismo da Bíblia

Assim, o cristianismo da Bíblia desafia a cosmovisão do homem moderno. Pois segundo a cosmovisão cristã, Deus existe sim e a vida não termina no túmulo. O cristianismo da Bíblia, portanto, fornece as duas condições necessárias para uma vida repleta de sentido, valor e propósito: Deus e a imortalidade. Por causa disso, podemos viver de forma consistente e viver felizes dentro da estrutura da nossa



cosmovisão cristã. Logo, o cristianismo da Bíblia é bem-sucedido precisamente naquele ponto em que o ateísmo falha.

Mas nada disso mostra que o cristianismo da Bíblia é verdade. O ateu pode presunçosamente dizer que abracei uma nobre mentira e estou me enganando. Por isso, vamos analisar os argumentos contra e a favor da existência de Deus nos próximos capítulos. Mas por enquanto nós pelo menos já colocamos claramente todas as opções. Se Deus não existir, então a vida é inútil. Se Deus existe, então a vida tem sentido. Somente essa segunda opção nos torna capazes de viver de forma consistente e viver uma vida feliz. Portanto, faz uma diferença enorme se Deus existe ou não.

Além disso, parece-me que mesmo que as evidências para essas duas opções fossem absolutamente iguais, uma pessoa racional seria obrigada a escolher acreditar em Deus. Isto é, se as evidências forem iguais para as duas hipóteses, parece-me positivamente irracional preferir a morte, a inutilidade, a destruição da vida, a falta de sentido e a infelicidade. Como já disse Pascal, não temos nada a perder e o infinito a ganhar.

Porém, meu objetivo neste capítulo é na verdade bem mais modesto que isso. Ao falar do absurdo de uma vida sem Deus, espero apenas ter feito você pensar sobre essas questões, perceber que a questão da existência de Deus tem profundas consequências para nossa vida e que, portanto, não podemos ficar indiferentes diante dela. Se conseguirmos mostrar apenas isso, quando estivermos dialogando com um incrédulo, é sinal de que estamos no caminho certo.

ESBOÇO DO CAPÍTULO

- I. Se Deus não existe, então toda vida humana bem como cada indivíduo serão um dia destruídos.
- II. Se Deus não existe e não há vida além do túmulo, então a vida em si não tem sentido, valor nem propósito objetivos.
 - A. Sentido

1. Sem imortalidade, a sua vida não tem um significado último e não faz qualquer diferença para o que acontece no mundo.
2. Sem Deus não existe um cenário mais amplo dentro do qual a vida humana possa ser vista como algo que importa.

B. Valor

1. Sem imortalidade não há responsabilidade moral, e as suas opções morais se tornam inconsequentes.
2. Sem Deus os valores morais não passam de ilusões incutidas em nos pela evolução ou pelo condicionamento social.

C. Propósito

1. Sem a imortalidade seu único destino é extinguir-se com a morte.
2. Sem Deus não há um propósito pelo qual você veio a este mundo.

III. É impossível viver de forma consistente e ser feliz com uma cosmovisão ateísta.

- A. Se vivemos felizes como ateus é somente por reafirmar, de forma inconsistente com o ateísmo, que há sentido, valor e propósito para nossa vida, a despeito da falta de uma base para isso.
- B. Se vivermos de forma consistente com o ateísmo seremos profundamente infelizes e viveremos até mesmo em desespero, pois teremos consciência de que nossa vida não tem sentido, valor nem propósito.

IV. O cristianismo da Bíblia desafia a cosmovisão do homem moderno.

- A. Segundo o cristianismo da Bíblia Deus existe e a vida não termina no túmulo.
- B. O cristianismo da Bíblia afirma assim as duas condições suficientes para se ter uma vida plena de sentido, valor e propósito: Deus e a imortalidade.





O cristianismo da Bíblia fornece, portanto, uma estrutura dentro da qual podemos viver de forma consistente e ser felizes.

Então, por que não olhar para a verdade do cristianismo da Bíblia?



CAPITULO 3

POR QUE AS COISAS EXISTEM?

*No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.
Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio
dele, e, sem ele, nada do que foi feito existiria (Jo 1.1-3).*

Keokuk era um lugar maravilhoso para um garotinho crescer. Às margens do majestoso rio Mississippi, na ponta sudeste do estado de Iowa, logo acima do Missouri, Keokuk era o território de Mark Twain. Quando criança, tive toda espécie de animais que fui capaz de capturar: sapos, pererecas, cobras, salamandras, coelhos, pássaros, cachorros e gatos perdidos andavam pela casa. Tive até um morcego e um gambá. A noite dava para ver nitidamente as estrelas no céu de Keokuk. Lembro-me que, na minha infância, costumava ficar admirando as estrelas, inúmeras no veludo negro da noite, e pensava: *De onde vieram todas essas estrelas?* Mesmo na minha inocência infantil, parecia-me instintivamente que teria que haver uma explicação para as coisas existirem. Por isso, tão longe quanto chegam as minhas memórias, eu me lembro de sempre ter acreditado em um Criador do universo. Só nunca havia me encontrado com ele pessoalmente.

Somente muitos anos mais tarde percebi que aquela minha pergunta da infância, e sua respectiva resposta, tinha ocupado as mentes dos grandes filósofos por muitos e muitos séculos. Por exemplo, G. W. Leibniz, um dos inventores do cálculo e uma mente brilhante da Europa do século XVIII, escreveu: “Eis a primeira questão que deveríamos com razão nos fazer: *Por que existe algo em vez do nada?*”¹

G. W. F. von Leibniz, “The Principles of Nature and of Grace, Based on Reason”, em *Leibniz Selections*, ed. P. Wiener. Nova Iorque: Scribners, 1951, p. 527.

Em outras palavras, por que algo sequer existe? Para Leibniz, essa era a questão mais básica que alguém pode fazer. Assim como eu, Leibniz chegou à conclusão de que a resposta não se encontra no universo das coisas criadas, mas em Deus. Deus necessariamente existe e é a explicação do por que tudo o mais existe.

O argumento de Leibniz

Podemos reduzir o pensamento de Leibniz à forma de um simples argumento. Isso traz a vantagem de deixar a sua lógica bem clara e voltar nossa atenção para os passos cruciais de seu raciocínio. Também deixa seu argumento bem fácil de memorizar para que depois possamos compartilhá-lo com outras pessoas (você também encontrará um esboço do argumento no final deste capítulo).

O raciocínio de Leibniz possui três premissas:

1. Tudo que existe tem uma explicação para existir.
2. Se o universo tem uma explicação para existir essa explicação é Deus.
3. O universo existe.

É isso aí! Ora, o que se segue logicamente dessas três premissas?

Bem, vejamos a primeira e a terceira premissa. (Peço que as leia em voz alta, se isso de alguma forma ajudar). Se *tudo que existe tem uma explicação para existir* e *o universo existe*, então, logicamente segue-se que:

GOTTFRIED WILHELM LEIBNIZ

Gottfried Wilhelm Leibniz (1646-1716) foi um filósofo alemão, que também era matemático e especialista em lógica alemã. Ele inventou o cálculo diferencial e integral mais ou menos na mesma época em que Isaac Newton. Na verdade, ele passou os últimos

cinco anos de vida se defendendo da acusação de que ele havia roubado e publicado as ideias de Newton. Hoje é consenso entre a maioria dos historiados que Leibniz de fato inventou o cálculo de forma independente.



4. O universo tem uma explicação para existir.

Observe agora que a segunda premissa diz que se o universo tem uma explicação para existir essa explicação é Deus. E a quarta premissa diz que universo de fato tem uma explicação para existir.

Então, da segunda e quarta premissas segue-se logicamente que:

5. Portanto, a explicação da existência do universo é Deus.

Ora, esse é um argumento logicamente hermético, incontestável. Equivale a dizer que se as três premissas são verdadeiras, a conclusão é inevitável. Pouco importa se um ateu ou um agnóstico não goste dessa conclusão. Pouco importa se ele tiver outras objeções à existência de Deus. Contanto que ele admita as premissas, ele terá que aceitar a conclusão. Assim, se ele quiser refutar a conclusão, terá que dizer que uma das três premissas é falsa.

Mas qual delas ele refutará? A terceira premissa é inegável para qualquer um que esteja sinceramente em busca da verdade. É óbvio que o universo existe! Logo, o ateu terá que negar a primeira ou a segunda premissa, se pretende continuar sendo ateu e racional. Portanto, a questão toda se resume a isso: A primeira e a segunda premissa são verdadeiras ou falsas? Vamos dar uma olhadinha nelas.

PRIMEIRA PREMISSA

Tudo que existe tem uma explicação para existir.

Uma objeção à primeira premissa: “Deus deve ter uma explicação para sua existência”

Em princípio, a primeira premissa pode parecer vulnerável de um modo bem evidente. Se tudo que existe tem uma explicação para existir, e Deus existe, logo Deus deve ter uma explicação para sua existência! Mas isso parece estar fora de questão, pois a explicação



PARA DISCUTIR

Qual das três premissas você já ouviu um ateuista desafiar? Em que base eles o fizeram?

NECESSÁRIO OU CONTINGENTE

As coisas que *existem necessariamente* existem por uma necessidade de sua própria natureza. Existir é parte de sua própria natureza. As coisas que *existem contingencialmente* podem deixar de existir e, por isso, precisam de uma causa externa para explicar o porquê elas de fato existem.

para a existência de Deus exigiria a explicação da existência de outro ser maior do que Deus. Uma vez que isso é impossível, a primeira premissa deve ser falsa. Algumas coisas devem ser capazes de existir sem que haja qualquer explicação para isso. Um cristão diria que Deus existe de forma inexplicável. O ateu diria: “Por que não parar no universo? O universo simplesmente existe, de forma inexplicável”. Com isso, parece que chegamos a um beco sem saída.

Resposta à objeção anterior: “Certas coisas existem necessariamente”

Vamos mais devagar! Essa evidente objeção à primeira premissa se baseia em uma compreensão equivocada do que Leibniz quis dizer por “explicação”. Na visão dele existem duas classes de coisas: (a) as que existem necessariamente e (b) as que são geradas por alguma causa externa. Vou explicá-las.

(a) As coisas que existem necessariamente existem por uma imposição ou necessidade de sua própria natureza. Para elas é impossível não existir. Muitos matemáticos acreditam que os números, os conjuntos e outros entes da matemática pertencem a essa classe de coisas. Eles não são causados por outra coisa; apenas existem pela necessidade de sua própria natureza.

(b) Por contraste, as coisas que tem sua existência causada por outra não existem necessariamente. Elas existem porque algo além delas as gerou. Objetos físicos conhecidos, como as pessoas, os planetas e as galáxias pertencem a essa categoria de coisas.

Portanto, quando Leibniz diz que tudo que existe tem uma explicação para existir, essa explicação pode se encontrar *ou* em uma necessidade da natureza da própria coisa *ou* em alguma causa externa. Assim, a primeira premissa poderia ser expressa de forma mais completa da seguinte maneira:

1. Tudo que existe tem uma explicação para existir, seja essa explicação uma necessidade da própria natureza da coisa ou uma causa externa.

PARA DISCUTIR

Se Deus de fato existe, por que é impossível que ele tenha uma causa?



Mas com isso a objeção acima cai por terra. A explicação para a existência de Deus se encontra na necessidade da própria natureza de Deus. Como até um ateu reconhece, é impossível que Deus tenha uma causa. Logo, o argumento de Leibniz é na verdade um argumento em favor de Deus como um ser necessário, não causado.

Longe de diminuir o argumento de Leibniz, a objeção ateuista à primeira premissa na verdade ajuda a esclarecer e engrandecer quem Deus é! Se Deus existe, ele é um ser que necessariamente existe, que não é causado.

Defesa da primeira premissa: “Tamanho não importa”

Então, que razão podemos oferecer para alguém pensar que a primeira premissa é verdadeira? Bem, quando você começa a refletir sobre essa premissa, percebe que ela é uma espécie de premissa evidente em si mesma. Suponha que você esteja atravessando uma floresta e se depare com uma bola translúcida bem no meio da floresta. Sua reação natural seria se perguntar como aquilo foi parar ali. Se alguém que estivesse com você dissesse, “Ora, isso apenas existe, não tem uma explicação. Não se preocupe com isso!”, você pensaria uma dessas duas coisas: que essa pessoa estava maluca ou que só estava querendo seguir em frente. Ninguém levaria a sério a sugestão de que aquela bola existia e estava lá sem nenhuma explicação, literalmente.

Suponha agora que você aumente o tamanho dessa bola e ela passe a ser do tamanho de um carro. Isso não mudaria em nada a exigência de uma explicação para ela. Suponha que ela seja do tamanho de uma casa. Continua havendo a mesma necessidade de explicação. Ou que ela seja do tamanho de um continente ou de um planeta. A mesma coisa. Suponha que ela seja do tamanho do universo inteiro. A necessidade de explicação continua. Meramente aumentar o tamanho da bola não afeta em nada a necessidade de uma explicação.

FALÁCIA

Uma *falácia* é um erro de raciocínio. Ela pode ser formal ou informal. A falácia formal implica a quebra de regras da lógica. A falácia informal envolve uma tática argumentativa que é ilícita, tal como um raciocínio circular. A “falácia do táxi” seria uma falácia informal.

COSMOLOGIA

A *cosmologia* é o estudo da estrutura em larga escala do universo e de seu desenvolvimento. O termo grego *kosmos* significa “arranjo ordenado” ou “mundo”. Pitágoras parece ter sido a primeira pessoa a usar esse termo em referência ao universo.

A falácia do táxi

Às vezes os defensores do ateísmo dirão que a primeira premissa é verdadeira para tudo que esteja *no* universo, mas não *acerca do* universo em si. Tudo o que existe no universo tem uma explicação, mas o próprio universo não tem.

Contudo, essa explicação comete algo que tem sido chamado de “falácia do táxi”. Como costumava dizer com sarcasmo Arthur Schopenhauer, filósofo ateu do século XIX, a primeira premissa não pode ser dispensada com um aceno de mão, como se dispensa um táxi depois que se chega ao destino desejado! Não se pode dizer que tudo tem uma explicação para existir e, de repente, tirar o universo fora disso.

Seria uma atitude arbitrária da parte do ateu se ele alegasse que o universo é uma exceção à regra (lembre-se que o próprio Leibniz *não* fez de Deus uma exceção à regra da primeira premissa). A ilustração que demos acima com a bola na floresta mostrou que o simples fato de aumentar o tamanho do objeto a ser explicado, mesmo que ele chegue ao tamanho do universo inteiro, não anula a necessidade de haver alguma explicação para a sua existência.

Observe ainda o quanto essa resposta do ateísmo não é científica. Pois a própria cosmologia (estudo do universo) atual se dedica à busca de uma explicação para a existência do universo. A atitude ateísta mutilaria a ciência.

Outra falácia ateísta: “É impossível que o universo tenha uma explicação”

Assim, alguns defensores do ateísmo tentaram arrumar uma justificativa para fazer do universo uma exceção à primeira premissa. Eles disseram que é impossível que o universo tenha uma explicação para sua existência. Por quê? Porque essa explicação teria que ser um estado de coisas anterior no qual o universo ainda não existia. Mas isso seria o nada, e o nada não pode ser a explicação de algo que existe. Assim, o universo deve somente existir, de forma inexplicável.



Essa linha de raciocínio é uma evidente falácia. Pois ela assume que o universo seja tudo o que existe, de modo que se o universo não existisse, haveria o nada. Em outras palavras, a objeção presume que o ateísmo seja verdade! Os ateístas, portanto, estão cometendo uma petição de princípio, argumentando em círculos.

Leibniz concordaria com a colocação de que a explicação do universo deve estar em um estado de coisas anterior à existência do universo. Mas esse estado de coisas anterior é Deus e sua vontade, e não o nada.

Parece-me, portanto, que a primeira premissa, em termos plausíveis, é mais verdadeira do que falsa, e isso é tudo que precisamos para um bom argumento.

PARA DISCUTIR

É muito difícil imaginar o nada. Podemos imaginar o espaço vazio, mas esse espaço é algo, não é nada. Tente imaginar que somente Deus existe. Não existe o universo nem o espaço vazio nem mesmo o tempo. O que se passa em sua mente quando você tenta conceber isso? Suponha agora que nem mesmo Deus exista.

SEGUNDA PREMISSA

Se o universo tem uma explicação para existir essa explicação é Deus.

Os defensores do ateísmo concordam com a segunda premissa

E quanto à segunda premissa, que afirma que se o universo tem uma explicação para existir essa explicação é Deus? Em termos plausíveis, ela é mais verdadeira ou falsa?

O que mais causa estranheza para os defensores do ateísmo a essa altura é que a segunda premissa é logicamente equivalente à típica resposta ateísta ao argumento de Leibniz. Dois enunciados são logicamente equivalentes se for impossível um deles ser verdadeiro e o outro falso. Ou ambos se sustentam ou ambos caem por terra. Então,

EQUIVALÊNCIA LÓGICA

Dois enunciados são logicamente equivalentes se for impossível que um deles seja verdadeiro e o outro falso. Eles são ambos verdadeiros ou falsos. Uma das equivalências lógicas mais importantes é chamada *contraposição*. Ela afirma que qualquer enunciado do tipo “Se P, então Q” é logicamente equivalente a um enunciado do tipo “Se não-Q, então não-P”. O exemplo que aparece no texto dos enunciados A e B é um exemplo de contraposição.



o que um ateuista quase sempre diz em resposta ao argumento de Leibniz? Como acabamos de ver, ele tipicamente afirma o seguinte:

A. Se o ateísmo é verdadeiro, o universo não tem uma explicação para existir.

Essa é precisamente a resposta dos ateístas à primeira premissa. Para eles o universo apenas existe de forma inexplicável. Mas isso equivale logicamente a dizer:

B. Se o universo tem uma explicação para existir, então o ateísmo não é verdadeiro.

OBJETOS ABSTRATOS VS.

OBJETOS CONCRETOS

Os filósofos diferenciam os objetos como sendo abstratos ou concretos. O que define a diferença entre eles é que os objetos abstratos são causalmente estéréis ou impotentes, enquanto que os objetos concretos são capazes de causar efeitos no mundo. Vários objetos têm sido identificados por diferentes filósofos como abstratos, principalmente entes matemáticos como números, conjuntos, funções, mas também proposições, propriedades, personagens de ficção e até mesmo obras musicais e literárias.

Portanto, não se pode afirmar A e negar B. Mas B é praticamente um sinônimo da segunda premissa! (Compare os dois enunciados). Assim, ao dizer em resposta à primeira premissa que, dado o ateísmo, o universo não tem explicação, os ateístas estão implicitamente admitindo a segunda premissa, ou seja, se o universo tem uma explicação para existir, então Deus existe.

Outro argumento em favor da segunda premissa: “A causa do universo: um

objeto abstrato ou uma mente sem corpo físico?”

Além disso, a segunda premissa é muito plausível em seus próprios termos. Pense no que é o universo: *toda* realidade tempo-espaço, inclusive *toda* matéria e energia. Segue-se que se o universo tem uma causa de existência, essa causa deve ser um ser não físico, imaterial, que esteja além do tempo e do espaço. Incrível!

Ora, existem somente duas coisas que se encaixam nessa descrição: um objeto abstrato, como um número, ou uma mente sem corpo físico. Porém, objetos abstratos não podem ser causa de nada.

Isso faz parte do que significa ser abstrato. O número 7, por exemplo, não pode causar nenhum efeito. Logo, a causa da existência do universo deve ser uma mente transcendente, e é isso que os cristãos entendem por Deus.

Espero que esteja começando a captar a força do argumento de Leibniz. Se bem-sucedido, este argumento prova a existência de um Criador pessoal do universo, um Criador necessário, não causado, acima do tempo e do espaço e imaterial. Não estou me referindo a alguma entidade mal concebida, como um ser extraterrestre, mas de um ser ultramundano e que possui as muitas propriedades tradicionais de Deus. Isso é verdadeiramente fascinante!

Alternativa ateísta: “O universo existe necessariamente!”

O que os ateístas podem fazer a esta altura? Eles têm a seu dispor uma alternativa mais radical. Podem voltar atrás, retirar sua objeção à primeira premissa e dizer, em vez disso que, sim, o universo *de fato* tem uma explicação para existir. Mas que essa explicação e a seguinte: O universo existe por uma necessidade de sua própria natureza. Para eles, o universo serviria como uma espécie de substituto de Deus que existe necessariamente.

Ora, esse seria um passo muito radical para eles, e de fato não consigo me lembrar de nenhum defensor do ateísmo que tenha adotado essa linha de raciocínio. Há alguns anos, em uma conferência na Santa Barbara City College sobre a filosofia do tempo, cheguei a pensar que o professor Adolf Grunbaum, um beligerante ateu e filósofo da ciência da Universidade de Pittsburgh, estava flirtando com essa ideia. Mas quando levantei a questão sobre se ele pensava que o universo existia necessariamente, ele ficou positivamente indignado com a minha sugestão. “Claro que não”, vociferou ele e prosseguiu, dando sequência à alegação de que o universo apenas existe sem qualquer explicação.

A razão pela qual os ateístas não parecem ansiosos para abraçar essa alternativa é clara.

Ultramundano significa algo além do domínio do nosso mundo. A palavra “mundano” vem do termo em latim para mundo ou universo — *mundus* — e não implica necessariamente algo pecaminoso!

PARA DISCUTIR

Você conhece alguém que acredita que o universo ou mundo seja um Deus substituto (como Gaia ou a Força da saga *Star Wars*)? O que leva alguém a acreditar nisso?

Quando olhamos para o universo, vemos que nenhuma das coisas que o compõem, sejam as estrelas, os planetas, as galáxias, a poeira cósmica, a radiação ou o que quer que seja parece existir necessariamente. Todas essas coisas poderiam deixar de existir; na realidade, em algum momento do passado, quando o universo era muito denso, nenhuma delas existia.

Mas pode ser que alguém diga: E quanto à matéria da qual essas coisas são feitas? Talvez a matéria exista necessariamente, e todas essas coisas sejam apenas configurações diferentes de matéria. O problema com essa possibilidade é que, de acordo com o modelo padrão da física subatômica, a própria matéria é composta por minúsculas partículas fundamentais que não podem continuar a ser decompostas. O universo é apenas um conjunto dessas partículas arranjadas de diferentes maneiras. Mas agora surge a seguinte questão: Não poderia ter existido um conjunto diferente dessas partículas fundamentais em vez desse que temos? Cada uma dessas partículas existe necessariamente?

I	II	III	
u up	c charm	t top	y fóton
d down	s strange	b bottom	g glúon
ν_e neutrino elétron	ν_μ neutrino muônico	ν_τ neutrino tauônico	z^0 bóson z
e elétron	μ múon	τ tau	W bóson w

Observe bem o que os ateístas não podem dizer a respeito disso. Eles não podem dizer que as partículas subatômicas elementares são

meras configurações da matéria e que poderiam ter sido diferentes do que são, mas que a matéria de que elas são compostas existe necessariamente. Eles não podem dizer isso, pois as partículas subatômicas elementares não são compostas de nada! Elas *são* apenas unidades básicas de matéria. Assim, se uma partícula específica não existir, a matéria não existe.

Parece evidente que um conjunto diferente de partículas elementares poderia ter existido em vez desse que existe. Mas se fosse esse o caso, então teria existido um universo diferente.

Para entender esse ponto, pense em sua escrivaninha. Poderia ela ter sido feita de gelo? Note bem que não estou perguntando se você poderia ter tido uma escrivaninha de gelo em lugar da sua escrivaninha de madeira, que fosse do mesmo formato e tamanho. Antes estou perguntando se a sua própria escrivaninha, essa que é feita de madeira, se *essa* mesma escrivaninha poderia ter sido feita de gelo. A resposta obviamente é não. Se fosse feita de gelo seria uma escrivaninha diferente e não a mesma que você tem.

Do mesmo modo, um universo composto de diferentes partículas subatômicas, ainda que elas fossem arranjadas de forma idêntica nesse universo, seria um universo diferente. Segue-se, portanto, que o universo não existe por uma necessidade de sua própria natureza.

Ora, alguém poderia fazer uma objeção, dizendo que o corpo humano continua idêntico com o passar do tempo, a despeito de haver uma troca completa do material de seus constituintes por novos constituintes. Afirma-se que a cada sete anos a matéria que compõe nosso corpo é quase que completamente reciclada. Ainda assim, meu corpo é idêntico ao corpo que eu tinha antes. Por analogia, alguém poderia dizer que vários possíveis universos poderiam ser idênticos muito embora fossem compostos de diferentes conjuntos de partículas subatômicas.

A falta de analogia crucial, entretanto, é que a diferença entre possíveis universos não é absolutamente alguma espécie de mudança,



ANALOGIAS E DESANOLOGIAS

Uma analogia é um ponto de semelhança entre duas coisas. Uma desanologia é um ponto de diferença ou dessemelhança entre duas coisas.

PARA DISCUTIR

Pergunte a um professor de física: Por que as partículas elementares existem? É impossível para elas não existir? (Esteja preparado para a possibilidade desse professor não querer ter esse tipo de conversa).

pois não existe um sujeito que subsista e que vá passando por mudanças intrínsecas de um estado para outro. Logo, universos feitos de partículas diferentes não são como as fases diferentes pelas quais passa o meu corpo. Antes, são como dois corpos que não possuem qualquer conexão um com o outro, absolutamente.

Ninguém pensa que cada partícula subatômica do universo exista por uma necessidade de sua própria natureza. Segue-se que o universo, composto de tais partículas, também não existe por uma necessidade de sua própria natureza. Note que o caso permanece o mesmo quer estejamos pensando no universo como sendo em si um objeto (assim como uma estátua de mármore não é idêntica a outra estátua feita de mármore diferente) ou pensando nele como sendo um conjunto ou grupo (assim como um bando de pássaros não é idêntico a outro bando composto de pássaros diferentes), ou mesmo como sendo absolutamente nada além das partículas em si.

Minha tese de que o universo não existe necessariamente fica ainda mais óbvia quando pensamos que parece ser inteiramente possível que os elementos fundamentais que constituem a natureza poderiam ter sido substâncias inteiramente diferentes as partículas subatômicas que hoje temos. Tal universo se caracterizaria por leis da natureza diferentes. Ainda que tomemos nossas leis da natureza como algo logicamente necessário, ainda assim é possível que existissem diferentes leis por causa das substâncias dotadas de propriedades e capacidades diferentes das nossas partículas subatômicas

poderiam ter existido. Nesse caso estaríamos claramente lidando com outro tipo inteiramente diferente de universo.

Portanto, os defensores do ateísmo não foram tão ousados a ponto de negar a segunda premissa e dizer que o universo existe necessariamente. Como a primeira premissa,

a segunda premissa também parece ser verdadeira em termos de plausibilidade.



PARA DISCUTIR

Como este capítulo mostrou a você que Deus
É uma mente não encarnada?
Que ele transcende o universo?
Que ele criou o universo?

Conclusão

Dada a verdade dessas três premissas, não há como escarpamos da seguinte conclusão lógica: *Deus é a explicação da existência do universo*. Além disso, o argumento implica que Deus é não causado, uma mente não encarnada em um corpo, que transcende o universo físico e até mesmo o tempo e o espaço, e que existe necessariamente. Tal conclusão é assombrosa! Leibniz expandiu nossas mentes muito além das questões mundanas da vida cotidiana. No próximo capítulo, vamos expandir um pouco mais nossas mentes, à medida que tentarmos entender o infinito e descobrir o começo do universo.



ARGUMENTO COSMOLÓGICO DE LEIBNIZ

Prós	Contras
1. Tudo que existe tem uma explicação para existir, seja ela uma necessidade de sua própria natureza ou uma causa externa.	Então Deus deve ter uma causa que o explique.
Não, Deus existe por necessidade de sua própria natureza.	
Esse é um princípio autoevidente: historinha da bola encontrada na floresta.	O universo é uma exceção a esse princípio.
Fazer do universo uma exceção é ser arbitrário e cometer a falácia do táxi.	
Você está assumindo que o universo é tudo que existe, o que é uma petição de princípio em favor do ateísmo	Não é ser arbitrário, uma vez que é impossível o universo ter uma explicação.

ARGUMENTO COSMOLÓGICO DE LEIBNIZ (cont.)

Prós	Contras
2 Se o universo tem uma explicação para existir, essa explicação é Deus.	
Isso é logicamente equivalente a própria declaração ateísta de que se Deus não existe, o universo não tem explicação	Retiro o que disse. O universo existe por uma necessidade de sua própria natureza.
O universo não existe necessariamente, uma vez que diferentes partículas elementares poderiam ter existido.	
Como a causa do espaço e do tempo, este ser deve ser uma mente não encarnada em um corpo e transcendente	
3. O universo existe.	
4. Logo, o universo tem uma explicação para existir	
↓	
Isso se segue da primeira e terceira premissa.	
5 Portanto, a explicação da existência do universo é Deus.	
↓	
Isso se segue da segunda e quarta premissa.	



INTERLÚDIO PESSOAL

A JORNADA DE FÉ DE UM FILÓSOFO

PARTE I

Tendo me convertido ao cristianismo durante o segundo grau, logo tive que enfrentar a decisão de qual faculdade escolher. Sandy, minha amiga cristã das aulas de alemão, sugeriu que eu fosse para o Wheaton College, onde estava seu irmão mais velho, Paul. Estudar em uma faculdade cristã era algo que me atraía bastante como alguém novo na fé, então me inscrevi no processo seletivo e fui aceito.

É preciso esclarecer que eu nunca fizera parte de uma subcultura cristã antes em minha vida. Assim, estudar em Wheaton era para mim uma prévia do céu — os professores oravam antes de começar a aula, tínhamos devocionais diárias na capela, você nunca ouvia ninguém blasfemando ou falando palavrões no vestiário e assim por diante. Fiquei maravilhado!

Mas o verdadeiro grande presente que o Wheaton College me deu foi a possibilidade de integrar minha fé àquilo que aprendia. Lá percebi que, como cristão, eu não precisava guardar meu cérebro em um bolso e a minha fé no outro, e nunca mais deixá-los ver a luz do dia novamente. Ao contrário, eu poderia ter uma cosmovisão cristã — uma perspectiva cristã sobre a ciência, a história, as artes e assim por diante. Foi lá que cheguei a essa visão de compartilhar minha fé no contexto da apresentação de uma defesa intelectual do evangelho, apelando ao mesmo tempo ao coração e à mente.

Infelizmente, naquela época o Wheaton College era surpreendentemente fraco em apologética. Meu professor de teologia, Robert Webber, nos ensinava que não havia bons argumentos em favor da existência de Deus e que as provas tradicionais tinham

sido todas refutadas. Embora eu fosse um pouco cético em relação ao que ele disse, acabei mais ou menos aceitando aquilo com base em sua autoridade.

Então, um pouco antes de terminar a faculdade, veio parar em minhas mãos um exemplar de *The Resurrection of Theism* [A ressurreição do teísmo], escrito pelo professor Stuart Hackett, que estava sendo vendido em uma queima de estoque da livraria da faculdade. Devo confessar que na época eu não tinha bem certeza sequer do que o título da obra significava! Durante o outono, quando comecei a ler aquele livro, fiquei absolutamente pasmo com o que lia. Ao contrário do que me fora ensinado até então, o professor Hackett, com uma lógica avassaladora, estava defendendo argumentos em favor da existência de Deus e fornecendo refutações de cada uma das possíveis objeções a esses argumentos.

A peça central da defesa de Hackett foi um argumento que me tocou profundamente: Em termos racionais é inconcebível que a série de eventos passados fosse infinita; deve ter havido um começo para o universo e, portanto, uma causa transcendente que o trouxe à existência. Ler a obra de Hackett foi uma experiência chocante que me abriu os olhos. Eu tinha de descobrir se ele estava certo.

Durante meu último ano no Wheaton, John Guest, durante uma preleção na capela, desafiou os formandos a dedicar dois anos, após a graduação, compartilhando nossa fé com estudantes universitários enquanto tínhamos mais ou menos a mesma faixa etária. Aquilo fez sentido para mim e decidi adiar meus planos de ir para um seminário e, por dois anos, juntei-me ao grupo da Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo. Fui enviado para integrar o grupo da Universidade de Northern Illinois.

Entre os membros do grupo havia uma jovem chamada Jan Coleman, que havia estudado na Universidade de Dakota do Norte. Cheia de vivacidade e extrovertida, ela passava uma ideia de confiança, independência e força. Ela era inteiramente dedicada à causa de Cristo e comprometida com o evangelismo. Além disso, com sua silhueta esguia, cabelos castanhos na altura da cintura e enormes



olhos castanhos, ela era muito atraente! Por coincidência ela tinha planos de se matricular no mesmo seminário que eu. Bem, uma jovem como ela estava fora do meu alcance, mas não pude evitar e sentir atraído por sua beleza. E como milagres acontecem, enquanto eu trabalhava com os rapazes e ela com as garotas do campus, nós nos apaixonamos e decidimos casar no final daquele mesmo ano.

Voltamos os olhos então para um mestrado em filosofia sob a orientação do Dr. Norman Geisler, no Trinity Evangelical Divinity School, ao norte de Chicago. Um dos requisitos para ser aceito nesse programa era passar em um exame na área de filosofia; assim, durante o ano seguinte, enquanto me preparava para esse exame, eu li e fiz anotações detalhadas na obra monumental de Frederick Copleston, com nove volumes, *History of Philosophy*. Foi nela que aprendi acerca da extensa história do pensamento judaico, muçulmano e cristão sobre o argumento que Hackett estava defendendo. E decidi que, se algum dia eu conseguisse chegar ao doutorado, minha tese seria a respeito desse argumento.

Passamos dois anos maravilhosos no Trinity, estudando com grandes mestres como Paul Feinberg, David Wolfe, John Warwick Montgomery, David Wells, John Woodbridge, J. I. Packer, Clark Pinnock e Murray Harris. Concluí meus mestrados em filosofia da religião e história da igreja. O tempo que passamos no Trinity acabou se tornando um passo crucial na jornada que Deus tinha para nós.

Jan e eu aprendemos juntos que o Senhor normalmente só iluminava o caminho o suficiente para o próximo passo, sem que soubéssemos o que estava mais a frente. Assim, certa noite estávamos sentados depois do jantar, conversando sobre o que fazer depois do término do mestrado. Nenhum de nós dois tinha a mais vaga ideia do que deveríamos fazer a seguir.

Em determinado momento, Jan me disse: Bem, se dinheiro não fosse o problema, o que você realmente *gostaria* de fazer depois do mestrado? .

“Se dinheiro não fosse o problema, eu gostaria de ir para a Inglaterra e fazer um doutorado sob a orientação de John Hick .

“Quem é ele?” — perguntou Jan.

“Ele é um famoso filósofo britânico que escreveu muitas coisas a respeito dos argumentos em favor da existência de Deus. Se pudesse estudar com ele, eu poderia desenvolver o argumento cosmológico em favor da existência da Deus”.

Mas aquela ideia me parecia bem pouco realista.

Na noite seguinte, Jan me deu um pedaço de papel onde estava escrito o endereço de John Hick. Fui até a biblioteca hoje e descobri que ele está na Universidade de Birmingham, na Inglaterra. Por que você não escreve para ele e pergunta se você poderia fazer seu doutorado com ele, e escrever sobre o argumento cosmológico? .

Que mulher incrível! Fiz o que ela sugeriu e, para nosso espanto e alegria, o professor Hick me escreveu dizendo que teria o maior prazer em ser meu orientador nesse tema. Então, a porta estava aberta! O único problema era que a Universidade de Birmingham exigia uma declaração de um banco assegurando que tínhamos *todo* o dinheiro necessário para *todo* o tempo que eu precisasse para concluir o doutorado. (Eles não queriam ver estudantes estrangeiros desistindo do doutorado no meio do caminho por falta de fundos).

Bem, nem preciso dizer que não tínhamos todo esse dinheiro. Para dizer a verdade, éramos mais pobres do que ratos de igreja. Nosso apartamento no Trinity era tão pequeno que, quando eu estava deitado no colchão em que dormíamos, no chão, eu conseguia tocar a geladeira com o pé. Costumávamos até cortar pratos de papel na metade para economizar. (Isso nos rendeu certa vez um momento embaraçoso, pois convidamos Dr. Woodbridge para comer um doce, e a Jan, que nem se lembrou dos nossos pratos cortados, teve que servir-lhe um pedaço de torta em metade de um prato de papel! Sendo extremamente gentil, ele nunca disse uma palavra sequer sobre o episódio.)

Lá no fundo sentíamos que o Senhor estava nos chamando a ir para a Inglaterra fazer aquele doutorado. Naquela época as universidades britânicas passavam por um período difícil e não disponibilizavam bolsas para estudantes estrangeiros. Tivemos que arrumar o dinheiro

por conta própria. Então, começamos a orar, todos os dias, de manhã e à noite, para que o Senhor providenciasse o dinheiro necessário.

Marcamos uma visita com um empresário que não era cristão, mas tinha investido no sustento de Jan no grupo da Cruzada Estudantil e explicamos a ele o que acreditávamos que Deus estava nos chamando a fazer. E foi essa pessoa que nos deu — não emprestou, mas *deu* — todo o dinheiro que precisávamos para o doutorado! Foi uma das mais incríveis provisões de Deus que eu já vi. Então, Jan e eu sentimos que o Senhor tinha miraculosamente nos arrancado dali e nos transportado para a Inglaterra, para fazer aquele doutorado.

De fato escrevi sobre o argumento cosmológico, sob a orientação do professor Hick, e mais tarde publiquei três livros baseados na minha tese de doutorado. Tive a oportunidade de explorar as raízes históricas do argumento defendido por Hackett e também pude aprofundar e avançar em sua análise. Também descobri ligações bastante surpreendentes com a cosmologia e astronomia contemporâneas.

Em função de suas raízes históricas na teologia islâmica medieval, batizei o argumento de Hackett de “argumento cosmológico *kalam*” (*kalam* é o termo árabe para teologia medieval). Hoje este argumento, que fora amplamente esquecido desde a época de Kant, está de volta ao centro da discussão. O *The Cambridge Companion to Atheism* (2007) relata que “uma contagem dos artigos nos periódicos de filosofia mostra que foram publicados mais artigos sobre a defesa que Craig faz do argumento *kalam* do que os que foram publicados sobre quaisquer outras formulações contemporâneas escritas por outros filósofos acerca do argumento em favor da existência de Deus. [...] Tantos ateístas quanto não ateístas ‘não conseguem deixar de falar sobre o argumento *kalam*, de Craig’” (p. 183).

Agradeço ao Senhor por ter me proporcionado o privilégio de estudar esse argumento histórico. No próximo capítulo falarei a respeito dele.





CAPÍTULO 4

POR QUE O UNIVERSO COMEÇOU?

Os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos (Sl 19.1).

Quando era menino, não me perguntava apenas sobre a existência do universo, mas também como ele havia começado. Recordo-me de estar deitado à noite, tentando imaginar um universo sem começo. Cada evento seria precedido de outro, cada vez mais para trás no passado, sem um ponto de parada — ou, mais precisamente, sem um ponto de partida! Um passado infinito, sem um começo. Minha mente titubeava diante dessa perspectiva. Isso me parecia inconcebível. Deve ter havido um começo, em algum ponto, pensava eu, para que tudo começasse.

E mais uma vez, mal suspeitava que por séculos — ou melhor, por milênios — a humanidade vinha lutando com essa ideia de um passado infinito e com a questão de ter havido ou não um começo absoluto. Os antigos filósofos gregos acreditavam que a matéria era necessária, não criada e, portanto, eterna. Deus podia ser responsável por colocar ordem no universo, mas ele mesmo não o havia criado.

Essa visão grega sobre o assunto contrastava com o pensamento judaico, ainda mais antigo. Escritores hebreus defendiam que não existira sempre, mas fora criado por Deus em algum momento do passado. Como está escrito no primeiro versículo das Escrituras hebraicas: “No princípio, Deus criou os céus e a terra”.

Mais para frente essas duas tradições contrastantes começaram a interagir. Então, surgiu na filosofia ocidental um debate contínuo, que durou por bem mais que mil anos, sobre a questão de o universo ter ou não um começo. Esse debate se deu entre judeus, muçulmanos e cristãos, tanto católicos quanto protestantes. E finalmente precipitou-se para um final inconclusivo no pensamento do grande filósofo do século xvii, Immanuel



Al-Ghazali nasceu aproximadamente entre 1055 e 1058 da era cristã. Quando estava com trinta e poucos anos sua erudição chegou ao conhecimento do grão-vizir dos seljúcidas, que o nomeou mestre de uma prestigiosa madraçal (escola) de Bagdá. Ele tornou-se um homem de grande influência na corte e um confidente do sultão. Porém, seu estudo da literatura sufista o levou à conclusão de que era impossível viver segundo os altos padrões éticos de

sua religião e, ao mesmo tempo, viver em meio à riqueza dos homens poderosos, pois ele está dando apoio a seu modo de viver corrupto. Assim, em 1095 ele deixou Bagdá em busca de uma vida mais simples. Ensinou em escolas menores até 1106, quando voltou a dar aulas em uma famosa madraçal para, segundo ele, corrigir a confusão teológica que imperava entre as pessoas. Al-Ghazali morreu em sua cidade natal, em 1111.

Kant. Ele defendia, ironicamente, que os *dois lados* tinham argumentos racionalmente convincentes, levando assim à falência da própria razão!

O argumento de Al-Ghazali

Mas, afinal, qual foi o argumento que causou tamanha controvérsia? Vamos ouvir agora um dos maiores e mais brilhantes especialistas medievais. Al-Ghazali foi um teólogo muçulmano do século XII que viveu na Pérsia, atual Irã. Sua preocupação era que os filósofos muçulmanos de sua época estavam sendo influenciados pela antiga filosofia grega a negar que Deus havia criado o universo. Eles sustentavam que o universo necessariamente fluía de Deus e, portanto, não tinha um início.

Depois de haver estudado a fundo os ensinamentos desses filósofos, Al-Ghazali escreveu uma crítica intimidadora da perspectiva deles, intitulada *A incoerência dos filósofos*. Nessa obra fascinante ele argumenta que a ideia de um universo sem princípio é absurda. O universo tem que ter tido um princípio e, uma vez que nada começa sem uma causa, deve ter tido um Criador transcendente.



Al-Ghazali estruturava seu argumento de forma bem simples: “Todo ente que começa a existir tem uma causa; ora, o universo é um ente que começou a existir; logo, ele possui uma causa para ter começado a existir”.¹

Uma vez mais podemos sintetizar o raciocínio de Al-Ghazali em três simples premissas:

1. Tudo que começa a existir tem uma causa.
2. O universo começou a existir.
3. Logo, o universo tem uma causa.

Esse argumento é tão maravilhosamente simples que é simples de memorizar e de compartilhar com outras pessoas. É também um argumento logicamente inescapável. Se as duas premissas são verdadeiras, então a conclusão necessariamente é verdadeira. Assim, quem quer que queira negar a conclusão deve considerar ou a premissa 1 ou a premissa 2 como falsa. Então, a questão central é a seguinte: é mais provável que esses argumentos sejam verdadeiros ou falsos? Vamos examinar cada uma dessas premissas por vez.

PRIMEIRA PREMISSA

Tudo que começa a existir tem uma causa.

Acredito que a primeira premissa é praticamente impossível de ser negada por qualquer pessoa que esteja sinceramente em busca da verdade. Para que algo viesse a existir *sem qualquer causa* seria o mesmo que vir a existir a partir do nada. E isso é certamente impossível. Vamos ver três razões em apoio a essa premissa:

¹ Al-Ghazali Kitab al-Iqtisad fi'l-I'tiqad, citado em S. de Beaurecueil, “Gazzali et S. Thomas d'Aquin: Essai sur la preuve de l'existence de Dieu proposée dans l'Iqtisad et sa comparaison avec les 'voies' Thomiste”, *Bulletin de l'Institut Français d'Archaeologie Orientale* 46 (1947): 203.

1. *Algo não pode vir a existir a partir do nada.* A alegação de que algo veio a existir a partir do nada é pior do que mágica. Quando um ilusionista tira um coelho da cartola você pelo menos tem o ilusionista, sem mencionar a própria cartola! Mas se você refutar a premissa 1, será levado a pensar que o universo inteiro simplesmente surgiu em algum ponto do passado, sem que tenha havido qualquer razão para isso. No entanto, ninguém acredita *sinceramente* que as coisas, digamos um cavalo ou uma vila de esquimós, possa simplesmente surgir assim do nada, sem ter tido uma causa.

Isso não é ciência para valer! Em *The Sound of Music* [O som da música], quando o capitão Von Trapp e Maria se declaram apaixonados, o que Maria diz? “Nada vem do nada; nada jamais pode vir do nada”. Normalmente não pensamos nos princípios filosóficos como algo romântico, mas Maria estava expressando aqui um princípio fundamental da metafísica clássica (Não há dúvida de que ela foi bem educada em filosofia no convento!).

Pode ser que às vezes alguns cétricos respondam a isso dizendo que na física, as partículas subatômicas (as chamadas “partículas virtuais”) vieram a existir do nada. Ou existam certas teorias sobre a origem do universo que às vezes são descritas em revistas populares como a possibilidade de se tirar algo do nada, de modo que o universo seria uma exceção ao ditado “Nada é de graça”.

Essa resposta dos cétricos representa um deliberado abuso da ciência. As teorias de que estamos falando tem a ver com partículas

UM ARGUMENTO JUDAICO-CRISTÃO-MUÇULMANO

O argumento cosmológico *kalam* surgiu pelo empenho de antigos filósofos cristãos, como João Filopono de Alexandria, para refutar a doutrina de Aristóteles acerca da eternidade do universo. Quando o Islã se difundiu por todo o Egito, ele incorporou essa tradição e desenvolveu sofisticadas versões do argumento. Os judeus conviveram com muçulmanos na Espanha medieval e, com o tempo, levaram

essa tradição para o Ocidente cristão, onde ela foi defendida por Boaventura. Uma vez que cristãos, judeus e muçulmanos partilham de uma crença comum na criação, o argumento cosmológico *kalam* tem gozado de grande apelo entre as religiões, ele ajuda a construir pontes para compartilhar a fé cristã com judeus e especialmente com muçulmanos.



que se originam como uma flutuação de energia contida no vácuo. Para a física moderna, o vácuo não é o que o leigo entende como “vácuo”, ou seja, como nada. Antes, para a física o vácuo é um mar de energia flutuante regido pelas leis da física e que tem uma estrutura física. Dizer a um leigo que com base nessas teorias podemos dizer que algo veio do nada significa distorcê-las.

Se devidamente entendido, o “nada” não significa apenas o espaço vazio. O nada é a total ausência do que quer que seja, até mesmo do próprio espaço. Com tal, a condição de nada não possui literalmente falando nenhuma propriedade, uma vez que não existe nada para ter propriedades! E uma tolice, portanto, o que esses popularizantes da física argumentam quando dizem “O nada é instável” ou “O universo se encapsulou e passou a existir a partir do nada”!

Quando publiquei pela primeira vez meu trabalho sobre o argumento cosmológico *kalam*, em 1979, percebi que os ateístas atacariam a segunda premissa do argumento, que diz que *o universo começou a existir*. Mas não imaginei que eles fossem atrás da primeira premissa, pois isso os exporia como pessoas que não estavam sinceramente em busca da verdade, mas apenas buscando uma refutação acadêmica de um argumento.

Qual não foi a minha surpresa, então, ao ouvir ateístas refutando a primeira premissa com o intuito de escapar do argumento! Por exemplo, Quentin Smith, da Universidade Western Michigan, respondeu afirmando que a posição mais racional a se defender era que o universo veio “do nada, pelo nada e para o nada” — talvez um belo encerramento para um “discurso de Gettysburg” do ateísmo!

Essa simplesmente é a crença do ateísmo. Na verdade, acredito que isso representa um salto de fé bem maior do que crer na existência de Deus. Pois isso é, como sempre digo, literalmente falar do pior do que mágica. Se essa é a alternativa para quem não crê

Metafísica é o ramo da filosofia que se dedica a explorar questões relacionadas à natureza da realidade última. Entre os importantes temas da metafísica estão a natureza da existência, a natureza do tempo e do espaço, a relação entre mente e corpo, a realidade dos objetos abstratos e a existência de Deus.

Ciência POP

Você tem que ficar de olhos bem abertos diante de artigos de revista e reportagens de televisão sobre teorias científicas. A fim de comunicar essas teorias altamente técnicas em linguagem compreensível ao homem comum, os jornalistas inevitavelmente têm que recorrer a metáforas e imagens que podem ser grosseiramente enganosas e imprecisas. A alegação de que os físicos demonstraram a possibilidade de que algo possa vir a existir a partir do “nada” é um desses casos.

² Quentin Smith, *Theism, Atheism, and Big Bang Cosmology*. Oxford: Clarendon Press, 1993, p. 135.

em Deus, então aqueles que não creem não podem jamais acusar aqueles que creem de irracionalidade, pois o que poderia ser mais evidentemente irracional do que isso?

2. *Se algo veio a existir a partir do nada, então se torna inexplicável por que motivo qualquer coisa ou todas as coisas não vieram a existir a partir do nada.* Pense a respeito disto: Por que uma bicicleta ou Beethoven ou um copo de cerveja simplesmente não surgem do nada? Por que somente o universo veio a existir do nada? O que torna essa origem do nada tão discriminatória? Não pode existir no nada algo que favoreça o universo, pois o nada não possui quaisquer propriedades. Nem pode haver algo que constranja o nada, uma vez que não há nada a ser constrangido!



PARA DISCUTIR

Por que você supõe que muitas pessoas inteligentes pensam que faz sentido a hipótese de que o universo possa ter surgido do nada, sem uma causa?

Já ouvi ateístas responderem a esse argumento afirmando que a primeira premissa é verdade para tudo o que existe *no* universo, mas não para o universo *em si*. Mas isso não passa da velha falácia do táxi que encontramos no capítulo 3. Não se pode dispensar o princípio causal com um aceno, como se ele

fosse um táxi, quando já se tem o universo! A primeira premissa não é apenas uma lei da natureza, como a lei da gravidade, que só se aplica no universo. Antes, é um princípio metafísico que controla todos os entes, toda a realidade.

A esta altura é provável que os ateístas repliquem: “Tudo bem. Se tudo tem uma causa, qual é a causa de Deus?” Fico pasmo com a atitude de contentamento com a própria esperteza dos estudantes que costumam fazer essa pergunta. Eles acreditam terem dito algo muito importante ou profundo, quando tudo o que fizeram foi compreender mal a premissa. A primeira premissa não diz que tudo tem uma causa. Antes, ela diz que tudo que *veio a existir* tem uma causa. Algo que seja eterno não precisa de uma causa, uma vez que nunca veio a existir, pois sempre existiu.

Al-Ghazali, portanto, responderia essa pergunta dizendo que Deus é eterno e não causado. Essa não é uma alegação especialmente

criada para Deus, pois é exatamente isso que os ateístas têm dito tradicionalmente a respeito do universo: ele é eterno e não criado. A questão é que temos boas evidências de que o universo não é eterno, mas teve uma origem, e assim os ateístas se veem num beco sem saída quando dizem que o universo passou a existir sem uma causa, o que é um absurdo.

3. *O senso comum e as evidências científicas confirmam a verdade da primeira premissa.* A primeira premissa é continuamente verificada e jamais falseada. É difícil entender como alguém dedicado à ciência moderna poderia negar que a primeira premissa é mais plausivelmente verdadeira do que falsa à luz das evidências.

Penso o mesmo a respeito da primeira premissa do argumento *kalam*, que também acredito ser claramente verdadeira. Se o preço a se pagar pela refutação da conclusão do argumento é refutar a primeira premissa, então o ateísmo está filosoficamente falido.

SEGUNDA PREMISSA

O universo começou a existir.

A premissa mais polemica do argumento é a segunda, que diz que o universo começou a existir. Permita-me apresentar dois argumentos filosóficos e dois argumentos científicos em defesa dessa premissa.

Primeiro argumento filosófico: “Não pode haver um número atualmente infinito de coisas”

Al-Ghazali argumentava que, se o universo nunca tivesse tido uma origem, então deve ter havido um número infinito de eventos passados anteriores a hoje. No entanto, segundo ele, não pode haver um número infinito de coisas. Essa alegação precisa ser cuidadosamente refinada. Al-Ghazali reconhecia que um número *potencialmente*

PARA DISCUTIR

O que você diria a alguém que diz que nada jamais veio a existir, uma vez que tudo é feito de materiais constituintes preexistentes?

infinito de coisas pudesse existir, mas negava que um número *atualmente* infinito de coisas pudesse existir. Vou explicar a diferença.

Infinidade potencial vs. infinidade atual

Quando dizemos que algo é potencialmente infinito, o infinito serve meramente como um limite ideal que nunca é alcançado. Por exemplo, você poderia dividir qualquer distância finita na metade, e depois em quatro partes, e depois em oito, em dezesseis e assim sucessivamente até o infinito. O número de divisões é potencialmente infinito, no sentido de que você poderia ir adiante, dividindo-o ao infinito. Mas você jamais chegaria a dividi-lo por um número “infinito” de partes. Você jamais teria um número infinito atual de partes ou divisões.

Ora, Al-Ghazali não tinha problemas com a existência de infinitos meramente potenciais, pois estes são apenas limites ideais. No entanto, quando se trata de um infinito atual, estamos tratando de um conjunto que não está em crescimento em direção ao infinito como limite, mas que já está completo: o número de elementos que já integram o conjunto é maior do que qualquer número finito. Al-Ghazali alegava que se um número infinito atual de coisas pudesse existir, disso resultariam vários absurdos. Se quisermos evitar esses absurdos, então devemos negar que um número infinito atual de coisas exista. Isso significa que o número de eventos passados não pode ser atualmente infinito. Logo, o universo não pode não ter tido uma origem; antes, o universo começou a existir.

Uma objeção da matemática moderna

Alega-se com bastante frequência que esse tipo de argumento foi invalidado pela evolução da matemática moderna. Na teoria moderna de conjuntos, o uso de conjuntos infinitos atuais já é comum. Por exemplo, o conjunto de números naturais $\{0, 1, 2, \dots\}$ possui um número infinito atual de membros. O número de elementos desse conjunto não é meramente potencialmente infinito, segundo a teoria moderna de conjuntos; antes, o número de elementos desse conjunto é atualmente infinito. Muita gente inferiu equivocadamente

GEORG CANTOR E O INFINITO

Cantor (1845–1918) desenvolveu a teoria moderna dos conjuntos infinitos. O infinito é acusado de tê-lo levado à loucura, mas o mais provável é que uma combinação de *stress* e genética alimentou o que era provavelmente um transtorno bipolar. Vários de seus colegas da matemática se opunham a suas ideias. No entanto, apesar de suas crises de depressão, Cantor continuou a insistir em suas ideias. Ele trocou correspondências com teólogos e até mesmo com o papa Leão XIII sobre o infinito e estava convencido de que os números transfinitos tinham vindo a ele como uma mensagem de Deus.

que esses desenvolvimentos da matemática moderna diminuam o argumento de Al-Ghazali.

Resposta à objeção: realidade vs. ficção

Esses desenvolvimentos da matemática moderna apenas mostram que, se você adotar certos axiomas e regras, então você pode *falar* sobre conjuntos infinitos de modo consistente, sem entrar em contradição. Tudo que esse expediente consegue é mostrar como estabelecer certo *universo de discurso* para se falar com consistência sobre infinitos atuais. Mas esse expediente não faz absolutamente nada em termos de mostrar que tais entidades matemáticas realmente existem ou que um número infinito atual de coisas possa existir. Se Al-Ghazali estiver certo, então esse universo do discurso pode ser considerado apenas como um domínio de ficção, como o mundo de Sherlock Holmes ou como algo que existe apenas em nossa mente.

Além disso, o que Al-Ghazali alega não é que um número infinito atual de coisas envolva uma contradição *lógica*, mas sim que é impossível isso existir na realidade. Fazendo uma analogia, a alegação de que *algo veio a existir a partir do nada* não é logicamente contraditória, mas, ainda assim, é impossível em termos reais. Esses argumentos da matemática moderna, longe de diminuir o argumento de Al-Ghazali, podem na verdade reforçá-lo, proporcionando a nós uma compreensão da estranha natureza do infinito atual.

O hotel de Hilbert

O modo como Al-Ghazali traz à tona a real impossibilidade de um número infinito atual de coisas é imaginando o que seria se tal conjunto pudesse existir, e então extraindo dessa hipótese as consequências absurdas. Permita-me compartilhar com você uma das minhas ilustrações favoritas, chamada o “hotel de Hilbert”, pois é fruto da imaginação do grande matemático alemão, David Hilbert.

Hilbert primeiro nos convida a imaginar um hotel comum, com um número finito de quartos. Suponha que todos os quartos estejam ocupados. Se chegar mais alguém na recepção do hotel em



busca de um quarto, o atendente dirá: “Desculpe, estamos completamente lotados”, e a história acaba por aí.

Mas agora, seguindo a analogia de Hilbert, suponha que existisse um hotel com um número infinito de quartos, e imagine que os quartos estivessem também todos ocupados. Esse fato deve ser claramente analisado. Não há uma única vaga em todo esse infinito número de quartos do hotel; cada quarto já está ocupado por alguém. Agora suponha que chegue mais uma pessoa ao hotel em busca de um quarto na recepção. O atendente dirá: “Certo, senhor, e começara a transferir a pessoa do quarto 1 para o quarto 2, a do quarto 2 para o quarto 3 e assim sucessivamente até o infinito. Em consequência dessa mudança de quartos, o quarto 1 passa a ter uma vaga, e a pessoa que está na recepção registra-se no hotel toda satisfeita. Mas antes que ela chegasse, todos os quartos estavam ocupados!



E a coisa fica pior! Vamos supor agora, como diz Hilbert, que uma *infinitude* de novos hóspedes aparece na recepção à procura de



quartos. “Sem problema, sem problema”, diz o gerente. E então ele passa a pessoa que está no quarto 1 para o quarto 2, a do quarto 2 para o quarto 4, a do quarto 3 para o quarto 6 e assim por diante, a cada vez passando a pessoa para um quarto que é o dobro do número daquele em que antes estava. Uma vez que qualquer número multiplicado por dois é um número par, todos os hóspedes acabam acomodados em quartos pares. Como resultado, todos os quartos de número ímpar ficam vagos, e aquela infinidade de novos hóspedes que havia chegado à recepção é facilmente acomodada. Na verdade, o gerente pode fazer esse mesmo procedimento inúmeras, infinitas vezes, sempre acomodando infinitamente novos hóspedes. E, contudo, antes que eles chegassem, todos os quartos já estavam cheios!

Como um estudante certa vez me disse, se o hotel de Hilbert pudesse de fato existir teria que ter uma placa onde estaria escrito:

“Não há vagas (hóspedes são bem-vindos)”. Mas o hotel de Hilbert é ainda mais estranho do que o grande matemático alemão o criou para ser. Pois apenas faça a si mesmo a seguinte pergunta: O que aconteceria se alguns dos hóspedes comesçassem a deixar o hotel? Vamos supor que todos os hóspedes que estão em quartos ímpares resolvessem deixar o hotel. Nesse caso, um número infinito de pessoas teria deixado o hotel — na verdade, o mesmo número infinito de pessoas que teria permanecido. E, contudo, o número de pessoas hospedadas não diminuiria, mesmo as pessoas dos ímpares tendo resolvido deixar o hotel. Esse número é simplesmente infinito! Ora, vamos supor que o gerente não goste da ideia de ter um hotel com metade dos quartos vagos (pois isso não parece uma boa coisa para o negócio). Não há com que se preocupar! Basta apenas passar os hóspedes para outros quartos, como ele já fizera antes, só que desta vez fazendo em ordem contrária, que ele transformará um hotel com metade dos quartos vagos em um hotel lotado!

Ora, você deve estar pensando que, com esse tipo de manobras, o gerente sempre poderá manter esse estranho hotel com sua lotação máxima. Mas você está enganado. Pois suponha que os hóspedes dos quartos 4, 5, 6,... deixem o hotel. Com um simples estalar de

dedos o hotel estaria literalmente vazio, o registro de hóspedes estaria reduzido a apenas três nomes e o infinito estaria convertido em algo finito. E, ainda assim, seria verdade dizer que o *número* de hóspedes que deixou o hotel dessa vez é o *mesmo* que deixou quando os quartos ímpares foram desocupados. Será que um hotel assim pode de fato existir na realidade?

O hotel de Hilbert é um absurdo. Uma vez que nada nos prende à ilustração envolvendo o hotel, esse argumento pode ser generalizado para demonstrar que a existência de um número infinito atual de coisas é um absurdo.



PARA DISCUTIR

Nada em nosso universo pode ser atualmente infinito. Mas o que dizer sobre Deus — que está além do nosso universo? Em que sentido Deus é infinito? Por que isso importa?

Respostas à ilustração de Hilbert

Algumas vezes as pessoas reagem a essa ilustração dizendo que os absurdos resultam em função do fato de o conceito de infinidade estar além da nossa compreensão e, por isso, não podermos compreendê-lo. Mas essa resposta é errônea e ingênua. Como já disse, a teoria do conjunto infinito é um ramo bem compreendido e altamente desenvolvido da matemática moderna. Os absurdos são fruto do fato de entendermos sim a natureza do infinito atual. Hilbert era esperto e soube muito bem como ilustrar as bizarras consequências da existência de um número infinito atual de coisas.

Na verdade, a essa altura só resta aos críticos de Hilbert morder a isca e dizer que o hotel de Hilbert não é um absurdo. Às vezes alguns críticos tentarão justificar essa atitude dizendo que se um infinito atual pudesse existir, então situações como essas que foram descritas seriam exatamente as situações que deveríamos esperar. Mas essa é uma justificativa inadequada. Obviamente, Hilbert concordaria que se um infinito atual pudesse existir, a situação descrita nessa ilustração é a que deveríamos esperar. Do contrário, a ilustração dele não seria uma boa ilustração! Mas a questão é se seria realmente possível existir um hotel como esse.



Além disso, os críticos não podem simplesmente morder a isca quando se tratar de certas situações, como as hipóteses em que os hóspedes começam a deixar o hotel, pois aqui temos uma contradição lógica: subtraímos quantidades idênticas de quantidades idênticas e acabamos com resultados não idênticos. É por isso que na matemática é proibido subtrair infinito de infinito. Porém, embora possamos puxar as orelhas de um matemático que tente quebrar essa proibição, não podemos impedir pessoas de deixarem o hotel quando estamos falando da vida real.

Por isso, acredito que o argumento de Al-Ghazali é um bom argumento. Ele mostra que o número de eventos passados deve ser finito. Portanto, o universo deve ter tido uma origem.



PARA DISCUTIR

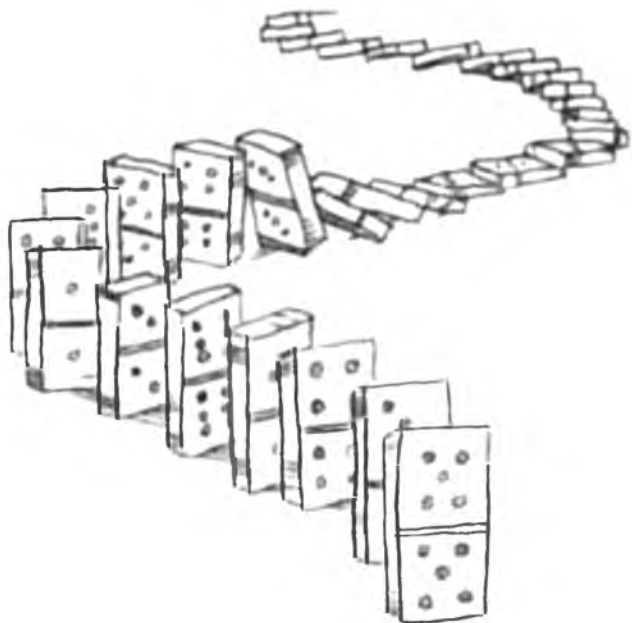
Al-Ghazali demonstrou que um número infinito de eventos passados é impossível. E quanto ao futuro? Ele é atualmente infinito ou apenas potencialmente infinito? De que modo a eternidade difere de um número infinito de momentos no tempo?

Segundo argumento filosófico: “Você não pode passar por um número infinito de elementos um de cada vez”

Al-Ghazali tem um segundo e independente argumento para explicar a origem do universo. Logo, aqueles que negam que o universo teve uma origem têm que refutar não somente seu primeiro argumento, mas também esse segundo argumento, uma vez que um não depende do outro.

Contando até o infinito (ou a partir dele)

Segundo Al-Ghazali, a cadeia de eventos passados se formou pelo acréscimo de um evento em seguida do outro. Essa cadeia é como uma fileira de dominós que vão caindo, um depois do outro, até chegar ao último dominó, que seria a nossa época. Porém, segundo argumenta Al-Ghazali, nenhuma sequência formada pelo acréscimo de um elemento depois do outro pode ser um infinito atual, pois você não poderia passar por um número infinito de elementos um de cada vez.



Isso é fácil de ver quando se tenta contar até o infinito. Não importa até que ponto você consiga chegar, pois sempre restará um número infinito para contar.

Mas se você não pode contar *até* o infinito, como poderia fazer uma contagem regressiva *a partir do* infinito? Seria o mesmo que tentar fazer uma contagem regressiva de todos os números negativos terminando no zero: ..., -3, -2, -1, 0. Parece loucura. Pois antes que você pudesse chegar ao zero, teria que passar pelo -1, e antes que pudesse chegar ao -1 teria que passar pelo -2 e assim por diante até o infinito. Assim, antes que você pudesse contar qualquer número teria que contar primeiro uma infinidade de números. Você seria empurrado cada vez mais para trás de modo que nenhum número jamais poderia ser contado.

Mas assim, se um número infinito tivesse que cair primeiro o ultimo dominó jamais poderia cair. E assim não poderíamos chegar à nossa época, ao dia de hoje. Mas obviamente chegamos! Isso mostra que a cadeia de eventos passados deve ser finita e ter tido um começo, uma origem.



Uma objeção: “Podemos chegar ao presente de qualquer ponto do passado”

Alguns críticos disseram em resposta a esse argumento que mesmo na hipótese de um passado sem um começo, qualquer evento passado está apenas a uma distância finita do presente. Compare a sequência de números negativos: ..., -3, -2, -1, 0. Essa sequência não tem um começo; no entanto, qualquer que seja o número que você escolha, digamos, o -11 ou o -1.000.000 ou qualquer que seja o número, ele estará apenas a uma distância finita do zero. Mas a distância finita de qualquer evento passado em relação ao presente é facilmente ultrapassada, assim como pode fazer uma contagem regressiva até zero a partir de qualquer número negativo que escolher.

Resposta à objeção: a falácia de composição

Essa objeção comete uma falácia lógica chamada “falácia de composição”. Ela consiste em confundir a propriedade da *parte* com a propriedade do *todo*. Por exemplo, as partes de um elefante podem ser leves em termos de peso, mas isso não significa que o elefante inteiro seja leve!

No caso em questão, somente pelo fato de cada *parte* finita de uma sequência poder ser ultrapassada ou submeter-se a uma contagem regressiva isso não significa que *toda* a sequência infinita também possa. Os críticos cometeram, portanto, uma falácia elementar. A questão não é como qualquer parte finita do passado pode ser formada pelo acréscimo de um evento depois do outro, mas sim como o todo, ou seja, todo o passado sem uma origem pode ser formado pelo acréscimo de um evento em seguida do outro.

Mais dois absurdos

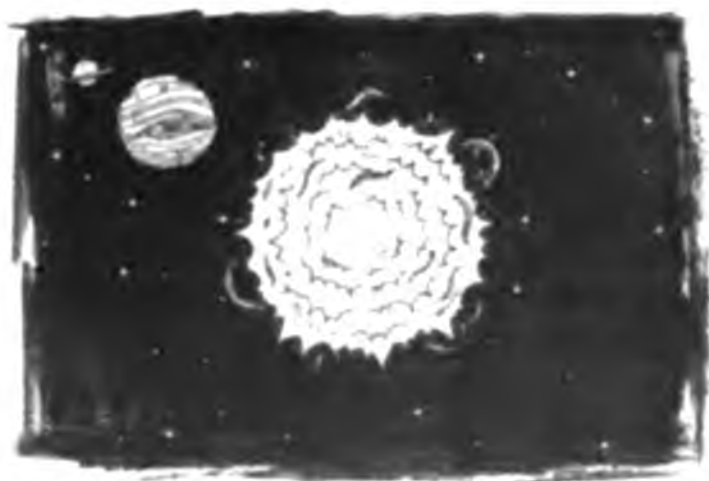
Al-Ghazali procurou aumentar a impossibilidade de se formar um passado infinito ao dar ilustrações dos absurdos que resultariam se essa hipótese fosse possível. Por exemplo, suponha que para cada órbita completa que Saturno dá em volta do Sol, Júpiter complete

A FALÁCIA DE COMPOSIÇÃO

Cada uma das partes de um elefante pode não ser pesada, mas isso não significa que o elefante inteiro não seja pesado!

duas. Quanto mais voltas ele der, mais atrás Saturno ficará. Se continuarem dando voltas eternamente em torno do Sol, ambos chegarão a um limite no qual Saturno estará infinitamente atrás de Júpiter. Os dois planetas, obviamente, jamais chegarão a esse limite na realidade.

Agora, porém, vamos imaginar o contrário: Vamos supor que Júpiter e Saturno estejam dando voltas em torno do Sol desde a eternidade. Qual deles terá dado mais voltas completas? A resposta é que o número de voltas que os dois planetas deram é exatamente o mesmo: infinito! (Não permite que alguém tente escapar desse argumento dizendo que o infinito não é um número. Para a matemática moderna é um número, o número de elementos do conjunto $\{0, 1, 2, 3, \dots\}$.) Mas isso parece absurdo, pois quanto mais voltas eles derem mais aumentará a distancia entre eles. Então, como o número de voltas se tornou magicamente igual pelo fato de fazê-los dar voltas desde a eternidade?



Outra ilustração: Vamos supor que encontremos alguém que alega estar fazendo uma contagem regressiva desde a eternidade e que está prestes a terminá-la: $\dots -3, -2, -1, 0$! Nossa! Por que, podemos perguntar, ele está terminando sua contagem justamente hoje?



Por que não terminou ontem ou anteontem? Afinal, até esse ponto uma porção infinita de tempo já teria decorrido. Assim, se essa pessoa estivesse contando à velocidade de um número por segundo, ela já teria tido um número infinito de segundos para terminar sua contagem. Ele já deveria tê-la terminado! Na verdade, em qualquer ponto do passado, ele já teria tido um número infinito de segundos e já deveria ter acabado de contar. Mas então não podemos encontrar em nenhum ponto do passado essa pessoa terminando sua contagem, o que contradiz sua hipótese de que ele vinha contando desde a eternidade.

Essas ilustrações apenas reforçam a alegação de Al-Ghazali de que nenhuma sequência formada a partir do acréscimo de um elemento depois do outro pode ser um infinito atual. Uma vez que a sequência de eventos passados tem sido formada pelo acréscimo de um evento após o outro, ela não pode ser infinita em termos atuais. Deve ter tido um começo, uma origem. Assim, temos um segundo bom argumento para a segunda premissa do argumento cosmológico *kalam* que diz que *o universo começou a existir*.

Primeiro argumento científico: a expansão do universo

Um dos mais espantosos avanços da moderna astronomia, que Al-Ghazali jamais teria antecipado, é o fato de que agora temos fortes evidências científicas em favor da origem do universo. Sim, a ciência fornece uma das mais dramáticas evidências em favor da segunda premissa do argumento cosmológico *kalam*. A primeira confirmação científica de que houve uma origem vem da expansão do universo.

O “Big Bang”

Ao longo de toda a história, a humanidade assumia que o universo como um todo era imutável. É evidente que as coisas no universo se movimentavam e mudavam, mas o universo em si ficava lá, imutável, por assim dizer. Esse pressuposto também valia para Albert

Einstein, quando ele começou a aplicar ao universo, em 1917, a sua nova teoria da gravidade, chamada “teoria geral da relatividade”.

Mas Einstein percebeu que havia alguma coisa terrivelmente errada. As equações dele descreviam um universo que estava explodindo como um balão ou entrando em colapso sobre si mesmo. Perplexo, Einstein “resolveu” o problema camuflando suas próprias equações, acrescentando a eles um novo termo para permitir que o universo andasse por essa corda bamba entre as hipóteses de explosão e a de implosão.



PARA DISCUTIR

Por que supomos que Einstein possa ter se sentido desconfortável com a ideia de que o universo não era permanente e imutável?

Durante a década de 1920 o matemático russo Alexander Friedman e o astrônomo belga Georges Lemaître decidiram tomar as equações de Einstein por seu valor aparente, e como resultado disso cada um deles chegou a um modelo independente de expansão do universo. Em 1929, o astrônomo americano Edwin Hubble, através de incansáveis observações no Observatório de monte Wilson, fez uma surpreendente descoberta que comprovava as teorias de Friedman e Lemaître. Ele descobriu que a luz vinda de galáxias distantes parecia ser mais vermelha do que se esperava. Esse desvio da luz para o vermelho devia-se mais possivelmente ao alongamento das ondas de luz à medida que as galáxias se moviam para longe de nós. Para onde quer que apontasse seu telescópio no céu noturno, Hubble observava esse mesmo desvio da luz para o vermelho vindo das galáxias. Parecia que estávamos no centro de uma explosão do cosmos, e todas as demais galáxias estavam se afastando de nós a velocidades fantásticas!

Ora, segundo os modelos de Friedman e Lemaître, não estávamos *realmente* no centro do universo. Antes, o que acontecia era que um observador, em *qualquer* galáxia que estivesse, olharia e veria as demais galáxias se afastando dele também. Não havia um centro no universo. Segundo essa teoria, isso acontecia porque era o próprio espaço que estava expandindo. As galáxias na verdade estavam em repouso no espaço, mas elas se afastavam uma da outra à medida



que o próprio espaço se expandia. Para visualizar esse conceito tão difícil, imagine um balão que tivesse botões colados à sua superfície (Fig. 1). Como estão colados ao balão, os botões não se movem pela sua superfície. Mas à medida que você enche o balão, os botões vão se afastando cada vez mais uns dos outros, pois o balão vai ficando cada vez maior. Observe que a superfície do balão não tem um centro. (Há um ponto central dentro do balão, mas nós estamos nos concentrando apenas em sua *superfície*). No entanto, um observador que estivesse em qualquer um desses botões sentiria como se estivesse no centro da expansão, pois ele olharia ao redor e veria todos os demais botões se afastando dele.

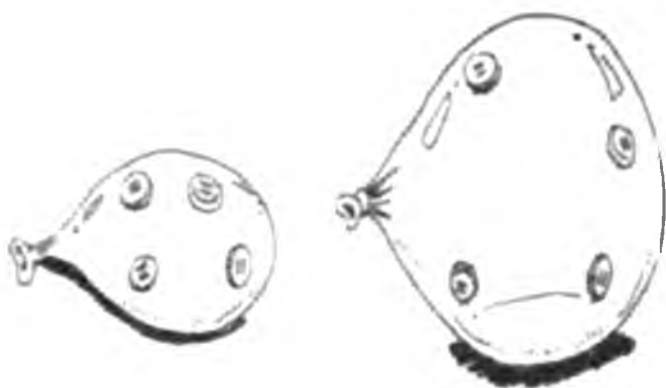


Fig. 1

Ora, a superfície bidimensional do balão serve como uma ilustração para o nosso espaço tridimensional, e os botões representam as galáxias no espaço. As galáxias na verdade estão em repouso no espaço, mas elas se afastam umas das outras à medida que o espaço se expande. Assim como não há um centro para a superfície do balão, não há um centro do universo.

O modelo Friedman-Lemaître veio mais tarde a ser conhecido como a teoria do big bang. Mas esse nome pode ser enganoso. Pensar na expansão do universo como uma espécie de explosão pode nos levar erroneamente a pensar que as galáxias estão se movendo em um espaço preexistente, vazio, a partir de um ponto central.

Mas isso seria uma visão completamente errada do modelo, pois o big bang não aconteceu em algum ponto de um espaço preexistente, vazio.

(Pode ser que você pergunte: “Mas e o que me diz daquele ponto central no interior do balão?”), Ah, você está esquecendo de que a analogia para o espaço é a *superfície* do balão! A superfície bidimensional do balão é o que existe em um mundo tridimensional, no qual está se expandindo. No entanto, no modelo Friedman-

Lemaître não existe um mundo superior, quadridimensional, para o qual nosso espaço tridimensional esteja se expandindo. Assim, não há nada correspondente ao espaço interno do balão ou externo a ele.)

Portanto, não devemos nos deixar levar pela ideia errada de pensar no big bang como a explosão de uma esfera super densa de matéria dentro do espaço vazio. A teoria é muito mais radical do que isso.

A origem do tempo

A medida que traçamos a expansão do universo no tempo, tudo começa a ficar cada vez mais perto. Se o balão do nosso exemplo não tivesse um tamanho mínimo, mas pudesse encolher e encolher cada vez mais, com o tempo a distância entre dois pontos quaisquer na superfície do balão se reduziria a zero. Segundo o modelo Friedman-Lemaître, é isso o que acontece com o espaço à medida que se volta no tempo. Chegará um momento em que a distância entre dois pontos se tornará zero. Não tem como ficar mais perto do que isso! Então, quando chegar a esse ponto você terá chegado ao limite espaço e tempo. Espaço e tempo não têm como se expandir além desse ponto. E literalmente falando a origem do espaço e tempo.

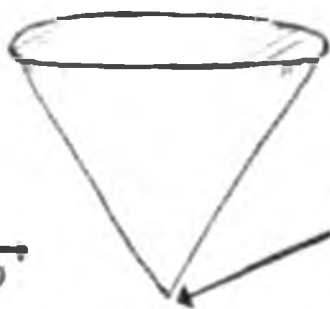
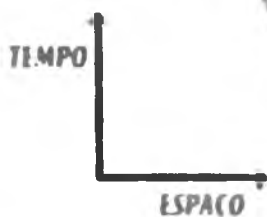
Para visualizar isso de que estamos falando, podemos retratar nosso espaço tridimensional como uma superfície bidimensional que vai encolhendo à medida que retrocedermos no tempo (Fig. 2).



PARA DISCUTIR

Considerando que o nome “big bang” é enganoso, por que você supõe que ele pegou? Qual seria um nome melhor para essa teoria?

Tente se concentrar na ideia de que o espaço vazio está se expandindo nesse exato momento, enquanto você lê este livro.



Singularidade
(cosmológica,
 $t=0$)

Fig. 2

Com o passar do tempo, a distância entre dois pontos quaisquer se tornará zero. Assim, espaço-tempo pode ser representado geometricamente como um cone ou funil. O que chama a atenção nessa representação é o fato de que, enquanto um cone pode se expandir indefinidamente em uma direção, ele possui um ponto limite na outra direção. Devido a essa direção representar o tempo e o ponto limite ficar no passado, o modelo implica que o tempo passado é finito e teve uma origem. E porque o espaço-tempo é a arena em que toda a matéria e energia existem, a origem do espaço-tempo é também a origem de toda a matéria e energia. É a origem do universo.

Observe que não há simplesmente nada anterior ao limite inicial espaço-tempo. Mas não nos deixemos enganar pelas palavras. Quando digo “não há simplesmente nada anterior ao limite inicial espaço-tempo”, *não* estou pretendendo dizer que haja algum estado de coisas anterior a isso, e que esse estado seja o nada. Isso seria tratar o nada como se ele fosse algo! Antes, o que pretendo dizer é que no ponto limite, é falso dizer que “haja algo anterior a esse ponto limite”.

O modelo-padrão do big bang, portanto, prevê uma origem absoluta do universo. Se esse modelo estiver correto, temos então uma inacreditável confirmação científica da segunda premissa do argumento *kalam*.



SANTO AGOSTINHO

Por que Deus não fez o mundo antes? No início do quinto século da era cristã, Agostinho de Hipona respondeu que Deus não fez o universo em determinado ponto no tempo, mas sim “simultaneamente com o tempo”. Isto é, ele acreditava que Deus havia criado o tempo e o espaço juntos. Os cosmólogos modernos vieram a concordar que ele estava certo quanto ao espaço e o tempo, e, por isso, não faz sentido perguntar por que o big bang não aconteceu antes.

O modelo-padrão está correto?

Afinal, esse modelo está correto ou, o que é mais importante, ele está correto em prever uma origem do universo? Já vimos que o desvio da luz vermelha vinda de galáxias distantes fornece uma forte evidência do big bang. Além disso, a melhor explicação para a abundância de certos elementos no universo, como o hélio, está na tese de que eles foram formados em um denso e quente big bang. Por fim, a melhor explicação para a descoberta, feita em 1965, de um background cósmico de micro-ondas de radiação é considerá-lo como um vestígio do big bang.

No entanto, o modelo-padrão do big bang precisa ser modificado de várias maneiras. Ele é baseado, como já vimos, na teoria geral da relatividade formulada por Einstein. Mas essa teoria cai por terra quando o espaço é reduzido a proporções subatômicas. Precisamos introduzir nesse ponto a física subatômica e ninguém está bem certo de como isso deve ser feito. Além do mais, a expansão do universo provavelmente não é constante, como no modelo-padrão. Ela provavelmente foi acelerando e teve um breve momento de uma expansão extremamente rápida no passado.

Mas nenhum desses ajustes precisa afetar a previsão fundamental de uma origem absoluta do universo. Na verdade, os físicos têm proposto diversos modelos alternativos ao longo das últimas décadas, desde o trabalho apresentado por Friedman e Lemaître, e provou-se repetidamente que todos os modelos que não se baseavam em uma origem absoluta não eram viáveis. Colocado de forma mais positiva, os únicos modelos fora do padrão que são viáveis são os que envolvem uma origem absoluta do universo. Essa origem pode ou não ter tido um *ponto* inicial. Mas mesmo teorias (como a Stephen Hawking que defende a “não existência de limite”) que não têm um ponto como origem, ainda assim têm um passado finito. Segundo essas teorias, o universo não existiu desde sempre, mas veio

³ J. M. Wersinger, “Genesis: The Origin of the Universe”, *National Forum* (Inverno de 1996), 11, 9, 12.

“A princípio a comunidade científica estava muito relutante em aceitar a ideia do nascimento do universo.”

“O modelo do big bang não apenas parecia aceitar o conceito judaico-cristão da origem do mundo, mas também parecia exigir um ato sobrenatural de criação...”

“Foi preciso tempo, evidências de observação e verificação cuidadosa das previsões feitas pelo modelo do big bang para convencer a comunidade científica a aceitar a ideia de uma gênese cósmica.”

“... O big bang é um modelo muito bem-sucedido... que se fez aceitar por uma relutante comunidade científica.”³ — J. M. Wersinger, Prof. de Física da Universidade de Auburn.

a existir, ainda que isso não tenha acontecido num ponto precisamente definido.

Em certo sentido, a história da cosmologia do século xx pode ser vista como uma única tentativa repetida em série, uma vez depois da outra, de evitar a origem absoluta prevista pelo modelo-padrão do big bang. Infelizmente, fica a impressão aos olhos dos leigos que o campo da cosmologia está sempre dando voltas sem nunca chegar a resultados duradouros. Mas o que os leigos não entendem é que essa enorme fila de teorias falhas serve apenas para *confirmar* o que foi previsto pelo modelo-padrão: que o universo veio a existir. Essa previsão tem permanecido de pé por mais de oitenta anos, ao longo de um período de enormes avanços da observação astronômica e dos trabalhos de criação teórica da astrofísica.

Na verdade, em 2003 parece que chegamos a uma espécie de divisor de águas, quando três proeminentes cientistas, Arvind Borde, Alan Guth e Alexander Vilenkin, conseguiram provar que *qualquer* universo que, em média, tenha estado em expansão ao longo de sua história não pode ser infinito em seu passado, mas têm obrigatoriamente que ter um limite de espaço-tempo passado.

O que torna a prova deles tão potente é o fato de que ela se sustenta *independentemente* da descrição física do próprio universo de origem. Por não termos ainda como fornecer uma descrição física do próprio universo de origem, esse breve momento tem sido terreno fértil para as mais diversas especulações. Um cientista o comparou com aquelas áreas dos mapas antigos onde tem uma legenda “Aqui devem ter existido dragões!”, ou seja, é alvo dos mais diversos tipos de fantasias. Mas o teorema de Borde-Guth-Vilenkin independe de qualquer descrição física daquele momento inicial. Fica implícito no teorema deles que mesmo que nosso universo fosse uma parte minúscula de um suposto multiverso, composto de muitos universos, esse multiverso deve ter tido uma origem absoluta. Vilenkin é franco acerca das implicações:

Diz-se que um argumento é algo que convence pessoas razoáveis e uma prova é algo que convence até mesmo quem não é



MULTIVERSO

Alguns cosmólogos especulam que o universo observável não passa de uma bolha em expansão em um mar muito mais amplo de energia, que também está se expandindo. Uma vez que esse universo mais amplo contém muitas outras bolhas além de nós, ele em geral é chamado multiverso. O teorema Borde-Guth-Vilenkin também se aplica ao multiverso como um todo, e não apenas à cada uma das bolhas dentro dele. Logo, mesmo que exista um multiverso, ele não pode ser eterno em seu passado, mas deve ter tido uma origem. Voltaremos a discutir se existe ou não um multiverso no próximo capítulo.

razoável. Com a prova agora em seu devido lugar, os cosmólogos não podem mais se esconder atrás da possibilidade de um universo de passado eterno. Não há como escapar: eles têm que encarar o problema de uma origem cósmica.⁴

Podemos esperar plenamente que novas teorias serão propostas, na tentativa de evitar o argumento da origem do universo. Tais propostas devem ser bem-vindas, e não temos motivo para pensar que serão mais bem-sucedidas do que as propostas fracassadas que vieram antes delas. É evidente que os resultados científicos são sempre provisórios. No entanto, está bem clara a direção que a evidência aponta. Hoje em dia os proponentes do argumento cosmológico *kalam* se incluem confortavelmente na corrente científica predominante que sustenta que o universo veio a existir, ou seja, teve uma origem.

Segundo argumento científico: a termodinâmica do universo

Como se isso já não bastasse, existe na verdade uma segunda confirmação da ciência sobre a origem do universo, proveniente da segunda lei da termodinâmica. Segundo essa lei, a menos que um sistema esteja recebendo energia, ele se tornará cada vez mais caótico, desordenado. Por exemplo, se você tiver uma garrafa fechada, com vácuo em seu interior, e injetar nela algumas moléculas de gás, esse gás se espalhará de maneira uniforme por todo o interior da garrafa. As chances de que as moléculas de gás possam se aglutinar em um canto da garrafa são praticamente nulas. Isso acontece porque existem muito mais maneiras de as moléculas existirem em estado desordenado do que em estado ordenado.

O fim do mundo

Já no século XIX, os cientistas perceberam que essa segunda lei da termodinâmica implicava em uma previsão sombria para o futuro do

⁴ Alexander Vilenkin, *Many Worlds in One*. New York: Hill and Wang, 2006, p. 176.



LEIS DA TERMODINÂMICA

A ciência da termodinâmica têm suas raízes no trabalho do físico alemão Rudolf Clausius (1822-1888), que recebe os créditos pela formulação da segunda lei. A termodinâmica possui três leis fundamentais: a primeira afirma que a energia em um sistema físico não pode ser criada nem destruída. Isso é conhecido como o princípio da conservação de energia. A segunda lei afirma que um sistema fechado tende a uma crescente desordem, ou entropia, até alcançar o equilíbrio. A terceira lei afirma que à medida que um sistema se aproxima da temperatura de zero absoluto, sua entropia se aproxima de algum valor mínimo.

universo. Dando-se tempo suficiente, toda a energia do universo se espalhará de maneira uniforme por todo o universo, assim como o gás se espalhou uniformemente pelo interior da garrafa. O universo se tornará como uma sopa de nada no qual nenhuma forma de vida será possível. Uma vez que o universo atinja esse estado, não mais será possível qualquer mudança significativa. É um estado de equilíbrio no qual temperatura e pressão são as mesmas em todo lugar. Os cientistas chamam esse estado de “morte térmica” do universo.

Contudo, essa previsão indesejável levantou mais um problema de difícil solução: Se, dado o devido tempo, o universo *estagnará* inevitavelmente em um estado de morte térmica, então, por que o universo *já* não se encontra nesse estado de morte térmica, se já existia desde sempre? Se, dada uma quantidade finita de tempo, o universo chegará a um estado de equilíbrio, então, dado um passado infinito, o universo a esta altura já deveria ter alcançado esse estado de equilíbrio. Mas não alcançou. Estamos em um estado de desequilíbrio em que ainda há energia disponível para ser usada e o universo possui uma estrutura ordenada.

A hipótese dos muitos mundos de Boltzmann

O físico do século XIX, Ludwig Boltzmann, propôs uma ousada solução para esse problema. Ele sugeriu que o universo esteja de fato em um estado de equilíbrio geral. No entanto, exclusivamente por mero acaso, surgirão mais cavidades ordenadas de desequilíbrio aqui e acolá (Fig. 3). Ele se refere a essas regiões isoladas de desequilíbrio como “mundos”. Nosso universo é apenas um desses mundos. Com o tempo, segundo a segunda lei da termodinâmica, ele vai regredir a um estado de desequilíbrio geral.

Os físicos contemporâneos rejeitaram unanimemente a ousa hipótese dos muitos mundos de Boltzmann como explicação para o desequilíbrio que se observa no universo. A falha fatal de sua hipótese é que, se nosso mundo é apenas uma variação ocasional vinda de um estado de equilíbrio geral, então, deveríamos estar observando uma região de ordem bem menor. Sabe por quê? Porque



Equilíbrio é um estado em que todas as forças estão balanceadas e, portanto, não há mudança. No caso do universo, o equilíbrio seria o ponto em que a temperatura e a pressão seriam as mesmas em qualquer lugar do universo. Não haveria galáxias nem estrelas nem planetas.

uma pequena variação proveniente do equilíbrio e algo amplamente mais provável do que a imensa e sustentável variação necessária para criar o universo que vemos diante dos nossos olhos e, contudo, uma pequena variação seria suficiente para nossa própria existência. Por exemplo, uma variação que formasse uma região ordenada que não fosse maior do que nosso sistema solar seria suficiente para que estivéssemos vivos e seria infinitamente mais provável de ocorrer do que uma variação que formasse todo esse imenso universo ordenado que vemos!



Fig. 3

Na verdade, a hipótese de Boltzmann, se consistentemente levada adiante, levaria a um estranho tipo de ilusionismo: realmente vivemos com toda probabilidade em uma região menor de ordem, e as estrelas e os planetas que observamos são meras ilusões, meras imagens dos céus. Pois essa espécie de mundo é muito mais provável do que um universo que, em completo desafio à segunda lei da termodinâmica, venha se afastando do equilíbrio por bilhões de anos para formar o universo que hoje observamos.

Cenários contemporâneos de fim de mundo

A descoberta da expansão do universo, na década de 1920, modificou o tipo de morte térmica previsto com base na segunda lei da termodinâmica, mas não alterou a questão fundamental.

Se o universo vai se expandir para sempre, então ele jamais chegará de fato a um equilíbrio. Devido ao fato de o volume de espaço



estar em constante crescimento, a matéria e a energia sempre terão mais espaço para se espalhar. No entanto, à medida que o universo se expande, a energia disponível vai se esgotando e ele vai se tornando cada vez mais frio, escuro, diluído e sem vida. Com o tempo ele vai se tornar um gás rarefeito de partículas subatômicas que se espalha para sempre na mais absoluta escuridão.

Em contraste, se o universo não estiver se expandindo rápido o bastante, a expansão vai desacelerar até parar e, então, a gravidade começará a tragar todas as coisas em uma enorme condensação catastrófica. Com o tempo, tudo que existe no universo vai se fundir em um gigante buraco negro, de onde o universo jamais sairá.

Quer esse fim seja em chamas ou no gelo, a pergunta fundamental continua sendo a mesma: Se, dado o devido tempo, o universo chegará a esse estado, por que já não está agora nessas condições, se existiu desde sempre?

À medida que entramos nas primeiras décadas do século XXI, descobertas recentes têm indicado que a expansão cósmica está na verdade acelerando-se. Em função de o volume de espaço estar crescendo tão rapidamente, o universo está se afastando cada vez mais de um estado de equilíbrio no qual a matéria e a energia estejam uniformemente distribuídas. Mas essa aceleração da expansão do universo apenas acelera seu desaparecimento. Pois agora as diferentes regiões do universo se tornam cada vez mais isoladas umas das outras no espaço, e cada uma dessas regiões longínquas se torna escura, fria, diluída e sem vida. Então, pergunto mais uma vez: por que nossa região do universo não se encontra nesse estado, se o universo já existe por um tempo infinito?

A origem do universo e as tentativas de evitá-la

A implicação óbvia de tudo isso é que a pergunta que estamos fazendo baseia-se em um falso pressuposto, a saber, a ideia de que o universo existiu por um tempo infinito. Hoje a maior parte dos físicos diria que a matéria e a energia foram simplesmente inseridas no universo como condição inicial, e que o universo vem seguindo

a trilha traçada pela segunda lei da termodinâmica desde sua origem em um tempo finito do passado.

E evidente que foram feitas tentativas no sentido de evitar a origem do universo, previsões que se baseiam nessa segunda lei. Mas nenhuma delas, no entanto, foi bem-sucedida.

Universos oscilantes. Durante a década de 1960, alguns teóricos tentaram elaborar modelos oscilantes de universo, segundo os quais o universo teria estado expandindo-se e contraindo-se, e novamente se expandindo e contraindo desde a eternidade (Fig. 4).

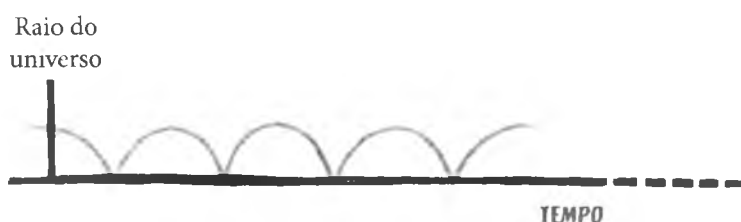


Fig. 4

Contudo, as propriedades termodinâmicas desses modelos implicavam a própria origem que eles foram criados para evitar. Pois a entropia se acumula de um ciclo para outro, tornando cada ciclo mais amplo e mais extenso do que o anterior (Fig. 5). Isso significa que à medida que você retroceder traçando os ciclos no tempo, eles vão ficando cada vez menores até que você chega a um primeiro ciclo e à origem do universo. De fato, os astrônomos estimaram, com base nos atuais níveis de radiação presentes no universo, que o universo não pode ter passado por mais do que cerca de cem ciclos anteriores.

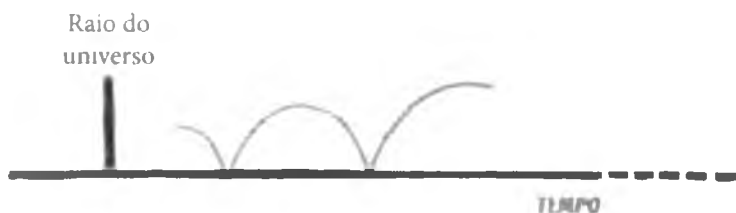


Fig. 5

Universos de bolhas. Mais recentemente, outros estudiosos apresentaram a proposta de que o nosso universo não passa de uma bolha em um “multiverso” bem mais amplo de universos de bolhas (Fig. 6). Eles alegam que a segunda lei da termodinâmica aplica-se somente a essas bolhas, mas não a todo o multiverso em si. Mesmo que essa alegação fosse verdade, no entanto, não faria diferença. Pois já vimos que o teorema Borde-Guth-Vilenkin aplica-se ao multiverso e requer que ele tenha uma origem absoluta.

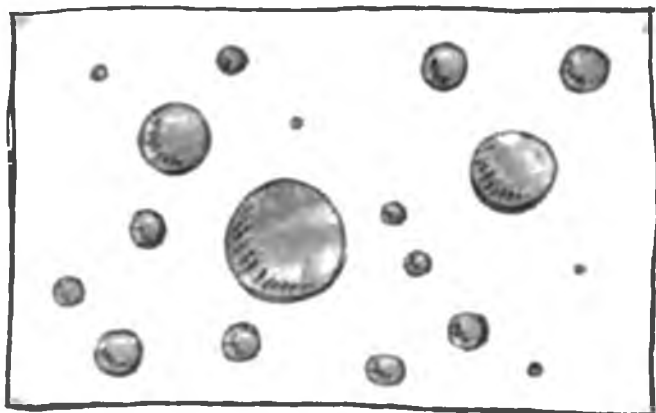


Fig. 6

Universos bebês. Por fim, há conjecturas no sentido de que talvez os buracos negros sejam entradas para “galerias” no tempo e no espaço através das quais a energia se desloca para gerar universos bebês (Fig. 7). Se o “cordão umbilical” que liga o universo mãe ao universo bebê se comprimir e fechar, então este último se tornará um universo independente. Será que talvez esse cenário possa estender-se pelo passado infinito adentro, de modo que somos os descendentes de uma linha infinita de ancestrais?

Lamento, mas essa hipótese não é viável. A segunda lei da termodinâmica ainda se aplica, de modo que esse processo não pode ter se estendido por um tempo infinito. Não apenas isso, mas esse cenário contradiz a física subatômica, a qual requer que a informação que

passa por um buraco negro permaneça no universo. Essa questão foi alvo de uma aposta entre John Preskill e Stephen Hawking, a qual Hawking, em 2004, reconheceu ter perdido. Fazendo um pedido de desculpas aos fãs de ficção científica do mundo todo, Hawking admitiu: Não há sequer um universo bebê em processo de ramificação.”⁵



Fig. 7

E assim, uma vez mais a evidência científica da termodinâmica confirma a verdade da segunda premissa do argumento cosmológico *kalam*. Essa evidência é particularmente impressionante pelo fato de a termodinâmica ser tão bem compreendida pelos físicos que é praticamente um campo completo da ciência. Isso faz com que seja altamente improvável que essas descobertas sejam desmentidas.

Conclusão

Portanto, com base tanto nas evidências filosófica e científica, temos bons motivos para acreditar que o universo veio a existir. E como qualquer coisa que venha a existir tem uma causa, segue-se que o universo tem uma causa.

O universo causou a si mesmo?

O famoso filósofo ateu Daniel Dennett concorda que o universo tem uma causa. Mas ele acredita que essa causa do universo é o

⁵ S. W. Hawking, Information Loss in Black Holes, <http://arxiv.org/abs/hep-th/0507171> (acessado em 15 de setembro de 2005): p. 4.



próprio universo! Sim, ele está falando sério. Ele alega que o universo criou a si mesmo por meio do que chama de “o artifício final de uma sequência de arranque”.⁶

A visão de Dennett é um disparate. Observe que ele não está dizendo que o universo causou a si mesmo no sentido de sempre ter existido. Não, ele está dizendo que o universo trouxe a si mesmo à existência. Ora, mas isso é impossível, pois para que pudesse criar a si mesmo o universo teria que já existir. Ele teria que existir antes de existir. A tese de Dennett é logicamente incoerente.

O Criador pessoal do universo

Portanto, a causa do universo deve ser uma causa transcendente que esteja além do universo. Essa causa tem de ser ela mesma não causada, pois já vimos que uma cadeia de causas infinitas é algo impossível. Ela é, portanto, a causa primeira não causada. Deve transcender o tempo e o espaço, uma vez que foi ela quem criou a ambos. Logo, deve ser imaterial e não física. E deve ser inimaginavelmente poderosa, uma vez que criou toda matéria e energia.

Por fim, deve ser um ser pessoal. Já vimos um dos motivos para essa conclusão no capítulo anterior. Somente uma Mente poderia se encaixar na descrição anterior da causa primeira.

No entanto, permita-me citar um motivo que Al-Ghazali deu para o porquê dessa causa primeira ser pessoal: Esse é o único modo de explicar como uma causa atemporal pode produzir um efeito temporal com uma origem como a do universo.

Eis o problema: Se uma causa é suficiente para produzir seu efeito, então, se a causa está presente, o efeito também deve estar. Por exemplo, a água congela a temperaturas abaixo de zero grau centígrados; a causa do congelamento está na queda da temperatura a zero grau. Se a temperatura tivesse sempre estado abaixo de zero, então a água do mundo inteiro estaria congelada desde a eternidade.

Daniel Dennett, *Breaking the Spell: Religion as a Natural Phenomenon*. Nova Iorque: Viking, 2006, p. 244.

PENSAMENTO ORIENTAL

Algumas pessoas descartam esse tipo de argumento lógico como sendo um exemplo do pensamento ocidental. Dizem elas que no Oriente as pessoas que buscam a iluminação podem ver além dos limites da lógica. Observe, porém, que Al-Ghazali era da Pérsia (atual Irã) e que a Índia hoje está formando um número imenso de cientistas e engenheiros que usam exatamente as mesmas regras da lógica e evidências científicas que o Ocidente vem usando. Então, por que você acredita que tantos ocidentais são atraídos por sistemas de crenças não baseados na lógica, como o Zen budismo?

Seria impossível que a água tivesse *começado* a congelar apenas a um tempo finito atrás. Ora, a causa do universo está permanentemente presente, uma vez que é atemporal. Então, por que o universo também não esteve permanentemente presente também? Por que ele só veio a existir a 13,7 bilhões de anos atrás? Por que o universo não é tão permanente quanto sua causa?

Al-Ghazali sustentava que a resposta para esse problema deve ser que a causa é um ser pessoal dotado de livre arbítrio. A criação do universo por esse ser é um ato de livre vontade que independe de quaisquer condições prévias. Assim, o ato da criação pode ser algo espontâneo e novo. Logo, chegamos não somente a uma causa transcendente do universo, mas ao seu Criador pessoal.

Em minha visão, portanto, a existência de Deus somente, sem o universo, é imutável e atemporal. Seu livre ato de criação é simultâneo ao ato de o universo vir a existir. Portanto, Deus entra no tempo quando cria o universo. Sem o universo Deus é atemporal, com o universo Deus entra no tempo.

O argumento cosmológico *kalam*, portanto, nos fornece bases firmes para acreditar na existência de um Criador pessoal do universo, um Criador sem origem, não causado, atemporal, fora do espaço, imutável, imaterial e imensamente poderoso.

Quando concluí minha tese de doutorado sobre o argumento cosmológico, na Uni-

versidade de Birmingham, o professor Hick levou-a, sem que eu soubesse, para um dos físicos da universidade para que ele checasse as informações científicas. Esse físico disse depois ao professor Hick que tudo estava correto. Quando o professor me devolveu a tese, ele olhou para mim com humor e perguntou: “Por que os teólogos não sabem disso?”. De fato, por quê?!



PARA DISCUTIR

Por que você acha que os teólogos aparentemente desconhecem o argumento *kalam*? Por que acha que argumentos desse tipo não são ensinados aos pastores nos seminários?



ARGUMENTO COSMOLÓGICO *KALAM*

Pró	Contra
1. Tudo que começa a existir tem uma causa → Algo não pode vir do nada O vácuo não é o nada → Do contrário, nada e tudo poderiam vir do nada A experiência confirma esta verdade	A física dá exemplo de coisas que vieram do nada

ARGUMENTO COSMOLÓGICO KALAM (cont.)

Prós	Contras
2 O universo começou a existir	
Não pode existir um número infinito atual de eventos passados	A matemática prova que isso é possível
Os matemáticos estabelecem apenas um universo de discurso	Não entendemos o infinito
O infinito é matematicamente bem entendido	As situações absurdas que você menciona são o que deveríamos esperar se um infinito atual existir
Essa réplica não resolve os absurdos	Podemos alcançar o presente a partir de qualquer ponto do passado
Uma série formada sucessivamente não pode ser atualmente infinita	
Essa réplica comete a falácia de composição	
Se fosse possível, isso resultaria absurdo	
Infinitas diferenças desapareceriam Alguém já teria finalizado	

ARGUMENTO COSMOLÓGICO KALAM (cont.)



Prós	Contras
Expansão do universo Modelos não tradicionais viáveis também preveem uma origem A termodinâmica do universo Esses modelos falham em evitar uma origem	Existem modelos não tradicionais da origem do universo Existem modelos voltados para evitar uma origem
3 Logo, o universo tem uma causa.	
Essa conclusão se segue das premissas 1 e 2. Se fosse assim, o universo teria que existir antes que viesse a existir Essa causa é um Criador pessoal não causado, atemporal, fora do espaço, material e poderoso	O universo causou a si mesmo





CAPÍTULO 5

POR QUE O UNIVERSO ESTÁ PRECISAMENTE AJUSTADO COM A VIDA?

Pois os seus atributos invisíveis, seu eterno poder e divindade, são vistos claramente desde a criação do mundo e percebidos mediante as coisas criadas (Rm 1.20).

Os antigos filósofos gregos ficavam impressionados com a ordem que há por todo o cosmo. As estrelas e os planetas em sua constante evolução pelo céu noturno eram algo que os impressionava de modo especial. Os acadêmicos dedicavam tempo e reflexão consideráveis ao estudo da astronomia, pois, como acreditava Platão, esta era a ciência que despertaria o homem para seu destino divino.

Segundo Platão, havia duas coisas que levavam a humanidade a acreditar em Deus: o argumento sobre a existência da alma e o argumento “sobre a ordem do movimento das estrelas e de todas as coisas sob o domínio de uma Mente que colocara ordem no

ACADEMIA DE PLATÃO

Por volta de 387 a.C. o filósofo grego Platão adquiriu uma casa em um parque conhecido como Academeca, nas cercanias de Atenas, e lá ele abriu uma escola que perdurou por incríveis novecentos anos, até que foi fechada pelo imperador bizantino em 529 d.C. O objetivo de Platão era a busca pela verdade por meio da investigação racional. A Academia atraía tanto pensadores mais experientes quanto jovens estudantes, que exploravam

juntos, por meio do diálogo, questões profundas a respeito da natureza última da realidade, o bem, a alma humana, a lógica, a matemática e a astronomia, bem como a política e a sociedade. Entre os pupilos que vieram estudar na Academia estava um rapaz de dezoito anos chamado Aristóteles, que permaneceu lá até a morte de Platão. A influência da Academia sobre o pensamento e a história ocidentais, por meio daqueles que passaram por ela, é incalculável.



universo” (*Leis* XII, 966e.). Platão usou esses argumentos para refutar o ateísmo e concluiu que deve haver uma “alma superior” que é o “Pai e Criador de tudo”, o “Rei” que colocou ordem no caos

anterior, transformando-o no cosmo racional que observamos hoje (*Leis* X, 893b—899c).



ARISTÓTELES

Uma declaração ainda mais magnífica sobre o *design* divino pode ser encontrada em um fragmento de uma obra perdida de Aristóteles intitulada *Da filosofia*. Ele também ficava tomado de profundo encanto diante da amplitude das hostes brilhantes através do céu noturno da Grécia antiga. Qualquer

pessoa que já tenha pessoalmente se dedicado a estudar os céus deve dar ouvidos a esses filósofos da antiguidade que observavam o céu à noite, intocado pela poluição, e o brilho das luzes noturnas, e assistiam o girar lento mas irresistível do cosmo, repleto com seus planetas, estrelas e constelações conhecidas diante de seus olhos e se indagavam: O que causa tudo isso?

Aristóteles concluiu que a causa era uma inteligência divina. Ele imaginava o impacto que a visão do mundo teria sobre uma raça de homens que tivesse vivido no subterrâneo sem jamais ter visto o céu:

Quando, então, eles tivessem de súbito a visão da terra, dos mares e do céu; quando eles viessem a conhecer a imensidão das nuvens e o poder dos ventos; quando eles vissem o sol e

viessem a conhecer sua grandeza, sua beleza, bem como seu poder de fazer nascer o dia, ao lançar luz sobre o céu; e quando a noite outra vez tivesse lançado suas sombras sobre a terra e quando então eles pudessem admirar o céu salpicado e enfeitado de estrelas; e quando eles pudessem ver as mutantes luzes da lua, à medida que ela se enche e minguar,

e o nascer e o se pôr de todos esses corpos celestiais com seus cursos fixos e imutáveis por toda a eternidade — quando eles

PARA DISCUTIR

Vá para a rua à noite e olhe para o céu. Como o que você vê difere daquilo que Aristóteles deve ter visto? Como você pensa que essa diferença afeta a forma como as pessoas de hoje pensam e se sentem a respeito das estrelas e dos planetas?

admirassem todas essas coisas, eles, com toda certeza teria chegado à conclusão de que os deuses existem e que todas essas coisas maravilhosas são obras de suas mãos (*Da filosofia*).



Em sua *Metafísica*, Aristóteles levou adiante o argumento de que deve existir uma causa primeira não causada, que é Deus — um ser vivo, inteligente, imaterial, eterno e supremamente bom, que é a fonte de toda a ordem do cosmo.

Quem ler as obras desses filósofos da antiguidade não pode evitar pensar nas palavras de Paulo em sua carta aos Romanos: “Pois os seus atributos invisíveis, seu eterno poder e divindade, são vistos claramente desde a criação do mundo e percebidos mediante as coisas criadas (Rm 1.20). Desde os primeiros tempos homens que desconheciam completamente a Bíblia chegaram à conclusão, com base no desenho do universo, que deve existir um Deus.

O renascer do *design* divino

Muitos astrônomos de hoje, em consequência de recentes descobertas, estão chegando a essa mesma conclusão.

Os cientistas costumavam pensar que como quer que tivesse sido o universo em sua origem, dados tempo suficiente e algum acaso, formas de vida inteligente como o próprio ser humano viriam a se desenvolver com o tempo. Devido a descobertas feitas ao longo dos últimos quarenta e poucos anos, hoje sabemos que esse pressuposto estava errado. De fato, a verdade é exatamente o oposto disso.

Os astrônomos ficaram boquiabertos com a descoberta de quão complexo e delicado equilíbrio das condições iniciais deveria estar presente no próprio big bang, para que se tornasse possível existir no universo formas de vida inteligente onde quer que fosse no cosmo. Esse delicado equilíbrio das condições iniciais veio a ser conhecido como o “ajuste preciso” (ou “sintonia fina”) do universo para a vida. O homem veio a descobrir que o universo é precisamente ajustado para a existência de vida inteligente com uma complexidade e delicadeza que literalmente desafiam a compreensão humana.



Quando as leis da natureza são expressas na forma de equações matemáticas, certas constantes figuram com destaque nessas equações. Considere, por exemplo, a famosa lei da gravidade de Newton. Essa lei declara que: $F = Gm_1m_2/r^2$. Segundo essa equação, a força da gravidade, simbolizada por F , é igual ao valor da constante gravitacional G , multiplicada pela massa de dois corpos que estão sendo atraídos um pelo outro, dividida pela distância entre eles ao quadrado. As massas e a distância podem variar dependendo de quais objetos estivermos falando, mas o valor de G é constante.

Dois tipos de ajustes precisos

Há dois tipos de ajustes precisos. O primeiro envolve as constantes da natureza e o segundo envolve certas quantidades físicas arbitrárias.

Constantes da natureza

Vamos falar primeiro das constantes da natureza. O que é uma constante? Quando as leis da natureza são expressas na forma de equações matemáticas, nota-se que aparecem nessas equações certos símbolos que representam quantidades imutáveis, como a força da gravidade, a força eletromagnética e a força subatômica “fraca”. Essas quantidades imutáveis são chamadas constantes. As leis da natureza não determinam o valor dessas constantes. É possível que tivessem existido universos governados por essas mesmas leis da natureza ainda que essas constantes tivessem tido outros valores. Logo, o valor atual das várias constantes não é determinado pelas leis da natureza. Dependendo dos valores dessas constantes, universos controlados pelas mesmas leis da natureza pareceriam diferentes.

Quantidades arbitrárias

Além dessas constantes, existem certas quantidades arbitrárias que são meramente colocadas como condições iniciais dentro das quais as leis da natureza operam. Por serem arbitrárias essas quantidades também não são determinadas pelas leis da natureza. Um exemplo disso seria a quantidade de desordem termodinâmica (ou entropia) no universo de origem. Foi apenas dada no big bang, como uma condição inicial, e então as leis da natureza assumiram o controle e determinaram como o universo evoluiria dali para frente. Se as quantidades iniciais tivessem sido diferentes, então as leis da natureza iriam prever que o resultado seria um universo bem diferente do que hoje conhecemos.

Definição de “precisamente ajustado”

Agora, o que os cientistas ficaram surpresos em descobrir é o fato de que essas constantes e quantidades devem se encaixar em um âmbito de valores extraordinariamente restrito para que possa

permitir a existência de vida no universo. É isso que se pretende significar quando se diz que o universo é precisamente ajustado para a vida.

Exemplos desse ajuste preciso

O ajuste preciso nesse sentido neutro é algo incontroverso e bem estabelecido. Os físicos têm diversos exemplos de ajuste preciso. Antes de compartilhar alguns, permita-me lhe dar alguns números para que possa sentir a sofisticação desse ajuste preciso. O número de segundos em toda a história do universo é cerca de 10^{17} (ou seja, o número 1 seguido por dezessete zeros: 100.000.000.000.000.000). Afirma-se que o número de partículas subatômicas em todo universo é cerca de 10^{80} (o número 1 seguido por oitenta zeros). Tais números são tão grandes que são simplesmente incompreensíveis.

Agora, com esses números em mente, considere os seguintes exemplos de ajuste preciso. A chamada *força fraca*, uma das quatro forças fundamentais da natureza, que opera dentro do núcleo de um átomo, é algo tão precisamente ajustado que uma alteração em seu valor que fosse de uma parte em 10^{100} teria impedido a existência de vida no universo! De modo semelhante, uma alteração na chamada *constante cosmológica*, que dirige a aceleração da expansão do universo, que fosse de uma parte em 10^{120} teria resultado em um universo onde a vida não seria possível.

Lembra-se do estado de baixa entropia em que o universo começou? (Falamos sobre isso no capítulo 4, quando discutimos as leis da termodinâmica.) Roger Penrose, da Universidade de Oxford, calculou que as chances de que esse estado de baixa entropia venha existir exclusivamente por acaso está na ordem de uma chance em $10^{10^{123}}$, um número que é tão inconcebível que chamá-lo de astronômico seria uma grosseira simplificação.

PARA DISCUTIR

Imagine um universo em que a constante gravitacional, G , fosse consideravelmente mais forte do que em nosso universo. Você acredita que poderiam existir galáxias nesse universo? Por quê?

UMA DISTINÇÃO

IMPORTANTE

A expressão “ajuste preciso” *não* significa “desenhado”. A expressão é um termo neutro que não diz nada a respeito de como o ajuste preciso é mais bem explicado. *Ajuste preciso* significa apenas o âmbito dos valores que permitem a existência de vida, para as constantes e quantidades, é extremamente estreito. Se o valor de uma dessas constantes ou quantidades fosse alterado na proporção de um fio de cabelo, o delicado equilíbrio que se exige para a existência de vida se frustraria e o universo se tornaria, então, um lugar onde a existência de vida seria proibitiva.



PARA DISCUTIR

Como afeta você o fato de saber que o universo possui um ajuste tão preciso?

UMA MOSCA NA PAREDE

O filósofo John Leslie fornece a seguinte ilustração para mostrar porque não devemos nos preocupar com universos controlados por diferentes leis da natureza. Imagine uma mosca solitária, que pousou em uma área ampla e vazia da parede. Dispara-se um único tiro e a bala acerta a mosca. Ora, mesmo se o restante da parede fora dessa área vazia estivesse coberto de moscas, de modo que um tiro aleatório provavelmente acertaria uma delas, ainda assim continuaria sendo altamente improvável que um único e aleatório tiro conseguiria atingir a mosca solitária que pousou naquela área ampla e vazia da parede. Um universo que permite a existência de vida é como essa mosca solitária na parede. Quando consideramos a hipótese de existirem universos controlados pelas nossas leis da natureza, quase todos eles não permitem a existência de vida. Logo, são praticamente nulas as chances de que um universo escolhido aleatoriamente fora desse grupo permitisse a existência de vida.

O ajuste preciso aqui está além da compreensão. Ter uma precisão de sequer uma parte em 10^{60} é como mirar com um revólver em direção ao outro lado do universo observável, distante 20 bilhões de anos-luz, e

acertar um alvo de 1 polegada!

Os exemplos de ajuste preciso são tantos e tão variados que é improvável que eles desapareçam com o avanço da ciência. Quer gostemos ou não, o ajuste preciso é somente um fato da vida que é cientificamente bem consolidado.

Uma possível objeção e sua resposta

Ora, alguns de vocês podem pensar: *Mas se essas constantes e quantidades tivessem tido valores diferentes, então talvez diferentes formas de vida pudessem ter se desenvolvido.* No entanto, essa afirmação subestima as consequências verdadeiramente desastrosas de uma alteração nessas constantes e quantidades.

Quando os cientistas dizem que um universo admite a existência de vida, eles não estão se referindo apenas as formas de vida atuais. Por “vida” querem dizer apenas a propriedade de organismos se alimentarem, extraírem energia desse processo, crescerem, adaptarem-se ao seu meio e se reproduzirem. O que quer que seja que possa cumprir essas funções conta como forma de vida, qualquer que seja essa forma. E para que a vida assim definida exista, as constantes e quantidades presentes no universo têm que ser inacreditável e precisamente ajustadas. Na ausência desse ajuste preciso, nem mesmo a matéria ou sequer a química existiriam, menos ainda os planetas onde a vida pudesse se desenvolver!

Outra objeção e sua resposta

Algumas pessoas podem retrucar: *Mas quem sabe em um universo controlado por diferentes leis da natureza essas consequências desastrosas pudessem não resultar.* No entanto, essa objeção demonstra uma compreensão equivocada do argumento.

Não estamos preocupados com universos controlados por *diferentes* leis da natureza. Não temos a menor ideia de como tais universos seriam! Antes, estamos preocupados somente com universos controlados pelas *mesmas* leis da natureza, mas com *diferentes* constantes e quantidades arbitrárias. Pelo fato de as leis serem as mesmas, podemos determinar o que aconteceria se as constantes e quantidades fossem alteradas. E os resultados se mostram desastrosos. Dentre universos controlados por leis da natureza como as nossas, não existe praticamente a menor chance de que um universo casualmente escolhido pudesse admitir a existência de vida.



Um argumento em favor do *design*

Assim, a questão que enfrentamos é esta: Qual é a melhor explicação para o ajuste preciso do universo? Muitos acreditam que o motivo de o universo ser precisamente ajustado para a vida está no fato de ele ter sido desenhado ou projetado por um *designer* inteligente de modo a permitir a existência de vida.

Mas o *design* não é a única alternativa. Temos também a necessidade física e o acaso. O segredo para inferir que o *design* é a melhor explicação está em eliminar essas outras duas alternativas.

De acordo com isso, podemos apresentar um argumento muito simples de três passos:

1. O ajuste preciso do universo se deve ou a uma necessidade física ou ao acaso ou ao *design*.
2. O ajuste preciso do universo não se deve a uma necessidade física ou ao acaso.
3. Logo, ele se deve ao *design*.

Esse é um argumento logicamente válido cuja conclusão se segue necessariamente das duas premissas anteriores. A questão que resta é saber se essas premissas são mais plausivelmente verdadeiras ou falsas. Portanto, vamos analisá-las.

EXPLICAÇÕES PARA O AJUSTE PRECISO

São três as razões para que nosso universo seja precisamente ajustado para a vida:

1. **Necessidade física:** as constantes e quantidades devem ter os valores que têm.
2. **Acaso:** as constantes e quantidades têm os valores que têm simplesmente por acaso.
3. **Design:** as constantes e valores foram feitos para ter os valores que têm.



PRIMEIRA PREMISSA

O ajuste preciso do universo se deve ou a uma necessidade física ou ao acaso ou ao design.

A primeira premissa não pode sofrer objeções pois ela apenas cita as três alternativas que existem para explicar o ajuste preciso. Se alguém tiver mais alguma outra alternativa, pode ficar à vontade para acrescentá-la a essa lista e então a levaremos em consideração quando chegarmos à segunda premissa. No entanto, parece que não há mais alternativas além dessas três mencionadas.

SEGUNDA PREMISSA

O ajuste preciso do universo não se deve a uma necessidade física ou ao acaso.

Assim, a premissa crucial é a segunda. Vamos examinar cada uma das alternativas que ela cita por vez.

Necessidade física?

Segundo a primeira alternativa, a necessidade física, o universo *tem* que admitir a existência de vida. As constantes e as quantidades devem ter os valores que têm, de modo que um universo que não admite a existência de vida é algo fisicamente impossível.

A implausibilidade da necessidade física

Ora, diante dessa alternativa vemos que ela parece fantasticamente implausível. Ela requer que digamos que um universo onde a vida não fosse possível é uma impossibilidade

física. Porém, por que tomar uma visão tão radical? As constantes não são determinadas pelas leis da natureza. Então, como elas não poderiam ser diferentes? Além disso, as quantidades arbitrárias são apenas condições-limite nas quais as leis da natureza operam. Nada

PARA DISCUTIR

Na cultura popular, onde você vê o acaso defendido como uma explicação para o nosso mundo? E quanto à necessidade? E quanto ao *design*? Qual dessas ideias você acha que tem mais prestígio popularmente falando?



parece fazê-las necessárias. Vemos, com isso, que os opositores do *design* estão tomando uma linha de raciocínio radical que exige alguma prova. Mas não há prova alguma. Essa alternativa é posta como uma possibilidade nua e crua.

Às vezes alguns cientistas falam em uma “teoria do tudo” (TOE, sigla da expressão em inglês: *theory of everything*) que certamente soa como uma explicação física de tudo, inclusive do ajuste preciso. No entanto, como os tantos nomes pitorescos que são dados às teorias científicas, esse rótulo também é bastante enganoso. Uma teoria como essa, se bem-sucedida, possibilitaria que uníssemos as quatro forças básicas da natureza (gravidade, a força nuclear fraca, a força nuclear forte e o eletromagnetismo) em uma única força carregada por um único tipo de partícula. Isso resultaria em uma grande simplificação da física. Mas não chegaria nem perto de tentar explicar literalmente coisa nenhuma. Por exemplo, a candidata mais promissora a uma teoria desse tipo que se conhece até hoje, a chamada teoria M ou teoria da supercorda somente funciona se existirem onze dimensões. Mas a própria teoria simplesmente não consegue explicar por que esse número específico de dimensões deve existir.

Além do mais, a teoria M não prevê unicamente um universo que admita a existência de vida. Ele permite uma vasta gama de cerca de 10^{500} diferentes universos possíveis, todos consistentes com as mesmas leis, mas com variações nos valores das constantes da natureza. Quase todos esses possíveis universos não admitem a existência de vida. Assim, é necessária uma explicação do por que, dentre todas essas possibilidades, existe um universo que admite a existência de vida. Não podemos dizer que universos que admitem a existência de vida são fisicamente necessários, uma vez que, ao menos com base na teoria M, isso claramente é falso.

Logo, não há evidências de que um universo que admite a existência de vida seja algo fisicamente necessário. Muito pelo contrário, toda a evidência indica que universos que não admitem a existência de vida não são apenas possíveis, mas também bem mais prováveis do que qualquer universo que admite a existência de vida.



UMA JOGADA PARA CONTORNAR A EVOLUÇÃO

Note que, ao prestar atenção para o ajuste preciso, esse argumento faz uma jogada para contornar a questão da evolução biológica, algo tão carregado de conteúdo emocional. O argumento para o ajuste preciso, se bem-sucedido, mostrará que a evolução de vida inteligente, onde quer que seja no universo, depende do *design* das condições iniciais do universo. Quaisquer argumentos do *design* baseados na origem da vida, na origem da complexidade biológica, na origem da consciência e assim por diante irá simplesmente acrescentar mais uma camada de improbabilidade, tornando ainda mais improvável que tudo isso possa ser explicado sem contar com um *Designer*.

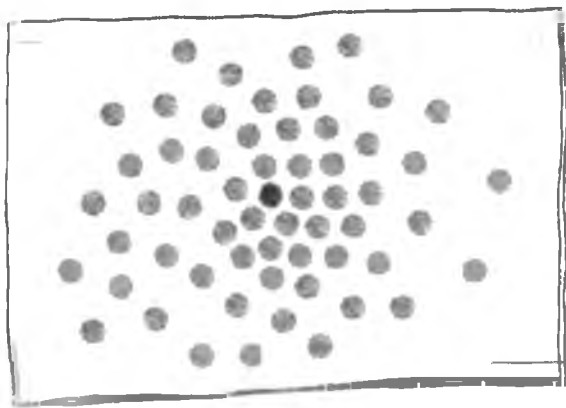


Acaso?

Isso nos leva à nossa segunda alternativa: O ajuste preciso poderia dever-se simplesmente ao acaso? Segundo esta alternativa de que falamos, é um mero acidente o fato de que todas as constantes e quantidades caíam no âmbito em que se admite a existência de vida. Nós basicamente somos uns sortudos!

O problema fundamental que temos aqui é que as chances de que o universo que existe acontecer de admitir a existência de vida são tão remotas que essa alternativa se torna não razoável.

A improbabilidade de um universo que admita a existência de vida
Alguns às vezes objetam que não faz sentido falar da probabilidade de um universo precisamente ajustado existir porque só existe, afinal, um único universo. Assim, não podemos dizer que um dentre cada dez universos, por exemplo, admite a existência de vida. No entanto, a ilustração que apresentaremos a seguir, do físico John Barrow, esclarece em que sentido é improvável um universo que admita a existência de vida. Pegue uma folha de papel e faça sobre ela um ponto vermelho. Esse ponto representa o nosso universo.



Agora altere ligeiramente uma ou mais das constantes ou quantidades físicas do ajuste preciso de que falamos até aqui. Como resultado, teremos uma descrição de outro universo, que podemos representar como um novo ponto próximo ao primeiro. Se esse

A PAISAGEM CÓSMICA

A chamada "paisagem cósmica" dos mundos, admitida pela teoria M , tem se tornado um fenômeno ultimamente. É importante entender que a paisagem é apenas uma gama de possibilidades. Algumas pessoas a interpretaram de forma equivocada como se todos esses diferentes universos de fato existissem. Outras acreditam que essa teoria minimiza o argumento do *design* porque a paisagem deve incluir mundos que permitam a existência de vida, como o nosso. Mas a paisagem cósmica não é real; é apenas uma lista de possibilidades. Ela descreve a gama de universos que são consistentes com a teoria M .

novo conjunto de constantes e quantidades descrever um universo que permite a existência de vida, faça um ponto vermelho; do contrário, faça um ponto azul. Agora repita esse procedimento até que a folha está cheia de pontos. Você acabará com uma folha repleta de pontos azuis e apenas alguns pontos vermelhos. É nesse sentido que é avassaladoramente improvável que o universo deva admitir a existência de vida, pois existe um número imensamente maior de universos que não permitem a existência de vida do que o oposto, ou seja, universos que a permitam.

Ilustrações da loteria

Alguns apelam ao exemplo de uma loteria para justificar a alternativa do acaso. Em uma loteria em que todos os bilhetes estejam vendidos, é incrivelmente improvável de que alguém ganhe, contudo *alguém* tem que ganhar! Não se justificaria que um ganhador, qualquer que fosse ele, dissesse: “As chances de que eu não ganhasse eram de 20 milhões contra 1. Mas ainda assim eu ganhei! A loteria deve ter sido fraudada!”.

Do mesmo modo, dizem essas pessoas, *algum* universo que esteja fora da escala dos universos possíveis tem que existir. O ganhador dessa loteria do universo também não teria justificativas para pensar que, porque o universo dele existe, isso deve ser fruto do *design*, e não do acaso. *Todos* os universos são igualmente improváveis, mas um deles, por acaso, tem que vencer.

Essa analogia é na verdade muito útil, pois nos possibilita ver com clareza em que ponto aqueles que defendem o acaso entenderam mal o argumento em favor do *design* e, com isso, podemos oferecer uma analogia melhor e mais precisa em substituição. Ao contrário da impressão que as pessoas têm, o argumento do *design* não está tentando explicar porque *este* universo em particular existe. Antes, ela tenta explicar porque um universo que admite a existência de vida existe. A analogia da loteria está equivocada porque ela se volta unicamente para o porquê de uma única pessoa ter ganhado.



A analogia correta seria a de uma loteria em que bilhões e bilhões de bolas brancas de pingue pongue estivessem todas misturadas com uma única bola preta, e alguém lhe diria que uma bola seria aleatoriamente tirada do meio de todas as outras. Se a bola retirada fosse a preta, você poderia viver; se fosse uma das brancas, você seria morto.

REFORÇANDO A ANALOGIA DA LOTERIA

Se estiver encontrando dificuldade em enxergar o ponto na analogia da loteria apresentada no texto, então, imagine que, para que você viva, a bola preta tenha que ser aleatoriamente tirada cinco vezes seguidas. Se as chances contrárias de que a bola preta seja a escolhida, até mesmo uma única vez, forem grandes o suficiente, então o fato de tirá-la cinco vezes em vez de uma não afetará as probabilidades de forma significativa. Porém, se você tirasse a bola preta cinco vezes seguidas, todos reconheceriam que isso não aconteceu por acaso!



Ora, observe que qualquer bola em particular que seja aleatoriamente escolhida é igualmente improvável: não importa qual bola desça pela canaleta, as chances contra aquela bola em particular são fantasticamente improváveis. No entanto, alguma das bolas deve rolar canaleta abaixo. Esse é o ponto que foi ilustrado pela primeira analogia da loteria. Esse ponto, porém, é irrelevante, pois não estamos tentando explicar porque essa bola em particular foi escolhida.

O ponto crucial é que, qualquer que seja a bola que role canaleta abaixo, é avassaladoramente mais provável que ela será uma das bolas brancas, e não a preta. O fato de pegar uma bola preta não é mais improvável do que pegar qualquer uma das bolas brancas. Mas é mais provável de uma forma além da nossa compreensão que você pegue uma bola branca em vez da preta. Por isso, se a bola preta

rolar pela canaleta, você pode estar certo em suspeitar que a loteria foi fraudada para permitir que você viva.

Assim, segundo a analogia correta, não estamos interessados em saber porque você pegou a bola específica que pegou. Antes, estamos tentando entender por que, a despeito de todas as chances contrárias, você pegou uma bola que permite a existência de vida, e não o contrário. E essa questão não é tratada quando se diz apenas: “Ora, alguma bola tinha que ser escolhida!”.

Do mesmo modo, algum universo existe, mas qualquer que seja ele, é incompreensivelmente mais provável que seja um universo que não permita a existência de vida, em vez de um universo que permita. Assim, ainda precisamos de uma explicação do por que um universo que permite a existência de vida existe.

E necessária uma explicação?

Algumas pessoas já argumentaram que não é necessária uma explicação para um universo que permite a existência de vida, pois esse é o único tipo de universo que podemos observar! Se o universo não permitisse a existência de vida, então não estaríamos aqui para perguntar nada. (Isso é chamado princípio antrópico, pois afirma que podemos observar apenas as propriedades do universo que são compatíveis com a nossa existência).

Esse raciocínio é uma falácia. O fato de que podemos observar apenas um universo que permita a existência de vida não elimina a necessidade de uma explicação para a existência desse universo.

Mais uma vez uma ilustração poderá nos ajudar. Imagine que você viajou para o exterior e acabou sendo preso por uma falsa acusação de porte de drogas. Então, você é arrastado para frente de um pelotão de cem atiradores altamente treinados que estão à distância de um tiro à queima-roupa. Você ouve o comando: “Preparar... Apontar... Fogo!” Ouve o som ensurdecedor das armas sendo disparadas. E então nota que ainda está vivo! E que todos os cem atiradores erraram o tiro! Ora, o que você pode concluir disso?



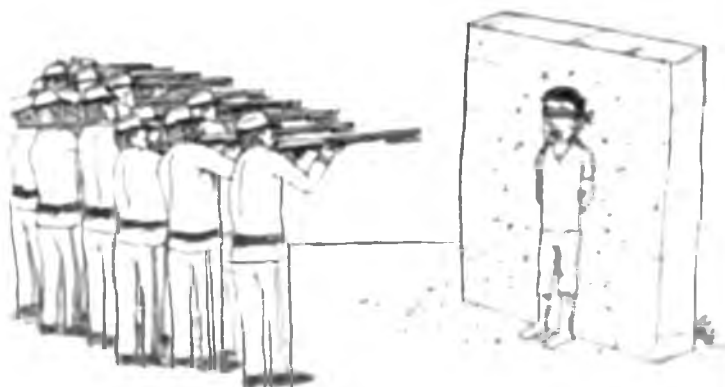
O PRINCÍPIO ANTRÓPICO

Só podemos observar
aqueles valores
das constantes
e quantidades
fundamentais que
são compatíveis com
nossa existência.



Orá, acredito que eu não devo ficar surpreso pelo fato de todos os cem atiradores terem errado o tiro! Afinal, se isso não tivesse acontecido, não estaria aqui para me surpreender com isso! Não há nada aqui a ser explicado!”

E claro que não! É verdade que você não deve ficar surpreso pelo fato de não poder observar que você está morto, uma vez que, se estivesse morto, não poderia mesmo observar esse fato. Mas ainda assim deve ficar surpreso em observar que você está vivo, à luz da enorme improbabilidade de que todos os cem atiradores errassem o tiro. Na verdade, você provavelmente chegou à conclusão de que todos eles erraram o tiro de propósito, que era tudo uma armação preparada por alguém, por algum motivo.



A hipótese dos muitos mundos

Portanto, os teóricos vieram a reconhecer que o princípio antrópico não pode eliminar a necessidade de uma explicação do ajuste preciso *a menos que* seja combinado com a hipótese dos muitos mundos. Segundo essa hipótese, nosso universo não passa de um elemento integrante de um conjunto de mundos ou “multiverso” de universos aleatoriamente ordenados, e preferivelmente infinitos em número. Se todos esses universos realmente existirem, então, por puro acaso, outros mundos que permitem a existência de vida irão aparecer em algum lugar desse conjunto de mundos. E uma vez que apenas o

universos que têm um ajuste preciso terão observadores, quaisquer observadores que existam nesse conjunto de mundos naturalmente observarão que o seu respectivo mundo goza de um ajuste preciso. Portanto, nenhum apelo ao *design* é necessário para explicar o ajuste preciso, E puro acaso.



Primeira resposta à hipótese dos muitos mundos

Uma forma de responder à hipótese dos muitos mundos seria mostrar que o próprio multiverso envolve o ajuste preciso. Pois, para que seja cientificamente crível, deve ser sugerido algum tipo de mecanismo para a geração dos muitos mundos. Porém, se é para que a hipótese dos muitos mundos seja bem-sucedida em atribuir o ajuste preciso exclusivamente ao acaso, então é melhor que esse próprio mecanismo de geração dos muitos mundos não seja ele mesmo parte de um ajuste preciso! Pois, se ele for, acabaremos com o mesmo problema do início: Como explicar o ajuste preciso do multiverso?

Os mecanismos propostos para a geração de um conjunto de mundos são tão vagos que está longe de estar claro se a física que controla o multiverso não envolverá algum tipo de ajuste preciso. Por exemplo, se a teoria *M* for a física do multiverso, então continua sem explicação, como vimos, porque existem exatamente onze dimensões. E o mecanismo que torna atuais todas essas possibilidades na paisagem cósmica pode envolver um ajuste preciso. Assim, o

UM ELOGIO ÀS AVESSAS AO *DESIGN*

O atual debate sobre o ajuste preciso tornou-se agora um debate sobre a hipótese dos muitos mundos. A fim de explicar o ajuste preciso estão nos pedindo para acreditar não somente que existem outros universos não observáveis, mas que existem um número infinito deles e que eles variam aleatoriamente em suas constantes e quantidades fundamentais. Tudo isso é necessário para garantir que um universo como o nosso, que permita a existência de vida, venha a surgir aleatoriamente nesse conjunto de mundos. A hipótese dos muitos mundos é na verdade um elogio às avessas ao *design*. Se assim não fosse, cientistas sérios não estariam se reunindo

para adotar uma hipótese tão especulativa e extravagante quanto essa dos muitos mundos, a não ser que eles se sentissem absolutamente obrigados a fazê-lo. Assim, se alguém lhe disser: "O ajuste preciso poderia ter acontecido por acaso" ou "O improvável acontece" ou "É apenas pura sorte", pergunte a essa pessoa: "Se é assim, então porque os opositores do *design* se sentem obrigados a acatar uma teoria tão extravagante quanto essa da hipótese dos muitos mundos, somente com o intuito de evitar o *design*?"

postulado de um conjunto de mundos não é em si mesmo suficiente a ponto de justificar a alternativa do acaso.

Segunda resposta à hipótese dos muitos mundos

Além do mais, muitos teóricos olham a hipótese dos muitos mundos com certo ceticismo. Por que pensar que um conjunto de mundos tenha existência atual? Já vimos no capítulo 4 que o teorema Borde-Guth-Vilenkin exige que mesmo um multiverso de universos de bolha tenha uma origem. No caso em questão, o mecanismo que gera os universos de bolhas vem mantendo-os afastados por apenas uma quantidade finita de tempo. Assim, até esta altura em que vivemos, pode muito bem existir apenas uma quantidade finita de bolhas no conjunto de mundos, as quais podem não ser suficientes para garantir o surgimento de um universo precisamente ajustado somente por acaso. Não há qualquer evidência de que esse tipo de conjunto de mundos exigido pela hipótese dos muitos mundos tenha existência atual.

Em contraste, temos boas e independentes razões para acreditar em um *Designer* do cosmo, como mostram os argumentos de Leibniz e Al-Ghazali.

Terceira resposta à hipótese dos muitos mundos

Além disso, a hipótese dos muitos mundos enfrenta o que pode ser uma objeção devastadora. Lembra-se da hipótese dos muitos mundos de Boltzmann, que vimos no capítulo 4? O que afundou a hipótese de Boltzmann foi o fato de que, se o nosso mundo é apenas um membro aleatório de um conjunto de mundos, então é amplamente mais provável que deveríamos estar observando uma região de ordem bem menor. Acontece que a hipótese dos muitos mundos enfrenta um problema paralelo como explicação do ajuste preciso do cosmos.

PARA DISCUTIR

Dadas as falhas na hipótese dos muitos mundos, por que você acha que tantas pessoas preferem acreditar no acaso em vez de acreditar em um *Designer*?



Roger Penrose tem defendido com veemência essa objeção.¹ Ele enfatiza que as chances de que as condições iniciais de baixa entropia do nosso universo tenham sido exclusivamente aleatórias estão na proporção de uma chance em 10^{10} ⁽¹²³⁾. Por contraste, as chances de nosso sistema solar ter se formado de repente, pela colisão aleatória de partículas é da proporção de uma chance em 10^{10} ⁽⁶⁰⁾. Esse número, segundo Penrose, é “café pequeno” em comparação com uma chance em 10^{10} ⁽¹⁻³⁾. O que isso significa é que é *bem* mais provável que devêssemos estar observando um universo ordenado não mais amplo do que nosso sistema solar, uma vez que um mundo desse tamanho é algo incomensuravelmente mais provável do que um universo precisamente ajustado como o nosso.

Na verdade, acabamos com o mesmo tipo de ilusionismo que pesou sobre a hipótese de Boltzmann. Um pequeno mundo com a ilusão de um universo maior e ordenado é mais provável do que um universo real e precisamente ajustado. Levada ao extremo, essa ideia levou ao que os teóricos chamaram de “a invasão do cérebro de Boltzmann”. Pois o universo observável mais provável é aquele que consiste de um único cérebro que brota na existência por meio de uma flutuação aleatória com percepções ilusórias de um cosmo ordenado! Assim, se você aceitar a hipótese dos muitos mundos será obrigado a acreditar que você é tudo o que existe e que este livro, o seu corpo, a terra e tudo o mais que você percebe no mundo são meras ilusões.

Ninguém em sã consciência acredita ser um produto do cérebro de Boltzmann. Portanto, dado o ateísmo, é altamente improvável que exista um conjunto de mundos aleatoriamente ordenado. Ironicamente, a melhor das esperanças para os partidários do multiverso é manter que Deus criou o multiverso e ordenou seus mundos, de modo que eles não são aleatoriamente ordenados. Deus poderia dar preferência a mundos observáveis que são precisamente ajustados cosmicamente. Ou seja, para ser racionalmente aceitável, a hipótese dos muitos mundos precisa de Deus.

Roger Penrose, *The Road to Reality*. Nova Iorque: Alfred A. Knopf, 2005, p. 762–765.



Com a falha da hipótese dos muitos mundos, o último elo de defesa para uma alternativa baseada no acaso entra em colapso. Nem a necessidade física nem o acaso fornecem uma boa explicação para o ajuste preciso do universo.

O *design*: a objeção de Dawkins

E quanto ao *design*? Essa explicação é melhor do que a explicação da necessidade física ou que o acaso, ou é igualmente implausível?

Aqueles que não concordam com o *design* às vezes apresentam a objeção de que na hipótese do *design* é o próprio *Designer* do cosmo que permanece sem explicação. Foi essa objeção que Richard Dawkins chama de “o argumento central do meu livro”, *The God Delusion* [Deus, um delírio].- Ele sintetiza seu argumento da seguinte forma:

1. Um dos maiores desafios para o intelecto humano tem sido explicar como surgiu no universo o complexo e improvável *design*.
2. A tentação natural é atribuir o surgimento do *design* ao próprio *design* atual.
3. Essa tentação é falsa, pois a hipótese do *designer* imediatamente faz surgir o problema maior de quem criou o *designer*.
4. A explicação mais engenhosa e poderosa é a evolução de Darwin baseada na seleção natural.
5. Não temos uma explicação equivalente para a física.
6. Não devemos desistir da esperança de surgir uma explicação melhor no campo da física, algo que seja tão poderoso quanto o darwinismo é para a biologia.

Logo, é praticamente certo que Deus não existe.

Richard Dawkins, *The God Delusion*. Nova Iorque: Houghton Mifflin, 2006. p. 152-158. Traduzido para o português sob o título “Deus, um delírio”, pela Companhia das Letras.



A invalidade do argumento de Dawkins: a conclusão não se segue das premissas

O argumento de Dawkins é chocante pelo fato de a conclusão ateuista — “Logo, é praticamente certo que Deus não existe” — não se segue das seis premissas anteriores, mesmo que façamos a concessão de dizer que cada uma delas é verdadeira. Não há na lógica regras que permitam tal inferência. O argumento de Dawkins é claramente inválido.

Na melhor das hipóteses, tudo que se segue a partir do argumento de Dawkins é que não devemos inferir a existência de Deus com base no surgimento do *design* no universo. Mas essa conclusão é bastante compatível com a existência de Deus e até mesmo com nossa justificável crença na existência de Deus. Talvez devêssemos acreditar em Deus com base no argumento cosmológico ou moral. Talvez nossa crença em Deus não seja de modo algum baseada em argumentos, mas sim em nossa experiência religiosa ou na revelação divina. O ponto é que refutar os argumentos do *design* em favor da existência de Deus não faz nada mais do que provar que o ateísmo é verdade ou que a crença em Deus não se justifica. A falta de profundidade teológica de Dawkins fica claramente exposta aqui.

A falsidade das premissas de Dawkins

Porém, será que o argumento de Dawkins é bem-sucedido ao menos em minar o argumento em favor do *design*? De modo algum, pois várias das premissas do argumento de Dawkins são plausivelmente falsas. A quinta premissa refere-se ao ajuste preciso do universo, que tem sido o foco de nossa discussão. Dawkins não tem nada a apresentar como explicação para isso e, portanto, a esperança expressada na premissa 6 não representa nada mais do que a fé de um naturalista.

Além do mais, considere a terceira premissa. Dawkins alega aqui que não temos justificativas para inferir que o *design* seja a melhor

NATURALISMO

Naturalismo é a crença de que somente explicações naturais (em oposição às sobrenaturais) devem ser consideradas. Pelo fato de um *Designer* ser tido como algo sobrenatural — além do natural — o naturalismo elimina essa explicação, a despeito das evidências.

explicação para a complexa ordem do universo, pois, se o fizermos, surge um novo problema: Quem criou o *Designer*?

Primeiro problema com a terceira premissa: “você não precisa explicar a explicação”

Essa alegação falha em pelo menos dois aspectos. Primeiro, para reconhecer uma explicação como sendo a melhor, você não precisa ter uma explicação da explicação. Essa é uma questão elementar da filosofia da ciência. Se um grupo de arqueólogos, em suas escavações, encontrassem objetos que se parecessem com flechas e alguns cacos de cerâmica, seria plenamente justificável que eles inferissem que tais artefatos eram produtos de alguma civilização desconhecida, e não um resultado aleatório da sedimentação e metamorfose, mesmo que eles não tivessem ainda uma explicação de quem foi essa civilização ou de onde ela viera. Da mesma forma, se um grupo de astronautas se deparasse com um amontoado de máquinas em algum ponto da superfície lunar, seria plenamente justificável que eles inferissem que isso era um produto de agentes inteligentes, mesmo que eles não tivessem a mais remota ideia de quem fossem esses agentes e de como eles tinham chegado ali.

Assim, a fim de reconhecer uma explicação como sendo a melhor, você não precisa ser capaz de explicar a explicação. Na verdade, tal exigência levaria a uma regressão infinita de explicações, de modo que nada poderia jamais ser explicado e a ciência estaria destruída! Pois antes que uma explicação pudesse ser aceitável, você precisaria ter uma explicação para ela, e então uma explicação para a explicação da primeira explicação, e assim por diante... Nada jamais poderia ser explicado.

Por isso, no caso em questão, a fim de reconhecer que o *design* inteligente é a melhor explicação para o surgimento do *design* no universo, ninguém precisa ser capaz de explicar o *Designer*. O fato de o *Designer* ter ou não uma explicação é uma questão que pode ser deixada em aberto para futuras investigações.



Segundo problema com a terceira premissa: “Deus é notavelmente simples”

Segundo, Dawkins pensa que, caso se aceite a hipótese do *Designer* divino do universo, o *Designer* é tão complexo quanto é complexa a coisa a ser explicada, de modo que explicação de antemão é feita. Essa objeção levanta todos os tipos de questões sobre o papel que a simplicidade desempenha em permitir acesso a explicações competentes. Por exemplo, existem muitos outros fatores além da simplicidade que os cientistas pesam quando estão determinando qual é a melhor explicação, como o poder da explicação, seu escopo e assim por diante. Uma explicação que possua um escopo mais amplo pode ser menos simples que uma explicação concorrente, mas ainda assim ser preferida por explicar mais coisas. A simplicidade não é o único critério, nem mesmo o mais importante para se avaliar teorias.

Mas deixemos essas questões de lado. O erro fundamental de Dawkins está em presumir que um *Designer* divino seja tão complexo quanto o universo. Isso é decididamente falso. Como uma mente pura, sem um corpo, Deus é um ente notavelmente simples. Uma mente (ou alma) não é um objeto físico composto de partes. Em contraste com um universo contingente e diversificado, com todas as suas inexplicáveis constantes e quantidades, uma mente divina é algo surpreendentemente simples. Por certo que tal mente pode ter *ideias* complexas — pode estar pensando, por exemplo, em um cálculo infinitesimal — mas essa mente *em si* é um ente espiritual incrivelmente simples. Dawkins evidentemente confundiu as ideias de uma mente, que podem na verdade ser complexas, com a própria mente em si, que é um ente incrivelmente simples. Portanto, postular que há uma mente divina por trás do universo representa em definitivo um avanço em termos de simplicidade, qualquer que seja seu valor.

Há outras premissas no argumento de Dawkins que são problemáticas, mas acho que já foi dito o suficiente para mostrar que o

PARA DISCUTIR

Dadas as falhas do raciocínio de Dawkins, como você explica a imensa popularidade de seu livro (que teve mais de um milhão e meio de cópias vendidas)? O que, além da lógica, poderia explicar tamanho apelo popular?





PARA DISCUTIR

Se realmente existe um *Designer* que ajustou precisamente o universo, o que podemos aprender sobre ele a partir da complexidade do ajuste preciso que é necessário para criar um mundo como o nosso?

argumento dele em nada contribuiu para minimizar o argumento do ajuste preciso em favor de um *Designer* do universo, sem mencionar o fato de que o argumento dele serviu como uma justificação do ate-

ísmo. Há muitos anos Quentin Smith, um filósofo ateu, sem a menor cerimônia, elegeu o argumento de Stephen Hawking contra Deus, em *A Brief History of Time* [Um breve história do tempo], como “o pior argumento ateu de toda a história do pensamento ocidental”.³ Com o lançamento da obra *The God Delusion* chegou o tempo, assim creio,

de livrar o argumento de Hawking do peso desse título e de passar o título de pior argumento para a tese de Richard Dawkins.

Conclusão

Portanto, parece-me que das três alternativas que temos diante de nós — a necessidade física, o acaso e o *design* — a mais plausível das três é o *design*. Platão e Aristóteles sem sombra de dúvida iriam se sentir gratificados pelo fato de a ciência moderna defender as visões deles. Temos, então, um terceiro argumento em nossa série de argumentos em favor da existência de Deus.

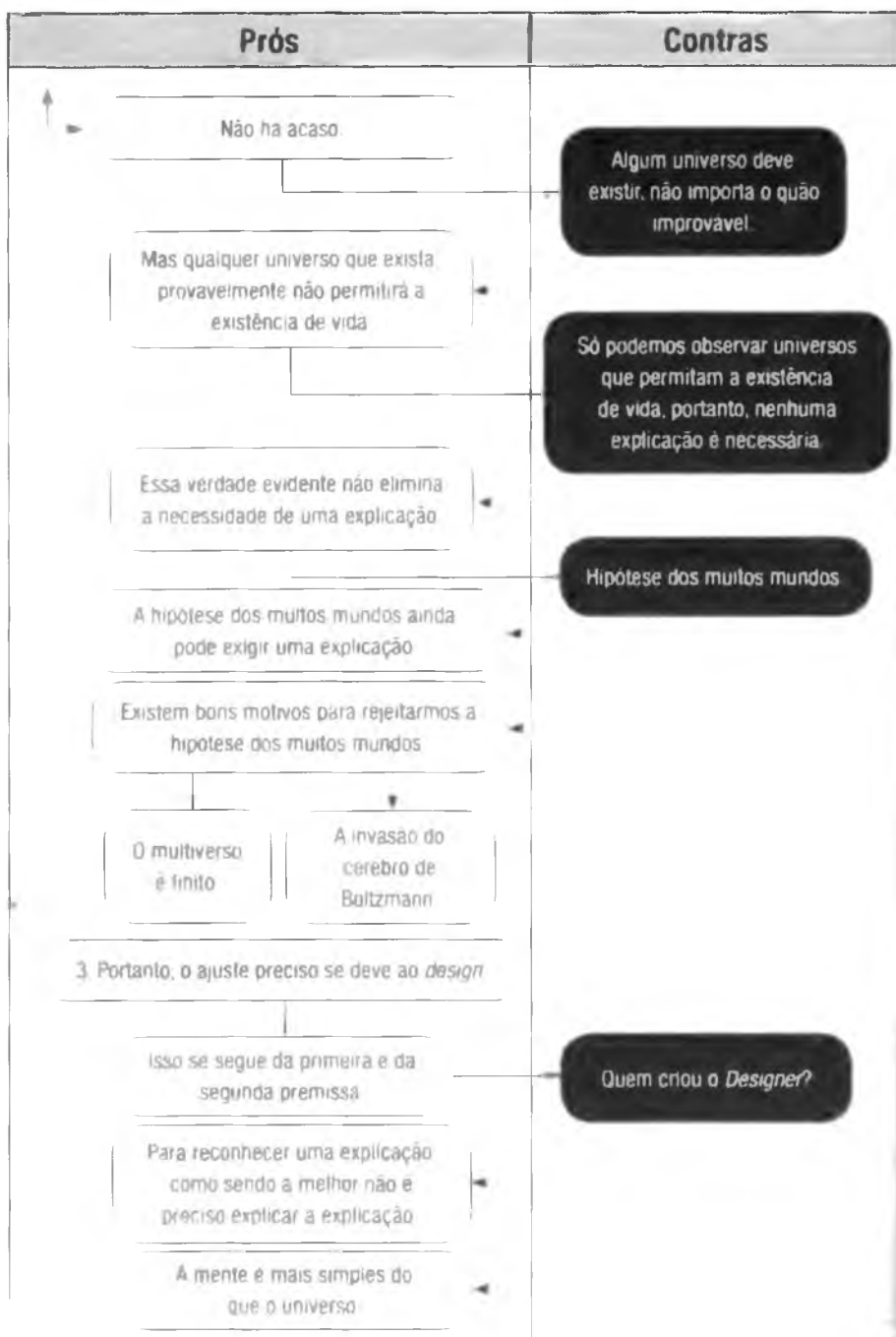
³ Quentin Smith, “The Wave Function of a Godless Universe”, em *Theism, Atheism, and Big Bang Cosmology*, de William Lane Craig e Quentin Smith. Oxford: Clarendon Press, 1993, p. 322.



O ARGUMENTO DO *DESIGN*

Prós	Contras
1. O ajuste preciso do universo se deve ou à necessidade física ou ao acaso ou ao <i>design</i>. → O ajuste preciso é um fato científico. → Essas são as únicas alternativas para se explicar o ajuste preciso. 2. O ajuste preciso não se deve à necessidade física nem ao acaso → Não há necessidade física. → As constantes e quantidades independem das leis da natureza → Uma "teoria do tudo" (TOE) não explica todas as coisas. → A teoria M falha em prever um universo que permita a existência de vida.	→ Uma "teoria do tudo" (TOE) explica isso.

O ARGUMENTO DO *DESIGN* (cont.)





CAPÍTULO 6

PODEMOS SER BONS SEM DEUS?

Ninguém é bom, senão um, que é Deus (Mc 10.18).

Podemos ser bons sem Deus?

A princípio a resposta a essa pergunta pode parecer tão óbvia que até mesmo o simples fato de perguntá-la pode enfurecer as pessoas. Pois muito embora os cristãos encontrem em Deus uma fonte de força moral que os ajuda a levar vidas melhores do que a que viveriam sem Deus, ainda assim seria arrogante e uma atitude de ignorância dizer que os incrédulos em geral não vivem vidas pautadas pela moral e pelo bem — e, na verdade, alguns vivem vidas que nos fazem sentir envergonhados.

Mas espere um momento! Embora seja arrogante e uma atitude de ignorância dizer que as pessoas não podem ser boas sem *acreditar* em Deus, não foi essa a pergunta que fiz. A minha pergunta foi: Podemos ser bons *sem* Deus? Ao fazer essa pergunta, estamos propondo uma pergunta sobre a natureza dos valores morais. Os valores que tanto prezamos são orientações que guiam nossa vida por meras convenções sociais, como dirigir do lado direito e não do esquerdo da rua? Ou são meras expressões de preferências pessoais, como o fato de gostarmos de determinados pratos? Ou eles são de alguma forma válidos e obrigatórios, independe do que pensamos sobre eles, e se são objetivos dessa maneira, qual o seu fundamento?

QUAL É A BASE DE NOSSOS VALORES?

São eles baseados em:

1. Convenções sociais?
2. Preferências pessoais?
3. Evolução?
4. Deus?

Um argumento moral em favor da existência de Deus

Muitos filósofos já pensaram que a moralidade fornece um bom argumento em favor da existência de Deus. Um dos mais admiráveis foi William Sorley, que foi professor de filosofia moral na Universidade de Cambridge. Em sua obra *Moral Values and the Idea of God* [Valores morais e a ideia de Deus] (1918), Sorley argumenta que a maior esperança para uma visão racional e unificada da realidade é defender a Deus como a base das ordens natural e moral.

Ele sustenta que existe uma ordem moral objetiva, que é tão real e independente de nós quanto à ordem natural das coisas. Ele reconhece que, em certo sentido, não podemos provar que essa ordem moral objetiva existe, mas também aponta que nesse mesmo sentido não podemos provar que à ordem natural dos objetos físicos existe! (Você poderia ser um corpo situado no Matrix, vivendo uma realidade virtual.) Portanto, a ordem moral e a ordem natural têm uma base semelhante. Do mesmo modo como presumimos a realidade do mundo dos objetos com base em nossas experiências sensoriais, também presumimos a realidade da ordem moral com base em nossa experiência moral.

Segundo a ótica de Sorley tanto a ordem natural quanto a moral são parte da realidade. Então, a pergunta é: Qual cosmovisão pode combinar essas duas ordens na forma de explicação mais coerente? Sorley defendia que a melhor explicação é Deus.

Deve existir uma Mente eterna, infinita, que é o arquiteto da natureza e cujo propósito moral o ser humano e o universo estão gradualmente cumprindo.

Eu mesmo me deparei com o argumento moral quando falava nas universidades sobre o absurdo da vida sem Deus. Minha tese era que, se Deus não existir, então não existe um fundamento para os valores morais objetivos. Tudo se torna relativo. Para minha surpresa, a reação dos estudantes era insistir na existência de valores morais objetivos. Certas coisas são de fato certas ou erradas.



PARA DISCUTIR

Como você reage à ideia de que a ordem moral objetiva é tão real quanto o mundo físico objetivo? Por quê?



Ora, o que os estudantes diziam não refutava de modo algum minha alegação de que sem Deus não existiriam valores morais objetivos. Ao contrário, sem querer eles forneceram a premissa que faltava em um argumento moral em favor da existência de Deus! Pois agora podemos argumentar:

1. Se Deus não existe, também não existem valores morais objetivos nem deveres.
2. Valores morais objetivos e obrigações existem.
3. Logo, Deus existe.

Esse simples argumento é fácil de memorizar e logicamente sólido. Tinha defendido a verdade da primeira premissa e os estudantes insistiram na segunda. As duas premissas em conjunto implicavam a existência de Deus.

O que dá mais força a esse argumento é o fato de que as pessoas geralmente acreditam em ambas as premissas. Em uma época pluralista como a nossa, os estudantes têm medo de impor seus valores a alguém. Assim, a primeira premissa parece correta para elas por causa de seu relativismo implícito. Ao mesmo tempo, certos valores foram profundamente incutidos nesses estudantes, valores como amor, tolerância e a atitude de ter uma mente aberta. Eles pensam ser objetivamente errado impor seus valores a alguém! Dessa forma, eles se comprometem profundamente com a segunda premissa também.

Esses fatos podem levar a diálogos bem estranhos. Lembro-me de ter conversado com um estudante que ficava indo e voltando nessas premissas. Quando falávamos sobre a primeira premissa, ele concordava com ela e negava a segunda premissa. Mas quando passávamos para a segunda premissa, ele concordava com ela e negava a primeira premissa e assim ficávamos nós dois, indo e voltando nas duas premissas, sem que ele fosse capaz de

PARA DISCUTIR

Você já conversou com alguém que disse não existirem valores morais objetivos que se apliquem a todos? Em caso afirmativo, como essa pessoa lidava com valores como tolerância e amor?



chegar a uma conclusão! Teria sido engraçado, se não fosse de partir o coração ver alguém se debatendo dessa maneira, em vão, para tentar evitar a Deus.

Vamos examinar mais de perto cada uma das duas premissas do argumento a fim de ver o que você pode dizer em defesa de ambas e quais objeções um incrédulo pode levantar contra elas.

PRIMEIRA PREMISSA

VALORES E DEVERES

O *valor moral* diz respeito ao mérito de uma pessoa ou ação, seja ela boa ou má. O *dever moral* diz respeito a nossa obrigação de agir de certa forma, seja essa ação certa ou errada.

Se Deus não existe, também não existem valores morais objetivos nem deveres.

Duas distinções importantes

A primeira premissa envolve algumas distinções importantes que devemos primeiro compreender antes que possamos apreciar as razões para pensarmos que essa premissa é verdadeira.

Valores e deveres

Em primeiro lugar, note que eu faço uma distinção entre valores e deveres. Valor tem a ver com o fato de algo ser bom ou mau. Deveres têm a ver com o fato de algo ser certo ou errado. Ora, você pode pensar a princípio que essa distinção não faz diferença: bom e “certo” significam a mesma coisa, e o mesmo vale para mau e “errado”. Mas se você pensar um pouco, verá que não é bem assim.

O dever tem a ver com uma obrigação moral, com aquilo que se deve ou não fazer. Mas é evidente que você não é moralmente obrigado a fazer algo somente porque seria bom que você fizesse aquilo. Por exemplo, seria bom que você se formasse em medicina, mas você não está moralmente obrigado a se tornar um médico. Afinal, também seria bom se você se tornasse um fazendeiro ou um diplomata, mas você não pode ser todas essas coisas. Além do mais, às vezes tudo que se tem são escolhas ruins (pense no filme *A*

PARA DISCUTIR

Faça uma lista de alguns *valores* — de coisas que você acredita serem boas ou más. Então, faça uma lista de alguns *deveres* — de coisas que você acredita serem certas ou erradas. Compare suas listas com as de outra pessoa para ter certeza de que você captou com clareza a distinção.



escolha de Sofia), embora não seja errado você escolher uma delas, uma vez que se tenha que escolher uma.

Assim, existe uma diferença entre bom e mau e certo e errado. Bom e mau têm a ver com o *valor* de algo, enquanto certo e errado têm a ver com o fato de algo ser *obrigatório*.

Objetivo e subjetivo

Em segundo lugar, existe uma diferença entre ser objetivo ou subjetivo. Por objetivo quero dizer “independente da opinião das pessoas” e por subjetivo, “dependente da opinião das pessoas”. Assim, afirmar que existem valores morais objetivos significa dizer que algo é bom ou mau independente do que as pessoas pensem a seu respeito. De forma semelhante, dizer que temos deveres morais objetivos e dizer que certas ações são certas ou erradas para nós, independente do que as pessoas pensem.

Assim, por exemplo, dizer que o holocausto foi objetivamente errado é dizer que ele foi errado ainda que os nazistas que o levaram diante pensassem que ele era correto, e continuaria a ser errado mesmo que eles tivessem vencido a guerra e conseguido exterminar ou fazer uma lavagem cerebral em todos que discordassem deles, para que todos acreditassem que o holocausto era correto.

A primeira premissa afirma que, se Deus não existe, então os valores e deveres morais não são objetivos nesse sentido.

Defesa da primeira premissa

Valores morais objetivos exigem a existência de Deus

Assim, consideremos primeiro os valores morais. Tradicionalmente os valores morais têm sido baseados em Deus, que é o bem supremo. Mas se Deus não existir, qual é a base dos valores morais? Em particular, por que pensamos que os seres humanos possuem valor moral? A forma mais popular de ateísmo é o naturalismo, que sustenta que as únicas coisas que existem são aquelas descritas

Objetivo significa algo independente da opinião humana. Por exemplo, as leis da natureza se sustentam, quer as reconheçamos ou não; logo, são objetivas.

Subjetivo significa algo dependente da opinião humana. Por exemplo, questões ligadas ao gosto, como achar que o café tenha ou não um sabor agradável, são relativas a cada pessoa e, por isso, são subjetivas.





CHARLES DARWIN

pelas nossas melhores teorias científicas. Mas a ciência é moralmente neutra; não se pode encontrar valores morais em um tubo de ensaio. Segue-se imediatamente que os valores morais não existem na realidade; eles são meras ilusões dos seres humanos.

Mesmo que um ateu esteja disposto a ir além dos limites da ciência, por que pensar, dada uma cosmovisão ateu, que os seres humanos são moralmente valiosos? Segundo uma visão naturalista os valores morais são apenas o subproduto da evolução biológica e do condicionamento social. Assim como um bando de babuínos demonstram ter um comportamento de cooperação e até mesmo de autossacrifício pelo fato de a seleção natural ter determinado que isso era vantajoso na luta pela sobrevivência, seu parente primata, o *Homo sapiens*, dá mostras de um comportamento semelhante pelos mesmos motivos. Em consequência de pressões sócio-biológicas, desenvolveu-se entre os *Homo sapiens* uma espécie de "moralidade de bando" que funciona bem na perpetuação de nossa espécie.

Mas nessa visão ateu não parece haver nada a respeito do *Homo sapiens* que faça dessa moralidade algo objetivamente verdadeiro. Se pudéssemos voltar o filme da evolução humana à origem e começar tudo de novo, pessoas com um conjunto de valores morais bem diferente poderiam muito bem ter evoluído.

Como escreveu o próprio Darwin na obra *The Descent of Man* [O declínio do homem]:

Se [...] os homens fossem criados precisamente sob as mesmas condições das abelhas de uma colmeia, dificilmente teríamos dúvida de que nossas fêmeas que não se casassem, assim como as abelhas operárias, acreditariam ser um dever



sagrado matar seus irmãos, e as mães lutariam para matar suas filhas férteis, e ninguém pensaria em interferir.¹

Pois pensar que os seres humanos são especiais e que nossa moralidade é objetivamente verdadeira é sucumbir à tentação do especismo, uma discriminação injustificada para com a nossa própria espécie.

Assim, se Deus não existir, parece não haver qualquer razão para considerar a moralidade de bando desenvolvida pelo *Homo sapiens* como algo objetivamente verdadeiro. Se tirarmos Deus do quadro, tudo que nos resta é uma criatura simiesca em uma partícula de poeira solar atormentada por delírios de grandeza moral.

Deveres morais objetivos exigem a existência de Deus

Consideremos agora os deveres morais. Tradicionalmente acreditava-se que nossos deveres morais vieram de ordens divinas como os Dez Mandamentos. Mas se Deus não existir, que base nos sobra para os deveres morais? Segundo a visão ateuista, os seres humanos são meros animais e animais não têm deveres morais uns para com os outros. Quando um leão mata uma zebra, ele apenas mata a zebra, mas não a assassina. Quando um enorme tubarão branco copula à força com uma fêmea de sua espécie, ele força a cópula, mas não a estupra — pois nenhum desses atos possui uma dimensão moral. Eles não são nem proibidos nem obrigatórios.

Assim, se Deus não existir, por que pensar que temos quaisquer deveres morais de fazer qualquer coisa? Quem ou o que nos impõe esses deveres morais? De onde esses deveres vêm? É difícil ver porque razão eles seriam algo mais do que uma impressão subjetiva, fruto do condicionamento social e familiar.

ESPECISMO

Especismo é “um preconceito ou atitude tendenciosa em favor dos membros de sua própria espécie e contra os membros de outras espécies”. Richard D. Ryder, filósofo e psicólogo britânico, cunhou em 1970 esse termo que, mais tarde, teve seu uso incorporado por vários ativistas dos direitos animais, inclusive Peter Singer.

¹ Charles Darwin, *The Descent of Man and Selection in Relation to Sex*. Nova Iorque: D. Appleton & Company, 1909, p. 100.



“Sinto muito, senhor policial.
Simplesmente detesto tofu.”

Certas ações, como o incesto e o estupro, podem não ser vantajosas em termos biológicos e sociais e, por isso, no curso da história da humanidade vieram a se tornar um tabu. Mas isso não faz absolutamente nada para mostrar que o estupro ou o incesto são comportamentos realmente *errados*. Tais coisas acontecem o tempo todo no reino animal. O estuprador que violasse a moralidade do bando

não estaria fazendo nada mais grave do que agindo de forma deselegante, como alguém que arrota alto quando está à mesa. Se não tivermos alguém que faça as leis morais, então não existem deveres morais objetivos que devamos obedecer.

PARA DISCUTIR

Tente pensar em um argumento ateuista para defender a ideia de que a cópula forçada é algo moralmente errado para seres humanos, mas não para tubarões. Como você responderia a isso?

Esclarecimentos sobre o argumento

Ora, é extremamente importante que entendamos com clareza a questão diante de nós. Posso praticamente garantir que, se você compartilhar esse argumento moral com algum incrédulo, alguém dirá com indignação: “Você está dizendo que todos os ateístas são



peças más?”. Eles pensarão que você é intolerante e julga todo mundo. Precisamos ajudá-los a ver que isso é uma total falta de compreensão do argumento.

A pergunta não é: Devemos acreditar em Deus a fim de viver uma vida moral? Não há motivo para pensar que os incrédulos não possam viver o que normalmente chamamos de uma vida boa e decente.

E a pergunta também não é: Podemos reconhecer a existência de valores e deveres morais sem acreditar em Deus? Não há motivo para pensar que alguém deve acreditar em Deus para reconhecer, por exemplo, que devemos amar nossos filhos.

E repito mais uma vez, a pergunta também não é: Podemos formular um sistema ético sem fazer referência a Deus? Se um incrédulo reconhecer o valor intrínseco da vida humana, não há motivo para pensar que ele não possa elaborar um código de conduta ética com o qual um cristão possa concordar em termos gerais. (É evidente que não levaremos em conta quaisquer deveres morais que tenhamos em relação a Deus.)

Antes, a verdadeira pergunta é: Se Deus não existir, existem valores e deveres morais? A questão não é se há necessidade de acreditar em Deus para ter uma moralidade objetiva, mas sim se há necessidade de que Deus exista para que exista uma moralidade objetiva.

Tenho ficado chocado em ver como até mesmo filósofos profissionais, que deveriam saber isso, confundem essas duas questões. Por exemplo, eu participei certa vez de um debate em uma faculdade com o filósofo humanista Paul Kurtz, sobre o tema ‘A bondade sem Deus é boa o bastante’. Na ocasião, argumentei que se Deus não existe, então não existem nem valores nem deveres morais objetivos e nem mesmo responsabilização pelos atos cometidos.

Para minha surpresa, o professor Kurtz perdeu-se completamente na questão. Ele respondeu:

Se Deus é essencial, então como é possível que milhões de pessoas que não acreditam em Deus, mas, mesmo assim, têm uma conduta moral? Segundo a sua visão, elas não deveriam

TRATA-SE DA EXISTÊNCIA DE DEUS

O argumento moral não afirma que a *crença* em Deus é necessária para a moralidade objetiva, mas sim que a *existência* de Deus é.



ter. E, por isso, o seu Deus não é essencial [...] Muitas pessoas têm sido otimistas em relação à vida; têm vivido uma vida plena [...] e têm achado a vida emocionante e [...] cheia de sentido. Elas também não ficam se preocupando em saber se existe ou não vida após a morte. É viver aqui e agora que interessa.²

Os pontos que Kurtz levantou mostram apenas que crer em Deus não é essencial para viver uma vida moral e ter uma visão otimista da vida. Mas nada faz em termos de refutar minha alegação de que, se Deus não existe, então a moralidade humana é mera ilusão.

Repito: *Acreditar* em Deus não é algo necessário para a moralidade objetiva; mas *Deus* é.



PARA DISCUTIR

Como você explica o fato de que os ateístas simplesmente saibam que ferir um ser humano inocente é errado, e que eles vivam vidas decentes sem, no entanto, acreditar que Deus seja a fonte suprema de valores e deveres?

O dilema de Eutífron

A outra resposta que você pode ter como certa partindo dos incrédulos é o chamado dilema de Eutífron, que recebe esse nome em função de um dos diálogos de Platão. Basicamente é assim: Há algo bom por que Deus

deseja que seja assim? Ou Deus deseja algo por que isso é bom? Se disser que algo é bom porque Deus deseja que seja assim, então o bem se torna arbitrário. Deus poderia ter desejado que o mal fosse bom, e então teríamos sido moralmente obrigados a odiar uns aos outros. Isso parece loucura. Alguns valores morais, ao menos, parecem ser necessários. Mas se você disser que Deus deseja algo por que isso é bom, então o que é bom ou mau independe de Deus. Nesse caso, valores e deveres morais existem independentemente de Deus, o que contradiz a primeira premissa.

² William Lane Craig e Paul Kurtz, "The Kurtz/Craig Debate", in *Goodness without God is Good Enough*, ed. Robert Garcia e Nathan King. Lanham: Rowman & Littlefield, 2008, p. 34.





Resposta ao dilema de Eutífron

Não precisamos refutar as duas alternativas do dilema de Eutífron, pois o dilema que nos é apresentado é falso: Existe uma terceira alternativa, a saber, Deus deseja algo porque Deus é bom. O que quero dizer com isso? Quero dizer que a própria natureza de Deus é o padrão do que é bom, e seus mandamentos para nós são expressão de sua natureza. Em síntese, nossos deveres morais são mandamentos de um Deus justo e bom.

Então, os valores morais não independem de Deus, pois o próprio caráter de Deus define o que é bom. Deus é essencialmente misericordioso, justo, bom, imparcial e assim por diante. Sua natureza e o padrão moral que define o bom e o mau. Seus mandamentos necessariamente refletem sua natureza moral. Portanto, eles não são arbitrários. Então, quando um ateuista disser, “Se Deus ordenasse que se abusássemos de uma criança, estaríamos obrigados a fazer isso?”, ele na verdade está perguntando algo assim: “Se houvesse um círculo quadrado, sua área seria o quadrado de um de seus lados? Não há resposta para isso, pois essa suposição é logicamente impossível.

Assim, o dilema de Eutífron nos apresenta uma falsa alternativa, e não devemos nos deixar enganar por ela. O que é moralmente bom ou mau é definido pela natureza de Deus, e o que é moralmente certo ou errado é determinado pela vontade de Deus. Deus deseja algo porque Ele é bom, e algo é certo porque Deus o deseja.

Platonismo moral ateuista: Os valores morais simplesmente existem

A menção a Platão nos traz à mente outra possível resposta à primeira premissa. Platão acreditava que o bem apenas existia por si mesmo, como uma espécie de ideia autoexistente. (Se você acha isso difícil de entender, junte-se ao time!) Pensadores cristãos posteriores equipararam o bem de Platão à natureza moral de Deus; mas Platão pensava que o bem apenas existia por si mesmo. Assim,

O DILEMA DE EUTIFRON

1. Algo é bom porque Deus assim deseja? Nesse caso, o fato de ser bom é algo arbitrário.
2. Deus deseja algo por aquilo ser bom? Então, isso é um valor moral independente de Deus.

Solução: Deus deseja algo porque ele é bom.

A visão dos valores e deveres morais explicitada no texto tem sido defendida com eloquência em nossos dias por filósofos eminentes como Robert Adams, William Alston e Philip Quinn. No entanto, os ateístas continuam a insistir no velho dilema de Eutífron. No recente *The Cambridge Companion to Atheism* (2007), por exemplo, o artigo sobre

Deus e moralidade, escrito por um célebre eticista, não faz referência ao trabalho desses acadêmicos nem à solução proposta aqui, mas ataca somente a visão de que Deus arbitrariamente tenha feito os valores morais - uma falácia do espantalho que praticamente ninguém defende!

alguns ateístas poderiam dizer que valores morais como a justiça, a misericórdia, o amor e assim por diante existem sem qualquer fundamento. Podemos chamar essa visão de platonismo moral ateísta. Ela defende que valores morais objetivos existem, mas não são fundamentados em Deus. O que podemos dizer dessa visão?

Resposta ao platonismo moral ateísta

Em primeiro lugar, o platonismo moral ateísta parece ininteligível. O que significa, por exemplo, dizer que o valor moral da justiça apenas existe? É difícil tirar algum sentido disso. É fácil compreender o que significa dizer que alguém é justo, mas é desconcertante quando alguém diz que a justiça existe por si só, na ausência de qualquer pessoa. Os valores morais parecem ser propriedades das pessoas, e é difícil entender como a justiça possa existir como uma abstração.

Em segundo lugar, essa visão não fornece uma base para os deveres morais. Vamos supor, a título de argumentação, que valores morais como a justiça, a lealdade, a misericórdia, a paciência e outros apenas existam. Como isso resultaria em qualquer obrigação moral para mim? Por que eu teria um dever moral de ser, por exemplo, misericordioso? Quem ou o que imporá tal obrigação a mim? Note que, segundo essa visão, vícios morais como cobiça, ódio, apatia e egoísmo também presumivelmente existem por si só, como abstrações. Então, por que somos obrigados a alinhar nossa vida com um dos grupos desses objetos abstratamente existentes em vez do outro?

O platonismo moral ateu, pela falta de um legislador moral, não tem fundamentos para a obrigação moral.



Em terceiro lugar, é fantasticamente improvável que o processo evolutivo cego fosse capaz de cuspir precisamente o tipo de criaturas que correspondessem ao domínio abstratamente existente dos valores morais. Isso parece ser uma coincidência totalmente não crível, quando se pensa nela. É quase como se o domínio moral *soubesse* que estávamos chegando. É muito mais plausível, como Sorley defendia, pensar que o domínio moral e o domínio natural estão sob a autoridade de um Deus que nos deu tanto as leis da natureza quanto a lei moral, do que pensar que esses dois domínios independentes apenas se entrosaram por acaso.

Humanismo obstinado: O que quer que contribua para o progresso humano é bom

Então, o que um ateu faz a esta altura? A maior parte deles *quer* afirmar a realidade objetiva dos valores e deveres morais. Então, eles simplesmente abraçam alguma espécie de humanismo e param por

HUMANISMO

O *humanismo* é a visão de que o homem é a medida de todas as coisas. Em particular, o homem toma o lugar de Deus como âncora dos valores morais, e os deveres morais são determinados por aquilo que promove o progresso da humanidade.

aí. O que quer que contribua para o progresso humano é bom e o que quer que o impeça é mau, e a história termina por aqui.

Resposta ao humanismo obstinado

No entanto, simplesmente tomar o progresso humano como ponto de parada final parece ser prematuro, devido a arbitrariedade e implausibilidade desse ponto.

Trataremos primeiro de sua arbitrariedade. Dado o ateísmo, por que acreditar que aquilo que conduz ao progresso humano seja de algum modo mais valioso do que aquilo que conduz ao progresso de formigas ou camundongos? Por que pensar que infligir o mal a outro membro de nossa espécie é algo errado? Quando fiz essa pergunta ao eticista Walter Sinnott-Armstrong, em nosso debate sobre a existência de Deus, a resposta dele foi: “Porque simplesmente é. Objetivamente. Você não concorda?”³ É evidente que eu concordo *ser* errado infligir o mal a outro ser humano, mas disse a ele que não havia sido essa a minha pergunta. A pergunta que fiz foi: Por que *isso seria errado* se o ateísmo fosse verdadeiro? Quando fiz essa mesma pergunta a uma filósofa da Universidade de Massachusetts, Louise Antony, em nosso debate “Deus é necessário para a moralidade?”, ela prontamente respondeu: “Eu me pergunto se você tem amigos.” Eu apenas sorri — mas o ponto continua sendo que, quer gostemos ou não, dada uma cosmovisão ateísta, escolher o progresso humano como moralmente especial parece ser arbitrário.

Falemos agora da questão da implausibilidade. Os ateístas às vezes dizem que propriedades morais, como a bondade ou a maldade, necessariamente se vinculam a certos estados naturais de coisas. Por exemplo, a propriedade da maldade necessariamente está vinculada à ação de um homem que bate na esposa. A propriedade da bondade necessariamente está vinculada ao fato de uma mãe amamentar seu bebê. Os ateístas dirão que, uma vez que as propriedades puramente

³ William Lane Craig e Walter Sinnott-Armstrong, *God?: A Debate between a Christian and an Atheist*. New York: Oxford University Press, 2003, p. 34.



naturais estão em seu devido lugar, então as propriedades morais as acompanham. Ora, dado o ateísmo, isso parece extraordinariamente implausível. Por que pensar que essas propriedades morais como a “bondade” e a “maldade”, estranhas e não naturais, sequer existam, quanto mais pensar que de algum modo elas necessariamente se vinculam a vários estados naturais de coisas? Não consigo enxergar uma boa razão sequer para pensar que, dada uma cosmovisão ateísta, uma descrição completa das propriedades naturais envolvidas em alguma situação determinaria ou estabeleceria quaisquer propriedades morais dessa situação.

Esses filósofos humanistas adotaram simplesmente uma abordagem às questões éticas semelhante a uma “lista de compras”. Por sustentarem o humanismo, eles só se servem das propriedades morais que precisam para sua tarefa. O que é preciso para tornar a visão deles plausível é algum tipo de explicação do *porquê* de propriedades morais se vincularem a certos estados naturais de coisas. De novo, é inadequado para um humanista afirmar que nós, de fato, vemos que os seres humanos possuem valor moral intrínseco, pois isso não está em discussão. Na verdade, essa é a segunda premissa do argumento moral! O que queremos dos humanistas é alguma razão para pensar que os seres humanos seriam moralmente importantes se o ateísmo fosse verdade. Da forma como está, o humanismo deles é apenas uma questão de crença moral obstinada.

Por contraste, Deus é um ponto de parada natural, como fundamento para valores e deveres morais objetivos. Pois, ao menos que todos sejamos niilistas morais, temos que reconhecer algum ponto de parada, e Deus, como realidade última, é o lugar natural para se parar. Além disso, Deus é, por definição, digno de ser adorado, de modo que ele deve ser a personificação da perfeita bondade moral. Repito, Deus, por definição, é o maior dos seres concebíveis, e um ser que é o fundamento e a fonte da bondade é maior do que outro que meramente toma parte nessa bondade. Assim, o teísmo não se caracteriza pelo mesmo tipo de arbitrariedades e implausibilidade que aflige o humanismo obstinado.

Existem valores e deveres morais objetivos.

Isso nos traz a nossa segunda premissa, que afirma que existem valores e deveres morais objetivos. A princípio pensei que essa seria a premissa mais controversa do argumento. No entanto, em meus debates com filósofos ateus, descobri que praticamente ninguém a refuta. Pode ser que você fique surpreso ao saber que pesquisas feitas em diversas universidades revelam que, talvez contrariando a primeira impressão, os professores em geral se mostram mais propensos em acreditar em valores morais objetivos do que os estudantes, e que os professores de filosofia se mostram mais propensos em acreditar em valores morais objetivos do que os demais professores!



PARA DISCUTIR

O que você diz do fato de que professores são mais propensos a acreditarem em valores morais objetivos do que estudantes, e de que professores de filosofia em particular são mais propensos a acreditarem em valores morais objetivos do que outros professores? O que isso diz a respeito desses três grupos de pessoas? A idade pode ser um fator de influência? E a educação ou a cultura popular?

Experiência moral

Os filósofos, ao refletir sobre nossa experiência moral, não veem razões para desconfiar dessa experiência mais do que veem para a experiência dos nossos cinco sentidos. Acredito naquilo que meus cinco sentidos me dizem, ou seja, que existe um mundo de objetos físicos à minha volta. Meus sentidos não são infalíveis, mas isso não me leva a pensar que não haja um mundo exterior à minha volta. Do mesmo modo, na ausência

de alguma razão para desconfiar de minha experiência moral, devo aceitar o que ela me diz, isto é, que algumas coisas são objetivamente boas ou más, certas ou erradas.

A maioria de nós concorda que em experiências morais nós apreendemos valores e deveres objetivos. Quando estava participando de uma palestra, Há muitos anos, em uma universidade canadense, notei que havia um pôster colocado no campus pelo Centro de Informações sobre Agressão Sexual. Nele estava escrito: "Agressão sexual:



Ninguém tem o direito de abusar sexualmente de uma criança, de uma mulher ou de um homem”. A grande maioria reconhece que abusar sexualmente de outra pessoa é errado. Ações como estupro, tortura e abuso infantil não são apenas comportamentos socialmente inaceitáveis — são verdadeiras abominações morais. Pelo mesmo motivo, o amor, a generosidade e o autossacrifício são realmente bons. Pessoas que não conseguem ver isso são as que simplesmente possuem alguma deficiência, o equivalente moral de alguém que seja fisicamente cego, e não há nenhum motivo para permitir que a incapacidade delas coloque em questão aquilo que vemos com clareza.

Descobri que, embora as pessoas falem de relativismo da boca para fora, 95 por cento delas pode ser rapidamente convencidas de que os valores morais objetivos de fato existem. Tudo que preciso é dar algumas ilustrações e deixar que decidam por si mesmas. Pergunte a elas o que pensam da prática hindu de queimar viva uma viúva no funeral do marido, ou o que pensam do costume chinês de aleijar mulheres pelo resto da vida, ao atar seus pés desde a infância para que fiquem parecidos com flores de lótus. Você pode deixar a questão especialmente eficaz ao citar atrocidades morais cometidas em nome da religião. Pergunte a elas o que pensam das Cruzadas e da Inquisição. Pergunte a elas se acham certo que padres católicos abusem sexualmente de garotos pequenos e se é normal a igreja tentar encobri-los. Se você estiver lidando com alguém que seja honesto em seus questionamentos, posso garantir que em praticamente todos os exemplos citados essa pessoa vai concordar que existem valores e deveres morais objetivos.

E evidente que algumas vezes você se verá frente a frente com durões, mas em geral a posição que eles defendem parecerá tão extrema que será rejeitada pelos demais. Por exemplo, há alguns anos, em um encontro da Sociedade de Literatura Bíblica, assisti a um painel de discussão sobre “Autoridade bíblica e homossexualismo”, onde todos os participantes do painel endossavam a legitimidade da atividade homossexual. Um deles descartava as proibições bíblicas de tal atividade com o argumento de que elas refletiam o contexto



cultural em que foram escritas. Uma vez que esse é o caso de todas as ordens dadas nas Escrituras (pois a Bíblia não foi escrita no vazio), ele concluiu dizendo que “não existem nas Escrituras verdades morais atemporais e normativas”. Na discussão que se seguiu, eu argumentei que uma visão como a dele leva ao relativismo sociocultural, o que torna impossível criticar os valores morais de *qualquer* sociedade, *inclusive* de uma sociedade que persiga os homossexuais!

Ele respondeu com uma lenga-lenga teológica meio obscura e alegou que não há lugar fora das Escrituras onde possamos encontrar valores morais atemporais também. “Mas isso *é* precisamente o que chamamos de relativismo moral”, disse eu. “De fato, na sua visão não há conteúdo para a noção da bondade de Deus. Ele poderia estar perfeitamente morto. E Nietzsche reconheceu que a morte de Deus leva ao niilismo”. Nesse momento outra participante do painel se manifestou com uma refutação do tipo cala-boca: “Bem, se você vai começar a ser pejorativo, podemos perfeitamente deixar de discutir a questão”.

Acomodei-me em meu assento, mas aquela questão não estava superada pela audiência. Um homem da plateia se levantou e disse: “Espere um pouco. Estou confuso. Sou pastor e as pessoas sempre vem até mim e perguntam se algo que fizeram é errado e se precisam ser perdoadas. Por exemplo, o abusar de uma criança não é sempre errado?”. Eu mal acreditei na resposta de um dos participantes do painel. Ela disse: “O que pode ser classificado como abuso muda de sociedade para sociedade, de modo que não podemos de fato usar a palavra *abuso* sem associá-la a um contexto histórico”.

“Chame como você quiser”, insistiu o pastor, “mas abusar de criança é algo prejudicial a ela. Não é errado prejudicar uma criança?”. Mas nem assim a participante do painel que estava discutindo com ele admitia o que ele estava tentando mostrar! Esse tipo de dureza de coração é, em última análise, como um tiro que sai pela



PARA DISCUTIR

O que acontece com o ser humano que permite (e até mesmo o encoraja) a viver segundo uma lógica inconsistente? Por que, quando confrontados com um argumento lógico como o que é exposto neste capítulo, eles dão de ombros com tanta facilidade e seguem seu caminho, sem mudar de ideia?

culatra em relação ao relativismo moral, e expõe aos olhos da maioria das pessoas a decadência dessa cosmovisão.



Objeções sociobiológicas à experiência moral

A questão, então, é a seguinte: Temos alguma razão primordial para não confiar em nossa experiência moral? Alguns alegam que a explicação sociobiológica das origens da moralidade debilita nossa experiência moral. Segundo essa explicação, como todos se lembram, nossas crenças morais foram incutidas em nós pela evolução e pelo condicionamento social. Isso nos dá razão para desconfiar de nossa experiência moral?

Resposta às objeções sociobiológicas

A explicação sociobiológica claramente nada faz para diminuir a *verdade* de nossas crenças morais. Pois a verdade de uma crença independe *de como alguém veio a sustentá-la*. Você pode ter adquirido suas crenças morais por meio de um biscoitinho da sorte ou da leitura de folhas de chá, e ainda assim pode acontecer de elas serem verdadeiras. Em particular, se Deus existe, então existem valores e deveres morais objetivos, a despeito de como viemos a aprendê-los. A explicação sociobiológica, na melhor das hipóteses, prova que nossa *percepção* dos valores e deveres morais evoluiu. Mas se os valores morais são gradativamente descobertos, e não inventados, então nossa percepção gradual desses valores não diminui mais sua realidade objetiva do que a percepção falível e gradual que temos do mundo físico diminui sua realidade objetiva.

Mas talvez a explicação sociobiológica diminua não a *verdade* de nossas crenças morais, mas sim nossas *justificativas* para sustentá-las. Se suas crenças morais estiverem baseadas na leitura de folhas de chá, elas podem acidentalmente até mesmo virem a ser verdadeiras, mas você não terá qualquer justificativa para pensar que elas são verdadeiras. Assim, você não saberia que elas são verdadeiras.

FALÁCIA GENÉTICA

Essa falácia informal tenta invalidar uma posição mostrando como uma pessoa veio a acreditar nela. Por exemplo, “a única razão de você acreditar na democracia é por ter sido criado em um país democrático. Portanto, sua visão de que a democracia é a melhor forma de governo é falsa”. Como objeção à verdade dos juízos morais, a explicação sociobiológica é culpada de cometer uma falácia genética.

Do mesmo modo, a objeção é que, se nossas crenças morais foram moldadas pela evolução, então não podemos ter qualquer confiança nelas, pois a evolução tem como alvo não a verdade, mas a sobrevivência. Nossas crenças morais serão escolhidas por seu valor em face da sobrevivência, não por sua verdade. Assim, não podemos confiar em nossa experiência moral e, portanto, não sabemos se a segunda premissa é verdadeira.

Existem dois problemas com essa objeção para nosso conhecimento da segunda premissa. Primeiro, essa objeção assume que o ateísmo é verdade. Se Deus não existe, então nossas crenças morais são selecionadas pela evolução unicamente por seu valor para a sobrevivência, e não por sua verdade. Eu mesmo forcei esse ponto na defesa da primeira premissa. Se Deus não existe, então a explicação sociobiológica é verdadeira, e nossas crenças morais são ilusórias. Mas veja bem, não há razão para pensar que a explicação sociobiológica *seja* verdadeira. Na verdade, se Deus existe, então é provável que ele quer que tenhamos crenças morais fundamentalmente corretas e, por isso, teria guiado o processo evolutivo para produzir tais crenças ou as teria incutido em nós (Rm 2.15). Deixando de lado a presunção feita pelo ateísmo, nós não temos razões para negar o que nossa experiência moral nos diz.

O segundo problema com essa objeção é que ela é autodestrutiva. Dada a verdade do naturalismo, *todas* as nossas crenças, e não apenas as nossas crenças morais, são fruto da evolução e do condicionamento social. Assim, a explicação evolucionária leva ao ceticismo acerca do conhecimento em geral. Mas isso é um argumento autodestrutivo, pois então deveríamos ser céticos em relação ao próprio processo evolucionário. Uma vez que ele também é fruto da evolução e do condicionamento social! A objeção, portanto, destrói a si mesma. Então, dada a garantia fornecida pela segunda premissa por nossa experiência moral, temos justificativas para pensar que os deveres e valores morais existem.

“Porque, quando os gentios, que não têm lei, praticam as coisas da lei por natureza, embora não tenham lei, tornam-se lei para si mesmos, demonstrando que o que a lei exige está escrito no coração deles, tendo ainda o testemunho da sua consciência e dos seus pensamentos, que ora os acusam, ora os defendem” (Rm. 2.14–15).

Conclusão

A partir das duas premissas de que falamos, segue-se que Deus existe. O argumento moral complementa o argumento cosmológico e o argumento do *design* ao nos falar sobre a natureza moral do Criador do universo. Ele nos dá um ser pessoal, necessariamente existente, que não só é perfeitamente bom, mas cuja natureza é o padrão de bondade e cujas ordens se constituem em nossos deveres morais. Na minha experiência pessoal, o argumento moral é o mais eficaz de todos os argumentos em favor da existência de Deus. Digo isso a contragosto, pois meu argumento favorito é o cosmológico. Mas os argumentos cosmológico e teológico não alcançam as pessoas onde elas estão. O argumento moral não pode ser tão facilmente deixado de lado. Pois, a cada novo dia, você responde a pergunta se existem ou não deveres e valores morais pelo modo como você vive. É inevitável. Portanto, respondendo a pergunta com que abri o capítulo: Não, nós não podemos ser verdadeiramente bons sem Deus; mas se nós podemos ser bons, em alguma medida que seja, então se segue que Deus existe.



O ARGUMENTO MORAL

Prós	Contras
1. Se Deus não existe, então não existem valores e deveres morais objetivos.	
Sem Deus, o naturalismo e verdadeiro e a moralidade ilusória.	Como você ousa dizer que os ateístas são pessoas más!
A questão não é a <i>crença</i> em Deus, mas a <i>existência</i> de Deus.	Dilema de Eutífron
A natureza de Deus é o Bem, e sua vontade necessariamente expressará sua natureza.	Platonismo moral ateuista
O platonismo moral ateuista é ininteligível, não tem fundamento para o dever, e é improvável.	Humanismo
O humanismo é uma conclusão arbitrária e implausível.	



O ARGUMENTO MORAL (cont.)

Prós	Contras
2. Existem valores e deveres morais objetivos.	
A experiência moral revela isso.	A explicação sociobiológica invalida a experiência moral.
A explicação sociobiológica não diminui a <i>verdade</i> das crenças morais.	
A explicação sociobiológica não diminui a <i>justificação</i> das crenças morais	
A explicação sociobiológica parte do pressuposto de que o altruísmo é verdade	
A explicação sociobiológica erra a si mesma	
3. Logo, Deus existe	



CAPÍTULO 7

E O QUE DIZER DO SOFRIMENTO?

Mas também nos gloriamos nas tribulações: sabendo que a tribulação produz perseverança, e a perseverança, a aprovação, e a aprovação, a esperança (Rm 5.3-4).

Nos quatro capítulos anteriores, vimos quatro poderosos argumentos em favor da existência de Deus baseados em considerações filosóficas, científicas e morais. Juntos eles formam uma boa defesa para acreditarmos em Deus. Mas evidentemente temos que considerar as evidências do outro lado da balança também. O incrédulo pode oferecer argumentos igualmente poderosos para mostrar que Deus *não* existe?

“Não há evidências de que Deus existe!”

Na realidade, não existem muitos argumentos contra a existência de Deus. A principal reclamação dos ateístas é que não há evidências *em favor* da existência de Deus. Mas se você já aprendeu bem os quatro argumentos de que tratamos nos capítulos anteriores, essa reclamação não se aplica a você.

Os incrédulos não estão acostumados a encontrar cristãos que podem de fato dizer a razão da esperança que há neles. Quando um incrédulo disser: “Não há evidência de que Deus existe”, você pode fazê-lo parar na mesma hora dizendo: “Puxa, consigo pensar em pelo menos quatro bons argumentos que mostram que Deus existe.” Nessa hora ele lhe dirá: “Como o quê?” e aí, meu amigo, você estará no caminho certo!

Você perceberá que os incrédulos em geral são tão despreparados para discutir essas questões que tudo o que conseguem fazer, em resposta aos argumentos apresentados, é ficar repetindo a si mesmos: “Não há evidências de que Deus existe!”. Um blogueiro retratou meu debate com o ateuista Lewis Wolpert, no Central Hall em Westminster, da seguinte maneira:

Wolpert: “Não há evidências de que Deus existe!”

Craig: “Sim, *há* evidências de que Deus existe e aqui estão elas...”

Wolpert: “Não há evidências de que Deus existe!”

Craig: “Sim, *há* evidências de que Deus existe e aqui estão elas...”

Wolpert: “Não há evidências de que Deus existe!”

Lamentavelmente, esse retrato não está muito longe da verdade! As vezes parece que os incrédulos são surdos. Eles foram ensinados a ficar repetindo, “Não há evidências de que Deus existe!”, como se fosse um mantra, aparentemente acreditando que pelo fato de dizer

isso o tempo todo de alguma forma faz disso uma verdade. Mas isso, de fato, é um disfarce para a preguiça intelectual e a falta de engajamento. Não passa de uma forma de dizer: “Não estou convencido dos seus argumentos”.

Assim, se um incrédulo reagir a seus argumentos dizendo, “Não há evidências de que Deus existe!”, apenas diga educadamente:

“Bem, parece que você não acha meus argumentos convincentes. Logo, deve pensar que alguma das minhas premissas é falsa. Qual delas você refuta e por quê?”.

Um ateuista com quem estava dialogando certa vez me deu a seguinte resposta a essa pergunta: “Refuto todas elas!” Então lhe respondi: “Certamente você não refuta todas elas. Por acaso você refuta que o universo existe ou que o ajuste perfeito do universo se deve a necessidade física, ao acaso ou ao *design*?”. Então ele mesmo reconheceu que sua observação fora descuidada. Tente fazer com que o incrédulo

se envolva com as premissas específicas que você está argumentando.

Tudo isso destaca a importância de memorizar esses breves argumentos. Memorizá-los ajudará você a não se perder na



PARA DISCUTIR

Você acha produtivo se envolver em discussões do tipo: “Acho que a religião só existe na sua cabeça” ou “A religião trouxe mais mal do que bem à sociedade”? Em caso afirmativo, sob quais circunstâncias e como? Em caso negativo, por que não?



PARA DISCUTIR

Quais seriam algumas das razões para uma pessoa rejeitar a Deus e não se interessar por argumentos lógicos?

argumentação. Em resposta à sua pergunta, “qual das minhas premissas você refuta e por quê?”, o incrédulo prontamente dirá algo do tipo, “acho que religião é uma invenção da sua cabeça” ou “a religião já fez mais mal do que bem para a humanidade”. Mas não se deixe distrair! Compreendo como você se sente. Mas você disse que não há evidências de que Deus existe”. Por isso, gostaria de saber quais premissas do meu argumento você refuta e por quê”. Tente envolvê-lo no argumento. Depois de um tempo pode ser que você chegue a um ponto em que diga a ele: “Olha, não acho que você realmente refuta Deus por causa de uma falta de evidências. Percebo uma rejeição a Deus mais profunda, emocional. Qual é a verdadeira razão pela qual você rejeita Deus?”. A essa altura você passará da apologética para o aconselhamento pessoal.

O ponto que defendo é que ter alguns argumentos à mão irá invalidar por completo a principal razão para a descrença do ateuísta, isto é, de que não há evidências para a existência de Deus.

É claro que, mesmo que não existissem evidências da existência de Deus, isso não prova que Deus *não* existe. Um cientista forense australiano que conheci certa vez em que estive dando palestras em Sidney me contou que existe um ditado que os criminalistas adoram. *a ausência de evidência não é evidência de que não existem evidências*. O suspeito ainda pode ser o assassino, mesmo que não haja nenhuma evidência de que foi ele que cometeu o crime. Para eliminar a hipótese de ele ser o assassino, é preciso um alibi, ou seja, uma prova positiva de que ele não cometeu o crime. Para eliminar a hipótese da existência de Deus, o ateuísta precisa mais do que uma mera ausência de evidências; ele precisa de alguma prova positiva da não existência.

Ateísmo redefinido como ausência de crença

Com bastante frequência os próprios ateuístas admitem que eles não têm evidência da não existência de Deus, mas tentam apresentar isso de forma diferente. Eles dirão: “Ninguém pode provar uma



negativa universal” (como dizer, por exemplo, que “Deus não existe”). E pensam eles que dizer isso de alguma forma os exime de precisar de uma evidência contra a existência de Deus.

Mas não só é falso dizer que não se pode provar uma negativa universal (pois tudo o que se tem que fazer é mostrar que algo se contradiz), mas, o mais importante, essa alegação é de fato uma admissão de que é impossível provar o ateísmo! O ateísmo traz em si uma negativa universal, não se pode provar uma negativa universal, logo, não se pode provar o ateísmo. No final, chega-se à conclusão de que é o ateu que acredita em uma visão para a qual não há e nem pode haver evidências. Esse argumento tem que ser parte do arsenal apologético cristão!

O que muitos ateístas fazem nessa altura do campeonato é revisar a definição de ateísmo, de modo que ela deixe de ser a visão de que Deus não existe e se torna meramente a ausência de crença em Deus. Qualquer um que não acredite em Deus pode ser considerado um ateu.

Essa redefinição não somente é contrária ao sentido tradicional da palavra, mas é realmente inútil como definição. Pois, segundo essa nova definição, o ateísmo deixa de ser um ponto de vista ou uma posição. Antes, é apenas uma descrição do estado psicológico de alguém, a saber, o estado da falta de crença em Deus. Como tal o ateísmo não é verdadeiro nem falso, e até os bebês podem ser considerados ateístas! Mas será que você conseguiria imaginar o seguinte diálogo entre duas jovens mães?

Brooke: “Julie, ouvi dizer que você teve gêmeos! Parabéns!”

Julie: “É verdade. Obrigada! Mas sabe estou tão triste...”

Brooke: “O que aconteceu?”

Julie: “Os dois são ateístas!”

Segundo essa redefinição de ateísmo até meu gatinho Muff, que tenho certeza jamais sequer pensou sobre essa questão, acaba se tornando um ateu!

AFIRMAÇÕES-CHAVE

Teísmo: “Deus existe”.

Ateísmo: “Deus não existe”.

Agnosticismo: “Deus pode ou não existir”.



Será que o Muff é um ateísta?

Toda essa conversa ainda nos deixa perguntando se Deus existe ou não. Quer chamemos isso de “ateísmo” ou “chateísmo”, o que queremos saber é se Deus existe e qualquer um que diga que Ele não existe precisa ter alguma evidência ou argumento a favor de sua posição.

O argumento do sofrimento

Os inventivos ateístas de fato se esforçam para arrumar argumentos contra a existência de Deus. Sem sombra de dúvida, o mais importante deles é o problema do sofrimento. Quando se leva em conta a extensão e a profundidade do sofrimento que há no mundo, seja devido a desastres naturais ou a própria falta de humanidade para com outro ser humano, então é preciso admitir o quanto é difícil acreditar em Deus. O horrível sofrimento que há no mundo certamente parece ser evidência da ausência de Deus.

Em 1985, quando eu e minha esposa estávamos morando perto de Paris, o problema do sofrimento se impactou de forma poderosa por causa de dois incidentes mostrados na televisão francesa. Na Cidade do México, um terrível terremoto havia devastado blocos de apartamentos de vários andares. Quando as equipes de resgate estavam procurando sobreviventes nos escombros, encontraram um menino de dez anos de idade vivo e preso sob os escombros do que havia restado de um prédio que caíra. Durante os vários dias que se seguiram, o mundo inteiro assistiu em agonia as tentativas do time de resgate para retirar os escombros e poder libertar o garoto. Eles podiam se comunicar com ele, mas não alcançá-lo. Seu avô, que havia ficado preso junto com ele, já estava morto. “Estou com medo!”, chorava o menino. Depois de onze dias, só havia o silêncio. Sozinho no escuro, preso nos escombros sem comida nem água, com medo, o pequeno menino morreu antes que as equipes de resgate conseguissem libertá-lo.

Naquele mesmo ano houve um deslizamento de terra sobre uma pequena cidade da Colômbia. Enquanto procuravam por sobreviventes, as equipes de resgate encontraram uma garotinha enterrada até o queixo no meio da água barrenta. Por algum motivo eles não conseguiam tirá-la de lá ou retirar a água. Tudo o que podiam fazer era ficar lá, assistindo sua morte. A cada noite no noticiário víamos cenas da morte gradual da garotinha. Eram as cenas mais grotescas que eu já vi. Lá estava ela, incapaz de se mover, cuspidando fora a água que constantemente enchia-lhe a boca. À medida que os dias se passavam, ela ficava cada vez mais exaurida e profundas olheiras se formaram sob seus olhos. Ela estava morrendo diante dos nossos olhos, enquanto assistíamos a televisão. Finalmente, uma noite o noticiário informou que ela havia morrido.

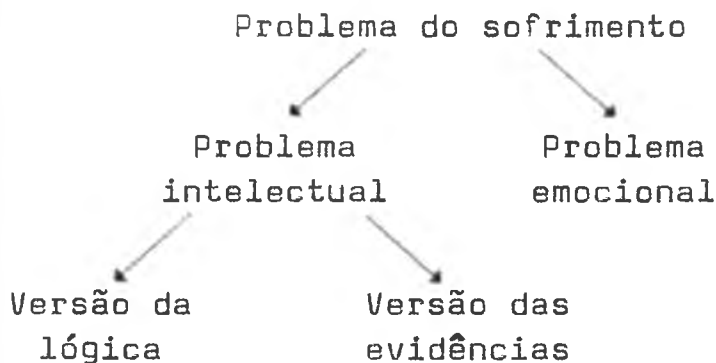
Esses dois incidentes partiram meu coração. *O, Deus! Pensava eu. Como pode permitir que esses pequeninos morressem dessa maneira? Se eles tinham que morrer, que morressem! Mas o Senhor poderia ter deixado que o menino morresse instantaneamente, com o desabamento do prédio, ou permitir que a garotinha se afogasse de uma vez. Por que essas*

mortes torturantes, lentas, sem sentido? Vou ser bem honesto. Quando vejo acontecer esse tipo de coisa, fica difícil acreditar em Deus.

Mas como já disse certa vez com muita sabedoria um amigo meu, como filósofo sou chamado a dizer o que *penso* sobre alguma questão, e não como me *sinto* em relação a ela. E por mais difícil que o problema do sofrimento possa ser em termos emocionais, não há motivo nisso ou fora disso para pensar que Deus não exista.

Versões do problema do sofrimento

Assim, ao tratarmos desse tópico tão carregado de emoções, é crucial fazermos uma série de distinções para manter a clareza de raciocínio (Fig. 1).



Antes de tudo, devemos fazer uma distinção entre o problema intelectual e o problema emocional que o sofrimento provoca. O problema intelectual diz respeito ao fato de ser ou não plausível pensar que Deus e o sofrimento possam coexistir. O problema emocional diz respeito ao fato de as pessoas não apreciarem a ideia de um Deus que permita o sofrimento.

É vital manter a diferença entre esses problemas, pois a resposta do problema intelectual sem dúvida parecerá seca e indiferente para a pessoa que está lutando com o problema emocional, e a resposta ao problema emocional provavelmente soará superficial e fraca para



quem estiver contemplando o sofrimento como uma questão abstrata, filosófica.

Estou plenamente convencido de que para a maior parte das pessoas o terrível sofrimento no mundo é na verdade um problema emocional, e não intelectual. Sua descrença nasce não de uma *refutação*, mas sim de uma *rejeição*. Essas pessoas simplesmente não querem ter nada a ver com um Deus que permite que elas ou outros sofram tão terrivelmente. Porém, a fim de sustentar minha alegação de que o sofrimento propõe sobre-

tudo um problema emocional, precisamos analisar em detalhes o problema intelectual para demonstrar que ele falha como uma prova do ateísmo.

O problema intelectual do sofrimento

Agora, ao discutir o problema intelectual do sofrimento, é importante manter em mente quem tem o ônus da prova nessa questão. Nos capítulos anteriores, estávamos considerando argumentos em favor da existência de Deus, e por isso quem acredita em Deus é quem tinha o ônus da prova. Mas agora chegou a vez dos ateístas. Estamos considerando os argumentos a *favor* do ateísmo. E queremos ouvir dos ateístas alguns argumentos contrários a Deus. Assim, agora é a vez do ateu arcar com o ônus da prova. Cabe a ele nos fornecer um argumento que leve a conclusão de que, portanto, Deus não existe.

Com extrema frequência os crentes permitem que os incrédulos invertam o onus da prova. “Dê-me uma boa explicação por que Deus permite o sofrimento”, exigem eles, e então se sentam, posando de céticos, enquanto aquele que crê em Deus se esforça para dar explicações. E o ateísmo acaba não provando coisa nenhuma. Essa pode ser uma estratégia muito esperta da parte de um ateu, mas é filosoficamente ilegítima e intelectualmente desonesta.



PARK JUNG YOUNG

Você já passou por uma experiência de profundo sofrimento? Como sua experiência (ou a falta dela) afeta a maneira como você pensa sobre o problema do sofrimento?



Não permita que um ateu se esquive de suas responsabilidades intelectuais. Não é ele que alega que a coexistência de Deus e do sofrimento é impossível ou improvável? Então, cabe a ele nos fornecer seu argumento e sustentar suas premissas. É a vez de o cristão dar uma de cético e questionar se o ateu demonstrou ou não que Deus não pode ter ou não uma boa razão para permitir o sofrimento no mundo. Insista no fato de que o ateu arque com sua parte no ônus da prova quando for a vez dele de apresentar seu argumento contra Deus.

O problema intelectual do sofrimento possui duas versões. A *versão da lógica* tenta demonstrar que a coexistência de Deus e do sofrimento é logicamente impossível. A *versão das evidências* tenta demonstrar que a coexistência de Deus e do sofrimento é altamente improvável.

Agora, antes que você comece a dialogar com um incrédulo acerca do problema do sofrimento, é preciso que descubra qual dessas versões ele sustenta. Por isso, apenas pergunte a ele: “Você está dizendo que é *impossível* que Deus e o sofrimento que há no mundo coexistam, ou está dizendo que é meramente *improvável* que ambos coexistam?”. Se ele for como a maioria dos ateístas, é bem provável que jamais tenha pensado sobre isso e não tenha a mais remota ideia do que responder. Então, você precisará ajudá-lo a entender em que ele acredita, explicando-lhe as duas versões. O que ele acredita vai determinar a sua resposta.

A versão da lógica: “É logicamente impossível que Deus e o sofrimento coexistam”

De acordo com a versão que a lógica tem do problema é *logicamente impossível* que Deus e o sofrimento coexistam. Eles são como a força irresistível e os objetos inamovíveis. Se um existe, o outro não existe. Uma vez que o sofrimento obviamente existe, segue-se que Deus não existe.

O ponto-chave do argumento é a alegação ateísta de que é impossível que Deus e o sofrimento existam. Os ateístas estão na verdade alegando que as seguintes premissas são logicamente inconsistentes:

1. Existe um Deus todo-poderoso e amoroso.
2. O sofrimento existe.

Ora, a pergunta evidente é: Por que pensar que essas duas premissas são logicamente inconsistentes? Não há entre elas uma contradição *explícita* (uma premissa não é o oposto da outra). Assim, se os ateístas acreditam que haja alguma contradição oculta, *implícita* entre elas, ele deve estar partindo de pressupostos ocultos que serviriam para trazer à tona a contradição, tornando explícita. Logo, a pergunta é: Quais são esses pressupostos ocultos? Parece que existem dois pressupostos ocultos feitos pelos ateístas. São eles:

3. Se Deus é todo-poderoso, ele pode criar qualquer mundo que queira.
4. Se Deus é amoroso, ele prefere um mundo sem sofrimento.

O argumento aqui é que Deus é todo-poderoso e amoroso. Portanto, ele tanto *pode* quanto *quer* criar um mundo sem sofrimento. Portanto, segue-se que no mundo não há sofrimento. Mas isso contradiz a segunda premissa que afirma que o sofrimento existe. Logo, Deus não deve existir.

A fim de que esse argumento demonstre uma inconsistência lógica entre a primeira e a segunda premissa, os dois pressupostos ocultos feitos pelo ateísta têm que ser *necessariamente verdadeiros*. Mas eles são?

Considere a terceira premissa, *se Deus é todo-poderoso, ele pode criar qualquer mundo que queira*. Isso é necessariamente verdade? Bem, não se for possível um mundo em que as pessoas tenham livre arbítrio! É logicamente impossível *fazer* alguém executar algo por *livre e espontânea vontade*. Isso é tão logicamente impossível quanto fazer um quadrado redondo ou um solteiro casado. O fato de Deus



ser todo-poderoso não significa que ele possa fazer acontecer o que é logicamente impossível — na verdade, não existe “algo” que seja logicamente impossível. Trata-se apenas de uma combinação inconsistente de palavras.

(Se um incrédulo insistir que um ser todo-poderoso *pode* fazer o logicamente impossível, então o problema do sofrimento se evapora por completo, pois, então, Deus pode fazer com que Ele e o sofrimento coexistam, ainda que isso seja logicamente impossível!)

Uma vez que é possível que as pessoas tenham livre arbítrio, chegamos à conclusão de que a terceira premissa não necessariamente é verdadeira. Pois se as pessoas tiverem livre arbítrio, elas podem se recusar a fazer o que Deus quer. Então, haveria um número qualquer de possíveis mundos que Deus não poderia criar, uma vez que as pessoas desses mundos não iriam cooperar com a vontade de Deus. Na verdade, por tudo que sabemos, é possível que em qualquer mundo de pessoas livre com tanto bem quanto há neste mundo, também haveria sofrimento na mesma proporção. Essa conjectura não precisa ser verdadeira ou nem mesmo provável, mas contanto que ela seja *logicamente possível*, demonstra que não é necessariamente verdade que Deus pode criar qualquer mundo que deseje criar. Assim, o pressuposto 3 simplesmente não é necessariamente verdadeiro. Somente com base nisso, o argumento ateuista é logicamente uma falácia.

Mas o que dizer da quarta premissa, *se Deus é amoroso, ele prefere um mundo sem sofrimento*? Isso é necessariamente verdade? Não parece ser. Pois Deus poderia ter razões preponderantes para permitir o sofrimento no mundo. Todos nós conhecemos casos em que permitimos o sofrimento a fim de trazer um bem maior (como, por exemplo, levar seu filho ao dentista). O ateuista pode insistir, dizendo que um ser todo-poderoso não seria tão limitado assim. Deus poderia trazer esse bem maior diretamente, sem permitir o sofrimento. Mas claramente, dado o livre arbítrio, isso pode não ser possível. Alguns bens, como por exemplo, as virtudes morais, só podem ser alcançados através da cooperação das pessoas. Pode

A noção de liberdade que está sendo discutida aqui é conhecida como liberdade libertária. Alguns filósofos diriam que a essência da liberdade libertária é a habilidade de escolher entre agir ou não de determinado modo sob as mesmas circunstâncias. Uma análise indiscutivelmente melhor da liberdade libertária vê sua essência na ausência de determinação causal da escolha de uma pessoa, independente da própria atividade causal da pessoa. Isso equivale a dizer que causas outras que não a própria pessoa não determinam a forma como essa pessoa faz suas escolhas em determinadas circunstâncias; fica a critério da pessoa a forma como ela faz suas escolhas. Essa concepção de liberdade é muito diferente da visão voluntarista ou compatibilista, que define liberdade em termos da ação voluntária (ou não coagida), de modo que o fato de uma ação ser determinada em termos causais é compatível como o fato de ela ser "livre". A noção de liberdade adotada neste capítulo é a de liberdade libertária que exclui a hipótese de que Deus determine como devemos escolher livremente.

ser bem o caso de que um mundo com sofrimento seja, fazendo-se um balanço, em geral melhor do que um mundo sem sofrimento. De qualquer modo, tal hipótese é ao menos *possível*, e isso já basta para derrotar a alegação ateísta de que a quarta premissa é necessariamente verdadeira.

A questão é que o ateísta, ao afirmar a terceira e a quarta premissa, tomou sobre si um ônus da prova tão pesado que é insustentável. Ele teria que demonstrar que o livre arbítrio é impossível e que é impossível que um mundo com sofrimento seja melhor que um mundo sem sofrimento.

Podemos levar o argumento um pouco mais adiante. Podemos tornar plausível o fato de que Deus e o sofrimento *sejam* logicamente consistentes. Para isso, tudo o que é preciso fazer é elaborar uma premissa que seja consistente com a existência de Deus e que implique que o sofrimento existe. Eis a tal premissa:

5. Deus não poderia ter criado outro mundo com o mesmo tanto de bem e com menos sofrimento do que esse mundo, e ele tem boas razões para permitir que o sofrimento exista.

A ideia aqui é que, dado o livre arbítrio, as opções de Deus são restritas, e pode ser que um mundo que tivesse o mesmo tanto de bem do que o mundo atual, mas com menos sofrimento, não fosse uma opção. No entanto, Deus tem boas razões para o sofrimento que ele permite. Se a quinta premissa for ainda que *possivelmente* verdadeira, ela demonstra que é possível que Deus e o sofrimento coexistam. E por certo é plausível que a quinta premissa seja *possivelmente* verdadeira.

Portanto, é com grande prazer que anuncio que, após séculos de discussão, a questão da versão lógica do problema do sofrimento está encerrada. É amplamente admitido, tanto por ateístas quanto por cristãos, que a versão lógica do problema do sofrimento é falha. O onus da prova que ela coloca sobre os ombros dos ateístas, a saber, o ônus de tentar mostrar que a coexistência de Deus e do sofrimento é impossível, é simplesmente pesado demais para se carregar.



Versão das evidências: “É improvável que Deus pudesse ter boas razões para permitir o sofrimento”

Mas não estamos livres ainda! Pois agora vamos analisar o problema das evidências do sofrimento, que ainda é um tema bem discutido. A alegação dos ateístas nesse caso é que o sofrimento no mundo torna improvável que Deus exista. Em particular, parece altamente improvável que Deus pudesse ter boas razões para permitir o sofrimento no mundo. Muito desse sofrimento parece ser totalmente sem sentido, desnecessário. Sem dúvida Deus poderia ter reduzido o sofrimento no mundo sem reduzir o bem geral no mundo. Assim, a existência de sofrimento no mundo fornece evidência de que Deus não existe.

Essa é uma versão bem mais poderosa do argumento do que a versão da lógica. Uma vez que sua conclusão é mais modesta (a saber, que é improvável que Deus exista), o ônus da prova que recai sobre os ombros dos ateístas é bem mais leve. Então, o que pode ser dito em resposta a esse argumento? Darei essa resposta em três pontos principais.

As limitações humanas

Primeiro, não estamos em posição de dizer que é improvável que Deus não tenha boas razões para permitir o sofrimento no mundo.

O ponto-chave para o argumento evidencial é a alegação dos ateístas de que Deus não tem boas razões para permitir o sofrimento que acontece no mundo. Ora, todos nós reconhecemos que muito do sofrimento que há no mundo parece injustificado. Não vemos razão nem necessidade para esse sofrimento. O sucesso do argumento dos ateístas dependerá do fato de nos atestarmos ou não a inferência de que, pelo sofrimento *parecer* injustificado, ele realmente *é* injustificado. Meu primeiro ponto é que nós simplesmente não estamos em posição de fazer esse tipo de julgamento com segurança.

Como seres finitos, somos limitados no espaço e no tempo, somos limitados em inteligência e visão.

Mas Deus vê o fim da história desde o começo, e providencialmente ordena a história para seus propósitos, por meio das livres

decisões e ações das pessoas. A fim de alcançar seus propósitos Deus pode ter que permitir uma grande dose de sofrimento ao longo do caminho. O sofrimento que nos parece sem sentido, segundo nossa visão limitada, pode ser visto por Deus como algo justificadamente permitido, segundo a visão dele, que é bem mais ampla.

Darei duas ilustrações desse ponto, uma extraída da ciência contemporânea e outra da cultura popular.

Primeira ilustração: Na chamada teoria do caos, os cientistas descobriram que certos sistemas de larga escala, como por exemplo, o clima ou as populações de insetos, são extraordinariamente sensíveis às menores alterações que sejam. O bater das asas de uma borboleta sobre um galho de árvore na África pode colocar em movimento forças que mais tarde podem provocar um furacão sobre o oceano Atlântico. No entanto, é impossível para qualquer pessoa que esteja observando essa inocente borboleta num galho de árvore prever essa consequência. Não temos condições de saber como a alteração provocada por um evento aparentemente tão insignificante pode alterar radicalmente o mundo.



Segunda ilustração: O filme *Sliding Doors* [De caso com o acaso], com a atriz Gwyneth Paltrow, conta a história de uma jovem que desce correndo as escadas para pegar o metrô. À medida que ela se aproxima do vagão do metrô, o filme se divide em dois diferentes rumos que a vida dela pode tomar. Em um desses rumos da história,



as portas do metrô se fecham antes que ela possa entrar. Na outra versão, ela consegue entrar pouco antes das portas se fecharem. Com base nesses dois eventos aparentemente tão insignificantes, triviais, os dois rumos que a vida dela toma se distanciam cada vez mais. Um dos rumos a leva para uma vida de enorme sucesso, prosperidade e felicidade. O outro a leva para uma vida de fracassos, miséria e infelicidade. E tudo isso por causa de uma diferença de uma fração de segundos para conseguir passar pelas portas do metrô!

Além disso, a diferença deve-se ao fato de uma garotinha que brincava com sua boneca no corrimão da escada ser tirada dali pelo pai ou ficar ali e momentaneamente bloquear a passagem da jovem que descia apressada as escadas para pegar o metrô. Não podemos deixar de pensar sobre as outras inúmeras trivialidades que levaram a esse evento: se o pai e a garotinha tivessem ou não se atrasado para sair de casa naquela manhã porque a menina não quisera comer o cereal que a mãe havia deixado para o café da manhã, se o homem não tivesse puxado a filha pela mão por estar com o pensamento longe, preocupado com alguma coisa que havia lido no jornal, e assim por diante.

Mas a parte mais interessante do filme é o final: na versão feliz da vida, a jovem morre subitamente em um acidente, enquanto que na outra versão, a vida dá uma guinada e a vida de dificuldades e sofrimento acaba sendo a vida verdadeiramente boa afinal! Não estou querendo mostrar que as coisas sempre acabam bem nesta vida. Não, minha intenção é bem mais modesta: dada a tremenda complexidade da vida, nós simplesmente não estamos em posição de dizer que Deus não tem uma boa razão para permitir certas circunstâncias de sofrimento em nossa vida.

Cada evento que ocorre dispara uma onda de efeitos ao longo da história, de modo que a razão de Deus haver permitido algo pode não aparecer senão séculos mais tarde, talvez até mesmo em outro país. Somente um Deus onisciente pode lidar com as complexidades de dirigir um mundo de pessoas livres em direção aos objetivos que imaginou. Basta pensar nos inúmeros e incalculáveis eventos envolvidos para se chegar a um único evento histórico

como, por exemplo, a vitória dos aliados no dia D! Não fazemos a menor ideia do sofrimento que possa estar envolvido a fim de que Deus alcance algum propósito que pretende por meio de livres ações humanas. Nem deveríamos esperar poder discernir as razões de Deus para permitir o sofrimento. O fato de grande parte do sofrimento no mundo nos parecer sem sentido e desnecessário não deveria nos surpreender, pois tal complexidade simplesmente é avassaladora para nós.

Isso não significa que estamos apelando para o mistério, mas antes apontando nossas limitações incréntes, que não nos possibilitam dizer, quando confrontados com algum exemplo de sofrimento,

que Deus provavelmente não tinha uma boa razão para permitir que aquilo acontecesse.

Os próprios incrédulos reconhecem essas limitações em outros contextos. Por exemplo, uma das decisivas objeções ao utilitarismo (a teoria da ética que diz que devemos fazer aquilo que traga a maior felicidade para

o maior número possível de pessoas) é que não temos ideia do resultado final de nossas ações. Mesmo um bem de curta duração pode levar a uma miséria incapaz de ser descrita, enquanto outras ações que a curto prazo nos parecem desastrosas podem trazer o bem maior que tanto desejamos. A grande verdade é que não temos a mais remota ideia.

Uma vez que contemplamos a providência divina ao longo de toda a história humana, acredito que seremos capazes de ver o quanto é inútil, para observadores finitos e limitados como nós, especular sobre a probabilidade de Deus ter uma boa razão para o sofrimento que testemunhamos. Simplesmente não estamos em posição de avaliar tais probabilidades com o mínimo de confiança.

O completo escopo das evidências

Segundo, *em relação ao completo escopo das evidências, a existência de Deus é provável.*



PARA DISCUTIR

Acreditar que Deus possa ter bons motivos para permitir algum acontecimento doloroso que parece sem sentido é algo que ajuda você? Por favor, explique



As probabilidades são sempre relativas a alguma informação anterior. Por exemplo, suponhamos que nos seja dada a informação de que João é um estudante universitário e que 90 por cento dos estudantes universitários bebam cerveja. Em relação a essa informação é altamente provável que João beba cerveja. Mas suponhamos agora que tenhamos recebido a informação adicional que João estuda no Wheaton College e que 90 por cento dos estudantes dessa instituição não bebem cerveja. Em relação a essa nova informação adicional agora se torna altamente improvável que João beba cerveja. Por isso, repito: as probabilidades são sempre relativas a alguma informação anterior.

Ora, os ateístas dizem que a existência de Deus é improvável. Deveríamos imediatamente perguntar: “Improvável em relação a que?”. Que informação anterior você tem para afirmar isso? O sofrimento que há no mundo? Se essa é toda a informação anterior que você está considerando, não é de espantar que a existência de Deus pareça improvável em relação a isso! (Muito embora, como acabei de argumentar, as aparências podem ser enganosas!) Mas isso não é de fato o que nos interessa. O que nos interessa saber é se a existência de Deus é provável em relação ao completo escopo das evidências. Estou convencido de que qualquer que seja a improbabilidade que o sofrimento possa lançar sobre a existência de Deus, isso é superado pelos argumentos em favor da existência de Deus.

Considere, em particular, o argumento moral. Muito do sofrimento que há no mundo consiste das más ações que as pessoas cometem em relação a outras. Mas então é possível argumentar o seguinte:

1. Se Deus não existe, não existem valores morais objetivos.
2. O mal existe.
3. Portanto, existem valores morais objetivos (pois algumas coisas são más!).
4. Logo, Deus existe.

Embora em um nível superficial o sofrimento coloque em questão a existência de Deus, em um nível mais profundo o sofrimento

na verdade *prova* a existência de Deus. Pois, independente de Deus, o sofrimento não é de fato mau. Se os ateístas pensam que o sofrimento é mau ou ao menos *deveria ser visto assim*, então eles estão fazendo juízos morais que somente são possíveis se Deus existir. É preciso entender que muitas pessoas que escrevem sobre o problema do sofrimento estão tacitamente presumindo que não existam

PARA DISCUTIR

Se Deus não existir, o sofrimento pode ser algo *doloroso*, mas não é *mau* em um sentido moral. Por que motivo, então, até mesmo os ateístas têm consciência de que acontecimentos trágicos são maus? (Relembre esse assunto já discutido no capítulo 6).

bons argumentos para a existência de Deus. Então, para essas pessoas, a questão é se o sofrimento torna o ateísmo provável, dado o fato de que *não há nada a considerar do outro lado da balança*. Porém, em minha opinião, temos argumentos bem pesados e consistentes em favor de Deus no outro lado da balança. Portanto, posso admitir que a existência de Deus é improvável se olharmos exclusiva-

mente em relação ao sofrimento no mundo, mas apontar logo em seguida que esse raciocínio é superado pelos argumentos em favor da existência de Deus.





O sofrimento faz mais sentido segundo a doutrina cristã.

Terceiro, *o cristianismo implica certas doutrinas que aumentam a probabilidade da coexistência de Deus e do sofrimento.*

Se o Deus dos cristãos existe, então não é tão improvável assim que o sofrimento deva existir. Na verdade, acaba sendo mais fácil lidar com o problema do sofrimento dado o Deus cristão do que se partirmos de um conceito insípido de Deus. Pois o cristianismo implica certas doutrinas que aumentam a probabilidade do sofrimento. Que doutrinas são essas? Permita-me mencionar quatro delas:

1. *O principal propósito da vida não é a felicidade, mas sim o conhecimento de Deus.* Uma das razões pelas quais o sofrimento parece tão difícil de entender é porque as pessoas naturalmente tendem a assumir que, se Deus existe, então seu propósito para o ser humano é ser feliz neste mundo. Segundo essa ideia, o papel de Deus é fornecer um ambiente confortável para seus animaizinhos de estimação, os seres humanos.

Porém, de uma perspectiva cristã, isso é falso. Não somos animaizinhos de estimação de Deus, e o objetivo da vida humana não é a felicidade por si só, mas sim o conhecimento de Deus — o que, no final, trará a plena e duradoura realização humana. Muito do sofrimento deste mundo pode parecer totalmente sem sentido em relação ao objetivo de produzir a felicidade humana, mas pode não ser sem sentido em relação a trazer um conhecimento mais profundo de Deus.

O sofrimento humano inocente proporciona uma ocasião para uma dependência e uma confiança mais profundas em Deus, seja da parte de quem sofre ou daqueles que o cercam. É evidente que se o propósito de Deus é alcançado através do nosso sofrimento é algo que vai depender da nossa resposta ao sofrimento. Reagimos com raiva e amargura em relação a Deus, ou nos voltamos para Deus com fé, em busca de forças para suportar o sofrimento?

PARA DISCUTIR

O que você tende a valorizar mais: a felicidade temporal ou o conhecimento de Deus? Como isso influencia suas ações e reações?

O evangelho da “saúde e prosperidade” e o evangelho do pensamento positivo que vem sendo proclamados em diversas megaigrejas e denominações são evangelhos falsos que estão levando as pessoas a um abismo. Ninguém pregaria esse tipo de evangelho em lugares como Darfur, Iraque, ou milhares de outros. E se ele não serve para ser pregado nesses lugares, não é o verdadeiro evangelho. Precisamos compreender que o plano de Deus para a história humana pode envolver terrível sofrimento para nós, cuja razão ou sentido não podemos esperar enxergar. Nossa esperança não está depositada na alegria deste mundo, mas sim no dia em que o Senhor enxugará de nossos olhos toda lágrima.

Pelo fato de o objetivo supremo de Deus para a humanidade ser o conhecimento dele mesmo — a única coisa que pode trazer às pessoas a felicidade eterna —, a história não pode ser vista em sua verdadeira perspectiva se estiver separada do reino de Deus. O propósito da história da humanidade é o reino de Deus. O desejo de Deus é atrair livremente para seu reino eterno tantas pessoas quanto ele puder. Pode muito bem ser que o sofrimento seja parte dos meios que Deus usa para atrair livremente pessoas para seu reino.

A leitura de um livro sobre missões, como a obra de Patrick Johnstone, *Operation World* [Operação mundo], revela que é precisamente em países que passaram por grande sofrimento que o cristianismo está crescendo mais, ao passo que a curva de crescimento no indulgente Ocidente está perto de zero. Considere, por exemplo, os seguintes relatos:¹

China:

Estima-se que 20 milhões de chineses perderam suas vidas durante a revolução cultural de Mao Tsé Tung. Os cristãos permaneceram firmes naquela que foi provavelmente a mais difundida e dura perseguição que a igreja já viveu. A perseguição purificou e fixou as raízes da igreja no solo local, tornando-a uma igreja verdadeiramente chinesa. Desde 1977 o crescimento da igreja na China é algo sem paralelos na história. Pesquisadores estimam que o número de cristãos na China em 1990 estava entre 30 a 75 milhões. Mao Tsé Tung tornou-se sem querer o maior evangelista da história.

El Salvador:

Os 12 anos de Guerra civil, terremotos e a queda do preço do café, o principal item da pauta de exportação de El

¹ Patrick Johnstone, *Operation World*. Grand Rapids: Zondervan, 1993, p. 164, 207-208, 214. Traduzido para o português sob o título “Batalha mundial: um guia de intercessão pelas nações”, por Edições Vida Nova.



Salvador, empobreceram a nação. Mais de 80 por cento da população vive mais profunda pobreza. Uma incrível colheita espiritual foi observada em todos os estratos da sociedade em meio ao ódio e a amargura da guerra. Em 1960 os evangélicos eram 2,3 por cento da população, mas hoje são cerca de 20 por cento.

Etiópia:

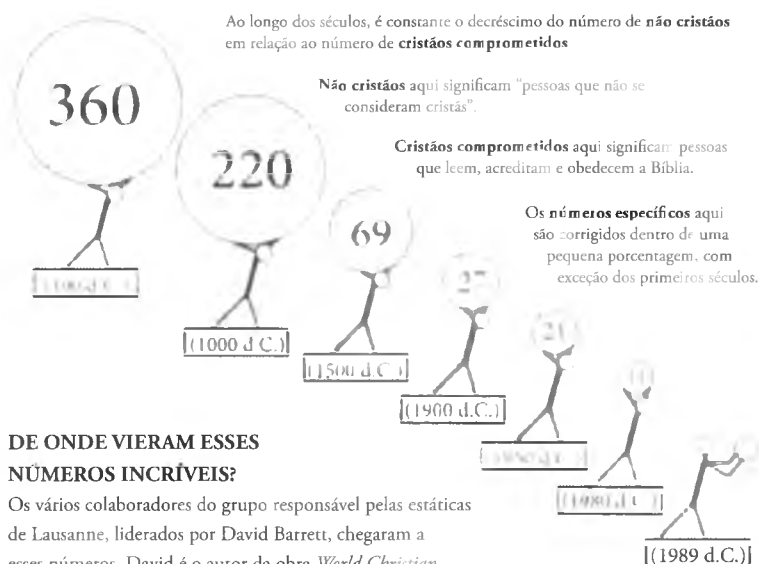
A Etiópia é uma nação em estado de choque. Sua população luta com o trauma de milhões de mortes por causa da repressão, da fome e da guerra. Duas grandes ondas de violenta perseguição refinaram e purificaram a igreja, mas houve muitos mártires. Milhões de pessoas vieram a Cristo. Os protestantes eram menos de 0,8 por cento da população em 1960, mas até 1990 eles se tornaram 13 por cento da população.

São muitos os exemplos como esses. A história da humanidade tem sido uma história de guerras e sofrimento. No entanto, também tem sido a história da expansão do reino de Deus. A figura 2 é um quadro produzido em 1990 pelo Centro de Missões Mundiais dos Estados Unidos, documentando o crescimento do número de cristãos comprometidos ao longo dos séculos.

Segundo as palavras de Johnstone: “Estamos vivendo no tempo da maior entrada de pessoas no reino de Deus jamais vista”. E não é absolutamente improvável que esse espantoso crescimento do reino deva-se em parte à presença do sofrimento no mundo.

Ibid., p. 25

TAREFA DECRESCENTE



DE ONDE VIERAM ESSES NÚMEROS INCRÍVEIS?

Os vários colaboradores do grupo responsável pelas estáticas de Lausanne, liderados por David Barrett, chegaram a esses números. David é o autor da obra *World Christian Encyclopedia* [Enciclopédia cristã mundial].

Fig. 2: Proporção de cristãos comprometidos em comparação com não cristãos ao longo da história. Nenhuma das categorias inclui cristãos meramente nominais. Mesmo que todos os cristãos nominais fossem incluídos entre os que não são cristãos, ainda assim haveria hoje cerca de nove não cristãos para cada cristão comprometido no mundo.

2. *A humanidade vive em um estado de rebelião contra Deus e seu propósito.* Em vez de se submeter e adorar a Deus, as pessoas se rebelam contra ele e seguem seus próprios caminhos e, com isso, se veem alienadas de Deus, moralmente culpadas perante ele, tateando em meio a escuridão espiritual, e em busca dos falsos deuses que inventam. Os terríveis males que assolam o mundo são um testemunho da depravação do homem em seu estado de alienação de Deus. Os cristãos não ficam surpresos diante do mal moral que existe no mundo; ao contrário, eles esperam por isso. As Escrituras indicam que Deus entregou à humanidade ao pecado que ela livremente escolheu; Deus não interfere para deter o pecado, mas deixa a depravação humana correr seu próprio curso (Rm 1.24,26,28). Isso só serve para aprofundar a responsabilidade moral dos seres

humanos diante de Deus, bem como intensificar nossa iniquidade e necessidade de perdão e purificação moral.

3. *O propósito de Deus não está restrito a esta vida, mas transborda para o além do túmulo, alcançando a vida eterna.* Segundo o Cristianismo, esta vida não passa de um vestíbulo, estreito e apertado, que leva à grande sala da eternidade de Deus. Deus promete vida eterna a todos que depositarem sua confiança em Cristo como Senhor e Salvador. Quando Deus pede a seus filhos que suportem sofrimentos horríveis neste mundo, ele só faz isso tendo em vista a alegria celestial e a recompensa que estão além de nossa compreensão humana.

O apóstolo Paulo viveu uma vida de incrível sofrimento. Sua vida como apóstolo foi marcada por “muita perseverança, em tribulações, em dificuldades, em angústias, em chicoteamentos, em prisões, em tumultos, em trabalhos, em noites sem dormir, em jejuns” (2Co 6.4-5). No entanto, ele escreveu:

Por isso não nos desanimamos. Ainda que o nosso exterior esteja se desgastando, o nosso interior está sendo renovado todos os dias. Pois nossa tribulação leve e passageira produz para nós uma glória incomparável, de valor eterno, pois não fixamos o olhar nas coisas visíveis, mas naquelas que não se veem; pois as visíveis são temporárias, ao passo que as que não se veem são eternas (2Co 4.16-18).

Paulo viveu esta vida com os olhos voltados para a eternidade. Ele compreendeu que a duração desta vida, sendo finita, é algo literalmente infinitesimal se comparado à vida eterna que passaremos com Deus. Quanto mais tempo passarmos na eternidade, mais os sofrimentos desta vida ficarão menores quando comparados em relação a esse momento infinitesimal. Foi por isso que Paulo chamou os sofrimentos deste mundo de “tribulação leve e passageira”: ele não estava sendo insensível ao estado daqueles que sofrem horriavelmente neste mundo — muito pelo contrário, pois ele era um



É por isso que Deus os entregou à impureza sexual, ao desejo ardente de seus corações, para desonrarem seus corpos entre si; pois substituíram a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador, que é bendito eternamente. Amém. Por isso, Deus os entregou a paixões desonrosas. [...] Assim, por haver rejeitado o conhecimento de Deus, foram entregues pelo próprio Deus a uma mentalidade condenável para fazerem coisas que não convêm (Rm 1.24-26,28).

deles — mas ele entendia que esses sofrimentos eram simplesmente superados por um mar de alegria e glória eternas que Deus dará àqueles que nele confiam.

Pode perfeitamente ser o caso de que haja sofrimento neste mundo que não sirva a absolutamente nenhum bem terreno, que seja inteiramente sem sentido do ponto de vista humano, mas que Deus permite simplesmente para que ele possa recompensar abundantemente na outra vida aqueles que suportaram tais sofrimentos com fé e confiança no Senhor.

4. *O conhecimento de Deus é um bem incomensurável.* A passagem citada de Paulo também serve para mostrar esse aspecto. Paulo imagina como que uma balança onde todo sofrimento deste mundo fosse colocado de um lado, enquanto do outro lado fosse colocada a glória que Deus vai conceder a seus filhos no céu. E o peso da glória é tão grande que não se compara ao do sofrimento. Pois conhecer a Deus, *locus* da bondade e do amor infinitos, e um bem incomparável, é a realização da existência humana. Os sofrimentos desta vida não podem ser sequer comparados a isso. Assim, a pessoa que conhece a Deus, não importa quanto ela sofra ou quão terrível seja sua dor, ainda pode verdadeiramente dizer “Deus é bom para mim!”, simplesmente pelo fato de que conhece a Deus, um bem incomensurável.

Essas quatro doutrinas cristãs aumentam a probabilidade da coexistência de Deus e do sofrimento no mundo. E, por sua vez, diminuem qualquer improbabilidade que o sofrimento possa parecer lançar sobre a existência de Deus.

A esta altura, um ateu pode dizer que não temos qualquer razão para pensar que essas quatro doutrinas cristãs sejam verdadeiras. Mas espere um minuto! Ele está tentando inverter o ônus da prova de novo! Pois é ele quem está alegando que o sofrimento torna improvável a existência de Deus. É inteiramente legítimo que você diga: “Não a existência do Deus cristão!”. O ateu precisa demonstrar que a existência do Deus cristão é algo improvável em relação ao sofrimento que há no mundo. Assim, ou ele precisa demonstrar



que tais doutrinas são provavelmente falsas ou demonstrar que a existência de Deus é improvável mesmo dada a verdade dessas doutrinas. De um modo ou de outro o ônus da prova pertence a ele. Não permita que ele o repasse a você.

Vamos retornar, então, aos dois incidentes que retrataram com tamanha intensidade o problema do mal para mim: o menino mexicano que morreu aos poucos em função do desmoronamento de um edifício e a garotinha colombiana que se afogou pós um deslizamento de terra. Em primeiro lugar, ambos os incidentes disseram respeito a desastres naturais entrelaçados com o pecado moral do ser humano. Toda a América Latina tem sido vitimizada por uma elite injusta e indiferente que, em sua sede por poder e riqueza, tem explorado as massas a ponto de deixá-las pobres e desamparadas. O sofrimento dessas duas crianças é indiretamente atribuído a esse sistema corrupto e não cristão, pois se as sociedades em que essas crianças viviam estivessem seguindo princípios cristãos, suas famílias não teriam sido obrigadas a morar em casas sem segurança, construídas em locais impróprios para habitação, ou tão mal construídas que ruíram sob a pressão de um terremoto ou do excesso de chuva. Em um mundo livre do pecado, é possível que nenhuma dessas duas tragédias tivesse acontecido. Daí porque, dados a doutrina cristã do pecado e o estado caído da humanidade, tais tragédias não causam espanto.

Por que Deus permite que crianças como essas sofram tanto? Não estamos em posição de saber. Talvez, através da morte do garoto, Deus soubesse que as autoridades mexicanas seriam levadas a exigir novos padrões de construção à prova de terremotos, salvando assim muitas vidas no futuro. Talvez Deus tenha permitido que isso acontecesse para que isso comovesse assim essas autoridades. Talvez Deus tenha permitido que isso acontecesse para que alguém que estivesse enfrentando a morte ou uma doença em um hospital, ao ver as reportagens na televisão, fosse inspirado pela coragem do menino a encarar seu próprio desafio com fé e bravura. Talvez Deus tenha permitido que a garotinha colombiana morresse afogada aos

DOUTRINAS SOBRE DEUS E O SOFRIMENTO:

Estas quatro doutrinas aumentam a probabilidade da coexistência de Deus e o sofrimento:

1. O principal propósito da vida não é a felicidade, mas o conhecimento de Deus.
2. A humanidade vive em um estado de rebeldia contra Deus e seu propósito.
3. O propósito de Deus não se limita a este mundo, mas ultrapassa a morte, alcançando a vida eterna.
4. O conhecimento de Deus é um bem incomensurável.



RESPOSTA AO
ARGUMENTO
EVIDENCIAL

1. Não estamos em posição de dizer que é improvável que Deus tenha bons motivos para permitir o sofrimento no mundo.
2. Em relação a todo o escopo de evidências, a existência de Deus é provável.
3. O cristianismo implica em doutrinas que aumentam a probabilidade da coexistência de Deus e do sofrimento.

poucos para que ele soubesse que somente assim a família dela — ou outra pessoa — iria se voltar para ele em busca da vida eterna. Ou talvez porque ele soubesse que somente através de tal incidente terrível sua família se mudaria para outro local onde eles, ou mesmo seus descendentes, pudessem por sua vez vir a ser influenciados ou a influenciar alguém para Cristo. Dadas as nossas limitações merentes, só podemos conjecturar. Portanto, o ateu não pode provar que seja impossível ou improvável que Deus tenha boas razões para permitir que tais incidentes ocorram.

O problema para o ateu se torna ainda mais crítico quando refletimos que, talvez, não tenha havido uma boa razão neste mundo para que Deus permitisse essas catástrofes. Talvez elas não sirvam a nenhum propósito benéfico neste mundo. Talvez elas sejam simplesmente uma lamentável decorrência de leis naturais geológicas ou meteorológicas e as crianças foram por azar suas vítimas. Mas quando esses dois pequeninos finalmente deixaram este mundo e entraram no outro, Jesus os acolheu em seus braços amorosos, enxugou suas lágrimas e os encheu de uma alegria gloriosa, impossível de ser expressada, dizendo-lhes: “Está consumado, minhas crianças, entrem na alegria de seu Mestre”. Nessa eternidade de alegria, eles conhecerão uma porção de glória além de qualquer comparação com aquilo que ele pediu que sofressem neste mundo.

Em síntese, a versão das evidências acerca do problema do sofrimento não pode ser levada adiante com sucesso. Ela requer juízos de probabilidade que estão num mundo além da nossa capacidade humana, deixa de levar em conta todo o âmbito da evidência, e perde sua força no que diz respeito ao Deus cristão. Uma vez que nem a versão lógica nem a versão evidencial do problema vão adiante, o problema intelectual do sofrimento falha como uma refutação de Deus.

O problema emocional do sofrimento

Ao dizer que ele “falha” como uma refutação de Deus, quero dizer que “falha em termos intelectuais”. A angústia do problema do



sofrimento e a dúvida atroz ainda permanecem. Isso nos traz de volta ao problema emocional do sofrimento. Já disse que para a maior parte das pessoas o sofrimento não é de fato um problema intelectual, mas sim emocional. Você deve estar pensando: “Ora, por que, então, fazer toda essa análise se esse não é de fato o problema?”. Por duas razões: Primeira, porque as pessoas *pensam* que seu problema é intelectual, assim, ao fazer essa análise, podemos respeitar a opinião delas e ajudá-las a enxergar o verdadeiro problema. Segunda, tudo o que compartilhei aqui pode ser uma tremenda ajuda para você quando Deus chamá-lo a encarar o sofrimento.

Então, o que pode ser dito àqueles que estão lutando com o problema emocional do sofrimento? Em certo sentido, a coisa mais importante pode não ser aquela que alguém diz ser afinal. A coisa mais importante pode ser simplesmente estar presente, como um amigo amoroso e um ouvinte atento. Porém, algumas pessoas podem precisar de aconselhamento e nós mesmos podemos ter que lidar com esse problema quando sofrermos. Será que a fé cristã possui recursos para lidar também com esse tipo de problema?

Certamente que possui! Pois isso nos diz que Deus não é um Criador distante, ou uma razão impessoal para o ser, mas sim um Pai amoroso que compartilha de nossas dores e sofre como nós.

Cristo suportou na cruz um sofrimento além de toda compreensão: ele suportou a punição pelos pecados do mundo todo. Nenhum de nós pode compreender tal sofrimento. Embora fosse inocente, ele voluntariamente se submeteu a um sofrimento incompreensível por nós. E por quê? Porque ele nos ama intensamente. Como podemos rejeitar alguém que abriu mão de tudo por nós?

Quando Deus nos pede para suportar um sofrimento que nos parece imerecido, sem sentido e desnecessário, meditar sobre a cruz de Cristo é algo que pode ajudar a nos dar a força e a coragem necessárias para suportar a cruz que nos pedem para carregar.

Já mencionei anteriormente que conhecer a Deus é um bem incomensurável, ao qual nosso sofrimento não pode nem mesmo ser comparado. Poucos de nós entendem de fato essa verdade. Mas

um antigo colega meu veio a conhecer uma mulher que entendia. Tom costumava visitar pessoas internadas em lares de idosos numa tentativa de trazer um pouco de alegria e amor às suas vidas. Certo dia ele conheceu uma mulher que ele jamais esqueceu:

Quando me aproximava do final do corredor, vi uma mulher presa a uma cadeira de rodas. Sua face era um verdadeiro horror. O olhar vazio e as pupilas brancas me diziam que ela era cega. O enorme aparelho de surdez em uma de suas orelhas me dizia que ela era praticamente surda. Um dos lados de seu rosto estava sendo comido pelo câncer. Uma ferida aberta e sem cor cobria parte de uma bochecha, e havia empurrado o nariz para o lado, deixando um dos olhos mais caído e deslocado sua mandíbula de modo que o que deve ter sido um dia o canto da boca havia se transformado no fundo da boca. Em consequência disso, ela babava o tempo inteiro... Também fiquei sabendo que essa mulher tinha oitenta e nove anos e que por vinte anos ela estava acamada, cega, quase surda e sozinha. Essa era Mabel.

Eu não sei por que falei com ela — parecia menos provável que ela respondesse do que a maioria das pessoas que encontrei naquele corredor. Ainda assim, coloquei uma flor em suas mãos e disse: “Esta flor é para você. Feliz dia das mães!”. Ela levantou a flor até a altura do rosto, tentando sentir seu perfume, e então respondeu. E para minha surpresa, as palavras dela, embora um tanto alteradas em função de sua deformidade, eram obviamente produzidas por uma mente lúcida. Ela disse: “Muito obrigada. Que linda flor! Mas posso dá-la a outra pessoa? Como pode perceber, eu sou cega, não posso enxergá-la”.

Eu respondi: “Claro” e empurrei a cadeira de rodas até um local onde pensei que poderia encontrar outros pacientes lúcidos.

De fato encontrei um e parei a cadeira na frente dele. Mabel estendeu a flor e disse: “Tome, Jesus te mandou essa flor”.



Tom e Mabel se tornaram bons amigos ao longo dos próximos poucos anos, e Tom começou a perceber que não era mais ele que ajudava Mabel, mas sim ela que o ajudava. Ele começou a tomar nota de tudo o que ela dizia. Certa vez, depois de uma semana estressante, Tom foi visitar Mabel e perguntou a ela: “Mabel, em que você pensa quando fica aqui, sentada nessa cadeira de rodas, o dia inteiro?”. E ela respondeu:

“Eu penso em Jesus.”

Sentei ali e fiquei por um momento pensando sobre a minha dificuldade de pensar em Jesus mesmo que fosse apenas por cinco minutos. Então perguntei a ela: “*O que* você pensa sobre ele?”. Ela respondeu bem devagar e de forma deliberada enquanto eu escrevia. E estas foram as palavras dela:

Penso em como ele é bom para mim. Sabe, ele tem sido incrivelmente bom toda a minha vida... Sou daquele tipo de pessoa que está satisfeita com a vida a maior parte do tempo... Muitos pensariam que sou antiquada. Mas não ligo. Prefiro ficar com Jesus. Ele é tudo no mundo para mim”.

E então ela começou a cantar um antigo hino:

*Jesus é tudo no mundo para mim,
Minha vida, minha alegria, meu tudo.
Ele é minha força a cada dia,
Sem ele eu não me sustentaria.
Quando estou triste, vou até ele,
Ninguém mais pode me alegrar.
Quando estou triste, ele me faz feliz.
Ele é meu amigo.*

Isso não é ficção. Por mais incrível que possa parecer, existiu um ser humano que realmente viveu assim. Eu sei disso. Eu





PARA DISCUTIR

Como a história de Mabel afeta você? O que
você quer dizer quando fala que "ela tinha
uma força incrível"?

a conheci. Como ela conseguia? Os segundos e os minutos se passavam, assim como os dias, meses e anos daquela vida de dores, sem a companhia de outro ser humano e sem uma explicação do motivo de tudo o que estava acontecendo — e lá permanecia Mabel, cantando seus hinos. Como ela conseguia?

A resposta, segundo acredito, é que Mabel tinha algo que muitos de nós não temos, ou temos muito pouco. Ela tinha força. Presa à cama ou à cadeira de rodas, incapaz de se mover, de enxergar, de ouvir, de conversar com alguém, ainda assim ela tinha uma força incrível.³

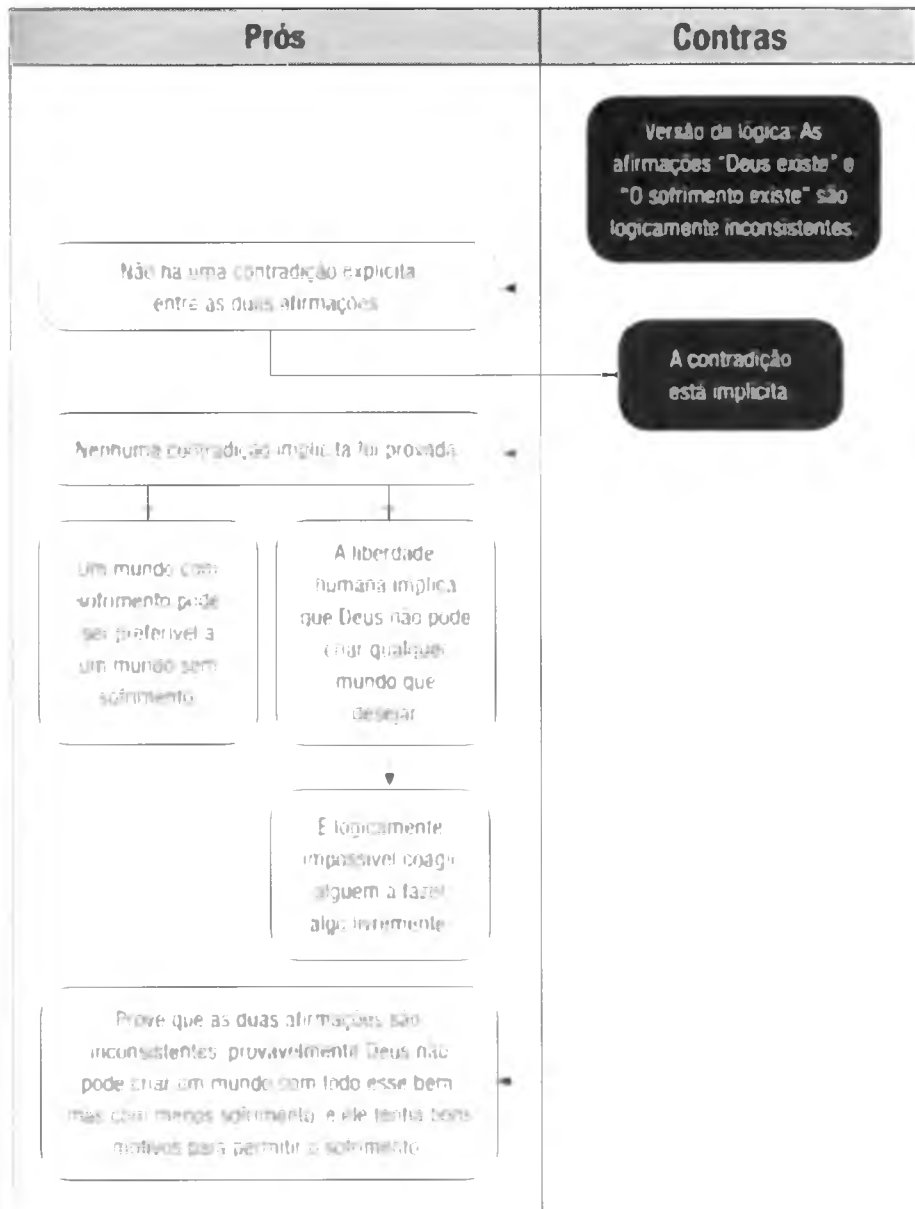
Paradoxalmente, então, muito embora o problema do sofrimento seja a maior das objeções à existência de Deus, no fim das contas Deus é a única solução para o problema do sofrimento. Se Deus não existisse, então estaríamos presos num mundo sem esperança, repleto de sofrimento sem sentido, sem redenção. Deus é a resposta final para o problema do sofrimento, pois ele nos redime do mal e nos conduz à alegria eterna de um bem incomensurável: a comunhão com ele.

³ Thomas E. Schmidt, *Trying to Be Good: A Book on Doing for Thinking People*. Grand Rapids: Zondervan, 1990.





O PROBLEMA DO SOFRIMENTO



O PROBLEMA DO SOFRIMENTO (cont.)

Prós	Contras
Não estamos em posição de fazer tal juízo de probabilidade.	Versão das evidências: É improvável que “Deus exista” dado o sofrimento que há no mundo.
Em relação a todo o escopo de evidências, a existência de Deus é provável.	É improvável que Deus tenha bons motivos para permitir o sofrimento.
O cristianismo implica doutrinas que aumentam a probabilidade da coexistência de Deus e do sofrimento.	
(1) O principal propósito da vida não é a felicidade, mas o conhecimento de Deus. (2) A humanidade vive em um estado de rebeldia contra Deus e seu propósito. (3) O propósito de Deus não se limita a este mundo, mas ultrapassa a morte, alcançando a vida eterna. (4) O conhecimento de Deus é um bem incomensurável.	Problema emocional: o ateísmo da rejeição.
Medita sobre a cruz de Cristo.	



INTERLÚDIO PESSOAL

A JORNADA DE FÉ DE UM FILÓSOFO

PARTE 2

Quando Jan e eu nos aproximávamos do fim do meu doutorado em filosofia na Universidade de Birmingham, na Inglaterra, nosso futuro era novamente uma incógnita. Eu havia enviado vários currículos para cargos de professor em filosofia em diversas universidades dos Estados Unidos, mas não havia recebido nenhum retorno. Não sabíamos o que fazer ou para onde ir.

Certa noite, estávamos sentados à mesa do jantar, em nossa pequena casa em Birmingham, quando Jan subitamente me perguntou: “Ora, se dinheiro não fosse o problema, o que você realmente *gostaria* de fazer depois do doutorado?”.

Eu comecei a rir, pois me lembrei de como o Senhor havia usado a pergunta dela para nos guiar no passado. Respondi sem hesitar: “Se dinheiro não fosse o problema, o que eu realmente gostaria de fazer era ir para a Alemanha estudar sob a orientação de Wolfhart Pannenberg”.

“Quem é ele?”

“Ora, ele é um famoso teólogo alemão que defendeu a ressurreição de Cristo historicamente. Se pudesse estudar com ele, eu poderia desenvolver uma apologética histórica em favor da ressurreição de Jesus”.

Bem, isso bastou para acender uma chama no coração de Jan. No dia seguinte, quando saí para a universidade, ela se meteu na biblioteca e começou a pesquisar sobre bolsas de estudo para universidades alemãs. A maior parte das alternativas se mostrava sem futuro ou inaplicáveis à nossa situação. Mas ela encontrou duas possibilidades de bolsa. Você pode imaginar minha surpresa quando ela me mostrou isso!

Uma delas era uma bolsa de uma agência governamental chamada Deutscher Akademischer Austausch Dienst (DAAD), que oferecia bolsas de estudo para quem quisesse estudar em universidades alemãs. Infelizmente essa bolsa era pequena e não tinha a intenção de cobrir todas as despesas. A outra bolsa era de uma fundação chamada Alexander von Humboldt-Stiftung. Essa fundação era evidentemente um esforço de *Kulturpolitik* (política cultural) voltada para o resgate da imagem da Alemanha no pós-guerra. Ela fornecia bolsas bastante generosas a fim de atrair cientistas e estudiosos estrangeiros para fazer pesquisas de um ano nos laboratórios e universidades alemãs.

Ler o material sobre a fundação Alexander von Humboldt-Stiftung me fez ficar com água na boca. Eles pagariam para o bolsista e sua esposa quatro meses de um curso de reciclagem em alemão no Instituto Goethe, antes do início do período de pesquisa. Também nos ajudariam a encontrar uma casa, pagariam pelas viagens a outras universidades se fosse necessário para a pesquisa, pagariam para que eu fosse a conferências, de tempos em tempos nos mandariam uma verba adicional para pequenas despesas, além de pagarem para nós um cruzeiro pelo rio Reno — tudo isso era simplesmente inacreditável! Eles permitiam até mesmo que o bolsista entregasse os resultados de sua pesquisa como uma tese de doutorado, a fim de receber este título da universidade alemã em que estivesse estudando.

O material enviado por essa fundação deixava evidente que a vasta maioria dos bolsistas era da área das ciências naturais — físicos, químicos, biólogos e assim por diante. Mas também dizia que candidatos a bolsa de outras áreas do conhecimento eram bem-vindos. Assim, decidi concorrer a uma bolsa na área de teologia e propus como tema da minha pesquisa uma investigação das evidências históricas em favor da ressurreição de Jesus! Decidi optar por fazer ao mesmo tempo o doutorado em teologia.

Começamos a orar de manhã e à noite para que Deus nos concedesse essa bolsa. Em certos momentos eu acreditava que Deus poderia fazer isso; mas, então, vinha à minha mente a imagem de oito cientistas alemães em Bonn, avaliando o material enviado por

todos os candidatos e se deparando com a minha proposta de estudar as evidências históricas em favor da ressurreição de Jesus e meu coração ficava pesado!



Levaria cerca de nove meses para a fundação avaliar todos os candidatos. Nesse meio tempo nosso contrato de locação estava chegando ao fim e precisávamos desocupar nossa casa em Birmingham. Então, eu disse a Jan: "Querida, você já fez tantos sacrifícios durante os anos em que estudei aqui. Vamos fazer alguma coisa que você sempre quis fazer. O que você realmente gostaria de fazer?"

Ela disse: "Sempre quis aprender francês. Tive que desistir do curso de francês na faculdade por ter ficado doente na época e sempre me senti frustrada por não ter aprendido francês".

"Certo", disse eu, "vamos para a França fazer um curso de francês em uma escola de línguas!"

Começamos a procurar uma escola. A opção mais óbvia era a Aliança Francesa, a escola oficial de línguas na França. Mas uma opção bem mais interessante era o Centro Missionário em Albertville, uma escola de línguas cristã localizada nos Alpes franceses para treinamento de missionários estrangeiros que seriam enviados a países de língua francesa. Eles enfatizam a aprendizagem para realmente se falar o francês, com o mínimo possível de sotaque estrangeiro, bem como a leitura e a escrita, juntamente com toda a terminologia bíblica e teológica que somente uma escola cristã poderia ensinar.

Escrevemos para lá perguntando se poderíamos estudar na escola. Para nosso desanimo, eles nos responderam que os interessados em estudar lá deveriam ser missionários oficialmente ligados a uma missão e que, para piorar, o curso custaria alguns milhares de dólares. Bem, nós não dispúnhamos dessa quantia. Tínhamos gastado praticamente todos os recursos doados por aquele empresário americano para concluir o meu doutorado em Birmingham.

Então, escrevi de novo ao Centro Missionário explicando nossa situação financeira. Também expliquei a eles que, embora não



fossemos oficialmente missionários, queríamos servir ao Senhor, e incluí uma carta de recomendação de um presbítero da igreja que frequentávamos em Birmingham. Depois de ter feito isso, basicamente tirei aquilo da cabeça.

O tempo passava e nenhuma das minhas tentativas de arrumar um emprego deu certo. Despachamos todos os nossos pertences para a casa de meus pais, em Illinois. Em uma semana teríamos que desocupar nossa casa em Birmingham e ainda não tínhamos para onde ir.

Lembro-me de caminhar desanimado até a caixa do correio naquele dia e encontrar lá uma carta enviada pelo Centro Missionário. Eu a abri com o coração na boca e comecei a ler. E então meus olhos subitamente se arregalaram à medida que eu lia o que estava escrito: “Para nós não importa se vocês são de fato missionários, contanto que queiram servir ao Senhor. E quanto ao custo do curso, vocês podem pagar apenas o que puderem, e confiaremos no Senhor quanto ao dinheiro que faltará”. Inacreditável!

Outra vez sentimos como se o Senhor tivesse nos arrancado de um país e nos transportado para outro, a fim de fazer a sua vontade. Mais tarde ficamos sabendo que o Centro Missionário tinha na verdade recusado missionários pagantes e nos aceitado em lugar deles. Fomos para a França com uma sensação profunda da comissão divina e mergulhamos nos estudos da língua. A escola de línguas era inacreditavelmente rigorosa, com vários testes e repetições constantes e não poucas lágrimas, mas no final daqueles seis meses eu já estava pregando em francês em nossa pequena igreja, e Jan teve a alegria de levar nossos vizinhos franceses a crer em Jesus Cristo.

Nosso curso de francês deveria terminar em agosto, e até julho não tínhamos uma resposta da fundação alemã. Estávamos começando a ficar preocupados. (Desde aquela época Jan inventou um ditado que descreve bem nossas vidas: “O Senhor está sempre quase atrasado!”). E então, um belo dia, recebemos uma carta da fundação. Só tinha um problema: estava escrita em alemão e o alemão que





eu aprendera no colegial já estava meio enferrujado para entender o que estava escrito!

Então, peguei a carta e corri até a livraria mais próxima à procura de um dicionário francês-alemão. E à medida que traduzíamos a carta, palavra por palavra, esperando contra todas as esperanças, mal podíamos conter nosso entusiasmo ao ler: É com prazer que informamos que você receberá uma bolsa da Fundação Alexander von Humboldt para estudar a historicidade da ressurreição de Jesus sob a orientação do professor Dr. Wolfhart Pannenberg, na Universidade de Munique. E assim, pelos próximos dois anos o governo alemão pagou para que eu estudasse sobre as evidências históricas da ressurreição de Jesus! Isso era incrível! Absolutamente incrível!

Eu e Jan chegamos à Alemanha em um dia frio de janeiro para começar nosso curso de alemão no Instituto Goethe, em Göttingen, uma pequena cidade universitária perto de fronteira com a Alemanha Oriental. Optamos por estudar lá pelo fato de que as pessoas da região falavam o alemão formal, em vez de um dialeto local. É impressionante o que se pode aprender em quatro meses quando se está imerso na língua. Com a proximidade do meu doutorado em Munique, estávamos supermotivados para aprender o alemão. Contratamos uma estudante universitária chamada Heidi para nos ajudar com a pronúncia. Depois de dois meses combinamos de falar apenas em alemão até as oito horas da noite, quando podíamos conversar em inglês. É engraçado, mas mesmo quando você sabe o que significam as palavras “Ich liebe dich” elas não passam para um estrangeiro o mesmo sentimento de dizer em sua própria língua “Eu amo você”.

Ao final de quatro meses eu tinha terminado o curso avançado com a maior nota, 1, e Jan, cujo conhecimento de alemão quando chegamos mal ultrapassava as palavras “eins, zwei, drei” [um, dois, três] era capaz de conversar fluentemente no comércio e com as pessoas da cidade em que morávamos. Certa noite, durante um jantar no Instituto Goethe, ela me surpreendeu. Há um provérbio alemão que diz: Ohne Fleiss, kein Preis! [Sem esforço não há recompensa!]. Durante a refeição Jan pediu em alemão a um colega da

Turquia que estava sentado perto dela para que lhe passasse a carne. Mas ele lhe mostrou a travessa vazia e ofereceu a ela um pouco de arroz em vez da carne. Ela prontamente respondeu: “Danke, nein! Ohne Fleisch, kein Reis!” [Não, obrigada. Sem carne não há arroz!]. Quase morri de rir! Lá estava Jan fazendo trocadilhos em alemão!

Devo confessar que pareceu meio sem sentido passar nove meses aprendendo francês pouco antes de ter ido para Alemanha começar meu doutorado. Mas a providência do Senhor é incrível. O primeiro dia em que compareci no departamento de teologia da Universidade de Munique, para me encontrar com o Dr. Pannenberg, ele me levou até a biblioteca do departamento, pegou três livros da estante e me disse: “Por que você não começa por esses livros?”. Para minha surpresa dois deles eram em francês! Pensei comigo mesmo: Louvado seja o Senhor! Jamais poderia ter dito a Pannenberg que eu não lia em francês. Isso teria sido o mesmo que dizer que eu não estava preparado para fazer a pesquisa! Deus sabia o que estava fazendo quando me mandou para a França.

Fazer aquele doutorado em teologia sob a orientação do Dr. Pannenberg era a coisa mais difícil que eu já fizera na vida. Tive até mesmo que passar em uma prova de proficiência em latim para concluir o doutorado, o que me fez estudar latim em alemão! Ao final da minha estadia em Munique eu tinha aprendido tanto sobre a ressurreição de Jesus que estava bem além da onde estivera quando ali cheguei. Como cristão era evidente que eu cria na ressurreição e tinha conhecimento da apologética popular a respeito do tema, mas fiquei bastante surpreso ao descobrir, em consequência da minha pesquisa, o quão sólida pode ser uma defesa histórica em favor da ressurreição. Três livros resultaram dessa pesquisa, sendo que um deles foi a minha tese de doutorado em teologia na Universidade de Munique.¹

Desde aquela época tive a oportunidade de debater com alguns dos mais célebres céticos dentre os estudiosos do Novo Testamento.

Para saber o resto da história, veja o capítulo intitulado “Fracasso” na obra *Apologética para questões difíceis da vida* [publicado no Brasil por Edições Vida Nova].



como John Dominic Crossan, Marcus Borg, Gerd Lüdemann e Bart Ehrman, bem como com autores populares de best-sellers como John Shelby Spong sobre a historicidade da ressurreição de Jesus. Devo dizer, com toda objetividade, que tenho ficado chocado com a impotência desses estudiosos no que diz respeito à refutação das evidências da ressurreição de Jesus. (Você pode ler ou ouvir a esses debates você mesmo e formar sua própria opinião — basta acessar o site www.reasonablefaith.org).

Na maioria das vezes, e pretendo dizer *na maioria* mesmo, o que está por trás do ceticismo deles são considerações de caráter filosófico, e *não* considerações de caráter histórico. Mas esses homens não são treinados em filosofia e dizem tolices amadoras que um filósofo experiente pode facilmente perceber. Fico tremendamente grato porque o Senhor, em sua providência, me levou primeiro a fazer um doutorado em filosofia antes de estudar a ressurreição de Jesus, pois é de fato a filosofia e não a história o que alimenta o ceticismo dos críticos radicais da ressurreição.

Nos próximos três capítulos, quero mostrar a você como é possível ampliar sua defesa apologética muito além da mera crença em Deus para a crença no Deus da Bíblia, revelado por Jesus. Isso vai exigir que mergulhemos na busca do Jesus histórico.



CAPÍTULO 8

QUEM FOI JESUS?

Mas vós, quem dizeis que eu sou? (Mc 8.29)

Quando ainda era estudante no Trinity, durante a década de 1970, lembro-me de ter visto um artigo publicado em um boletim sobre o lançamento do livro intitulado *The Myth of God Incarnate* [O mito do Deus encarnado]. O artigo descrevia como o professor John Hick, da Universidade de Birmingham, tinha reunido um grupo de sete acadêmicos que alegavam que o Cristo divino, sobre o qual lemos nos Evangelhos, era um mito. Na realidade, segundo eles, Jesus de Nazaré nunca disse ser o Filho de Deus ou o Senhor ou qualquer outra espécie de figura divina. É evidente que um evento como a ressurreição de Jesus era algo que estava acima de qualquer dúvida como um acontecimento histórico, real. Assim, precisávamos descartar essas crenças falsas e ultrapassadas.

Recordo-me de me sentir irritado e frustrado com aquele artigo. Por que nossos estudiosos do Novo Testamento não respondem a esse absurdo? Por que deixam isso ser publicado sem questionamento? Mal sabia eu que uma verdadeira revolução nos estudos do Novo Testamento estava acontecendo e que logo iria reverter esse ceticismo e consolidar os Evangelhos como fontes históricas dignas de crédito em relação à vida e as palavras de Jesus. Ainda hoje críticos radicais ganham espaço na mídia com suas alegações sensacionalistas, mas eles estão sendo cada vez mais marginalizados na academia, à medida que os estudos chegaram a uma nova perspectiva da confiabilidade histórica dos documentos neotestamentários. Nos próximos dois capítulos, vamos analisar algumas evidências que capacitarão você a fazer uma defesa diante de alegações pessoais radicais relacionadas à ressurreição de Jesus e, assim, em favor da fé em Cristo.

Preparando o palco

Um acontecimento sem contexto é algo inerentemente ambíguo. Isso é especialmente verdade quando se trata de um suposto milagre. Tomado isoladamente, um suposto milagre pode não passar de uma aberração científica, uma aberração da natureza. Por isso, um evento como a ressurreição de Jesus deve ser estudado em seu contexto histórico se quisermos compreendê-lo corretamente.

Assim, qual é o devido contexto para entendermos a ressurreição? São a própria vida e as alegações de Jesus, algo sem paralelo. A ressurreição vem como o clímax da extraordinária vida e do extraordinário ministério de Jesus. Assim, antes de analisarmos a credibilidade histórica da ressurreição, vamos preparar o palco, perguntando-nos quem Jesus pensava ser.

A primazia dos documentos neotestamentários

Neste momento nos deparamos imediatamente com um problema. Uma vez que Jesus não deixou de próprio punho quaisquer escritos de sua autoria, ficamos na dependência dos registros de outras pessoas para saber o que Jesus disse e fez. Ora, essa não é uma situação incomum em relação a figuras históricas da antiguidade. Por exemplo, Sócrates, o famoso filósofo grego, também não deixou escritos de sua própria autoria. Dependemos dos escritos de seu discípulo Platão para conhecer dados sobre a vida e os ensinamentos de Sócrates. Da mesma forma, dependemos dos escritos dos seguidores de Jesus para conhecer sua vida e seus ensinamentos.

Porém, embora essa situação não seja incomum, ela na verdade levanta uma questão: Como saber se esses registros são precisos? Pode ser que os seguidores de Jesus tenham *dito* que Jesus disse e fez certas coisas que ele na verdade não fez. Em especial, uma vez que os primeiros cristãos acreditam que Jesus era Deus, talvez eles possam ter inventado ditos e histórias sobre como Jesus alegava ser Deus. Assim, não deveríamos ficar surpresos por Jesus, nos Evangelhos, dizer e fazer coisas que implicassem sua divindade. Talvez o



Jesus histórico que de fato viveu fosse bem diferente da figura divina sobre a qual lemos nos Evangelhos. Como poderemos dizer se esses registros são historicamente precisos?

Bem, até a era moderna perguntas desse tipo basicamente não tinham resposta. Porém, com o surgimento da crítica textual e dos estudos de história da modernidade, os historiadores começaram a desenvolver ferramentas para desvendar essas questões. Hoje Jesus não é mais apenas uma figura decorativa em vitrais de igrejas, mas sim uma pessoa real de carne e osso da história, assim como o imperador Júlio César ou Alexandre, o Grande, cuja vida pode ser estudada por métodos históricos padrões. Os escritos do Novo Testamento podem passar por um escrutínio usando-se os mesmos critérios históricos que usamos para investigar outras fontes da história antiga, como *A guerra do Peloponeso*, de Tucídides, ou os *Anais*, de Tácito.

Ora, a primeira coisa que precisamos fazer a fim de conduzir uma investigação histórica sobre Jesus é reunir nossas fontes. Existem referências a Jesus de Nazaré em uma porção de fontes antigas, dentro e fora do Novo Testamento, inclusive em fontes cristãs, romanas e judaicas.¹ Isso é um tanto extraordinário se você pensar em quão obscura era a pessoa de Jesus. Ele teve quando muito três anos de vida pública como pregador galileu itinerante. Contudo, temos bem mais informações de Jesus do que da maioria das grandes figuras históricas da antiguidade.

As mais importantes dessas fontes históricas foram reunidas no Novo Testamento. As referências sobre Jesus encontradas fora do Novo Testamento tendem a confirmar aquilo que lemos nos Evangelhos, mas não dizem na verdade nada de novo. Portanto, o foco da nossa investigação deve repousar sobre os documentos que se encontram no Novo Testamento.

¹ Para um panorama interessante, veja Richard France, *The Evidence for Jesus*. Londres: Hodder & Stoughton, 1986; veja também Robert E. Van Voorst, *Jesus Outside the New Testament*. Grand Rapids: Eerdmans, 2000.

Ora, descobri que muitos leigos não entendem esse procedimento. Eles acreditam que se você analisar os próprios escritos do Novo Testamento, em vez de recorrer a fontes externas ao Novo Testamento, então você estará de certa forma andando em círculos, usando a Bíblia para provar a Bíblia. Se você sequer citar uma passagem extraída do Novo Testamento eles pensarão que você de algum modo está cometendo uma petição de princípio, por pressupor que o Novo Testamento é uma fonte confiável.

Mas isso não é de forma alguma o que os historiadores fazem quando estudam o Novo Testamento. Eles não estão tratando a Bíblia como um livro sagrado, inspirado, nem tentando provar que ele é verídico apenas por citá-lo. Antes, estão tratando o Novo Testamento como qualquer outra coletânea de escritos antigos e investigando se tais documentos são historicamente confiáveis.

É importante entender que no princípio não existia um livro chamado “Novo Testamento”. Existiam apenas documentos separados que foram passados de mão em mão a partir do primeiro século, documentos como o Evangelho de Lucas, o Evangelho de João, os Atos dos Apóstolos, a carta de Paulo à igreja em Corinto, e assim por diante. Foi apenas dois séculos depois que a igreja oficialmente reuniu todos esses documentos em um livro que ficou conhecido como o Novo Testamento.

A igreja escolheu incluir no Novo Testamento apenas as fontes mais antigas, as mais próximas de Jesus e de seus primeiros discípulos, e deixou de fora relatos posteriores, secundários, como os forjados evangelhos apócrifos, que todos sabiam ser falsos. Assim, em função da própria natureza do caso, as melhores fontes históricas foram incluídas no Novo Testamento. As pessoas que insistem em evidências extraídas de fontes escritas exclusivamente externas ao Novo Testamento não sabem o que estão nos pedindo. Estão exigindo que ignoremos as fontes primárias mais antigas sobre Jesus em favor de fontes posteriores, secundárias e menos confiáveis, o que é uma loucura arrematada em termos de metodologia histórica.

Isso é importante pelo fato de que todas as reconstituições radicais do Jesus histórico em circulação na mídia de hoje são baseadas

em documentos posteriores e externos ao Novo Testamento, em especial nos chamados evangelhos apócrifos. E o que são os evangelhos apócrifos? São evangelhos forjados em nome dos apóstolos, como o Evangelho de Tomé, o Evangelho de Pedro, o Evangelho de Filipe e assim por diante. Eles apareceram pela primeira vez na segunda metade do segundo século depois de Cristo. Os revisionistas alegam que os documentos extrabíblicos são a chave para reconstruir corretamente o Jesus histórico.



O professor Luke Johnson, um célebre estudioso do Novo Testamento da Universidade de Emory, aponta que dentre a enxurrada de livros recentes que alegam desvendar o verdadeiro Jesus, todos seguem os mesmos padrões previsíveis:

1. O livro começa alardeando as credenciais acadêmicas do autor e de sua prodigiosa pesquisa.
2. O autor alega oferecer alguma interpretação nova, e quem sabe ate mesmo propositadamente ocultada, acerca de quem Jesus *realmente* foi.

Os chamados evangelhos apócrifos são evangelhos forjados, escritos sob o nome dos apóstolos durante os séculos posteriores à morte de Cristo. Nenhum deles é anterior à segunda metade do segundo século d.C. Embora não tenham muito valor como fonte de informações sobre a vida de Jesus, têm sua importância para os historiadores da igreja que desejam aprender sobre os vários movimentos que competiam entre si, em geral profundamente influenciados pela filosofia do gnosticismo pagão, com a qual a igreja cristã lutou durante os primeiros séculos depois de Cristo. Entre os evangelhos apócrifos encontram-se:

Evangelho de Pedro
Evangelho de Tomé
Evangelho dos Hebreus
Evangelho da infância de Cristo segundo Tomé
Evangelho de Judas
Evangelho de Filipe

3. Afirma-se que a verdade sobre Jesus foi descoberta por meio de fontes externas à Bíblia que nos possibilitam ler os Evangelhos de uma nova maneira que está em desacordo com seu sentido superficial.
4. Essa nova interpretação é provocativa e até mesmo instigante, dizendo, por exemplo, que Jesus foi casado com Maria Madalena ou foi líder de um culto alucinógeno ou um cínico filósofo camponês.
5. Fica implícito que as crenças cristãs tradicionais são, portanto, minadas e precisam ser revisadas.

Se ouvir falar de livros que seguem esse padrão já conhecido, suas antenas críticas devem ser automaticamente acionadas! Você está prestes a ser enganado. Pois o fato é que não existe nenhuma fonte histórica digna de crédito que seja externa ao Novo Testamento e que questione o perfil de Jesus retratado nos Evangelhos. Os evangelhos apócrifos são documentos posteriores, derivados e moldados por uma teologia que surgiu a partir do segundo século. Isso significa que, apesar de todo o sensacionalismo, os documentos contidos no Novo Testamento são as fontes primárias que temos sobre a vida de Jesus.

Assim, experimente não pensar no Novo Testamento como um único livro; pense nele como era originalmente: uma porção de documentos separados, que chegaram até nós a partir do primeiro século, e que contam a incrível história sobre Jesus de Nazaré. A pergunta a ser feita é a seguinte: Quão historicamente confiáveis são esses documentos?

O ônus da prova

Confrontamos neste ponto a questão crucial do ônus da prova. Devemos presumir que os evangelhos são confiáveis até que se prove em contrário, ou seja, a menos que se prove que eles não são? Ou

Luke Timothy Johnson, *The Real Jesus*. San Francisco: HarperSanFrancisco, 1996.



devemos presumir que os evangelhos não são confiáveis a menos que se prove que eles o são? São eles inocentes até que se prove sua culpa ou culpados até que se prove sua inocência? Estudiosos céticos quase sempre partem do pressuposto de que os evangelhos são culpados até que se prove sua inocência, isto é, eles presumem que os evangelhos não são confiáveis até que se prove que eles estão certos em relação a algum fato particular. E não estou exagerando as coisas: esse realmente é o comportamento dos críticos céticos.

No entanto, gostaria de citar cinco razões por que penso que essa presunção cética está errada.

1. *Não houve tempo suficiente para que a influência de lendas apagasse os principais fatos históricos.* Às vezes os leigos dizem: “Como você pode saber algo que aconteceu há dois mil anos atrás?”. O que eles deixam de perceber é que o intervalo de tempo crucial não é o que existe entre a evidência e os tempos de hoje; antes, o importante é o intervalo de tempo que existe entre a evidência e os acontecimentos originais em torno dos quais gira a evidência. Se o intervalo de tempo entre a evidência e os acontecimentos for pequeno, então não importa o quanto os acontecimentos e sua respectiva evidência retrocederam no passado. Boa evidência não deixa de ser boa apenas em função da passagem do tempo! Contanto que o intervalo de tempo entre o acontecimento e sua respectiva evidência seja pequeno, é simplesmente irrelevante o quão remota ela seja em relação aos dias de hoje.

A verdadeira questão, então, é o quão próximas são as fontes sobre a vida de Jesus do tempo em que ele viveu. Falarei a respeito disso em um instante.

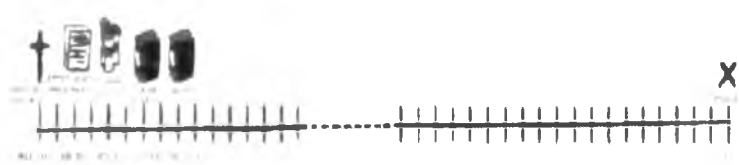


Fig. 1: Nossas fontes primárias sobre a vida de Jesus são todas do primeiro século depois de Cristo, a maioria dela situando-se em torno de 60 anos da crucificação de Jesus. Já os evangelhos apócrifos foram escritos no mínimo mais de 100 anos após a crucificação.

2. *Os evangelhos não são os equivalentes dos contos populares ou das “lendas urbanas” contemporâneas.* Contos como os de Paul Bunyan e Pecos Bill ou lendas urbanas contemporâneas como a do “caro-neiro que aparece e desaparece do nada” raramente dizem respeito a indivíduos verdadeiramente históricos, de carne e osso, e por isso não são como as narrativas dos evangelhos que tratam de pessoas reais que de fato viveram, de fato são reais, de fato aconteceram, e de lugares reais que de fato existiram. Sabia que você pode ler sobre pessoas como Pôncio Pilatos, Caifás e até mesmo João Batista nos escritos do historiador judeu Flávio Josefo?

3. *A transmissão das tradições sagradas entre os judeus era altamente desenvolvida e confiável.* Em uma cultura oral como a de Israel do primeiro século, a habilidade de memorizar e reter extensas porções da tradição oral era um talento altamente valorizado e desenvolvido. Desde a mais tenra idade as crianças eram ensinadas em casa, na escola e na sinagoga a memorizar com fidelidade a tradição sagrada. Os discípulos devem ter tido o mesmo cuidado com os ensinamentos de Jesus. Comparar a transmissão de tradições dos judeus com a brincadeira do telefone sem fio é um equívoco grosseiro.

4. *Havia importantes impedimentos ao embelezamento das tradições sobre Jesus, como a presença de testemunhas oculares e a supervisão dos apóstolos.* As pessoas que haviam visto e ouvido Jesus ainda estavam vivas e poderiam ser consultadas a respeito do que Cristo havia dito e feito. Além disso, as tradições sobre Jesus permaneceram sob a supervisão dos primeiros apóstolos. Esses fatores teriam agido como um verdadeiro freio sobre as tendências de elaborar os fatos em uma direção contrária a que era preservada por aqueles que haviam conhecido Jesus. De fato, no caso dos evangelhos, seria mais preciso falar em história oral do que em “tradição oral”, uma vez que as testemunhas oculares e os apóstolos ainda estavam vivos.

5. *Os evangelistas têm um passado garantido de confiabilidade histórica.* Nos pontos em que os autores dos evangelhos podem ser analisados, discrepâncias são exceção, e não regra. O resultado típico dessas verificações é que os evangelhos se mostram confiáveis.

Porém, como não disponho de espaço para discutir todos esses cinco pontos, permita-me dizer algo a respeito do primeiro e do quinto ponto.³

Tempo insuficiente para apagar os fatos principais

Primeiro, *o tempo para a influência de lendas ter apagado os principais fatos históricos foi insuficiente*. Nenhum estudioso moderno pensa que os evangelhos são uma mentira deslavada ou fruto de uma grande conspiração. O único lugar em que se encontram teorias sobre conspiração é em websites ateístas ou em livros e filmes sensacionalistas. Quando se lê as páginas do Novo Testamento não resta a menor dúvida de que aquelas pessoas sinceramente acreditavam na verdade daquilo que proclamavam. No entanto, desde o século XIX, estudiosos céticos têm explicado os evangelhos como *lendas*. Como as histórias de Robin Hood ou do Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda, à medida que as histórias sobre Jesus foram passadas adiante ao longo de décadas, elas foram sendo desorganizadas, exageradas e mitologizadas, até que os acontecimentos originais estivessem praticamente perdidos. O mestre judeu foi transformado no divino filho de Deus.

Um dos maiores problemas com a hipótese das lendas, porém, que quase nunca é levantado pelos críticos céticos, é que o intervalo de tempo entre a morte de Jesus e a escrita dos evangelhos foi pequeno demais para que isso tivesse acontecido.

Esse ponto foi bem explicado por A. N. Sherwin-White em sua obra *Roman Society and Roman Law in the New Testament* [A sociedade e a lei romana no Novo Testamento]. O professor Sherwin-White não é um teólogo; ele é um historiador profissional que estuda a história greco-romana das épocas anterior e contemporânea a de



HERÓDOTO

Heródoto (século V a.C.) foi um historiador grego que escreveu uma extensa obra chamada *Istoriaí*. O termo significa “investigações” ou “pesquisas”, mas é geralmente chamado “Histórias”, de onde veio o atual termo *história*. Ele foi o primeiro escritor que procurou coletar informações históricas de maneira sistemática — informações sobre a guerra entre os gregos e os persas, que aconteceu na época de seus pais. Ele afirmava ter viajado e entrevistado testemunhas oculares desde a Babilônia até a Sicília, embora ele também tivesse uma inclinação para incluir histórias mais pitorescas do que críveis, e nós de fato não sabemos se ele realmente esteve em todos os lugares que descreveu. Ainda que esteja longe de ser cem por cento confiável, a obra de Heródoto está repleta de pistas para o historiador moderno cuidadoso. A influência de lendas não apagou os principais fatos históricos das guerras greco-persas.

³ Para maior discussão veja Craig Blomberg, *The Historical Reliability of the Gospels*. Downers Grove: IVP, 2009; leitores de nível mais avançado podem se beneficiar da leitura da obra de Paul Eddy e Gregory Boyd, *The Jesus Legend*. Grand Rapids: Baker, 2007.



Jesus. Segundo ele, as fontes para a história greco-romana normalmente são tendenciosas e separadas dos fatos que relatam por uma a duas gerações, ou até mesmo por séculos. Ainda assim, segundo ele, os historiadores reconstroem o curso da história greco-romana de forma confiável. Por exemplo, duas das mais antigas biografias de Alexandre, o Grande, foram escritas por Adriano e Plutarco mais de 400 anos depois da morte de Alexandre, e mesmo assim os historiadores clássicos as consideram confiáveis. As fabulosas lendas sobre Alexandre, o Grande, só se desenvolveram séculos depois desses dois autores. Segundo o professor Sherwin-White, os escritos de Heródoto nos permitem determinar a velocidade com que uma lenda ganha corpo, e testes mostram que até mesmo duas gerações é um intervalo de tempo muito curto para permitir que inclinações para lendas apagassem o núcleo central dos fatos históricos.

Quando trata dos evangelhos, o professor Sherwin-White considera o ceticismo dos críticos radicais um tanto quanto injustificado. Todos os historiadores concordam que os evangelhos foram escritos e circularam durante a primeira geração depois dos fatos acontecidos, enquanto as testemunhas oculares ainda estavam vivas. Para que os evangelhos tivessem seu núcleo comprometido por lendas, seria necessário que tivesse havido mais gerações entre os fatos que eles registram e a data de sua composição.

Na verdade, se acrescentarmos um intervalo de tempo de duas gerações à morte de Jesus, no ano 30 d.C., chegaremos ao segundo século, época em que os evangelhos apócrifos começaram a aparecer. Estes certamente contêm toda sorte de histórias lendárias sobre Jesus, tentando preencher a lacuna entre sua infância e o início de seu ministério, por exemplo. Assim, são os evangelhos apócrifos, e não os evangelhos da Bíblia, os melhores candidatos às lendas que os críticos tanto buscam.

Esse ponto se torna mais devastador para o ceticismo quando descobrimos que os próprios evangelhos usaram fontes que remontam a um período ainda mais próximo dos fatos da vida de Jesus. Por exemplo, a história do sofrimento e morte de Cristo, comumente



conhecida como a paixão de Cristo, provavelmente não foi originalmente escrita por Marcos. Antes, Marcos valeu-se de uma fonte para essa narrativa. Marcos é o primeiro evangelho, e sua fonte deve ter sido ainda anterior a ele. De fato, Rudolf Pesch, um estudioso alemão especialista no livro de Marcos, afirma que a fonte do relato da paixão deve remontar a pelo menos 37 d.C. Ou seja, apenas 7 anos depois da morte de Cristo.

Além disso, Paulo em suas cartas transmite informações sobre Jesus que dizem respeito a seus ensinamentos, à última ceia, à traição, crucificação, sepultamento e aparições após a ressurreição. As cartas de Paulo foram escritas até mesmo antes dos Evangelhos, e parte das informações que ele fornece, como a informação que ele passa em sua primeira carta aos coríntios sobre as aparições de Jesus, por exemplo, têm sido datadas de cinco anos após a morte de Jesus. É uma total falta de responsabilidade falar em lendas em casos como esses.

A confiabilidade dos evangelistas

Vamos nos debruçar agora sobre o quinto ponto: *Os evangelistas têm um passado garantido de confiabilidade histórica*. Vamos analisar um exemplo disso: Lucas. Veja, Lucas foi o autor de uma obra composta de duas partes: o Evangelho de Lucas e Atos dos Apóstolos. Esse dois livros na realidade são uma única obra e foram separados em nossa Bíblia pelo fato de a igreja ter agrupado os Evangelhos no Novo Testamento.

Dos evangelistas Lucas é o que demonstra mais consciência de ser um historiador. No prefácio de sua obra ele escreve:

Visto que muitos têm empreendido uma narração coordenada dos fatos que se realizaram entre nós, transmitidos pelos que desde o princípio foram suas testemunhas oculares e ministros da palavra, pareceu adequado também a mim, excelentíssimo Teófilo, depois de investigar tudo cuidadosamente desde o começo, escrever-te uma narrativa em ordem, para que tenhas certeza da verdade das coisas em que foste instruído (Lc 1.1-4).

Esse prefácio foi escrito em grego clássico, exatamente como os grandes historiadores gregos costumavam fazer; depois dessa abertura, Lucas passa a usar o grego mais comum. Mas ele deixou seus leitores conscientes de que ele poderia escrever, se assim desejasse, como os historiadores eruditos. Ele fala da minuciosa investigação da história que está prestes a relatar e nos assegura de que ela se baseia em informações colhidas de testemunhas oculares e de acordo com a verdade.

Ora, mas quem foi esse autor que conhecemos como Lucas? Ele próprio claramente não foi uma testemunha ocular da vida de Cristo. Mas descobrimos um importante fato sobre ele, no livro de Atos. A partir do versículo 10 do capítulo 16 do livro de Atos, quando Paulo chega em Trôade, na atual Turquia, o autor de repente começa a usar a primeira pessoa do plural: “fomos em linha reta para a Samotrácia”; “De lá fomos para Filipos, colônia romana e a cidade mais importante desse distrito da Macedônia. Ali ficamos alguns dias.”; “No sábado, saímos da cidade para a beira do rio, onde julgávamos haver um lugar de oração. E, sentados, falávamos às mulheres ali reunidas”, etc. A explicação mais óbvia é que o autor, Lucas, juntou-se a Paulo em sua viagem evangelística pelas cidades mediterrâneas. Depois ele acompanhou Paulo de volta a Israel e, finalmente, a Jerusalém. Isso significa que o autor de Lucas-Atos esteve, de fato, em contato direto com testemunhas oculares da vida e ministério de Jesus em Jerusalém.

Críticos céticos fizeram uma verdadeira ginástica para tentar evitar essa conclusão. Eles afirmam que o uso da primeira pessoa do plural em Atos não deve ser tomado ao pé da letra; que isso era apenas um recurso literário muito comum no relato de viagens marítimas. Não levam em conta o fato de que muitas das passagens em Atos não tratam de viagens marítimas, mas de fatos que aconteceram em terra firme! A questão mais importante é que essa teoria, quando verificada, mostra ser a mais pura fantasia. Simplesmente nunca houve esse recurso literário que alegam ser utilizado nos relatos de viagens marítimas do mundo antigo — a coisa toda não passa

de uma ficção acadêmica! Não há como evitar a conclusão de que Lucas-Atos foi escrito por um companheiro de viagem de Paulo, alguém que teve oportunidade de conversar com testemunhas oculares da vida de Jesus quando esteve em Jerusalém.

Então, quem foram algumas dessas testemunhas? Talvez possamos conseguir uma pista se subtrairmos do Evangelho de Lucas tudo o que encontrasse também nos outros evangelhos e vermos o que é exclusivo de Lucas. Ao se fazer isso, descobre-se que muitas das narrativas que são exclusivas de Lucas estão ligadas a *mulheres* que seguiam a Jesus: pessoas como Joana e Susana e, significativamente, Maria, a mãe de Jesus.

O autor era confiável quanto à compreensão correta dos fatos? O livro de Atos nos capacita a responder essa pergunta de forma decisiva, pois coincide de modo significativo com a história do mundo antigo, sendo de uma precisão histórica inquestionável. Isso foi demonstrado recentemente mais uma vez por Colin Hemer, um estudioso clássico que se dedicou aos estudos do Novo Testamento, em sua obra *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History* [O livro de Atos no contexto da história helenística].⁴ Ele analisa todo o livro de Atos com um pente fino, extraindo dele uma enorme riqueza de detalhes históricos que vão desde coisas que teriam sido senso comum até detalhes que somente uma pessoa local teria sabido. Repetidamente a precisão de Lucas fica demonstrada: das navegações da esquadra alexandrina ao território costeiro das ilhas mediterrâneas e aos títulos peculiares de oficiais locais, Lucas é sempre preciso.

Segundo afirma o professor Sherwin-White: 'A confirmação da historicidade em Atos é avassaladora. Qualquer tentativa de rejeitar sua historicidade, ainda que seja em relação a detalhes, deve agora nos parecer absurda'.⁵ O julgamento proferido por Sir William



AS NARRATIVAS EXCLUSIVAS DE LUCAS

As poucas narrativas
que são exclusivas de
Lucas são:

Os relatos do
nascimento que
voltam seu foco sobre
Maria e seus primos
(Lc 1.5—2.40);

O relato da infância de
Jesus (Lc 2.41-52);

A rejeição de Jesus
em sua cidade natal,
Nazaré (Lc 4.14-30);

O relato sobre
as mulheres que
acompanharam as
viagens de Jesus
e apoiaram seu
ministério (Lc 8.1-3).

⁴ Colin J. Hemer, *The Book of Acts in the Setting of Hellenistic History*, ed. Conrad H. Gempf. Tübingen: J.C.B. Mohr, 1989.

⁵ A. N. Sherwin-White, *Roman Society and Roman Law in the New Testament*. Oxford: Clarendon Press, 1963, p. 189.





Ramsey, um arqueólogo mundialmente renomado, ainda se mantém: “Lucas é um historiador de primeira classe [...] Esse autor deveria ser colocado entre os maiores historiadores”.⁶

PARA DISCUTIR

Faz sentido pressupor que algumas fontes não sejam dignas de créditos até que se possa provar que elas são precisas? Como um teste, considere o que você sabe sobre a vida de seus pais antes de você ter nascido. Elimine todas as informações contadas por eles ou por quaisquer outros membros da família, como se elas fossem tendenciosas. Você só pode ter certeza daquilo que possa verificar por meio de evidências, como extratos bancários, cartas, atos jurídicos e relatos de testemunhas imparciais. O que, então, você de fato sabe sobre seus pais?

Levando em consideração o cuidado de Lucas e sua demonstrada confiabilidade, bem como seu contato com testemunhas oculares pertencentes à primeira geração após os acontecimentos, ele é um autor digno de confiança.

Com base nas cinco razões que citei, pessoalmente acredito que devemos presumir a confiabilidade histórica do que os evangelhos dizem sobre Jesus, até que se prove que eles estejam errados. Em todo caso, no mínimo não podemos pressupor que os evangelhos estejam errados até que se prove que estão

errados. Devemos ao menos adotar uma posição de neutralidade.

Crítérios de autenticidade

Ora, se adotarmos uma posição de neutralidade em relação aos evangelhos, como passar da neutralidade à afirmação de que alguns fatos são verdadeiramente históricos? Estudiosos desenvolveram uma série de “crítérios de autenticidade” para nos ajudar nessa questão.

É de vital importância que esses critérios sejam devidamente colocados e compreendidos, pois de forma grosseira eles têm sido mal utilizados. Eles são realmente sinais de credibilidade histórica. Um relato dos evangelhos que exiba um desses sinais tem, em condições de igualdade, mais probabilidade de ser histórico do que teria sem isso. Em outras palavras, a presença de um desses sinais aumenta a probabilidade de que o fato relatado seja histórico.

⁶ William M. Ramsay, *The Bearing of Recent Discovery on the Trustworthiness of the New Testament*. London: Hodder & Stoughton, 1915, p. 222.

Quais são alguns desses sinais de autenticidade histórica? Eis aqui uma lista dos mais importantes:



1. *Adequação histórica*: O fato se encaixa a fatos históricos do mesmo lugar e época.
2. *Fontes primitivas, independentes*: O fato é relatado em múltiplas fontes próximas da época em que se alega que ele ocorreu e que não dependam umas das outras nem de uma fonte comum.
3. *Constrangimento*: O fato é embaraçoso ou contraproducente para a igreja primitiva.
4. *Dessemelhança*: O fato não guarda semelhança com conceitos judaicos anteriores nem/ou com conceitos cristãos posteriores.
5. *Semitismos*: Traços das línguas hebraica e aramaica (faladas pelos conterrâneos de Jesus) aparecem no relato.
6. *Coerência*: O incidente se encaixa aos fatos já sabidos sobre Jesus.

PARA DISCUTIR

Por que o constrangimento seria um sinal de autenticidade histórica? Você é capaz de pensar em algumas passagens dos evangelhos que um editor teria deixado de fora, se estivesse interessado em passar a melhor imagem possível dos heróis dos evangelhos?

Note duas coisas sobre esses “critérios”. Primeiro, eles todos são sinais positivos de credibilidade histórica. Portanto, só podem ser usados para estabelecer a historicidade de um episódio, nunca para refutá-la. Se um relato não for constrangedor ou dessemelhante ou encontrado em fontes primitivas independentes, isso obviamente não significa que ele não seja histórico.

A única maneira de se usar justificadamente esses critérios para negar a credibilidade histórica seria pressupondo que os evangelhos não são confiáveis até que se prove o contrário. Mas com isso estamos de volta à questão do ônus da prova mais uma vez! Se adotarmos uma posição de neutralidade em relação aos evangelhos, então a falha em provarmos que um fato é histórico nos deixa em posição



de neutralidade. Ou seja, apenas não sabemos se o fato é histórico ou não.

Segundo, os critérios não pressupõem a confiabilidade geral dos evangelhos. Eles se aplicam a fatos específicos, e não a um livro inteiro. Assim, podem ser usados para detectar fragmentos de informação histórica em qualquer fonte, até mesmo nos evangelhos apócrifos ou nos manuscritos de Cunrá. Isso significa que para defender a credibilidade histórica de algum fato da vida de Jesus como, por exemplo, seu sepultamento, você não precisa defender a credibilidade histórica de outros fatos, como o fato de que ele nasceu em Belém, alimentou uma multidão de 5 mil pessoas, entrou triunfalmente em Jerusalém e assim por diante. Fatos específicos podem ser avaliados por si mesmos por meio desses critérios.

Assim, se você estiver argumentando com base nos critérios de que Jesus fez uma alegação radical específica, e um incrédulo apontar para *outros* ditos que ele acha não serem autênticos, isso não importa. Você não está tentando provar a inerrância bíblica no que diz respeito a essa questão. Está apenas tentando mostrar que Jesus fez essa alegação radical específica, e é simplesmente irrelevante o fato de ele ter feito ou não *outras* alegações.

Antes que apliquemos esses critérios a fatos e ditos de Jesus nos evangelhos, vale a pena notar um problema geralmente enfrentado pelos críticos que negam o fato de Jesus ter feito quaisquer alegações radicais que sejam. Sabemos, pelas cartas de Paulo, que no período de 20 anos após a morte de Jesus ele era considerado e adorado por seus contemporâneos como Deus encarnado (Fp 2.5-7). É inexplicável o modo como judeus monoteístas puderam ter atribuído divindade a um homem que eles seguiram durante os anos em que viveu aqui, se ele mesmo nunca fez tal alegação nesse sentido. O monoteísmo era o coração do judaísmo, e teria sido uma blasfêmia dizer que um ser humano era Deus. No entanto, era precisamente isso que os primeiros cristãos proclamavam e nisso criam em relação a Jesus! Tal alegação deve ter raízes nos próprios ensinamentos de Jesus. E de fato encontramos nos ensinamentos e ações de Jesus

Tende em vós o mesmo sentimento que houve em Cristo Jesus, que, existindo em forma de Deus, não considerou o fato de ser igual a Deus algo a que devesse se apegar, mas, pelo contrário, esvaziou a si mesmo, assumindo a forma de servo e fazendo-se semelhante aos homens (Fp 2.5-7).

alegações pessoais tanto implícitas quanto explícitas que implicam sua divindade.



Alegações explícitas

Nos evangelhos existe uma série de autodescrições explícitas utilizadas por Jesus que fornecem uma visão sobre o modo como ele via a si mesmo. Até pouco tempo os críticos acadêmicos tinham se mostrado um tanto céticos acerca da autenticidade de tais alegações. Em *The Myth of God Incarnate* [O mito do Deus encarnado], sete teólogos britânicos, liderados pelo professor Hick, afirmavam que a maioria dos estudiosos do Novo Testamento naquela época concordava que Jesus jamais alegara ser o Messias ou o Filho de Deus encarnado, ou reivindicara para si quaisquer dos títulos divinos a ele atribuídos nos evangelhos. Hoje já não existe mais esse consenso cético. Pelo contrário, a balança da opinião acadêmica sobre o uso que Jesus fazia de títulos em relação a sua pessoa pode, na verdade, ter se inclinado na direção oposta.

Vamos analisar a autenticidade de três alegações explícitas de Jesus: ele alega ser o Messias, o Filho de Deus e o Filho do homem. À medida que consideramos cada título, primeiro demonstrarei, por meio dos critérios de autenticidade, que Jesus de fato fez tais alegações, e, em segundo lugar, discutirei o significado da alegação de quem Jesus alegava ser.

Messias

A antiga esperança de Israel pela vinda do Messias ou do Ungido enviado por Deus havia ganhado nova força durante o século que antecedeu o nascimento de Jesus. O conceito messiânico mais importante era a ideia de um descendente do rei Davi que iria reinar sobre Israel e as nações. Mais do que apenas um rei guerreiro, o Messias também seria um pastor espiritual para Israel.

A palavra grega para Messias é *Christos*, ou seja, Cristo. Os primeiros cristãos associavam esse título de forma tão íntima a Jesus

que ele se tornou praticamente um nome próprio: “Jesus Cristo”. O próprio termo utilizado para descrever seus seguidores, “os cristãos”, demonstra o quanto era central sua crença de que Jesus era o Messias prometido.

O que Jesus alegava?

A questão é uma só: De onde eles tiraram essa ideia? Se o próprio Jesus nunca alegou ser o Messias, o que teria levado seus seguidores a chamá-lo assim? De fato, ele não restabeleceu o trono de Davi em Jerusalém; em vez disso, foi crucificado por seus inimigos. Mesmo a crença de que Deus o havia ressuscitado dos mortos não teria levado seus seguidores a vê-lo como o Messias, pois simplesmente não havia qualquer ligação entre a ressurreição e a condição de Messias. Somente se a crucificação de Jesus fosse resultado direto de sua alegação de ser o Messias sua ressurreição teria levado seus seguidores a vê-lo como o Messias ressurreto.

Além disso, há boas evidências de que Jesus, de fato, pensava ser o Messias. Podemos perceber isso, por exemplo, na famosa história da confissão de Pedro:

E Jesus foi com seus discípulos para os povoados próximos a Cesareia de Filipe. No caminho, perguntou aos discípulos: Quem os homens dizem que eu sou? Eles lhe responderam: Alguns dizem que és João Batista; outros, Elias; e ainda outros, algum dos profetas. Então ele lhes perguntou: Mas vós, quem dizeis que eu sou? E Pedro respondeu-lhe: Tu és o Cristo. E Jesus ordenou que a ninguém falassem a respeito dele (Mc 8.27-30).

Isso é um incidente histórico? Bem, seria natural que as pessoas daquela época estivessem interessadas em saber quem Jesus alegava ser. Relatos independentes nos contam que João Batista foi confrontado com uma pergunta semelhante (Lc 3.15-16; Jo 1.19-27). Sem dúvida os próprios discípulos, que deixaram família e emprego para



seguir a Jesus, devem ter perguntado eles mesmos a quem estavam seguindo! A resposta de Pedro a Jesus é confirmada de forma independente em João 6.69, onde Pedro diz: “E nós cremos e sabemos que tu és o Santo de Deus”.



“Você é um filósofo cínico com ambições políticas!... Não, espere um momento! Você é...”

Outra história que ilustra a consciência que Jesus tinha de si mesmo como o Messias é a história da resposta de Jesus a João Batista na prisão (Mt 11.1-6; Lc 7.19-23). Muitos estudiosos acreditam que essa história provém de uma fonte muito antiga, compartilhada por Mateus e Lucas. João manda perguntar a Jesus: “Tu és aquele que deveria vir, ou devemos esperar outro?”. O critério do constrangimento sustenta a historicidade desse episódio, uma vez que João Batista parece estar duvidando de Jesus. A expressão “aquele que deveria vir” remete à profecia de João sobre “aquele que vem depois de

“[Pois os c]léus e a terra devem ouvir ao seu Messias [e tudo q]ue neles há não deve voltar as costas para os mandamentos dos santos [...] Ele honrará os piedosos sobre o t[ro]no do reino eterno, libertando os cativos, abrindo os olhos dos cegos, levantando os opr[imidos]. [...] E o Senhor fará coisas gloriosas, que não foram feitas, exatamente como prometeu. Pois ele irá curar os feridos, ressuscitar os mortos, proclamar as boas-novas aos aflitos”.
— 4Q521 (os colchetes indicam saltos no documento)

mim” (Jo 1.27; Mc 1.7). A resposta de Jesus é uma combinação de profecias extraídas de Isaías 35.5-6; 26.19; 61.1, sendo que a última delas explicitamente menciona ser o Ungido de Deus: “Jesus lhes respondeu: Ide e contai a João as coisas que ouvís e vedes: os cegos veem, e os paráliticos andam; os leprosos são purificados, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho. E bem-aventurado aquele que não se escandalizar por minha causa” (Mt 11.4-6). Talvez o que seja mais incrível de tudo e o fato de que esses mesmos sinais da vinda do Messias estão listados em um dos manuscritos do mar Morto, escritos por integrantes da seita judaica que viveu em Cunrá nos tempos de Jesus (4Q521).

Em síntese, os critérios do constrangimento, da adequação histórica e da coerência com outros materiais autênticos, conjugado à sua presença em uma fonte bastante antiga, nos dão bons motivos para ver esse episódio como histórico.

No entanto, até mais convincente do que as *palavras* de Jesus são as suas *ações*, que revelam seu senso de ser o Messias. Sua entrada triunfal em Jerusalém foi uma afirmação dramática e provocativa de seu status messiânico. A história é contada de forma independente por Marcos e João (Mc 11.1-11; Jo 12.12-19). Eles, no entanto, estão de acordo quanto ao coração da história: uma semana antes de sua morte, Jesus entrou em Jerusalém montado em um jumentinho e foi saudado pela multidão que ali se reunira para a festa da Páscoa, que exclamava: “Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor”, antecipando a vinda do reino de Davi.

Ao montar um jumentinho e entrar em Jerusalém Jesus estava deliberando cumprindo a profecia de Zacarias 9.9:

Alegra-te muito, ó filha de Sião!

Exulta, ó filha de Jerusalém!

O teu rei vem a ti:

ele é justo e traz a salvação,

ele é humilde e vem montado num jumento,
num jumentinho, filho de jumenta.

Jesus estava alegando, de modo deliberado e provocativo, que era o rei prometido a Israel.

Estudiosos céticos já questionaram a historicidade dessa entrada triunfal de Jesus, pois tal demonstração pública teria levado à prisão imediata de Jesus pelos romanos. Porém, essa objeção é muito fraca. Um homem montado em um jumentinho vagaroso, sem sinal algum de que portava armas, dificilmente parecia uma ameaça para os romanos. Sua entrada triunfal não era algo que os romanos estariam esperando ou teriam entendido, e a procissão provavelmente apenas se misturou a multidão, uma vez que chegou à Jerusalém. Segundo Marcos 11.11, ao entrar em Jerusalém, Jesus apenas observou tudo em redor e foi embora. Ele nada fez que provocasse sua prisão por autoridades romanas.

Praticamente todos os críticos reconhecem que, durante a semana seguinte, Jesus de fato causou algum tipo de tumulto no templo em Jerusalém, o que provocou uma interrupção temporária das atividades comerciais no local. A última sentença da profecia de Zacarias é: “Naquele dia não haverá mais comerciantes no templo do SENHOR dos Exércitos” (Zc 14.21). Jesus está deliberadamente cumprindo essas profecias, reafirmando sua autoridade sobre os recintos mais santos do judaísmo.

O templo aparece novamente no julgamento de Jesus. Temos relatos independentes de que Jesus proferiu uma profecia sobre a destruição do templo (Mc 14.58; Jo 2.19), a qual as autoridades judaicas buscaram virar contra ele. Na literatura judaica dos dias de Jesus, Deus era identificado como aquele que constrói o templo e ameaça destruí-lo. Nos manuscritos do mar Morto, o Messias é chamado de o Filho de Deus, aquele que construiu o templo (4Q174). Em seu julgamento, Jesus é acusado de ter dito a mesma coisa. Sua recusa

ENTRADA EM JERUSALÉM

Quando se aproximavam de Jerusalém, Betfagé e Betânia, junto ao monte das Oliveiras, Jesus enviou dois de seus discípulos e disse-lhes: Ide ao povoado que está adiante de vós, e logo que ali entrardes encontrareis um jumentinho amarrado, em que ninguém ainda montou. Soltai-o e trazei-o. E se alguém vos perguntar: Por que fazeis isso? Respondei: O Senhor precisa dele, e logo o mandará de volta para cá. Eles foram e acharam o jumentinho amarrado a um portão, do lado de fora na rua, e o desamarraram. E alguns dos que ali estavam lhes perguntaram: Que fazeis, soltando o jumentinho? Eles responderam como Jesus lhes havia mandado; e deixaram que o levassem. Então levaram o jumentinho a Jesus, lançaram sobre ele seus mantos, e Jesus o montou. Muitos também estenderam seus mantos pelo caminho, e outros, ramos que haviam cortado nos campos. E tanto os que iam à frente dele como os que o seguiam, exclamavam: “Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! Bendito o reino que vem, o reino de nosso pai Davi! Hosana nas alturas!”. Jesus entrou em Jerusalém e foi ao templo. Tendo observado tudo em redor, como já era tarde, foi para Betânia com os Doze (Mc 11.1-11).



em responder a essas acusações levou o sumo sacerdote a exigir uma resposta: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus bendito?”. Essa acusação mostra que Jesus fora levado a julgamento por causa de suas alegações messiânicas.

Naquela época as autoridades romanas reservavam para si o direito de aplicar a pena capital, de modo que as autoridades judaicas não poderiam executar Jesus. Mas a alegação de Jesus de que era o Messias poderia representar uma traição para as autoridades romanas, o que as levaria a executá-lo. Fontes independentes testemunham que, na placa pregada na cruz, acima da cabeça de Jesus, onde estava gravada a acusação feita contra ele, lia-se: “O rei dos judeus” (Mc 15.26; Jo 19.19). O critério de dessemelhança também sustenta a autenticidade da acusação, pois “O rei dos judeus” nunca foi um título utilizado para Jesus pela igreja primitiva. Especialistas em história veem essa acusação contra Jesus como algo tão firmemente consolidado a ponto de ser um alicerce histórico.

A sobreposição de tantos fatores, cada qual ratificado por critérios como fontes independentes, adequação histórica, dessemelhança e assim por diante, ajudam a compor um quadro de defesa cumulativo no sentido de que Jesus, de fato, via a si mesmo como o Messias dos judeus.

O que Jesus quis dizer?

Ao alegar ser o Messias, Jesus não necessariamente disse algo sobre-humano. Os estudiosos tipicamente tomam o Messias como apenas uma figura humana. No entanto, deve ser dito que a figura do Messias em vários escritos judeus anteriores à era cristã é a de uma figura extraordinariamente exaltada. Nos Salmos de Salomão extra-bíblicos ele é chamado “O Senhor Messias” que “ferirá a terra com as palavras de sua boca [...] Sendo ele mesmo livre de pecado [...] e ele não se abaterá em seus dias”. Em Isaías lemos:

Porque um menino nos nasceu,
um filho nos foi concedido.

O governo está sobre os seus ombros,
e o seu nome será:
Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte,
Pai Eterno, Príncipe da Paz” (Is 9.6).



Nessa passagem o título “Deus Forte” é atribuído ao Messias, cujo reino, segundo afirma Isaías, não terá fim. Em Similitudes de Enoque, literatura extrabíblica do primeiro século, o Messias é retratado como uma figura semelhante a Deus que existira com o Senhor “antes da criação do mundo e pela eternidade” (1Enoque 48.6). Logo, a ideia do Messias como uma figura divina, celestial estava em vigor nos dias de Jesus.

Quando se chega à compreensão que Jesus tinha de si mesmo, observe que João Batista é descrito como o cumprimento das profecias de Malaquias e Isaías de um mensageiro que clama no deserto:

Enviarei o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; e de repente o Senhor, a quem buscais, o mensageiro da aliança, a quem desejais, virá ao seu templo. E ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos (Ml 3.1).

PARA DISCUTIR

O que você está aprendendo sobre Jesus neste capítulo que é útil para você pessoalmente? O que aprendeu que possa compartilhar com alguém que você conhece que não é cristão?



Voz do que clama: Preparai o caminho do SENHOR no deserto; endireitai ali uma estrada para o nosso Deus (Is 40.3).

Em Mateus 11.10 e Lucas 7.27 o próprio Jesus identifica João Batista como o mensageiro de Malaquias 3.1. Então, quem deve vir após o mensageiro, segundo essas profecias? É o Senhor, o próprio Deus? Jesus prossegue, falando de si mesmo como o Filho do homem que veio depois de João Batista (Mt 11.19; Lc 7.34). Como veremos, o Filho do homem é uma figura divina-humana que poderia cumprir tanto o aspecto divino quanto o humano da profecia de João. Assim, a alegação de Jesus de ser o Messias poderia perfeitamente estar carregada de significado divino, se tal compreensão de



si mesmo for consistente com o restante das evidências que iremos examinar.

Filho de Deus

O que Jesus alegava?

Já vimos que, em seu julgamento, Jesus foi desafiado pelo sumo sacerdote sobre o fato de ser o Filho de Deus. Essa é uma alegação frequente de Jesus nos evangelhos. Iremos analisar apenas 3 exemplos disso.

Primeiro, considere a parábola dos agricultores maus (Mc 12.1-9). Nessa parábola a vinha simboliza Israel (Is 5.1-7), o dono da vinha é Deus, os agricultores são os líderes religiosos dos judeus e os servos são os profetas enviados por Deus. Os agricultores espancaram e rejeitaram os servos do dono da vinha. Finalmente, o dono percebe que lhe restava ainda um servo para enviar: seu único e amado filho. “A meu filho respeitarão”, disse ele. No entanto, os agricultores mataram seu filho, pois ele era o herdeiro da vinha.

Mesmo os estudiosos mais céticos reconhecem a autenticidade dessa parábola, uma vez que ela também se encontra em uma de suas fontes favoritas, O Evangelho de Tomé (65), sendo assim por reconhecimento deles próprios independentemente confirmada. Além do mais, a parábola não somente reflete a efetiva existência de donos de terra ausentes no mundo antigo, como também emprega imagens e temas encontrados em parábolas judaicas: a imagem de Israel como uma vinha. De Deus como o dono da vinha, agricultores indignos e rebeldes, a figura do filho e assim por diante, de modo que se encaixa perfeitamente no contexto judaico. A parábola também contém nuances interpretativas arraigadas em paráfrases aramaicas de Isaías 5, que estavam em uso nos dias de Jesus. Além disso, existem aspectos da parábola que tornam improvável que ela tenha se originado mais tarde, na igreja cristã. Por exemplo, a preocupação presente na parábola a respeito de quem deveria ficar com a vinha depois que fosse tomada dos agricultores não era uma questão

Então Jesus começou a falar-lhes por parábolas: Um homem plantou uma vinha, fez uma cerca ao redor dela, cavou um tanque de espremer uvas e edificou uma torre. Depois arrendou-a a alguns agricultores e saiu de viagem. No devido tempo, enviou um servo aos agricultores para que recebesse deles do fruto da vinha. Mas, dominando-o, eles o espancaram e o mandaram embora de mãos vazias. De novo enviou-lhes outro servo, mas o feriram na cabeça e o insultaram. Então enviou ainda outro, mas eles o mataram. Também enviou muitos outros, dos quais a uns espancaram e a outros mataram. E restava-lhe ainda um, o seu filho amado. Então, por último o enviou a eles, dizendo: A meu filho respeitarão. Mas aqueles agricultores disseram entre si: Este é o herdeiro. Vamos matá-lo, e a herança será nossa. E, agarrando-o, mataram-no e lançaram-no fora da vinha. Portanto, o que o senhor da vinha fará? Irá e matará os agricultores; e dará a vinha a outros (Mc 12.1-9).



discutida pelos primeiros cristãos, uma vez que Roma destruíra Jerusalém no ano 70 d.C. E a ausência de referência à ressurreição do filho assassinado na parábola não se encaixa bem com a crença que os primeiros cristãos nutriam na ressurreição de Jesus.

Ora, o que essa parábola nos diz sobre a visão que Jesus tinha de si mesmo? Ela nos diz que Jesus via a si mesmo como o único Filho de Deus, diferente de todos os profetas, o último mensageiro de Deus, e até mesmo como o herdeiro de Israel! Observe que não se pode apagar a figura do filho da parábola, como um acréscimo posterior, inautêntico, pois então a parábola ficaria sem clímax e sem motivação. Além disso, a singularidade do filho não está apenas afirmada explicitamente na parábola, mas está inerentemente implícita pelo plano dos agricultores de matar o herdeiro para poder ficar com a vinha. Logo, essa parábola nos revela que Jesus cria e ensinava que ele era o único Filho de Deus.

Jesus expressamente afirma ser o Filho de Deus em Mateus 11.27 (compare com Lc 10.22): “Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar”. Mais uma vez temos bons motivos para considerar esse dito de Jesus como autêntico. Ele provém de uma fonte compartilhada por Mateus e Lucas e é, portanto, bem antigo. Já se demonstrou também que esse dito remonta a uma versão aramaica original, o que pesa em favor de sua autenticidade. Além disso, é improvável que os primeiros cristãos tenham inventado essas palavras, pois elas dizem que o Filho é incognoscível — “ninguém conhece o Filho, senão o Pai” — o que eliminaria a hipótese de até mesmo os seguidores de Jesus conhecê-lo. Porém, a convicção da igreja pós-ressurreição é que podemos conhecer o Filho (Fp 3.8-11). Logo, é improvável que esse dito seja fruto da teologia posterior desenvolvida pela igreja.

Assim, o que esse dito nos diz sobre a visão que Jesus tinha de si mesmo? Ele nos diz que Jesus via a si mesmo como o único e exclusivo Filho de Deus, a única revelação de Deus Pai para a humanidade! Pense nisso! Jesus se via como Filho de Deus em um sentido

Sim, de fato também considero todas as coisas como perda, comparadas com a superioridade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor, pelo qual perdi todas essas coisas. Eu as considero como esterco, para que possa ganhar Cristo, e ser achado nele, não tendo por minha a justiça que procede da lei, mas sim a que procede da fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé, para conhecer Cristo, e o poder da sua ressurreição, e a participação nos seus sofrimentos, identificando-me com ele na sua morte, para ver se de algum modo consigo chegar à ressurreição dos mortos (Fp 3.8-11).

singular e absoluto, como alguém que tinha autoridade exclusiva para revelar o Pai para a humanidade.

Por fim, outro dito fascinante que revela a noção de Jesus de ser o Filho de Deus são suas palavras relativas à data da sua volta: “Contudo, quanto ao dia e à hora, ninguém sabe, nem os anjos no céu nem o Filho, mas somente o Pai” (Mc 13.32). Parece altamente improvável que pudesse ser fruto da teologia posterior da igreja, uma vez que atribui ignorância ao Filho. O critério do constrangimento requer a autenticidade da referência à ignorância do Filho. O quanto constrangedor ele é fica evidente no fato que, embora Mateus o reproduza (Mt 24.36), Lucas o omite, e muitos copistas do Evangelho de Mateus também escolheram deixá-lo de fora (embora tenha sido preservado nos melhores manuscritos). O fato de que Marcos preserva esse dito, a despeito de sua ênfase no poder preditivo e na presciência de Jesus, é um testemunho de sua fidelidade em passar adiante as tradições sobre Jesus. Aqui, uma vez mais, vemos a consciência de Jesus de ser o único Filho de Deus.

O que Jesus quis dizer?

Com base nesses três ditos de Jesus, temos boas evidências de que Jesus considerava a si mesmo como o unigênito de Deus. Mais uma vez, entretanto, não devemos avançar o sinal. Pois embora os leitores gentios dos evangelhos fossem capazes de interpretar a expressão “Filho de Deus” em termos de seu status divino, em um contexto judeu esse não era o sentido costumeiro do título. Os reis judeus eram mencionados como filhos de Deus e na literatura judaica um homem justo poderia ser caracterizado como filho de Deus, como alguém que tinha Deus como pai.

Ainda assim, dada a *singularidade e exclusividade* da alegação de Jesus, tal uso genérico é realmente irrelevante. Vimos que Jesus considerava a si mesmo como Filho de Deus em um sentido singular que o diferenciava até mesmo dos profetas que vieram antes dele. Mas que sentido era esse?



A resposta pode ser, mais uma vez, que Jesus considerava a si mesmo como o único Filho de Deus meramente no sentido de que ele era o Messias prometido. A passagem de 4Esdras 7.28-29, um livro não bíblico, fala do Messias como Filho de Deus, mas ainda assim como alguém mortal: “Meu filho, o Messias, deverá ser revelado [...] e os que restarem se rejubilarão por quatrocentos anos. E após esses anos meu filho, o Messias, deverá morrer, bem como tudo que tiver sopro de vida humana”. Os manuscritos do mar Morto também mostram que o Messias era visto como Filho de Deus. A singularidade da filiação de Jesus poderia ser uma função da singularidade do Messias.

Por outro lado, deve-se dizer com toda honestidade que esses escritos da literatura judaica sequer chegam perto do tipo de singularidade e exclusividade que Jesus reivindicou nos ditos que analisamos. Não há nada nos manuscritos do mar Morto que sugira que o Messias é o unigênito de Deus. O fato de ser o Messias deveria diferenciar Jesus de todos os profetas que vieram antes dele e fazer dele o herdeiro de Israel, como ele reivindica na parábola da vinha, mas ser meramente um Messias humano não daria a ele conhecimento exclusivo do Pai ou faria dele a revelação absoluta de Deus, como está dito em Mateus 11.27. Além do mais, o dito em Marcos 13.32 não revela apenas o singular senso de filiação de Jesus, mas também nos apresenta uma escala ascendente que vai dos homens a anjos, Filho e Pai. A consciência de Jesus de ser o Filho de Deus envolvia um senso de proximidade do Pai que transcendia a proximidade de qualquer ser humano (como, por exemplo, reis e profetas) ou mesmo de um ser angelical.

Tal concepção exaltada do Filho de Deus não era estranha ao judaísmo do primeiro século. O próprio Novo Testamento dá provas desse fato (Cl 1.13-20; Hb 1.1-12). Do mesmo modo, em 4Esdras 13, Esdras tem uma visão de um homem saindo do mar, que é identificado por Deus como “meu Filho” (13.32,37). Ele é retratado nesse livro como uma figura preexistente, celestial, que é revelada na terra em seu devido tempo e vem para dominar todas as nações.

PSEUDEPIGRAFES JUDAICAS

Existe uma série de textos judaicos que datam de pouco antes ou de cerca da época de Cristo, e que foram escritos sob o nome de famosos reis e profetas. Essas obras não foram incluídas no Antigo Testamento, mas são valiosas para os historiadores pela visão que fornecem da vida religiosa e do pensamento judeu na época de Cristo. Algumas das pseudepígrafes são: Testamento dos doze patriarcas (segundo século a.C.)
1Enoque (segundo século a.C.)
Salmos de Salomão (primeiro século a.C.)
4Esdras (primeiro século a.C.)
2Baruque (segundo século d.C.)



Assim, temos com o título “o Filho de Deus” a mesma ambiguidade que encontramos com o título “o Messias”. Esses títulos têm muitos significados diferentes e são, portanto, ambíguos quando extraídos do contexto. A fim de entender o sentido de que Jesus revestiu tais descrições de si mesmo, precisamos olhar para os ensinamentos e ações de Jesus. Mas antes de fazermos isso, há mais um título, o mais importante de todos, que exige nossa atenção.

Filho do homem

O que Jesus alegava?

É bastante provável que Jesus tenha dito ser o Filho do homem. Essa era a forma favorita de Jesus descrever a si mesmo e o título que mais frequentemente encontramos nos evangelhos (aparece mais de 80 vezes). No entanto, incrivelmente o encontramos somente uma vez fora dos evangelhos, no restante do Novo Testamento (em At 7.56). Isso mostra que esse título não surgiu no seio do cristianismo posterior, sendo então imposto inserido nas tradições sobre Jesus. Com base nos critérios das fontes independentes e da dessemelhança, podemos dizer com confiança que Jesus chamava a si mesmo de “Filho do homem”.

O que Jesus quis dizer?

A pergunta essencial torna-se, então, o que significa essa expressão. Alguns críticos sustentam que Jesus, ao chamar a si mesmo de “Filho do homem”, queria dizer apenas “um ser humano”, assim como o profeta Ezequiel, no Antigo Testamento, referia-se a si mesmo como filho do homem. Porém, no caso de Jesus há uma diferença crucial, pois Jesus não referia-se a si mesmo como “filho do homem”, mas sim como o Filho do homem. Jesus fez uso consistente dessa expressão com o artigo definido “o” ao longo de todos os evangelhos.

Ao usar o artigo definido, Jesus estava dirigindo a atenção para a figura divina-humana profetizada em Daniel 7.13-14, que o profeta descreve em sua visão da seguinte maneira:

Eu estava olhando nas minhas visões noturnas e vi que alguém parecido com filho de homem vinha nas nuvens do



céu. Ele se dirigiu ao ancião bem idoso e a ele foi levado. E foi-lhe dado domínio, e glória, e um reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino é tal que não será destruído.



O fato de que Jesus acreditava na aparência da figura descrita na visão de Daniel está registrado em fontes independentes (Mc 8.38; 13.26-27; Mt 10.32-33/Lc 12.8-9; Mt 24.27,37,39/Lc 17.24,26,30). Na visão de Daniel, a figura descrita se parecia com um ser humano (“alguém parecido com filho de homem”), mas ele “vinha nas nuvens” e “foi-lhe dado domínio, e glória” que devidamente pertencem a Deus somente.

Outros textos da literatura judaica, que não fazem parte da Bíblia, falam da mesma forma do Filho do homem. Similitudes de Enoque descreve o preexistente Filho do homem (1Enoque 48.3-6; compare com 62.7) que “destituirá os reis de seus tronos e reinados” (1Enoque 46.5) e se assentará “sobre o trono da sua glória” (1Enoque 69.29). Também já mencionei uma visão semelhante em 4Esdras 13, na qual Esdras vê “algo como a figura de um homem se levantar do coração do mar”, alguém a quem o Altíssimo identifica como “meu Filho” (4Esdras 13.37) e que preexiste juntamente com o Altíssimo.

O ponto em mencionar essas passagens não é que as pessoas daquela época que ouviam a Jesus teriam reconhecido suas alusões a tais obras ou ideia — pois elas evidentemente não teriam — mas, antes, mostrar que a compreensão que Daniel tinha do Filho do homem como uma figura divina-humana se encaixa com ideias do contexto judaico do primeiro século e, portanto, poderia estar presente nos pensamentos de Jesus. Ao usar a expressão indireta “o Filho do homem” para referir a si mesmo, Jesus impedia uma revelação prematura de seu status messiânico e supra-humano.

Alguns estudiosos admitem que Jesus acreditava em uma figura vindoura, do fim dos tempos, chamada o Filho do homem, mas alegam que Jesus estava falando de outra pessoa! Tal interpretação é

pura fantasia. Exigiria que disséssemos que todos os ditos de Jesus a respeito do Filho do homem são inautênticos, quer se refiram a ele mesmo ou a uma figura humana, sofredora. Se um sequer desses ditos for autêntico, então essa interpretação é inválida. Por exemplo, Mateus 8.20 — As raposas têm tocas, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do homem não tem onde descansar a cabeça — é geralmente considerado como autêntico, mas evidentemente não se refere a alguma figura apocalíptica, cósmica.

Além disso, essa interpretação não consegue extrair sentido da alegação de Jesus acerca de sua autoridade última. Há um certo consenso entre os estudiosos, como veremos, de que Jesus tinha um senso de autoridade insuperável, sem igual. Ele se colocava no lugar de Deus, por palavras e atos. Com isso, não faz o menor sentido supor que Jesus pensasse que outra pessoa viria para julgar o mundo, alguém que de fato iria julgar o próprio Jesus. A noção que Jesus tinha de sua autoridade insuperável é incompatível com a visão de que ele pudesse pensar que outra pessoa fosse o Filho do homem.

Todos esses três títulos que analisamos até agora se encontram de maneira notável no julgamento de Jesus. Marcos registra o encontro em Marcos 14.60-64:

Então, o sumo sacerdote levantou-se no meio de todos e perguntou a Jesus: Não respondes coisa alguma ao que estes depõem contra ti? Ele, porém, permaneceu calado e nada respondeu. E o sumo sacerdote voltou a interrogá-lo, perguntando-lhe: Tu és o Cristo, o Filho do Deus bendito? Jesus respondeu: Eu sou. E vereis o Filho do homem assentado à direita do Poderoso, vindo com as nuvens do céu. Então o sumo sacerdote rasgou suas vestes e disse: Para que precisamos ainda de testemunhas? Acabais de ouvir a blasfêmia. Que vos parece? E todos o condenaram como réu digno de morte.

Nessa passagem, em um só fôlego, Jesus afirma ser o Messias, o Filho de Deus e o Filho do homem que viria. Compondo esse crime, ele acrescenta que estará assentado à direita de Deus, uma

alegação que soava como uma verdadeira blasfêmia aos ouvidos dos judeus. A cena do julgamento ilustra de forma extraordinariamente bela como, na visão de Jesus, todas essas diferentes alegações se combinam, assumindo assim uma conotação que supera qualquer título isoladamente extraído de seu contexto.



Alegações implícitas

Assim, o ceticismo dos primeiros estudiosos em relação às alegações explícitas de Jesus recuou grandemente à medida que ganhávamos mais compreensão sobre o judaísmo da Palestina do primeiro século. Além disso, podemos alcançar uma compreensão adicional do modo como Jesus via a si mesmo analisando seus ensinamentos e seu comportamento.

A maioria dos estudiosos acredita que Jesus, naquilo que ensinou e pelo modo como agia, fez alegações que implicam a mesma coisa que os títulos “Messias”, “o Filho de Deus” e “o Filho do homem”. Em outras palavras, os títulos apenas servem para expressar de forma explícita o que Jesus, por meio de seus ensinamentos e comportamento, já tinha expressado sobre si mesmo de forma implícita. Portanto, vamos rever algumas das alegações pessoais implícitas de Jesus que são amplamente aceitas pelos estudos neotestamentários, totalmente à parte da questão dos títulos.

A proclamação do reino por Jesus

Um dos fatos incontestáveis sobre Jesus é que a peça central de sua proclamação era a vinda do reino de Deus. Como veremos, Jesus levou a cabo um ministério de curas milagrosas e exorcismos como sinais para as pessoas da chegada do reino de Deus.

Surge, então, a questão do papel de Jesus nesse reino. Era ele apenas um mensageiro desse reino ou tinha ele um papel mais importante a desempenhar? Encontramos em relação a esse ponto ditos muito interessantes de Jesus a respeito do papel de seus doze discípulos no reino vindouro: “Em verdade digo a vós que me seguistes que, na regeneração, quando o Filho do homem se assentar

em seu trono glorioso, vós também vos assentareis em doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel” (Mt 19.28; compare com Lc 22.28-30). É provável que o dito seja autêntico, não somente porque ele parece antever um reino na terra que não se materializara imediatamente, mas também em vista da estranheza de se antever um trono para Judas Iscariotes, alguém que todos sabiam ter se desviado. O fato de Jesus chamar doze discípulos não é mero acidente: o número doze corresponde às doze tribos de Israel.

Ora, se os doze discípulos devem se sentar em tronos para julgar as doze tribos de Israel, quem será o rei sobre toda Israel? A resposta evidente é: o próprio Jesus. Ele certamente não estará abaixo de um dos discípulos ou fora de Israel, mas sim acima dos discípulos como o Rei de Israel. Em síntese, Jesus ensinava sobre si mesmo como sendo o Messias real de Israel. Assim, a visão messiânica que Jesus tinha de si mesmo está implícita em sua proclamação da chegada do reino de Deus em sua pessoa e ministério, algo totalmente à parte das suas alegações explícitas.

A autoridade de Jesus

A consciência pessoal que Jesus tinha de que agia e falava com autoridade divina fica evidente de várias formas.

Seu ensino

Primeiro, sua autoridade vem expressa no conteúdo e estilo de seus ensinamentos. Esses dois aspectos de seus ensinamentos ficam especialmente evidentes no Sermão do monte. O estilo típico de um rabino judeu era citar extensivamente de outros mestres eruditos, os quais forneciam a seus ensinamentos uma base de autoridade. No entanto, Jesus fazia exatamente o oposto. Ele começava dizendo: “Ouvistes que foi dito aos antigos...” e citava a lei de Moisés. Então, continuava: “Eu, porém, vos digo...” e transmitia seus próprios ensinamentos. Com isso Jesus colocava sua própria autoridade no mesmo patamar da autoridade da lei dada por Deus. Não é de se admirar que Mateus comente: “Ao concluir Jesus essa

discurso, as multidões estavam maravilhadas com seu ensino; pois ele as ensinava como quem tem autoridade, e não como os escribas” (Mt 7.28-29).

No entanto, a questão não é apenas o fato de que Jesus colocava sua autoridade a par com a autoridade da lei divina. Ele fazia mais do que isso: ele ajustava a lei com base em sua própria autoridade. Embora estudiosos judeus modernos tenham tentado assimilar os ensinamentos de Jesus à tradição do judaísmo, o fato de Jesus colocar sua autoridade pessoal acima da lei divina dada a Moisés é a rocha sobre a qual todas as tentativas desse tipo finalmente são destruídas. Tomemos, por exemplo, o ensinamento de Jesus sobre o divórcio em Mateus 5.31-32 (compare com Mc 10.2-12). Aqui Jesus explicitamente cita o ensino da lei (Dt 24.1-4) e se opõe a ele, com base em sua própria autoridade, naquilo que ele ensina sobre a questão. No Evangelho de Marcos, ele declara que Moisés não representa a perfeita vontade de Deus nessa questão, e toma a liberdade de corrigir a lei com base em sua própria autoridade quanto ao que era realmente a vontade de Deus. No entanto, não ha homem, profeta, mestre ou figura carismática que tenha esse tipo de autoridade.

O uso da expressão: “Em verdade vos digo”

Segundo, o uso que Jesus faz da expressão “Em verdade vos digo” exprime sua autoridade. Essa é uma expressão singular historicamente falando e é reconhecida em todos os sentidos como sendo o modo como Jesus destacava sua palavra de autoridade sobre algum assunto. Ahad Há am, escritor judeu, protesta: “Israel não pode aceitar com entusiasmo religioso, como a palavra de Deus, as palavras proferidas por um homem que fala em seu próprio nome — que não diz ‘Assim diz o Senhor’, mas sim ‘Em verdade [eu] vos digo’. Esse ‘eu’ por si só é suficiente para afastar o judaísmo dos gentios para sempre”.

Ahad Ha am, “Judaism and the Gospels,” em *Nationalism and the Jewish Ethic*, ed. H. Kohn. Nova Iorque: Schocken Books, 1962, p. 298.



Também foi dito:

Quem se divorciar de sua mulher, dê-lhe documento de divórcio. Eu, porém, vos digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, a não ser por causa de infidelidade, torna-a adúltera; e quem se casa com a divorciada comete adultério (Mt 5.31-32).

Os exorcismos praticados por Jesus

Em terceiro lugar, a autoridade de Jesus fica especialmente evidente em seu papel como exorcista. Por mais que possa ser embaraçoso para muitos dos teólogos de hoje, é historicamente verdadeiro o fato de que Jesus acreditava ter poder para expulsar demônios. Isso era um sinal para as pessoas de sua autoridade divina. Ele dizia: “Mas, se é pelo dedo de Deus que eu expulso os demônios, então o reino de Deus chegou a vós” (Lc 11.20). Essa declaração, reconhecida como autêntica por estudiosos do Novo Testamento,

é notável por duas razões. Primeiro, mostrava que Jesus afirmava ter autoridade divina sobre as forças espirituais do mal. Segundo, mostra que Jesus acreditava que nele mesmo o reino de Deus tinha vindo. Ele está dizendo: “Minha capacidade de dominar as forças espirituais do mal demonstra que em mim o reino de Deus já está presente entre vós”. Ao afirmar que nele mesmo o reino de Deus já tinha chegado, como demonstravam de forma

visível os exorcismos que ele praticava, Jesus estava, na verdade, colocando-se no lugar de Deus.

Sua afirmação de que perdoava pecados

Por fim, a consciência que Jesus tinha de possuir autoridade divina se faz claramente expressa em sua afirmação de que perdoava pecados. Diversas parábolas de Jesus, em todos os sentidos reconhecidas como tendo sido proferidas pelo Jesus histórico, mostram que ele assumiu a prerrogativa de perdoar pecados. Em parábolas como a do filho pródigo, da ovelha perdida e assim por diante, Jesus descreve pessoas que se desviaram de Deus e estão perdidas no pecado. Aos olhos do pensamento judeu tal pessoa estava irremediavelmente perdida e, portanto, era considerada como morta. Mas Jesus estendeu o perdão a tais pessoas e as recebeu de volta no aprisco. A questão é que ninguém além de Deus tinha autoridade para fazer um



PARA DISCUTIR

Se você ouvir um professor dizer, “Está escrito na Bíblia que [...] eu, porém, digo a vocês que [...]” como você reagiria? O que esse professor poderia fazer — se é que existe algo que ele possa fazer — para convencer você de que ele tem autoridade para fazer retificações naquilo que a Bíblia ensina?

declaração como essa. Ninguém que fosse um mero profeta poderia ousar falar por Deus a respeito desse assunto. Jesus “está conscientemente falando como a voz de Deus sobre assuntos que diziam respeito somente a Deus”.⁸

Aquilo que Jesus ensinava em suas parábolas ele vivia em sua vida. Uma das características mais radicais do Jesus histórico era sua prática de convidar prostitutas, coletores de impostos e outros marginalizados para unir-se a ele em torno da mesa. Isso era uma clara demonstração de que Deus os havia perdoado e os convidava a entrar para a comunhão do reino de Deus. Nessa comunhão à mesa como os imorais e os impuros Jesus estava agindo em lugar de Deus, acolhendo-os no reino de Deus. Não é de causar espanto que as autoridades religiosas vissem essa ousada atividade como blasfêmia! (Compare a reação à afirmação de Jesus, em Marcos 2.1-2, de que ele, como o Filho do homem, tinha autoridade para perdoar pecados.)

Assim, a maioria dos críticos neotestamentários reconhece que o Jesus histórico agia e falava com uma autoconsciência de sua autoridade divina e que, além disso, ele via em si mesmo a vinda do tão esperado reino de Deus, convidando as pessoas à comunhão do reino.



Esse homem age como se pensasse que ele é Deus.

⁸ Royce Gordon Gruenler, *New Approaches to Jesus and the Gospels*. Grand Rapids: Baker, 1982, p. 46.

Os milagres de Jesus

Jesus acreditava que ele era não apenas um exorcista, mas alguém que realizava milagres. Lembre-se da resposta que ele deu aos discípulos de João Batista, em Mateus 11.4-6: “Ide e contai a João as coisas que ouvis e vedes: os cegos veem, e os paralíticos andam; os leprosos são purificados, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho. E bem-aventurado aquele que não se escandalizar por minha causa”. Jesus evidentemente acreditava que ele tinha poder para curar pessoas e até mesmo para ressuscitar os mortos.

Além disso, as histórias dos milagres estão tão amplamente representadas em todas as fontes dos evangelhos que seria implausível pensar que elas não tenham raízes na vida de Jesus. Portanto, há consenso nos atuais estudos do Novo Testamento no sentido de que Jesus de fato realizou “milagres” — qualquer que seja a explicação que se dê a eles. Ao final de um longo e detalhado estudo sobre os milagres de Jesus, o importante estudioso do Jesus histórico, John P. Meier, concluiu que o papel de Jesus como um fazedor de milagres “possui tanta confirmação histórica quanto quase qualquer outra afirmação que possamos fazer sobre o Jesus da história”.⁹

Os milagres de Jesus assumem um significado mais profundo pelo fato de que, assim como os exorcismos que ele realizava, eles eram sinais da chegada do reino de Deus. E como tais, os milagres de Jesus eram fundamentalmente diferentes daqueles realizados por mágicos pagãos ou homens santos do povo judeu. Mais ainda, os milagres de Jesus eram diferentes daqueles realizados pelos homens santos pelo fato de que Jesus nunca orava para que um milagre fosse feito. Ele podia primeiro expressar sua gratidão a Deus Pai, mas então ele mesmo realizava o milagre. E fazia isso em seu próprio nome, não em nome de Deus. Além disso, nenhum dos outros fazedores de milagres

⁹ John P. Meier, “A Marginal Jew”, vol. 2, *Mentor, Message, and Miracles*. New York: Doubleday, 1994, p. 969-970. Traduzido para o português sob o título “Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico”, pela Imago.

dentre o povo judeu estava envolvido em um ministério profético, nem fazia alegações messiânicas ou trazia quaisquer tipos de novos ensinamentos em conjunto com seus milagres. Assim, a compreensão que Jesus tinha de si mesmo não pode ser reduzida simplesmente à mesma visão de um homem santo carismático qualquer.



O papel de Jesus como juiz

Jesus sustentava que a atitude das pessoas em relação a ele seria um fator determinante na forma como Deus as julgaria no dia do juízo. Ele declarava: “E eu vos digo que todo aquele que me confessar diante dos homens, também o Filho do homem o confessará diante dos anjos de Deus; mas quem me negar diante dos homens, será negado diante dos anjos de Deus” (Lc 12.8-9). Não tenho a menor dúvida de que Jesus aqui estava se referindo a si mesmo como o Filho do homem, e não a mais alguém. Mas ainda que possa ser assim, o ponto é que quem quer que seja o Filho do homem, Jesus está dizendo que as pessoas serão julgadas diante dele com base na forma como responderam a Jesus. Pense nisto: o destino eterno das pessoas é determinado pelo modo como respondem a Jesus! Não há dúvida: se Jesus *não* fosse divino, então essa alegação somente poderia ser considerada como o mais estreito e censurável dogmatismo. Pois Jesus está dizendo que a salvação das pessoas depende de confessarem ao próprio Jesus.

Conclusão

Uma discussão sobre as alegações pessoais feitas por Jesus poderia se tornar algo interminável. Mas creio que já foi dito o suficiente para indicar o conceito radical que Jesus tinha de si mesmo. Eis aqui um home que via a si mesmo como o Messias prometido, o unigênito de Deus, como o Filho de homem de Daniel, alguém a quem todo domínio e autoridade seriam dados, que afirmava agir e falar com autoridade divina, que sustentava ser alguém que realizava milagres e acreditava que o destino eterno das pessoas dependia de crerem

ou não nele. Hoje há praticamente um consenso no sentido de que Jesus entrou em cena com uma autoridade jamais vista, a saber, a autoridade de Deus, alegando a autoridade de permanecer no lugar de Deus.

As afirmações e atitudes radicais de Jesus, que culminaram com seu julgamento e crucificação, constituem o contexto histórico adequado para avaliar as evidências da sua ressurreição. Os historiadores são unânimes em afirmar que Jesus de Nazaré, tendo sido condenado por blasfêmia pelas autoridades judaicas e entregue às autoridades romanas sob o pretexto de traição, encontrou sua morte na crucificação. Mas o que aconteceu depois?

UMA DEFESA DA VISÃO QUE JESUS TINHA DE SI MESMO



I. Jesus via a si mesmo como uma figura divina-humana.

A. O fato de Jesus ser adorado por judeus monoteístas como o Deus encarnado num intervalo de 20 anos de sua morte requer uma causa adequada que seja fundada nas próprias alegações de Jesus.

B. Alegações explícitas

1. O Messias

- a. A convicção da igreja primitiva de que Jesus era o Messias requer uma causa adequada.
- b. A confissão de Pedro (Mc 8.27-30)
- c. A resposta de Jesus a João Batista (Mt 11.2-6; Lc 7.19-23)
- d. A entrada triunfal (Mc 11.1-11; Jo 12.12-19)
- e. As ações de Jesus no templo (Mc 11.15-17)
- f. A condenação pelo Sinédrio (Mc 14.61-65)
- g. A crucificação como “O Rei dos Judeus” (Mc 15.26)

2. O Filho de Deus

- a. A parábola dos agricultores maus (Mc 12.1-9)
- b. “Ninguém conhece o Pai, senão o Filho” (Mt 11.27)
- c. “Ninguém sabe [...] nem o Filho” (Mc 13.32)
- d. A confissão de Jesus em seu julgamento (Mc 14.60-64)

3. O Filho do homem

- a. O título favorito de Jesus
- b. A referência à figura divina-humana de Daniel 7 (Dn 7.13-14)
- c. A confissão de Jesus em seu julgamento (Mc 14.60-64)

C. Alegações implícitas

1. A pregação do reino de Deus por Jesus (Mt 19.28)

2. A autoridade de Jesus

- a. O conteúdo e o estilo dos ensinamentos de Jesus (Mt 5.31-32)

- b. “Em verdade vos digo” (Mc 8.12; 9.1 etc.)
 - c. O papel de Jesus como exorcista (Lc 11.20)
 - d. Jesus afirma perdoar pecados (Mc 2.1-12)
- 3. Milagres de Jesus (Mt 11.4-5)
 - 4. O papel de Jesus como juiz (Lc 12.8-9)





CAPÍTULO 9

JESUS RESSUSCITOU DOS MORTOS?

Por que procurais entre os mortos aquele que vive? (Lc 24.5).

Como parte de meus estudos para o doutorado, em Munique, participei de várias palestras e seminários ministrados pelo Dr. Pannenberg. Certa manhã ele nos surpreendeu com a notícia de que teríamos um palestrante convidado, um estudioso judeu canadense chamado Pinchas Lapide, que na época dava aulas em Tel Aviv. Quando o professor Pannenberg disse que o professor Lapide falaria sobre a ressurreição de Jesus, um sentimento de resignação tomou conta de mim. Deduzi que estávamos prestes a assistir a mesma ladainha absurda que era incansavelmente repetida pelos teólogos liberais alemães: Que a história do sepulcro vazio é uma lenda antiga, que Paulo não acreditava na ressurreição do corpo, que as narrativas sobre as aparições de Jesus nos evangelhos são produto de uma apologética antidocética e blá, blá, blá. Mas à medida que ele falava, para meu crescente espanto, ele não estava tentando se conformar com esse tipo de doutrina, mas sim defendendo historicamente as alegações messiânicas de Jesus, a credibilidade da narrativa do sepulcro vazio e assim por diante. Ao final da palestra, quando disse que ele, portanto, havia chegado à conclusão de que a melhor explicação para as evidências é que o Deus de Israel ressuscitara Jesus dos mortos, eu quase caí da cadeira! Nada mais ilustra tanto a credibilidade histórica da ressurreição de Jesus do que o fato de que esse estudioso judeu estava convencido, com base nas evidências, de que o seu Deus, o Deus de Israel que ele adorava, tinha ressuscitado dos mortos Jesus de Nazaré.

Neste capítulo pretendo fazer uma síntese dos elementos cruciais de uma defesa histórica em favor da ressurreição de Jesus, de modo que você pode compartilhá-la com

qualquer pessoa que lhe pergunte por que você crê no Deus da Bíblia. Essa defesa envolverá dois passos: *primeiro*, determinar qual é a evidência a ser explicada e, *segundo*, deduzir qual é a melhor explicação para a evidência.

Parece-me que as evidências podem ser resumidas em três fatos independentes: (1) o sepulcro vazio; (2) as aparições de Jesus após sua morte e (3) o início da convicção dos discípulos na ressurreição de Jesus. Além disso, acredito que a melhor explicação para esses três fatos é que “Deus ressuscitou Jesus dentre os mortos”. Chamo a isso de hipótese da ressurreição. A importância ou o significado da ressurreição de Jesus será dado pelo contexto em que ela ocorre: Ela vem como uma justificação das radicais alegações pessoais de Jesus, pelas quais ele fora condenado por blasfêmia.

Vamos primeiro dar uma olhada nas evidências a serem explicadas e, então, na melhor explicação para essas evidências.

Evidências da ressurreição

Se os três fatos mencionados anteriormente — (1) o sepulcro vazio; (2) as aparições de Jesus após sua morte e (3) o início da convicção dos discípulos na ressurreição de Jesus — podem ser tidos como algo estabelecido, e se não há nenhuma outra explicação natural e plausível para eles que seja tão boa quanto a da hipótese da

RESSURREIÇÃO

Nos dias de Jesus era evidente o que *não* significam várias palavras do grego, do aramaico e de outras línguas, utilizadas para designar a ressurreição. Ressurreição *não* significava vida após a morte em alguma forma desencarnada, *não* significava a imortalidade da alma seja no inferno ou no paraíso, e também *não* significava reencarnação. Significava a reversão da morte, a restauração a alguma forma de imortalidade no corpo. Muitos pagãos acreditavam em uma vida desencarnada após a morte, mas eles

consideravam a ressurreição impossível. Alguns judeus (não todos) esperavam a ressurreição dos justos no último dia — mas jamais a ressurreição de alguém antes disso. O corpo ressurreto poderia diferir dos nossos, mas tinha que ser um corpo. Nem um fantasma nem uma alma desencarnada nem mesmo um espírito de um plano superior de consciência teria sido chamado de “ressurreto”.



ressurreição, então temos motivo para deduzir que a ressurreição de Jesus é a melhor explicação para os fatos. Assim, vamos examinar as evidências que sustentam cada um desses três fatos.

O fato do sepulcro vazio

Vou sintetizar aqui cinco linhas de evidência que sustentam o fato de que o sepulcro de Jesus foi encontrado vazio por um grupo de suas seguidoras, no domingo posterior à sua crucificação.

A evidência do sepultamento de Jesus

Primeiro, *a confiabilidade histórica do sepultamento de Jesus sustenta o fato do sepulcro vazio*. Agora, você pode se perguntar: Como o sepultamento de Jesus prova que seu sepulcro foi encontrado vazio? E a resposta é: Se a narrativa do sepultamento for basicamente precisa, então o local em que ficava o sepulcro era conhecido em Jerusalém, tanto por judeus quanto por cristãos, uma vez que os dois grupos estavam presentes quando Jesus foi sepultado. Mas nessa hipótese, o sepulcro tinha que estar vazio quando os discípulos começaram a proclamar que Jesus ressuscitara.

Por quê? *Primeiro*, porque os discípulos não poderiam ter crido na ressurreição se o corpo de Jesus ainda estivesse no sepulcro. Teria sido algo totalmente contrário aos judeus, para não dizer estúpido, acreditar que um homem tivesse ressuscitado dos mortos se o seu corpo ainda estivesse no sepulcro. Segundo, ainda que os discípulos tivessem proclamado a ressurreição de Jesus apesar de o sepulcro não estar vazio, dificilmente alguém teria acreditado neles. Um dos fatos mais notáveis sobre a incipiente crença dos cristãos na ressurreição de Jesus foi que ela floresceu na própria cidade em que Jesus tinha sido publicamente crucificado. Enquanto as pessoas de Jerusalém pensassem que o corpo de Jesus estava no sepulcro, poucas teriam estado preparadas para acreditar em um absurdo como o fato de que tinha ressuscitado. E terceiro, ainda que elas tivessem acreditado nisso, as autoridades judaicas teriam trazido a verdade à tona simplesmente apontando para o sepulcro de Jesus ou, talvez, exumando o corpo como prova definitiva de que Jesus não havia ressuscitado.

Sugerir, como fizeram certos críticos, que as autoridades judaicas não consideravam essa história de Jesus ter ressuscitado como algo que merecesse atenção é uma alegação fantasiosa e contrária às evidências. Elas estavam profundamente interessadas em esmagar o nascente movimento cristão (lembre-se que até contrataram Saulo de Tarso para perseguir os cristãos judeus!). Elas com toda certeza teriam checado o sepulcro à procura do corpo.

E mesmo que não desse mais para reconhecer os restos mortais que estivessem no sepulcro, o ônus da prova recairia sobre quem dissesse que aqueles não eram os restos mortais de Jesus. Mas parece que nunca houve essa discussão em torno da identificação do corpo de Jesus. Como veremos, a discussão entre os judeus não cristãos e os judeus cristãos se localizava em torno de outra questão.

Assim, se a história do sepultamento de Jesus é histórica, então é uma inferência muito próxima para o fato do sepulcro vazio. Justamente por isso os críticos que negam o sepulcro vazio se veem compelidos a argumentar contra o sepultamento. Infelizmente para eles, o sepultamento de Jesus no sepulcro é um dos fatos mais consolidados acerca de Jesus. O espaço não me permite tecer todos os detalhes das evidências do sepultamento. Mas permita-me apenas mencionar dois pontos:

1. *O sepultamento de Jesus é relatado em fontes independentes e extremamente precoces.* O relato do sepultamento de Jesus em um sepulcro, por José de Arimateia, é parte do material da fonte de Marcos para a história da paixão (a história do sofrimento e morte de Jesus). Marcos é o mais antigo dos quatro evangelhos, assim, trata-se de uma fonte bem precoce, a qual a maioria dos estudiosos crê ser baseada em relatos de testemunhas oculares.

Além disso, Paulo em 1Coríntios 15.3-5 cita uma antiga tradição cristã que ele recebeu dos primeiros discípulos. Essa tradição provavelmente foi transmitida a ele o mais tardar na época de sua visita a Jerusalém, em 36 d.C. (Gl 1.18), se não antes, em Damasco. Portanto, ela remonta aos primeiros cinco anos posteriores à morte de Jesus, em 30 d.C. A tradição é uma síntese da pregação cristã primitiva e pode

ter sido usada para o ensino cristão. A forma que possui deve tê-la tornado apropriada para a memorização. Eis o que ela diz:

Que Cristo morreu por nossos pecados, de acordo com as Escrituras.

E foi sepultado,

E ressuscitou ao terceiro dia, de acordo com as Escrituras, e apareceu a Pedro, e depois aos Doze.

Observe que a segunda linha da tradição diz respeito ao sepultamento de Jesus. Porém, pode ser que alguém pergunte: O sepultamento mencionado na tradição transmitida por Paulo é o mesmo sepultamento feito por José de Arimateia? A resposta para essa pergunta fica clara pela comparação entre a fórmula de quatro linhas transmitida a Paulo e as narrativas dos evangelhos, por um lado, e os sermões de Atos, por outro:

1Co 15.3-5	At 13.28-31	Mc 15.37—16.7
Cristo morreu...	Embora não tenham encontrado um motivo para uma sentença de morte, pedira que Pilatos o matasse.	Jesus, dando um alto brado, expirou.
Foi sepultado...	Eles tiraram seu corpo da cruz e o sepultaram em um sepulcro.	Este [José], comprando um pano de linho, tirou o corpo da cruz, envolveu-o no pano e colocou-o num sepulcro aberto na rocha.
Ressuscitou...	Mas Deus o ressuscitou dos mortos...	"Ele ressuscitou! Não está aqui. Este é o lugar onde o puseram".
Apareceu...	... e por muitos dias ele apareceu para aqueles que tinham vindo com ele da Galileia para Jerusalém, e eles são agora suas testemunhas para o povo.	"Mas ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro, que ele vai adiante de vós para a Galileia. Ali o vereis, como ele vos disse".



Os escritores dos evangelhos utilizaram fontes sobre a vida de Jesus, como eles mesmos nos contam. Grande parte dos estudos neotestamentários dedica-se a detectar essas fontes, pois elas nos levarão muito perto dos acontecimentos em si, com isso reduzindo a probabilidade de lendas ou alterações. Marcos, por exemplo, é provavelmente uma das fontes usadas por Mateus e Lucas. Marcos evidentemente teve uma fonte para o relato da paixão, uma vez que tal relato se sobressai em seu evangelho como uma narrativa conectada. Mateus e Lucas também tiveram fontes diferentes das de Marcos; alguns creem que eles se basearam em uma coletânea de ditos de Jesus à qual os estudiosos arbitrariamente designaram como fonte "Q". Acredita-se que o Evangelho de João, por contraste, é independente dos outros três evangelhos. Em 1 Coríntios 15.3-5, Paulo diz explicitamente que ele está entregando a eles uma tradição anteriormente recebida sobre Jesus, um fato confirmado pelas muitas características não paulinas presentes no texto. Muitos estudiosos acreditam que por trás dos sermões em Atos encontram-se fontes para a proclamação dos primeiros cristãos utilizadas por Lucas. Essas são apenas algumas das poucas fontes mais importantes que se encontram por trás dos documentos neotestamentários.

Essa incrível correspondência entre tradições independentes é uma prova convincente de que a fórmula de quatro linhas transmitida a Paulo é uma síntese ou esboço dos acontecimentos básicos da paixão e ressurreição de Jesus, incluindo seu sepultamento em um sepulcro. Assim, temos evidência de algumas das fontes mais precoces e independentes.

Mas isso não é tudo! Mais testemunhos independentes acerca do sepultamento de Jesus por José de Arimateia também podem ser encontrados em fontes que estão por trás de Mateus e Lucas e do Evangelho de João. As diferenças entre o relato do sepultamento em Marcos e os relatos de Mateus e Lucas sugerem que estes tiveram outras fontes além da de Marcos.

Além disso, temos outra fonte independente para o sepultamento no Evangelho de João. Por fim, temos os primeiros sermões no livro de Atos, que provavelmente preservam as primeiras pregações dos apóstolos. Esses sermões também mencionam que Jesus foi sepultado em um sepulcro. Logo, temos a incrível quantidade de pelo menos cinco fontes independentes para o sepultamento de Jesus, algumas das quais são extraordinariamente antigas.

2. *Como era membro do Sinédrio que condenou Jesus, improvável que José de Arimateia seja uma invenção dos cristãos.* José de Arimateia é descrito como um homem nobre que era membro do Sinédrio. O Sinédrio era uma espécie de tribunal judeu, composto por 70 líderes do judaísmo que presidiam em Jerusalém. Havia uma hostilidade compreensível na igreja primitiva em relação aos membros do Sinédrio. Aos olhos dos cristãos, eles haviam maquinado judicialmente o assassinato de Jesus. Os sermões de Atos, por exemplo, chegam ao ponto de dizer que líderes judeus crucificaram Jesus (At 2.23,36; 4.10)! Dado seu status como membro do Sinédrio, José de Arimateia é a última pes-

que se podia esperar que cuidasse devidamente do corpo de Jesus. Assim, o sepultamento de Jesus por José de Arimateia é muito provável, uma vez que seria quase inexplicável imaginar o motivo por que os cristãos teriam inventado tal história sobre um membro do Sinédrio que fez o que era correto por Jesus.

Por essas e outras razões, a maioria dos críticos do Novo Testamento concordam que Jesus foi sepultado por José de Arimateia. De acordo com o falecido A. T. Robinson, da Universidade de Cambridge, o sepultamento de Jesus em um sepulcro é “um dos fatos mais antigos e comprovados sobre Jesus”.¹ Porém, se essa conclusão for correta, então, como expliquei, é muito difícil negar o fato do sepulcro vazio.

Os relatos independentes do sepulcro vazio

A segunda linha de evidência com respeito ao sepulcro vazio é esta: *A descoberta do sepulcro vazio de Jesus é um fato relatado de forma independente em fontes muito antigas.* A fonte do relato da paixão do Evangelho de Marcos provavelmente não terminou com o sepultamento de Jesus, mas com a descoberta do sepulcro vazio pelas mulheres. Pois as histórias do sepultamento e do sepulcro vazio são na realidade a mesma história, formando uma narrativa suave e contínua. Elas estão ligadas por laços gramaticais e linguísticos. Além disso, parece improvável que os primeiros cristãos fizessem circular uma história sobre a paixão de Jesus que terminasse com o seu sepultamento. A história da paixão fica incompleta sem a vitória no final. Daí o motivo da fonte de Marcos provavelmente ter incluído o poder ter terminado com a descoberta do sepulcro vazio.

Ja vimos que em 1Corintios 15.3-5 Paulo cita uma tradição extremamente antiga que se refere à morte e ressurreição de Cristo. Embora o sepulcro vazio não seja explicitamente mencionado, uma comparação da fórmula de quatro linhas com as narrativas dos

¹ John A. T. Robinson, *The Human Face of God*. Philadelphia: Westminster, 1973, p. 131.



O RELATO DO SEPULTAMENTO EM MARCOS

Ao cair da tarde, por ser o dia da preparação, isto é, a véspera do sábado, José de Arimateia, ilustre membro do Sinédrio, que também esperava o reino de Deus, enchendo-se de coragem, foi a Pilatos e pediu o corpo de Jesus. Pilatos admirou-se de que ele já estivesse morto e, chamando o centurião, perguntou-lhe se, de fato, ele havia morrido. E, depois de informado pelo centurião, cedeu o corpo a José; este, comprando um pano de linho, tirou o corpo da cruz, envolveu-o no pano e colocou-o num sepulcro aberto na rocha. E rolou uma pedra sobre a entrada do sepulcro. E Maria Madalena e Maria, mãe de José, observaram onde ele havia sido posto (Mc 15.42-47).



○ RELATO DO SEPULCRO VAZIO EM MARCOS

Passado o sábado, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé compraram essências aromáticas para ungir o corpo de Jesus. No primeiro dia da semana, bem cedo, ao nascer do sol, elas foram ao sepulcro. E diziam umas às outras: Quem nos removerá a pedra da entrada do sepulcro? Mas, levantando os olhos, notaram que a pedra, que era muito grande, já havia sido removida. Ao entrarem no sepulcro, viram um moço sentado à direita, vestido com um manto branco, e ficaram com medo. Ele, porém, lhes disse: Não tendes medo; procurais Jesus, o Nazareno que foi crucificado. Ele ressuscitou! Não está aqui. Este é o lugar onde o puseram. Mas ide, dizei a seus discípulos, e a Pedro, que ele vai adiante de vós para a Galileia. Ali o vereis, como ele vos disse. Então elas saíram e fugiram do sepulcro, tremendo e assustadas. E não disseram nada a ninguém, pois estavam com medo (Mc 16.1-8).

evangelhos de um lado e com os sermões de Atos do outro revela que a terceira linha é, de fato, uma síntese do relato do sepulcro vazio.

Além disso, duas outras características da tradição paulina implicam o sepulcro vazio. Primeiro, a expressão “foi sepultado” seguida da expressão “ressuscitou” implica o sepulcro vazio. A ideia de que um homem pudesse ter sido sepultado e depois ressuscitado, mas seu corpo ainda ter permanecido no sepulcro é uma noção peculiarmente moderna! Para os judeus do primeiro século não haveria a menor dúvida de que o sepulcro de Jesus estaria vazio. Portanto, quando a tradição afirma que Cristo “foi sepultado; e ressuscitou”, nela está automaticamente implícito que um sepulcro vazio foi deixado para trás. Dadas as remotas data e origem dessa tradição, os que a esboçaram jamais poderiam ter acreditado em algo que dissesse que o sepulcro não estava vazio.

Segundo, a expressão “ao terceiro dia” implica o sepulcro vazio. Embora bastante sintetizada, uma vez que ninguém de fato viu Jesus ressuscitar dos mortos, por que os primeiros discípulos proclamavam que Jesus tinha ressuscitado “ao terceiro dia”? Por que não no sétimo dia? A resposta mais provável é que foi no terceiro dia que as mulheres encontraram o sepulcro vazio e, com isso, naturalmente a própria ressurreição veio a ser datada nesse dia.

Logo, temos evidências extraordinariamente antigas e independentes para o fato do sepulcro vazio. A descoberta do sepulcro vazio não pode ser relatada como um desenvolvimento posterior e lendário.

E mais! Existem boas razões para perceber a presença de fontes independentes para o relato do sepulcro vazio nos outros evangelhos e em Atos. Mateus claramente trabalha com uma fonte independente, pois ele inclui o relato dos guardas no sepulcro, algo que é exclusivo de seu evangelho.



Além disso, seu comentário sobre como o rumor de que os discípulos haviam roubado o corpo de Jesus era uma "história [que] tem sido divulgada entre os judeus até o dia de hoje" (Mt 28.15) demonstra que Mateus está respondendo a uma tradição anterior. Lucas também possui uma fonte independente, pois ele conta a história, que não se encontra em Marcos, dos dois discípulos que foram ao sepulcro para verificar o que as mulheres contaram sobre o sepulcro estar vazio. A história não pode ser considerada uma criação de Lucas, pois o mesmo incidente é relatado de forma independente em João. E, mais uma vez, dada a independência de João em relação aos outros três evangelhos, temos ainda mais um relato independente do sepulcro vazio. Por fim, nos sermões do livro de Atos, temos mais uma vez referências indiretas ao sepulcro vazio. Por exemplo, Pedro traça um nítido contraste entre Davi que "morreu e foi sepultado, e o seu túmulo está até hoje entre nós" e Jesus: "Foi a este Jesus que Deus ressuscitou" (At 2.29-32; compare com 13.36-37).

Os historiadores pensam ter feito uma descoberta histórica útil, lucrativa quando possuem dois relatos independentes do mesmo acontecimento. Mas no caso do sepulcro vazio temos não menos do que seis relatos independentes, sendo que alguns deles estão entre os materiais mais antigos que se encontram no Novo Testamento.

A simplicidade do relato de Marcos

A terceira linha de evidência em prol do sepulcro vazio é que o relato de Marcos é simples e carece de desenvolvimentos lendários. Como o relato do sepultamento, o relato de Marcos sobre o sepulcro vazio é incrivelmente simples, despido de temas teológicos capazes de caracterizar alguma lenda que tivesse surgido posteriormente. Por exemplo, a ressurreição em si não é testemunhada

O RELATO DA RESSURREIÇÃO NO EVANGELHO DE PEDRO

Bem cedo, ao amanhecer do sábado, uma grande multidão veio de Jerusalém e das redondezas para ver o sepulcro selado. Mas durante a noite que precedia o domingo, enquanto os soldados estavam fazendo a guarda de dois a dois, uma grande voz produziu-se no céu. Viram os céus abertos e dois homens que desciam, tendo à sua volta um grande resplendor, e aproximaram-se do sepulcro. Aquela pedra que haviam colocado sobre a porta rolou com o seu próprio impulso e pôs-se de lado, com o que o sepulcro ficou aberto e ambos os jovens entraram. Ao verem isto, aqueles soldados despertaram o centurião e os anciãos, já que também estes encontravam-se ali fazendo guarda. Estando eles explicando o que acabara de acontecer, viram três homens que saíam do sepulcro, dois dos quais servindo de apoio a um terceiro, e uma cruz que ia atrás deles. A cabeça dos dois primeiros chegava até o céu, enquanto que a daquele que era conduzido por eles ultrapassava os céus. Ouviram uma voz vinda dos céus que dizia: "Pregaste para os que dormem?". E da cruz fez-se ouvir uma resposta: "Sim" (Evangelho de Pedro 9.1-10.5).

nem descrita, e não há qualquer reflexão acerca do triunfo de Jesus sobre o pecado e a morte, não há utilização de títulos divinos, nem citações de profecias cumpridas ou mesmo descrições do Senhor ressuscitado. Isso é muito diferente de uma ficção criada por cristãos — apenas compare o modo como a ressurreição é retratada em modernas peças sobre a paixão!

Para fazer uma ideia de quão comedida é a narrativa de Marcos, você tem apenas que ler o relato no evangelho apócrifo de Pedro, que descreve a triunfante saída de Jesus do sepulcro como uma figura com proporções gigantescas, cuja cabeça alcança as nuvens, sustenta-se por anjos gigantescos, seguida por uma cruz que fala, anuncia por uma voz vinda do céu e testemunhada pelos guardas romanos, líderes judeus e uma multidão de espectadores! Isso demonstra como quão real as lendas se parecem: elas são coloridas por acréscimos teológicos e apologéticos. Já o relato de Marcos, por contraste, inflexível em sua simplicidade.

A descoberta das mulheres

A quarta linha de evidência é que *o sepulcro provavelmente foi encontrado vazio pelas mulheres*. A fim de entender esse ponto, precisamos entender duas coisas acerca do lugar da mulher na sociedade judaica.

Primeiro, mulheres não eram consideradas testemunhas dignas de crédito. Essa atitude em relação ao testemunho de mulheres é evidente na descrição fornecida por Josefo, historiador judeu, das regras para testemunhos admissíveis: “Que o testemunho de mulheres não seja admitido, em função da leviandade e atrevimento desse sexo” (*Antiguidades* iv.8.15). Na Bíblia não se encontra um regulamento como esse. Antes, é um reflexo da sociedade patriarcal do judaísmo do primeiro século.

Segundo, as mulheres ocupavam um baixo nível na hierarquia social da sociedade judaica. Comparadas aos homens elas eram consideradas como cidadãos de segunda classe. Considere estes ensinamentos rabínicos: “Que as palavras da Lei sejam antes queimadas do que



Flávio Josefo (37–100 d.C.) nasceu em uma família sacerdotal judia e recebeu o nome de José, filho de Matias. Ele se tornou comandante militar das forças judaicas na Galileia, durante a Revolta Judaica de 66 d.C., que terminou com a destruição de Jerusalém em 70 d.C. Encurralados em uma caverna pelos exércitos romanos, Flávio Josefo convenceu seus homens a lançar sortes e irem se matando sucessivamente, sendo que o último homem que restasse cometeria suicídio. Porém, ao ficar por

último, ele prontamente se rendeu aos romanos e se juntou à causa deles. Terminada a guerra ele se tornou um cidadão romano e adotou um nome romano. Suas principais obras são uma história da Revolta Judaica e uma história do povo judeu intitulada *Antiguidades Judaicas*. Nesta última obra ele menciona Jesus de Nazaré por duas vezes, assim como Tiago, irmão de Jesus, João Batista, Caifás, Pôncio Pilatos e outras pessoas mencionadas nos evangelhos.

entregues às mulheres” (Sotah 19a) e também: “Feliz aquele cujos filhos são homens, mas infeliz aquele cujos filhos são mulheres” (Kiddushin 82b). A oração diária de todo homem judeu incluía a seguinte bênção: “Bendito és tu, Senhor nosso Deus, soberano do universo, que não me criou gentio, escravo ou mulher” (Berachos 60b).

Assim, considerando o seu baixo status social e a incapacidade de servir como testemunhas legalmente reconhecidas, é um tanto surpreendente que tenham sido mulheres que encontraram, como principais testemunhas, o sepulcro vazio! Se o relato do sepulcro vazio não fosse verídico, ou seja, se fosse uma lenda, nessa lenda provavelmente seriam os discípulos que seriam postos como aqueles que encontraram o sepulcro vazio. O fato de que mulheres, cujo testemunho era considerado sem valor, foram as principais testemunhas do sepulcro vazio somente pode ser explicado plausivelmente se, gostassem ou não as pessoas, elas de fato foram as que encontraram o sepulcro vazio, e os evangelhos fielmente registram, então, o que para eles era um fato muito embaraçoso.

A primeira reação dos judeus

Por fim, a primeira reação dos judeus à proclamação da ressurreição de Jesus pressupõe o sepulcro vazio. No Evangelho de Mateus

encontramos uma tentativa de refutar a primeira reação dos judeus à proclamação da ressurreição pelos cristãos:

Enquanto elas iam, alguns da guarda foram à cidade e contaram aos principais sacerdotes tudo que havia acontecido. E, reunidos com os líderes religiosos, concordaram que dariam muito dinheiro aos soldados, ordenando-lhes que guardassem: Os discípulos dele vieram de noite e levaram o corpo enquanto dormíamos. E, se isso chegar aos ouvidos do governador, nós o convenceremos e vos livraremos de problemas. Então eles, tendo recebido o dinheiro, fizeram conforme tinham sido instruídos. E essa história tem sido divulgada entre os judeus até o dia de hoje (Mt 28.11-15).

Nosso interesse não está tanto na história que Mateus conta sobre os guardas do sepulcro quanto está na observação ocasional que ele faz no final do relato: “E essa história tem sido divulgada entre os judeus até o dia de hoje”. Ela revela que o autor estava preocupado em refutar a explicação dada pelos judeus à ressurreição, que já estava amplamente divulgada.

Ora, o que os judeus incrédulos estavam dizendo em resposta à proclamação dos discípulos de que Jesus havia ressuscitado? Que eles estavam embriagados com vinho? Que o corpo de Jesus ainda estava no sepulcro? Não. Eles estavam dizendo que os discípulos haviam roubado o corpo. Pense um pouco nisso. “Os discípulos dele vieram de noite e levaram o corpo enquanto dormíamos”.

As autoridades judaicas não negaram que o sepulcro estava vazio, mas, antes, meteram os pés pelas mãos, envolvendo-se em uma série de absurdos para tentar explicar o fato de forma a desmentir a alegação dos discípulos. Em outras palavras, a alegação dos judeus

de que os discípulos haviam levado o corpo pressupõe que havia um corpo faltando.



PARA DISCUTIR

Se você fosse conversar com alguém que não é cristão sobre essa evidência do sepulcro vazio, como pensa que seria a reação dessa pessoa?



Se tomadas em conjunto, essas cinco linhas de evidência constituem uma poderosa defesa de que o sepulcro de Jesus foi, de fato, encontrado vazio naquele primeiro dia da semana, por um grupo de seguidoras dele. Como fato histórico, isso parece estar bem consolidado. Segundo Jacob Kremer, um crítico do Novo Testamento que se especializou no estudo da ressurreição: “Decididamente a maioria dos estudiosos sustenta firmemente a confiabilidade dos registros bíblicos sobre o sepulcro vazio”.² De fato, em uma pesquisa feita com mais de 2.200 publicações em inglês, francês e alemão sobre a ressurreição, desde 1975, Gary Habermas descobriu que 75 por cento dos estudiosos aceitava a historicidade da descoberta do sepulcro vazio.³ A evidência é tão convincente que uma série de estudiosos judeus, como Pinchas Lapide e Geza Vermes, declararam-se convencidos que o sepulcro foi encontrado vazio com base nas evidências. Mas ainda há mais coisas por vir.

O fato das aparições de Jesus depois da morte

Em 1Coríntios 15.3-8, Paulo escreve:

Porque primeiro vos entreguei o que também recebi: Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; e foi sepultado; e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras; e apareceu a Cefas, e depois aos Doze. Depois apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma só vez, e a maior parte deles ainda vive, mas alguns já faleceram. Depois apareceu a Tiago, e a todos os apóstolos. E, depois de todos, apareceu também a mim, como a um nascido fora do tempo certo.

Essa é uma afirmação realmente notável. Temos aqui uma carta indiscutivelmente autêntica de um homem pessoalmente conhecido

² Jacob Kremer, *Die Osterevangelien: Geschichten um Geschichte*. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 1977, p. 49-50.

³ Gary Habermas, “Experience of the Risen Jesus: The Foundational Historical Issue in the Early Proclamation of the Resurrection”. *Dialog* 45 (2006): p. 292.

pelos discípulos que relata que eles de fato viram Jesus vivo após sua morte. Mais do que isso, ele afirma que ele mesmo também testemunhou uma aparição de Jesus. O que devemos fazer diante dessas afirmações? Jesus realmente apareceu vivo para algumas pessoas após sua morte?

Para responder a essa pergunta, vamos primeiro considerar as evidências em favor da ressurreição de Jesus. Mais uma vez, o espaço não me permite examinar em detalhes todas as evidências favoráveis às aparições de Jesus após a morte. Mas eu gostaria de examinar três principais linhas de evidência.

A lista de testemunhas oculares de Paulo

Em primeiro lugar, a *lista fornecida por Paulo das pessoas que testemunharam as aparições de Jesus, após a ressurreição, garante que tais aparições ocorreram*. Em 1Coríntios 15, Paulo fornece essa lista de testemunhadores oculares. Vamos examinar rapidamente cada uma dessas aparições e verificar se é plausível que um evento como esse tenha de fato ocorrido.

1. *A aparição a Pedro*. Não temos nenhum relato nos evangelhos que fale da aparição de Jesus a Pedro. Mas essa aparição é mencionada aqui em uma antiga tradição citada por Paulo, que se originou na igreja de Jerusalém, e que é confirmada pelo próprio apóstolo Paulo. Como sabemos a partir de Gálatas 1.18, Paulo passou cerca de duas semanas com Pedro em Jerusalém, três anos após sua conversão na estrada para Damasco. Assim, Paulo sabia pessoalmente se Pedro dizia ou não ter tido essa experiência. Além disso, a aparição a Pedro é mencionada em outra tradição antiga que se encontra em Lucas 24.34: “É verdade, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão”. O fato de que Lucas está passando adiante uma tradição anterior fica evidente aqui, pela forma como ela foi inserida em sua história sobre a aparição no caminho para Emaús. Portanto, embora não tenhamos nenhum relato sobre a aparição a Pedro, esse fato está bem comprovado historicamente. Em consequência disso, praticamente todos

críticos neotestamentários concordam que Pedro testemunhou uma aparição do Jesus ressurreto.

2. *A aparição aos doze.* Sem dúvida alguma, o grupo referido aqui é o grupo original dos doze apóstolos escolhidos por Jesus durante seu ministério — menos, é claro, Judas, cuja ausência não afetou o título formal do grupo. Dentre as aparições de Jesus esta é a mais bem comprovada. Também é a que foi incluída na formula tradicional bastante antiga que Paulo cita, sendo que o próprio Paulo teve contato com integrantes do grupo dos Doze. Além disso, temos relatos independentes dessa aparição em Lucas 24.36-42 e João 20.19-20. Inquestionavelmente, a característica mais notável desses relatos das aparições de Jesus são as demonstrações físicas de Jesus mostrando suas feridas e comendo diante dos discípulos. O propósito de demonstrações físicas é mostrar duas coisas: primeiro, que Jesus ressuscitou fisicamente; segundo, que ele era o mesmo Jesus que foi crucificado. Não pode restar a menor dúvida de que essa aparição de fato aconteceu, pois ela é atestada em uma antiga tradição cristã, confirmada por Paulo, que havia tido contato pessoal com os Doze, além de ser descrita em relatos independentes registrados em Lucas e João.

3. *A aparição a mais de quinhentos irmãos.* A terceira aparição vem de modo mais chocante: “Depois aparece subindo ao céu sob o olhar de mais de quinhentos irmãos de uma só vez!” Isso é surpreendente, pois não temos nenhuma menção a essa aparição em outro lugar do Novo Testamento. Isso pode nos tornar um tanto céticos acerca dessa aparição, mas o próprio Paulo aparentemente teve contato pessoal com esses irmãos, uma vez que sabia que alguns deles haviam morrido. Nota-se isso pelo comentário intercalado por Paulo: “e a maior parte deles ainda vive, mas alguns já faleceram”. Por que Paulo acrescenta esse comentário? C. H. Dodd, grande estudioso do Novo Testamento da Universidade de Cambridge, afirma. “Difícilmente pode haver algum propósito em mencionar o fato de que a maior parte dos 500 ainda estava viva, a não ser o de que Paulo estava na verdade dizendo: ‘As testemunhas estão aqui para serem



questionadas”⁴. Observe que Paulo jamais poderia ter dito isso se tal fato não tivesse ocorrido. Ele não poderia ter desafiado as pessoas a conversar com as testemunhas se o fato nunca tivesse acontecido e se não existissem testemunhas dele. Porém, evidentemente havia testemunhas desse fato e Paulo sabia que algumas delas tinham morrido neste ínterim. Portanto, o fato tem que ter acontecido.

Penso que essa aparição não é relatada nos evangelhos porque ela provavelmente aconteceu na Galileia. À medida que se reúne as várias aparições registradas nos evangelhos, parece que elas ocorreram primeiro em Jerusalém, depois na Galileia e, então, novamente em Jerusalém. A aparição aos mais de quinhentos irmãos teria acontecido fora desse trajeto, talvez na encosta de algum monte perto de uma vila na Galileia.

4. *A aparição a Tiago*. A próxima aparição foi uma das mais incríveis: Jesus apareceu para Tiago, seu irmão mais novo. O que torna esse fato mais incrível é que aparentemente nem Tiago ou nenhum dos irmãos mais novos de Jesus acreditavam em Jesus durante o tempo de seu ministério (Mc 3.21,31-35; Jo 7.1-10). Eles não acreditavam que ele era o Messias, ou um profeta ou nem mesmo alguém especial. Pelo critério do constrangimento, este é sem dúvida alguma um fato histórico da vida e do ministério de Jesus.

Mas após a ressurreição, os irmãos de Jesus apareceram no aposento superior onde estava reunida a comunidade cristã (At 1.14). Não há mais menção a eles até Atos 12.17, na história da libertação de Pedro da prisão por um anjo. Quais foram as primeiras palavras de Pedro? “Anunciais isso a *Tiago* e aos irmãos”. Em Gálatas 1.19 Paulo conta de sua visita de duas semanas a Jerusalém, cerca de três anos depois da experiência na estrada para Damasco. Ele conta que além de Pedro, ele não vira nenhum dos outros apóstolos, *exceto Tiago*, o irmão do Senhor. Paulo no mínimo deixa implícito que *Tiago* estava agora sendo reconhecido como um apóstolo. Quando

⁴ C. H. Dodd, *More New Testament Studies*. Manchester: University of Manchester, 1968, p. 128.



Paulo visitou Jerusalém novamente, quatorze anos mais tarde, ele diz que havia três “colunas” da igreja em Jerusalém: *Tiago*, Cefas e João (Gl 2.9). Por fim, em Atos 21.18 Tiago é o único líder da igreja em Jerusalém e do conselho de presbíteros. Não ouvimos mais nada sobre Tiago no Novo Testamento. Porém, por palavras de Josefo, o historiador judeu, ficamos sabendo que Tiago foi apedrejado até a morte, ilegalmente, pelo Sinédrio, em algum período após o ano 60 d.C. (*Antiguidades* 20.200).

Não apenas Tiago, mas também os outros irmãos de Jesus passaram a crer nele e foram atuantes na pregação da mensagem cristã, como podemos ver por 1 Coríntios 9.5: “Não temos nós o direito de levar conosco esposa crente, como também fazem os demais apóstolos, *os irmãos do Senhor* e Cefas?”



Jesus aparece a Tiago.

Ora, como isso pode ser explicado? Por um lado, parece ser certo que os irmãos de Jesus não criam nele durante seu ministério.

A crucificação de Jesus apenas confirmaria na mente de Tiago o fato de que as pretensões messiânicas de seu irmão mais velho eram ilusórias, justamente como ele havia pensado. Por outro lado, é igualmente certo que os irmãos de Jesus se tornaram cristãos ardorosos, atuantes no ministério. Muitos de nós têm irmãos. O que seria necessário para que acreditássemos que nosso irmão é o Senhor, a ponto de morrermos por crer nisso, como fez Tiago? Pode restar alguma dúvida de que a razão para essa extraordinária transformação só pode estar no fato de que Jesus apareceu a Tiago? Até mesmo Hans Grass, um cético crítico do Novo Testamento, admite que essa conversão de Tiago é uma das provas mais irrefutáveis da ressurreição de Cristo.⁵

5. *A aparição a todos os apóstolos*. Essa foi provavelmente uma aparição a um círculo limitado de missionários cristãos um pouco mais amplo do que os Doze apóstolos. Para informações sobre esse grupo, veja Atos 1.21-22. Uma vez mais o fato dessa aparição é garantido pelo contato pessoal de Paulo com os próprios apóstolos.

6. *A aparição a Saulo de Tarso*. A última aparição é tão extraordinária quanto a aparição a Tiago: “E, depois de todos, apareceu também a mim, como a um nascido fora do tempo certo” (1Co 15.8). A história da aparição de Jesus a Saulo de Tarso na estrada para Damasco é relatada em Atos 1.1-9 e mais tarde contada de novo, por duas vezes. O fato de que este acontecimento é comprovado além de qualquer dúvida pelas referências que Paulo faz a ele em suas próprias cartas.

Esse acontecimento mudou toda a vida de Paulo. Ele era um rabino fariseu, um respeitado líder judeu. Odiava a heresia cristã com todas as suas forças e fazia tudo o que estivesse ao seu alcance para acabar com ela. Ele mesmo conta que foi responsável pela execução de cristãos. Então, de repente, ele abre mão de tudo isso. Deixa sua posição de respeitado líder judeu e se torna um missionário cristão:

Hans Grass, *Ostergeschehen und Osterberichte*, 4ª. ed. . Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1974, p. 80.

abraça uma vida de pobreza, labuta e sofrimento. Foi açoitado, espancado, apedrejado, deixado para morrer, passou por três naufrágios e viveu em constante perigo, privações e ansiedade. Por fim, fez o sacrifício supremo e foi martirizado por sua fé em Roma. E tudo isso porque naquele dia, na estrada para Damasco, ele vira Jesus, nosso Senhor (1Co 9.1).



Em síntese, os testemunhos de Paulo tornam historicamente certo que vários grupos e pessoas presenciaram aparições de Jesus depois de sua morte e sepultamento.

Relatos independentes do evangelho

Além disso, *há relatos dos evangelhos que fornecem registros múltiplos e independentes das aparições de Jesus após a morte*, até mesmo das mesmas aparições mencionadas na lista de Paulo. A aparição a Pedro é mencionada de forma independente por Paulo e Lucas (1Co 15.5; Lc 24.34) e universalmente reconhecida pelos críticos. A aparição aos Doze é relatada de modo independente por Paulo, Lucas e João (1Co 15.5; Lc 24.36-53; Jo 20.19-31) e, também, não é contestada por ninguém. A aparição para as seguidoras de Jesus é relatada de forma independente por Mateus e João (Mt 28.9-10; Jo 20.11-17) e também é objeto de ratificação pelo critério do constrangimento,



dada a baixíssima credibilidade atribuída a testemunhos de mulheres. É consenso geral que a ausência dessa aparição na lista de aparições mencionadas por Paulo é reflexo do desconforto em citar testemunhas femininas. Por fim, o fato de que Jesus apareceu aos discípulos na Galileia é objeto de relatos independentes por Marcos, Mateus e João (Mc 16; Mt 28.16-20; Jo 21).

Tomadas em sequência, as aparições seguem o padrão de Jerusalém, Galileia e então Jerusalém novamente, estando de acordo com as peregrinações dos discípulos à medida que eles voltaram à Galileia depois da Páscoa e então viajaram de novo para Jerusalém, dois meses após o Pentecostes.

O que devemos concluir a partir dessas evidências? Podemos até chamar essas aparições de alucinação, se quisermos, mas não podemos negar sua ocorrência. Até mesmo o cético crítico Gerd Lüdemann é enfático em dizer: “Pode ser considerado historicamente certo que Pedro e os discípulos passaram por experiências após a morte de Jesus nas quais Jesus apareceu a eles como o Cristo ressurreto”.⁶ As evidências tornam certo que, em ocasiões separadas, diferentes indivíduos e grupos passaram pela experiência de ter visto Jesus ressuscitado dos mortos. Essa conclusão é virtualmente incontestável.

A natureza física das aparições

Em terceiro lugar, *as aparições de Jesus foram físicas, corpóreas*. Até aqui as evidências que apresentei não dependem da *natureza* das aparições de Jesus. Deixei em aberto a questão de elas serem de natureza física ou meras visões. Resta ser visto se mesmo experiências visionárias do Cristo ressurreto podem ser plausivelmente explicadas em bases exclusivamente psicológicas. Porém, se as aparições foram de natureza física ou corpórea então uma explicação exclusivamente psicológica se torna algo próximo do impossível. Assim, vale a pena examinarmos o que se pode saber acerca da natureza dessas aparições.

Gerd Lüdemann, *What Really Happened to Jesus?*, trad. John Bowden. Louisville: Westminster John Knox Press, 1995, p. 80.



1. *Paulo deixa implícito que as aparições foram físicas.* Ele faz isso de duas formas. Primeiro, Paulo concebe o corpo ressurreto como físico. Todos reconhecem que ele não ensina a imortalidade apenas da alma, mas sim a ressurreição do corpo. Em 1Coríntios 15.42-44 Paulo descreve as diferenças entre nosso corpo atual, terreno e nosso corpo futuro, ressurreto, que será como o de Cristo. Ele traça quatro contrastes essenciais entre o corpo terreno e o ressurreto:

O corpo terreno é:

Mortal

Marcado pela desonra

Marcado pela fraqueza

Natural

O corpo ressurreto é:

Imortal

Marcado pela glória

Marcado pelo poder

Espiritual

Ora, apenas o último contraste poderia possivelmente nos fazer pensar que Paulo não cria na ressurreição física do corpo. No entanto, o que ele quer dizer por meio das palavras aqui traduzidas como “natural” e “espiritual”?

A palavra traduzida como natural literalmente significa “próprio da alma”. Ora, obviamente Paulo não quis dizer que nosso corpo atual é “feito da alma”. Antes, por essa palavra ele quis dizer “governado ou pertencente à natureza humana”. Semelhantemente, quando ele disse que o corpo ressurreto será “espiritual”, ele não quis dizer que ele será “feito do espírito”. Antes, ele quis dizer “governado ou voltado para o Espírito”. Essa palavra é usada no mesmo sentido de quando falamos que alguém é uma pessoa espiritual.

Na verdade, observe o modo como Paulo usa exatamente as mesmas palavras em 1Coríntios 2.14-15:

O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, pois lhe são absurdas; e não pode entendê-las, pois se compreendem espiritualmente. Mas aquele que é espiritual compreende todas as coisas, ao passo que ele mesmo não é compreendido por ninguém.

NATURAL E ESPIRITUAL

Em 1Coríntios 15.44, a palavra grega traduzida como “natural” é *psychikos* ou o que é “próprio da alma”, que vem da palavra *psyche* ou “alma”. A palavra traduzida como “espiritual” é *pneumatikos*. Paulo não está falando de um corpo físico em contraste com um corpo etéreo, mas sim de um corpo com alma em contraste com um corpo guiado pelo espírito. Isso fica claro quando lemos 1Coríntios 2.14, onde Paulo usa as mesmas palavras, *psychikos* e *pneumatikos*, para descrever diferentes tipos de pessoas. O contraste não diz respeito à materialidade, mas sim à orientação.

A expressão *homem natural* não significa homem fisicamente falando, mas sim homem voltado para a natureza humana. E *aquele que é espiritual* não significa alguém que seja intangível, invisível, mas sim alguém voltado para o Espírito. O contraste é o mesmo de 1Coríntios 15. Nosso corpo atual, terreno, será libertado da sua escravidão à natureza humana pecaminosa e se tornará por sua vez dirigido e sustentado pelo poder do Espírito. Assim, a doutrina de Paulo sobre a ressurreição do corpo implica uma ressurreição física.

A *segunda* forma pela qual Paulo deixa implícito que as aparições foram físicas está no fato de que ele, e a bem da verdade todo o Novo Testamento, fazem uma distinção entre uma *aparição* e uma *visão* de Jesus. As aparições de Jesus logo cessaram, mas visões dele continuaram no tempo da igreja primitiva. Ora, a questão é a seguinte: Qual a diferença entre uma aparição e uma visão? A resposta do Novo Testamento parece ser clara: uma visão, embora fosse causada por Deus, acontecia exclusivamente na mente da pessoa, enquanto uma aparição acontecia no mundo exterior, real.

Compare a visão que Estêvão teve de Jesus, em Atos 7, com as aparições do Cristo ressurreto. Embora Estêvão tenha visto uma imagem identificável de um corpo, o que seus olhos viram foi a visão de um homem, e não um homem que estava fisicamente lá, pois nenhum dos demais presentes viu absolutamente nada. Por contraste, as aparições da ressurreição aconteceram no mundo real e puderam ser testemunhadas por todos os presentes. Paulo podia com razão considerar sua experiência na estrada para Damasco como uma aparição, mesmo tendo ela acontecido após a ascensão de Jesus, uma vez que ela envolveu certas manifestações no mundo exterior, como uma luz e uma voz, algo que também foi testemunhado pelos que acompanhavam Paulo, ainda que em graus variados. Portanto, essa distinção entre uma visão e uma aparição de Jesus também implica que as aparições foram físicas.

2. *Os relatos dos evangelhos mostram que as aparições foram físicas e corpóreas.* Novamente devemos destacar dois pontos.

Primeiro ponto, toda aparição do Cristo ressurreto relatada nos evangelhos é uma aparição física, corpórea. O testemunho unânime dos evangelhos a esse respeito é bastante impressionante. Se *nenhuma* das aparições tivesse sido de natureza física, corpórea em sua origem, então seria muito estranho o fato de termos um testemunho inteiramente unânime nos evangelhos de que *todas as aparições* foram físicas, sem a presença do menor traço de supostas aparições originais que não fossem físicas. Uma total corrupção de uma tradição oral desse porte em tão curto espaço de tempo, enquanto as testemunhas oculares ainda estavam vivas, é altamente improvável.



“Mas ele está vivo espiritualmente!
Ele apareceu para mim em uma visão!
Maria também o viu — não foi, Maria.
Conte para eles!”

Segundo ponto, se todas as aparições fossem de fato visões, então estaríamos completamente perdidos no que diz respeito a explicar o surgimento dos relatos dos evangelhos. Pois aparições físicas, corpóreas, seriam consideradas como uma completa tolice para os gentios e uma pedra de tropeço para os judeus, uma vez que nenhum dos dois grupos aceitava a ressurreição física dos mortos. A mentalidade helênica considerava a morte do corpo físico como uma “libertação”, uma vez que esse corpo era um empecilho para a alma. A mentalidade judaica excluía a possibilidade de qualquer ressurreição



PARA DISCUTIR

Por que a ressurreição corporal de Jesus importa para os cristãos? Que diferença faria se Jesus simplesmente vivesse como um espírito sem corpo?

física para a glória e imortalidade que fosse anterior à ressurreição geral que aconteceria no fim do mundo. Portanto, os dois grupos teriam sido bastante cínicos em relação a relatos sobre aparições reais, corpóreas de alguém que tivesse ressuscitado dos mortos. Porém, ambos teriam aceitado de bom grado histórias sobre visões de pessoas mortas. Logo, se as aparições tivessem sido meras visões, então seria inexplicável o motivo de ter surgido uma tradição unânime sobre aparições físicas.



Francamente falando, o único motivo para negar que a natureza das aparições após a ressurreição tenha sido física, corpórea, é um motivo de caráter filosófico, e não histórico: Tais aparições seriam milagres de proporções fabulosas, algo que muitos críticos não conseguem engolir. Porém, nesse caso precisamos traçar de novo nossos passos para pensar na evidência da existência de Deus. Se Deus existe, não há uma boa razão para sermos céticos em relação a milagres.

Como muito bem colocou o filósofo agnóstico australiano Peter Slezak, em nosso debate, para um Deus capaz de criar um universo inteiro, a bizarra ressurreição seria brincadeira de criança!

Portanto, com base nessas três linhas de evidências, podemos concluir que o fato de que Jesus apareceu após a morte a vários grupos e indivíduos, sob as mais variadas circunstâncias, é algo historicamente consolidado, sendo que, além disso, essas aparições foram físicas, corpóreas.

O fato das origens da fé cristã

O terceiro fato a ser explicado é a própria origem da fé cristã. Todos sabem que o cristianismo passou a existir em algum momento da metade do primeiro século depois de Cristo. Por que veio a existir? O que fez esse movimento começar? Mesmo estudiosos mais céticos do Novo Testamento reconhecem que a fé cristã deve suas origens à crença dos primeiros discípulos no fato de que Deus havia ressuscitado Jesus de Nazaré dos mortos. De fato, eles amarraram praticamente tudo a essa crença.

Para dar apenas um exemplo disso, vamos pegar a crença no fato de que Jesus era o Messias. Nenhum judeu conceberia um Messias que, em vez de triunfar sobre os inimigos de Israel, seria vergonhosamente executado por esses inimigos como um criminoso. Esperava-se que o Messias fosse uma figura triunfante que inspiraria o respeito de judeus e gentios e estabeleceria o trono de Davi em Jerusalém. Um Messias que falhasse em libertar e reinar, que fosse derrotado, humilhado e executado por seus inimigos é uma contradição dos termos. Nenhum dos textos da literatura judaica fala de um Messias como esse. Portanto, é difícil exagerarmos o tamanho do desastre que a crucificação foi para a fé dos discípulos. A morte de Jesus na cruz significa o fim humilhante de quaisquer esperanças que eles tivessem acalentado de que ele fosse o Messias.

PARA DISCUTIR

Qual das linhas de evidência apresentadas neste capítulo você pessoalmente acha a mais convincente? Como acha que as pessoas que não são cristãs que você conhece reagiriam a essas várias linhas de evidência? Qual das linhas de evidência seria a mais convincente para elas?



Porém, a crença na ressurreição de Jesus reverteu a catástrofe da crucificação. Pelo fato de Deus ter ressuscitado Jesus dos mortos, Jesus era visto como o Messias afinal. Assim, Pedro proclama em Atos 2.23-36: “ele, que foi entregue pelo conselho determinado e pela presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o pelas mãos de ímpios; e Deus o ressuscitou [...] Portanto, toda a casa de Israel fique absolutamente certa de que esse mesmo Jesus, a quem crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo”. Foi com base na crença em sua ressurreição que os discípulos puderam acreditar que Jesus era o Messias.

Portanto, não é surpresa o fato de a crença na ressurreição de Jesus ser algo universal na igreja primitiva. A fórmula tradicional citada em 1Coríntios 15.3-7 — na qual o evangelho é definido como a morte, o sepultamento, a ressurreição e as aparições de Jesus — mostra que essa compreensão do evangelho remonta diretamente ao próprio começo da igreja em Jerusalém.

Assim, as origens do cristianismo dependem da crença dos primeiros discípulos de que Deus havia ressuscitado Jesus dentre os mortos. Mas a questão é: Como se explica a origem dessa crença? Como afirma R. H. Fuller, mesmo o mais cético dos críticos deve pressupor um misterioso “x” para que o movimento se iniciasse. Mas que “x” foi esse?

Resumo

Agora estamos prontos para resumir os três pontos que levantamos:

Primeiro, vimos que numerosas linhas de evidência histórica provam que o sepulcro de Jesus foi encontrado vazio por um grupo de suas seguidoras.

Segundo, vimos que várias linhas de evidência histórica estabelecem que em diversas ocasiões e em diferentes locais vários indivíduos e grupos de pessoas viram Jesus aparecer vivo dos mortos.

E, por fim, terceiro, vimos que as próprias origens da fé cristã dependem da crença dos primeiros discípulos de que Deus havia ressuscitado Jesus de Nazaré dos mortos.



Uma das coisas que mais me causou espanto, depois de haver terminado minhas pesquisas em Munique, foi perceber que esses três grandes fatos, independentemente consolidados, representam a *visão da maioria* dos críticos neotestamentários de hoje. O único ponto de séria discordância seria em torno da natureza física das aparições após a ressurreição. Porém, a pesquisa atual firmemente sustenta os três fatos do modo como os apresentei aqui.

Assim, esses fatos não são conclusões da pesquisa de conservadores ou evangélicos; são três conclusões da crítica neotestamentária predominante. Como vimos, a vasta maioria dos estudiosos que escreveram sobre esse assunto aceita o fato do sepulcro vazio; praticamente ninguém hoje nega que os primeiros discípulos testemunharam aparições de Jesus após sua morte; e há de longe um consenso entre a maioria dos estudiosos no sentido de que os primeiros discípulos ao menos criam que Deus havia ressuscitado Jesus dos mortos. O crítico que negar esses fatos encontra-se hoje na defensiva.

Portanto, não se deixe enganar por incrédulos que querem encontrar inconsistências em detalhes circunstanciais dos relatos dos evangelhos. Nossa defesa da ressurreição de Jesus não depende desses detalhes. Todos os quatro evangelhos concordam que:

Jesus de Nazaré foi crucificado em Jerusalém, pela mão da autoridade romana, durante a Páscoa, tendo sido preso e condenado por acusações de blasfêmia feitas pelo Sinédrio e, então, caluniado diante de Pilatos sob acusações de traição. Ele morreu no curso de algumas horas e foi sepultado na tarde de sexta-feira, por José de Arimateia, em um sepulcro que foi lacrado com uma pedra. Algumas das seguidoras de Jesus, entre elas Maria Madalena, que tinham presenciado seu sepultamento, foram ao sepulcro no domingo de manhã e o encontraram vazio. Depois disso, Jesus apareceu aos discípulos, inclusive a Pedro, que então se tornaram proclamadores da mensagem de sua ressurreição.

Todos os quatro evangelhos atestam esses fatos. Muito mais detalhes podem ser fornecidos por fatos adicionais que são atestados por três dentre os quatro evangelhos.

Assim, discrepâncias menores não afetam a nossa defesa. Os historiadores esperam encontrar inconsistências mesmo nas fontes mais confiáveis. Nenhum historiador simplesmente descarta uma fonte por causa de inconsistências. Do contrário, teríamos que ser céticos em relação a todas as narrativas históricas seculares que também contivessem inconsistências, algo que seria totalmente descabido. Além disso, em nosso caso as inconsistências não se dão nem ao menos no interior de uma única fonte; eles se dão entre fontes independentes. Mas, evidentemente, ninguém conclui com base em uma inconsistência entre duas fontes independentes que ambas as fontes estejam erradas. Na pior das hipóteses, uma delas está errada, se elas não puderam ser harmonizadas.

A questão que nos resta, então, é como explicar melhor os três fatos já estabelecidos que citei.

Explicando as evidências

Chegamos, então, ao segundo passo de nossa defesa: determinar qual é a melhor explicação das evidências. Os historiadores colocam na balança vários fatores quando estão investigando hipóteses concorrentes. Alguns dos fatores mais importantes que eles levam em conta são os seguintes:

1. A melhor explicação terá um âmbito explicativo mais amplo do que as demais. Isto é, ela explicará mais coisas relativas à evidência.
2. A melhor explicação terá um poder explicativo maior do que as demais. Isto é, ela tornará a evidência mais provável.
3. A melhor explicação será mais plausível do que as demais. Isto é, ela se encaixará melhor nas hipóteses de fundo verdadeiras.



4. A melhor explicação será menos artificial do que as demais. Isto é, não vai exigir a adoção muitas hipóteses a mais que não tenham evidência independente.
5. A melhor explicação será refutada por menos hipóteses aceitas do que as demais. Isto é, não vai entrar em conflito com tantas hipóteses aceitas.
6. A melhor explicação satisfará tão melhor os requisitos 1 a 5 do que as demais que há pouca chance de que uma das outras explicações, após investigação mais profunda, irá se sair melhor em preencher esses requisitos.

Uma vez que uma hipótese pode se sair realmente bem em preencher certos requisitos, mas não tão bem em satisfazer outros, descobrir qual hipótese é a melhor explicação em geral pode ser difícil e exige habilidade. No entanto, se o âmbito e o poder explicativo de uma hipótese são muito grandes, de modo que ela se saia bem melhor na explicação de uma variedade maior de fatos, então é bem provável que ela seja a explicação verdadeira.

Assim, vamos aplicar esses testes às típicas hipóteses que têm sido propostas ao longo da história para explicar o sepulcro vazio, as aparições de Jesus e as origens da crença dos discípulos na ressurreição, e vamos ver se elas se saem melhor ou tão bem quanto a hipótese da ressurreição na explicação dos fatos.

Hipótese da conspiração

Segundo essa hipótese, os discípulos roubaram o corpo de Jesus e mentiram sobre suas aparições, forjando dessa maneira a ressurreição. Essa foi a primeira explicação contraposta para explicar o sepulcro vazio, como vimos, e foi retomada durante o século XVII por deístas europeus. Hoje, entretanto, essa explicação foi completamente abandonada pelos estudos atuais. Vamos ver como ele se sai quando avaliada pelos critérios padrões utilizados para testar hipóteses históricas.



1. *Ambito explicativo*. A hipótese da conspiração preenche muito bem esse requisito, pois oferece explicações para o sepulcro vazio (afirma que os discípulos roubaram o corpo), para as aparições de Jesus (afirma que os discípulos mentiram sobre isso), e para as origens da (suposta) crença dos discípulos na ressurreição (afirma, novamente, que eles mentiam).

2. *Poder explicativo*. Aqui começam a surgir dúvidas em relação a essa hipótese. Tomemos o sepulcro vazio, por exemplo. Se os discípulos roubaram o corpo de Jesus, então não faria o menor sentido inventar uma história sobre as mulheres terem encontrado o sepulcro vazio. Uma história como essa não seria o tipo de história que um homem judeu inventaria. Além disso, a singeleza da história não fica bem explicada pela hipótese da conspiração — onde estão os textos-prova das Escrituras, a evidência da profecia cumprida? Por que não descreve Jesus saindo do sepulcro, como em falsificações posteriores como o Evangelho de Pedro? Nem a controvérsia como os judeus incrédulos fica bem explicada. Por que a guarda de Mateus já não está lá na história de Marcos? Mesmo na história de Mateus a guarda aparece muito tarde: o corpo já poderia ter sido roubado antes que a guarda chegasse, no sábado de manhã, de modo que eles estavam guardando sem saber um sepulcro vazio! Para um álibi infalível contra o roubo do corpo, veja novamente o forjado Evangelho de Pedro, onde a guarda é colocada no sepulcro imediatamente após o sepultamento.

Quanto às histórias das aparições, surgem problemas semelhantes. Alguém que as inventasse provavelmente descreveria as aparições em termos das visões de Deus do Antigo Testamento e as descrições da ressurreição do fim dos tempos (como em Daniel 12.2). Mas nesse caso Jesus deveria aparecer para os discípulos em glória deslumbrante. E por que não haveria uma descrição da própria ressurreição? Por que não haveria aparições e Caifás, o sumo sacerdote, ou aos vilões do Sinédrio, como Jesus previra? Eles então poderiam ser rotulados como verdadeiros mentirosos por negar que Cristo aparecera para eles!



“Ok, eis o plano: Roubamos o corpo do sepulcro e nos escondemos em algum canto, então nós voltamos e contamos uma história que provavelmente nos levará a ser mortos. E então, quem está nessa comigo?”.

No entanto, o poder explicativo da hipótese da conspiração é sem dúvida mais fraco no que diz respeito às origens da crença dos discípulos na ressurreição de Jesus. Pois a hipótese é na verdade uma negação desse fato; ela procura explicar a mera aparência de crença por parte dos discípulos. Porém, como os críticos universalmente reconheceram, não se pode negar com alguma plausibilidade que os primeiros discípulos no mínimo *criam* sinceramente que Jesus ressuscitara. Eles apostaram suas vidas nessa convicção. A transformação na vida dos discípulos não pode ser explicada com credibilidade pela hipótese de uma conspiração. Essa deficiência por si só tem sido suficiente na mente da maior parte dos estudiosos para enterrar de vez a hipótese da conspiração.

3. *Plausibilidade.* O verdadeiro calcanhar de Aquiles da hipótese da conspiração é, no entanto, sua implausibilidade. Pode ser que alguém levante aqui objeções à inacreditável complexidade de tal conspiração ou o suposto estado psicológico dos discípulos; mas o problema primordial que supera todas as outras objeções é o fato de que é totalmente anacrônico supor que judeus do primeiro século pretendessem fraudar a ressurreição de Jesus.

A hipótese da conspiração vê os discípulos através do espelho retrovisor da história cristã, em vez de vê-los através dos olhos de um judeu do primeiro século. Um judeu não tinha qualquer expectativa de um Messias que, em vez de estabelecer o trono de Davi e subjugar os inimigos de Israel, fosse vergonhosamente executado pelos gentios como um criminoso. Além do mais, a ideia da ressurreição era algo simplesmente desvinculado da ideia de um Messias, e até mesmo incompatível com essa ideia, uma vez que não se suponha que o Messias fosse morto. Como tão bem coloca N. T. Wright, se você fosse um judeu do primeiro século e seu Messias favorito fosse crucificado, então você tinha basicamente duas opções: ir para casa ou arranjar um novo Messias. Contudo, a ideia de roubar o corpo de Jesus e dizer que Deus o havia ressuscitado dos mortos dificilmente passaria pelas mentes dos discípulos.

Já se sugeriu que a ideia da ressurreição de Jesus poderia ter se originado da influência da mitologia pagã. Perto da virada do século XIX para o século XX, os estudiosos de religiões comparadas coletavam paralelos das crenças cristãs em outros movimentos religiosos, e alguns achavam que isso explicava as crenças cristãs, inclusive a crença na ressurreição, como resultantes da influência de tais mitos. Entretanto, esse movimento logo entrou em colapso, sobretudo devido a dois fatores:

Primeiro fator, os estudiosos vieram a perceber que tais paralelos eram falsos. O mundo antigo era literalmente um caldeirão de mitos de vários deuses e heróis. Estudos de religião comparada exigem sensibilidade para suas semelhanças e diferenças, ou a distorção e confusão serão inevitáveis. Infelizmente, aqueles que estavam

ansiosos para encontrar paralelos para a ressurreição de Jesus deixaram de colocar em prática essa sensibilidade.

Muitos dos paralelos que foram alegados eram, na verdade, histórias sobre a *assunção* de um herói aos céus (Hércules, Rômulo). Outros eram histórias sobre um *desaparecimento*, que alegavam que o tal herói desaparecera em uma esfera superior (Apolônio de Tiana, Empédocles). Outros paralelos ainda eram *símbolos sazonais* para o ciclo do plantio, à medida que a vegetação morre na estação da seca e volta à vida na estação das chuvas (Tamuz, Osíris, Adônis). Outros eram *expressões políticas* do culto ao imperador (Júlio César, César Augusto).

Nenhum deles é um paralelo à ideia judaica da ressurreição dos mortos. Na verdade, a maioria dos estudiosos veio a duvidar se existiram, propriamente falando, quaisquer mitos de deuses que morressem e ressuscitassem. Por exemplo, no mito de Osíris, uma dos mais conhecidos mitos simbólicos sazonais, Osíris não volta realmente à vida, mas simplesmente continua a existir no mundo dos mortos.

Em geral, os estudiosos vieram a perceber que a mitologia pagã é simplesmente o contexto errado para se entender Jesus de Nazaré. Jesus e seus discípulos foram judeus do primeiro século, e é em contraste com esse pano de fundo que eles devem ser entendidos. O colapso dos paralelos apontados é apenas uma indicação de que a mitologia pagã é o contexto interpretativo errado para compreender a crença dos discípulos na ressurreição de Jesus.

Segundo fator do colapso, não ha um vínculo causal entre os mitos pagãos e as origens da crença dos discípulos na ressurreição. Os judeus conheciam as divindades sazonais (Ez 8.14-15) e as consideravam abominações. Portanto, não há vestígio de cultos em torno de deuses que morriam e ressuscitavam no Israel do primeiro século. De qualquer modo, e altamente improvável que os primeiros discípulos nutrissem a ideia de que Jesus de Nazaré ressuscitara dos mortos por terem ouvido sobre mitos pagãos sobre deuses sazonais que morreriam e depois ressuscitariam. Portanto, os estudiosos contemporâneos abandonaram essa abordagem.



Mas será que talvez os discípulos conceberiam essa ideia sobre a ressurreição com base em influências judaicas? De novo afirmo que é improvável, pois a concepção judaica de ressurreição diferia pelo menos em dois aspectos fundamentais da ressurreição de Jesus.

Em primeiro lugar, no pensamento judeu a ressurreição para a glória e imortalidade sempre acontecia *após* o fim do mundo. Os judeus não acalentavam qualquer ideia que fosse de uma ressurreição que acontecesse no curso da história. É por isso mesmo que, segundo acredito, os discípulos sentiram tanta dificuldade em entender as previsões de Jesus sobre a sua própria ressurreição. Eles pensavam que ele estava se referindo à ressurreição no fim do mundo. Veja a passagem de Marcos 9.9-11, por exemplo:

Enquanto desciam do monte, Jesus ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, até que o Filho do homem ressuscitasse dentre os mortos. E eles guardaram o caso em segredo, conversando sobre o que seria o ressuscitar dentre os mortos. Então perguntaram-lhe: Por que os escribas dizem ser necessário que Elias venha primeiro?

Aqui Jesus prediz sua ressurreição e o que os discípulos perguntam? “Por que os escribas dizem ser necessário que Elias venha primeiro?”. No judaísmo do primeiro século, acreditava-se que o profeta Elias voltaria antes do grande e terrível dia do Senhor, o dia do julgamento em que os mortos seriam ressuscitados. Os discípulos não podiam compreender a ideia de uma ressurreição que ocorresse no curso da história, antes do fim do mundo. Daí porque as predições de Jesus apenas os confundiram.

Portanto, dada a concepção que os judeus tinham de ressurreição, os discípulos, após a crucificação, não apareceriam com a ideia de que Jesus já tinha sido ressuscitado. Eles teriam apenas olhado para o futuro, para a ressurreição no último dia e, talvez, seguindo o costume judaico, teriam preservado seu sepulcro como um santuário onde o corpo de Jesus pudesse aguardar até o dia da ressurreição.

Em segundo lugar, no pensamento judaico a ressurreição era sempre a ressurreição de *todos* os justos mortos. Para eles não existia o conceito de ressurreição de um indivíduo apenas. Além do mais, não só não havia qualquer ligação entre a ressurreição individual do fiel e a ressurreição anterior do Messias, não existia em absoluto qualquer crença no sentido de que haveria uma ressurreição anterior do Messias. É por esse motivo que não temos exemplos de outros movimentos messiânicos afirmando que seu líder executado havia ressuscitado dos mortos. Wright tem insistido neste ponto: “Os seguidores dos movimentos messiânicos do primeiro século [...] eram comprometidos com a causa de uma forma fanática [...] Em nenhum outro caso, entretanto, ao longo de todo século, antes e depois de Cristo, ouvimos falar de algum grupo de judeus que dissesse que seu líder executado tivesse ressuscitado dos mortos”.

Para os judeus não existia um conceito que sustentasse a ideia da ressurreição de um indivíduo isolado, especialmente do Messias. Portanto, após a crucificação, tudo o que os discípulos puderam fazer era esperar com anseio pelo dia da ressurreição dos mortos para ver seu Mestre de novo.

Observe que esse ponto mina não só uma possível teoria da conspiração que suponha que os discípulos proclamaram a ressurreição de Jesus de forma não sincera, mas também qualquer teoria que sugira que, com base em influências pagãs ou judaicas, eles vieram a crer e pregar com sinceridade a sua ressurreição.

4. *Menos artificial*. Como todas as teorias de conspiração da história, a hipótese da conspiração é artificial em supor que tudo para o que a evidência parece apontar é, na verdade, meramente aparência, algo que pode ser descartado por ser explicado por hipóteses para as quais não existe nenhuma evidência. Especificamente falando, ela postula que havia motivos e ideias nas mentes dos discípulos e ações



PARA DISCUTIR

Como esse contexto histórico ajuda
você a entender incidentes como os que
são descritos em Marcos 8.31-32 e
Atos 17.16-18,32?

da parte deles para os quais não há sequer um farrapo de evidência. Ela pode ficar ainda mais artificial à medida que se tenha que multiplicar hipóteses para lidar com as objeções à teoria. Por exemplo, como explicar a aparição para os quinhentos irmãos ou o papel das mulheres no sepulcro vazio e outros relatos da aparição.

5. *É refutada por poucas crenças aceitas.* A hipótese da conspiração tende a ser refutada por nosso conhecimento geral das conspirações, sendo sua instabilidade e tendenciosidade coisas a se desvendar. Além do mais, ela é refutada por convicções geralmente aceitas, tais como a sinceridade dos discípulos, a natureza das expectativas messiânicas dos judeus do primeiro século e assim por diante.

6. *Supera outras hipóteses no cumprimento dos requisitos de 1 a 5.* A hipótese da conspiração obviamente falha em preencher esse requisito, uma vez que existem hipóteses bem melhores (tal como as hipóteses da alucinação), que não descartam a crença dos discípulos na ressurreição como sendo uma mentira deslavada.

Nenhum estudioso defenderia a hipótese da conspiração nos dias de hoje. O único lugar que se lê sobre histórias desse tipo é na imprensa popular e sensacionalista ou em ficções que circulam na internet.

Hipótese da morte aparente

Uma segunda explicação foi a hipótese da morte aparente. No início do primeiro século, certos críticos alegaram que Jesus não estava inteiramente morto quando foi retirado da cruz. Ele foi reanimado no sepulcro e escapou de lá para convencer seus discípulos que havia ressuscitado dos mortos. Hoje tal hipótese também parece ter sido quase que inteiramente abandonada. Mais uma vez vamos aplicar nossos critérios para a melhor explicação:

1. *Âmbito explicativo.* A hipótese da morte aparente também propõe explicações para o sepulcro vazio, para as aparições de Jesus após sua morte e para as origens da crença dos discípulos na ressurreição de Jesus.

2. *Poder explicativo.* Aqui essa hipótese começa a afundar. Algumas de suas versões eram na verdade variações da hipótese da

conspiração. Em vez de terem roubado o corpo, supõe-se que os discípulos (juntamente com o próprio Jesus!) conspiraram para forjar a morte de Jesus na cruz. Em casos como esse, a teoria compartilha dos mesmos pontos fracos da hipótese da conspiração. Uma versão não conspiratória dessa hipótese era que simplesmente aconteceu de Jesus ter sobrevivido à crucificação, embora os guardas tenham pensado que ele estivesse morto. Mas tal versão também vem acompanhada de dificuldades insuperáveis:

Como explicar o sepulcro vazio, uma vez que um homem trancado dentro de um sepulcro não poderia mover a pedra da entrada para escapar? Como explicar as aparições de Jesus após a morte, uma vez que a aparição de um homem meio morto, necessitando desesperadamente de atendimento médico, dificilmente iria induzir os discípulos a concluírem que ele era o Senhor ressurreto que havia derrotado a morte? Como explicar as origens da crença dos discípulos na ressurreição de Jesus, uma vez que o fato de vê-lo novamente apenas os levaria a concluir meramente que ele não havia morrido? Eles jamais pensariam que ele, contrariando o pensamento judeu (bem como seus próprios olhos), havia gloriosamente ressuscitado dos mortos.

3. *Plausibilidade.* Nesse ponto a teoria mais uma vez falha miseravelmente. Os executores romanos gozavam de credibilidade quanto a assegurarem a morte de suas vítimas. Uma vez que o momento exato da morte por crucificação é algo incerto, os executores podiam se assegurar da morte fincando uma lança na lateral do corpo da vítima. Foi isso que aconteceu com Jesus (Jo 19.34). Além disso, o que essa teoria sugere é literalmente impossível. O historiador judeu Flavio Josefo conta a respeito de três conhecidos que haviam sido crucificados e retirados da cruz, mas a despeito dos melhores cuidados médicos dois de três deles acabaram morrendo (*Vida* 75:420-421). A extensão das torturas que Jesus sofreu foi de tal porte que ele jamais poderia ter sobrevivido à crucificação e ao sepultamento. A sugestão de que um homem tão gravemente ferido viesse a aparecer aos discípulos em várias ocasiões, em Jerusalém e na Galileia, não passa de pura fantasia.



4. *Menos artificial.* A hipótese da morte aparente, sobretudo em suas versões conspiratórias, pode se tornar imensamente artificial. Somos convidados a imaginar a existência de sociedades secretas, poções administradas na calada da noite, alianças conspiratórias entre os discípulos e membros do Sinédrio, e coisas do gênero, e tudo isso sem sequer um fragmento de evidência para sustentar.

5. *Refutada por poucas crenças aceitas.* A hipótese da morte aparente é maciçamente refutada por fatos médicos que dizem respeito ao que aconteceria a uma pessoa que tivesse sido açoitada e crucificada. Também é refutada por evidência unânime de que Jesus não continuou entre seus discípulos após ter morrido.

6. *Supera outras hipóteses no cumprimento dos requisitos de 1 a 5.* Essa teoria também dificilmente se destaca como uma das melhores! Justamente por isso possui poucos defensores entre os historiadores do Novo Testamento nos dias de hoje.

Hipótese da remoção do corpo

Em uma das poucas tentativas judaicas modernas de lidar com os fatos que dizem respeito à ressurreição de Jesus, Joseph Klausner, em 1922, propôs que José de Arimateia colocou o corpo de Jesus no sepulcro que lhe pertencia temporariamente, devido ao adiantado da hora e pelo fato de o sepulcro de sua família ser mais próximo do local da crucificação. Porém, mais tarde ele teria passado o corpo para um sepulcro comum destinado a criminosos. Sem saber da remoção do corpo, ao encontrar o sepulcro vazio, os discípulos inferiram que Jesus havia ressuscitado. Embora nenhum estudioso defenda essa hipótese nos dias de hoje, já testemunhei tentativas de autores populares de trazê-la de volta. À luz do que já foi dito de outras teorias, seus pontos fracos são evidentes:

1. *Âmbito explicativo.* A hipótese da remoção do corpo possui um âmbito explicativo reduzido. Ela tenta explicar o sepulcro vazio, mas nada diz a respeito das aparições de Jesus e das origens da crença dos discípulos na ressurreição. É necessária a adoção de hipóteses independentes dessa para explicar todo o âmbito das evidências.



2. *Poder explicativo.* A hipótese defendida por Klausner não tem poder explicativo em relação às aparições ou às origens da fé cristã. Quanto ao sepulcro vazio, essa hipótese enfrenta um problema evidente: Uma vez que José e os eventuais servos que tivesse levado consigo sabiam o que eles tinham feito com o corpo, a teoria falha em explicar porque o engano dos discípulos diante do sepulcro vazio não foi corrigido por quem sabia a verdade, logo que eles começaram a anunciar que Jesus havia ressuscitado — a menos que se recorra a hipóteses forjadas para salvar a pátria, como dizer que José e seus servos morreram subitamente!

É possível que alguém diga que o corpo de Jesus já não poderia mais ser identificado. No entanto, essa alegação não é de fato verdadeira. As práticas de sepultamento dos judeus tipicamente envolviam a exumação dos ossos da pessoa falecida um ano depois da morte, para transferi-los para um ossuário. Assim, a localização dos sepulcros, mesmo o dos criminosos, era cuidadosamente observada. Porém, de um modo ou de outro, essa objeção não trata do ponto que interessa. O ponto importante é que as primeiras discussões entre judeus e cristãos sobre a ressurreição de Jesus não se desenrolaram em torno da localização do sepulcro de Jesus ou da identificação do corpo, mas sim em torno do fato de que o sepulcro estava vazio. Se José de Arimateia tivesse removido o corpo de lugar, essa controvérsia entre judeus e cristãos teria tomado um rumo bem diferente.

3. *Plausibilidade.* Essa hipótese também é implausível por uma série de razões. Até onde podemos contar com fontes judaicas, o sepulcro destinado aos criminosos ficava apenas a 50 a 60 jardas do local da crucificação. Além disso, o costume judaico era sepultar os criminosos executados no mesmo dia da execução; assim, seria isso que José de Arimateia teria tentado fazer. Portanto, ele poderia e de fato teria depositado o corpo diretamente no sepulcro destinado aos criminosos, eliminando assim a necessidade de removê-lo posteriormente ou de violar o sepulcro de sua própria família. Na verdade, a lei judaica nem ao menos *permitia* que o corpo fosse removido depois, exceto se fosse para o sepulcro da família da pessoa

que morrerá. José teve tempo suficiente para um sepultamento simples, que provavelmente consistia em lavar o corpo e envolvê-lo em tecido tratado com ervas secas.

4. *Menos artificial.* A teoria é levemente artificial ao atribuir a José de Arimateia motivos e atividades para as quais não temos absolutamente nenhuma evidência. Ela só se torna totalmente artificial se tivermos que inventar coisas como a morte súbita de José para salvá-la.

5. *Refutada por poucas crenças aceitas.* A teoria sofre refutação por aquilo que sabemos sobre os procedimentos judeus para o sepultamento de criminosos, como mencionamos acima.

6. *Supera outras hipóteses no cumprimento dos requisitos de 1 a 5.* E, mais uma vez, não existe um historiador sequer que defenda essa teoria.

Hipótese da alucinação

Na obra *The Life of Jesus, Critically Examined* [A vida de Jesus analisada criticamente], de 1835, David Strauss propôs que as aparições de Jesus foram meras alucinações dos discípulos. O defensor mais destacado dessa teoria hoje é um crítico alemão do Novo Testamento, Gerd Lüdemann. Como essa hipótese da alucinação se sai quando analisada pelos nossos critérios?

1. *Âmbito explicativo.* A hipótese da alucinação possui um âmbito explicativo reduzido. Não diz absolutamente nada que explique o sepulcro vazio. Portanto, nos obriga a negar o fato do sepulcro vazio (e, juntamente com isso, o sepultamento) ou combinar a ela alguma outra hipótese independente para explicá-lo.

Essa hipótese também nada diz para explicar as origens da crença dos discípulos na ressurreição de Jesus. Alguns estudiosos já tentaram chamar a atenção para supostas semelhanças entre as aparições de Jesus e as visões que pessoas enlutadas costumam ter dos que morreram há pouco tempo. Porém, a lição primordial que extraímos dessas visões é que as pessoas enlutadas *não* concluem que os mortos voltaram fisicamente à vida em consequência dessas

experiências, por mais reais e tangíveis que elas possam parecer — antes, os mortos são vistos no contexto da vida após a morte. Como bem observa Wright, para alguém que vivesse no mundo antigo, visões dos mortos não eram evidência de que a pessoa estivesse viva, mas sim de que estava morta!

Além disso, em um contexto judeu era mais fácil encontrar outras interpretações para a ressurreição, mais apropriadas. Dadas as crenças então comuns sobre a vida após a morte, os discípulos, se tivessem tido alucinações de Jesus, possivelmente o teriam visto no céu, no seio de Abrão, onde se acreditava que a alma de um justo permanecia até a ressurreição final. E uma visão como essa não teria levado ninguém a crer que Jesus havia ressuscitado. Na melhor das hipóteses, teria apenas levado os discípulos a dizerem que Jesus fora arrebatado aos céus, mas não ressuscitado.

No Antigo Testamento, figuras como Enoque e Elias foram retratadas como não tendo morrido, como tendo sido arrebatadas. Em um documento judeu extrabíblico chamado *O testamento de Jó* (40) conta-se a história de duas crianças que morreram no desabamento de uma casa. Quando as pessoas que procuravam resgatá-las conseguiram retirar os destroços do caminho não encontraram os corpos das crianças. Nesse meio tempo, a mãe das crianças tem uma visão delas glorificadas no céu, onde tinham sido levadas por Deus. É preciso enfatizar que, para um judeu, a ascensão aos céus não é a mesma coisa que a ressurreição. Ascensão é ser arrebatado ou levado em corpo desse mundo para o céu. Ressurreição é trazer de volta à vida, no universo espaço-temporal, uma pessoa morta. São ideias completamente distintas.

Dadas as crenças dos judeus em relação à ascensão e ressurreição, os discípulos, se tivessem tido visões celestiais de Jesus, não teriam pregado que Jesus ressuscitara dos mortos. Na melhor das hipóteses, o sepulcro vazio e alucinações os teriam levado a acreditar



PARA DISCUTIR

Se você fosse conversar com um amigo que não é cristão sobre essas hipóteses, como acha que ele reagiria? Será que ele defenderia alguma delas? Será que ficaria com um pé atrás e rejeitaria o sepulcro vazio e as aparições de Jesus como coisas inventadas?

ASCENSÃO E RESSURREIÇÃO

Ressurreição é trazer alguém de volta à vida, nesse universo espaço-temporal, para a glória e imortalidade. Ascensão é arrebatá-lo, em corpo, fora deste mundo e levá-lo para o céu.

Revivificação é trazer de volta à vida mortal alguém que morreu. A passagem de 2Reis 2.1-12 descreve a ascensão de Elias ao céu. João 11.1-44 descreve a revivificação de Lázaro por Jesus. Observe as diferenças entre esses dois eventos e a ressurreição de Jesus.

na ascensão de Jesus para a glória, pois isso era consistente com sua estrutura de pensamento. Mas jamais iriam ter acreditado que Jesus tinha ressuscitado dos mortos, pois isso contrariava as crenças judaicas acerca da ressurreição dos mortos, como já vimos. Portanto, mesmo que com base na hipótese da alucinação, a crença na ressurreição de Jesus continua sem explicação.

2. *Poder explicativo.* A hipótese da alucinação obviamente nada faz no sentido de explicar o sepulcro vazio e as origens da crença dos discípulos na ressurreição de Jesus. Mas indiscutivelmente tem um frágil poder de explicação no que diz respeito às aparições. Suponhamos que Pedro foi um daqueles que tivesse tido uma visão de alguém ente querido que partira ou que tivesse tido uma visão motivada pela culpa, como imagina Lüdemann. Isso bastaria para explicar as aparições da ressurreição? De fato não, pois a diversidade das aparições ultrapassa os limites de qualquer coisa encontrada em casos descritos em livros de psicologia. Jesus não apareceu apenas uma vez, e sim muitas vezes; não apareceu apenas em um local ou em uma determinada circunstância, mas sim em vários locais e sob uma grande variedade de circunstâncias; não apareceu apenas para um indivíduo, mas para diferentes pessoas; não apenas para indivíduos, mas para diversos grupos de pessoas; não apenas para os que nele criam, mas também para os incrédulos e até mesmo a inimigos. Postular que houve uma reação em cadeia entre os discípulos também não resolveria o problema, pois pessoas como Tiago e Paulo não fazem parte dessa cadeia. Os que explicariam as aparições em termos psicológicos são levados a construir um mosaico, reunindo diferentes casos não relacionados de experiências alucinatórias, o que serve apenas para ressaltar que não há nada parecido com aparições da ressurreição nos livros de psicologia.

3. *Plausibilidade.* Lüdemann tenta tornar plausível sua hipótese da alucinação por meio de uma psicanálise de Pedro e Paulo. Ele acredita que ambos sofriam de um complexo de culpa que encontrou vazão nas alucinações de Jesus. Mas a psicanálise de Lüdemann é implausível por três razões: primeiro, o uso que ele faz da

psicologia profunda baseia-se em certas teorias de Jung e Freud, que são objetos de altas polêmicas. Segundo, os dados para se fazer uma psicanálise de Pedro e Paulo são insuficientes. Uma psicanálise já é algo difícil o bastante para ser feita com pacientes ali, no divã do analista, que dirá dessa tentativa praticamente impossível de analisar figuras históricas. Justamente por isso a tentativa de escrever psicobiografias é algo refutado pelos historiadores atuais. Em terceiro lugar, a evidência que de fato temos sugere que Paulo nunca lutou com um complexo de culpa, como supõe Lüdemann. Perto de 50 anos atrás, Krister Stendahl, um estudioso sueco, apontou que os leitores ocidentais tendiam a interpretar Paulo à luz da luta de Martinho Lutero com a culpa e o pecado. Mas Paulo (ou Saulo), o fariseu, não passou por essa luta. Stendhal escreve:

Contraste com Paulo, um judeu muito feliz e bem-sucedido, alguém que pode dizer: “quanto à justiça que há na lei, eu era irrepreensível” (Fp 3.6). Isso foi o que ele disse. Ele não tinha dificuldades, problemas ou dramas de consciência. Ele fora um aluno brilhante, o estudante que ganharia a melhor bolsa de estudos do seminário de Gamaliel [...] Em lugar algum nos escritos de Paulo existe o menor sinal [...] de que ele tivesse algum problema de consciência.⁸

A fim de justificar o perfil que constrói de um Paulo que carrega um sentimento de culpa, Lüdermann é forçado a interpretar Romanos 7 em termos da experiência de Paulo anterior ao cristianismo. Contudo, essa interpretação é rejeitada por quase todos os comentaristas desde o final da década de 1920. Logo, a psicanálise de Lüdermann é positivamente implausível.

Um segundo sentido em que a hipótese da alucinação é implausível é quando toma as aparições posteriores à ressurreição como experiências meramente visionárias. Lüdemann reconhece que a

⁸ Kristen Stendahl, *Paul Among Jews and Gentiles*. Philadelphia: Fortress, 1976, p. 12-13.



hipótese da alucinação depende do pressuposto de que aquilo que Paulo viveu na estrada de Damasco foi o mesmo que todos os demais discípulos viveram. Porém, esse pressuposto é infundado. Ao se incluir na lista de testemunhas oculares das aparições de Cristo após a ressurreição, Paulo, de modo algum, está deixando implícito que todas elas foram exatamente como a visão que ele teve. Muitos dos opositores de Paulo em Corinto negavam que ele fosse um verdadeiro apóstolo; assim, Paulo estava ansioso para se incluir entre os demais apóstolos que tinham visto a Cristo. Paulo estava tentando trazer a sua experiência para a objetividade e realidade deles, e não o contrário, ou seja, rebaixar a experiência dos apóstolos ao nível de meras experiências visionárias.

Portanto, a hipótese da alucinação sofre de implausibilidade com respeito à psicanálise que faz das testemunhas e à grosseira redução das aparições a experiências visionárias.

4. *Menos artificial.* A versão de Lüdemann para a hipótese da alucinação é artificial por uma série de motivos. Por exemplo, ela presume que os discípulos fugiram para a Galileia, após a prisão de Jesus; presume que Pedro estava tão obcecado pela culpa que projetou uma alucinação de Jesus; presume que os outros discípulos também tinham tendência a ter alucinações e que Paulo tinha dificuldades com a lei judaica e uma atração secreta pelo cristianismo.

5. *Refutada por poucas crenças aceitas.* Algumas das crenças aceitas pelos estudiosos atuais do Novo Testamento tendem a refutar a hipótese da alucinação, ou pelo menos a refutar o modo como Lüdemann a apresenta. Por exemplo, eles aceitam que Jesus foi colocado no sepulcro por José de Arimateia, que as mulheres encontraram o sepulcro vazio, que é impraticável fazer a psicanálise de figuras históricas, que Paulo estava basicamente feliz com sua vida sob a lei judaica e que o Novo Testamento faz uma distinção entre meras visões e uma aparição posterior à ressurreição.

6. *Supera outras hipóteses no cumprimento dos requisitos de 1 a 5.* A hipótese da



PARA DISCUTIR

Por que você acha que a hipótese da alucinação é hoje a mais importante entre aquelas que negam a ressurreição de Jesus?

alucinação continua a ser uma opção presente nos dias de hoje e, nesse aspecto, superou suas rivais naturalistas. Mas a verdadeira questão é se ela supera a hipótese da ressurreição.



Hipótese da ressurreição

Já vimos como as típicas explicações para o sepulcro vazio, as aparições posteriores à ressurreição e as origens da fé dos discípulos se saem quando avaliadas por critérios padrões para testar hipóteses históricas. Elas são especialmente fracas no que diz respeito ao seu âmbito e poder explicativos e, em geral, altamente implausíveis.

Mas será que a hipótese da ressurreição se sai melhor na explicação das evidências? Existe uma explicação melhor do que as implausíveis explicações naturalistas propostas no passado? A fim de responder a essas questões, vamos aplicar os mesmos critérios aplicados anteriormente à hipótese de que “Deus ressuscitou Jesus dos mortos”.

1. *Ambito explicativo.* O âmbito explicativo dessa hipótese é maior do que o das explicações concorrentes, como a das hipóteses da alucinação ou da remoção do corpo, pois ela explica todos os três principais fatos em discussão, enquanto as outras hipóteses explicam apenas um.

2. *Poder explicativo.* Essa talvez seja maior força da hipótese da ressurreição. As hipóteses da conspiração e da morte aparente, por exemplo, simplesmente não oferecem uma explicação convincente para o sepulcro vazio, para as aparições de Jesus e para as origens da fé cristã; de acordo com essas teorias as evidências (por exemplo, a transformação dos discípulos) se tornam bastante improváveis. Por contraste, de acordo a hipótese da ressurreição de Jesus, parece extremamente provável que o sepulcro devesse estar vazio, que os discípulos devem ter testemunhado aparições do Jesus ressurreto e que eles devem ter vindo a crer na sua ressurreição.

3. *Plausibilidade.* A plausibilidade da ressurreição de Jesus cresce exponencialmente uma vez que a consideremos em seu contexto histórico, a saber, a vida sem comparação de Jesus e suas afirmações

radicais, e em seu contexto filosófico, a saber, a evidência em favor da existência de Deus. Uma vez que alguém aceite a visão de que Deus existe, a hipótese de que Deus ressuscitaria Jesus dos mortos não é mais implausível do que as hipóteses concorrentes.

4. *Menos artificial.* A hipótese da ressurreição possui grande âmbito e poder explicativos, mas alguns estudiosos acusaram-na de ser artificial. Ser artificial, como você deve se lembrar, é uma questão de quantas novas suposições uma hipótese deve fazer que não sejam implícitas pelo conhecimento existente.

Com base nessa definição, no entanto, é difícil ver por que a hipótese da ressurreição é tão extraordinariamente artificial. Pois ela requer apenas uma única suposição nova: que Deus existe. Certamente as hipóteses concorrentes requerem muitas suposições novas. Por exemplo, a hipótese da conspiração requer que suponhamos que o caráter moral dos discípulos tinha falhas, algo que por certo não fica implícito pelo conhecimento já existente. A hipótese da morte aparente requer a suposição de que a lança que o centurião cravou no lado do corpo de Jesus fez apenas um arranhão superficial ou é um detalhe não histórico na narrativa, o que de novo vai além do conhecimento existente. A hipótese da alucinação requer que suponhamos alguma espécie de preparo emocional dos discípulos que os deixaram predispostos a projetar visões de Jesus ressurreto, algo que também não está implícito no conhecimento que temos. Exemplos como esses podem se multiplicar.

Além do mais, para uma pessoa que *já* crê em Deus, a hipótese da ressurreição nem sequer introduz a nova suposição da existência de Deus, uma vez que esse dado já está implícito no conhecimento que essa pessoa tem. Portanto, não se pode dizer que a hipótese da ressurreição seja artificial simplesmente em virtude da quantidade de novas suposições que ela introduz.

Se nossa hipótese é artificial, então deve ser por outros motivos. As hipóteses científicas normalmente incluem a suposição da existência de novas entidades, tais como quarks, cordas, grávitons, buracos negros e coisas do gênero, sem que essas teorias sejam taxadas



de serem artificiais. Os filósofos da ciência acharam notoriamente difícil explicar o que exatamente torna a hipótese da ressurreição artificial. Parece haver um clima de artificialidade acerca de uma hipótese que julgam ser artificial, um clima que pode ser sentido por aqueles que são praticantes experientes da ciência relevante.

Hoje penso que a sensação de desconforto que muitas pessoas, *mesmo cristãs*, sentem a respeito de apelar a Deus como parte de uma hipótese para explicar algum fenômeno está no fato de que fazer isso tem esse ar de artificialidade. Simplesmente parece ser tão fácil, quando alguém se vê confrontado por algum fenômeno sem explicação, apenas levantar a mão e dizer: “Foi Deus que fez isso!”. A hipótese de que “Deus ressuscitou Jesus dos mortos” é artificial nesse sentido?

Não acredito nisso. Uma explicação sobrenatural para o sepulcro vazio, as aparições de Jesus e as origens da fé cristã dificilmente pode ser considerada artificial dado o contexto sem paralelos da própria vida de Jesus, de seu ministério e de suas alegações pessoais. Uma hipótese sobrenatural prontamente se encaixa em tal contexto. Além disso, é precisamente por causa desse contexto histórico que a hipótese da ressurreição não parece artificial, quando comparada com explicações miraculosas de outros tipos. Por exemplo, com a explicação de que um milagre psicológico ocorreu, levando homens e mulheres perfeitamente normais a se tornarem conspiradores e mentirosos dispostos a serem martirizados por suas mentiras; ou que um “milagre biológico” aconteceu, algo que impediu que Jesus morresse na cruz (a despeito da lança cravada em seu corpo e assim por diante). São *essas* hipóteses miraculosas que deveriam nos causar admiração por serem artificiais, e não a hipótese da ressurreição, pois ela faz todo sentido do mundo no contexto do ministério e das alegações pessoais radicais de Jesus. Portanto, a meu ver parece que a hipótese da ressurreição não pode ser taxada de excessivamente artificial.

5. *Refutada por poucas crenças aceitas.* Não consigo pensar em alguma crença aceita que seja capaz de refutar a hipótese da ressurreição — a menos que alguém pense, digamos, na afirmação “homens

mortos não ressuscitam” como uma refutação. No entanto, essa generalização baseada no que naturalmente acontece quando as pessoas morrem nada faz no sentido de refutar a hipótese de que Deus ressuscitou Jesus dos mortos. Pode de forma consistente acreditar em ambas, ou seja, que os seres humanos não ressuscitam naturalmente dos mortos e que Deus ressuscitou Jesus dos mortos. Por contraste, as teorias concorrentes são refutadas por crenças aceitas como, por exemplo, a instabilidade das conspirações, a probabilidade da morte em consequência da crucificação, as características psicológicas das experiências alucinatórias e assim por diante, como já vimos.

6. *Supera outras hipóteses no cumprimento dos requisitos de 1 a 5.* Certamente existe pouca chance de alguma das hipóteses concorrentes algum dia superar a hipótese da ressurreição no que concerne ao cumprimento dos requisitos apontados. A perplexidade dos eruditos contemporâneos quando confrontados com fatos como o sepulcro vazio, as aparições de Jesus e as origens da fé cristã sugere que não há no horizonte nenhuma hipótese rival que seja melhor. Uma vez que se abra mão do preconceito contra milagres, é difícil negar que a ressurreição de Jesus é a melhor explicação para os fatos.

Conclusão

Concluindo, portanto, temos três fatos estabelecidos e independentes — o sepulcro vazio, as aparições de Jesus e as origens da fé cristã — que apontam todos para a mesma maravilhosa conclusão: que Deus ressuscitou Jesus dos mortos. Dado o fato de que Deus existe, essa conclusão não pode ser barrada por ninguém que esteja em busca do sentido da existência.



UMA DEFESA DA HISTORICIDADE DA RESSURREIÇÃO DE JESUS



- I. Determinando a evidência a ser explicada
 - A. O sepulcro de Jesus foi encontrado vazio por um grupo de suas seguidoras, no primeiro dia da semana após sua crucificação.
 1. A confiabilidade histórica do relato do sepultamento de Jesus sustenta o sepulcro vazio.
 2. O relato do sepulcro vazio está registrado de forma independente em fontes muito antigas.
 3. O relato de marcos é singelo e carece de criações lendárias.
 4. O sepulcro foi encontrado por mulheres.
 5. A primeira reação dos judeus aos discípulos pressupõe o sepulcro vazio.
 - B. Vários indivíduos e grupos diferentes, em diferentes ocasiões e nas mais variadas circunstâncias passaram pela experiência das aparições de Jesus.
 1. A lista que Paulo fornece de testemunhas oculares das aparições de Jesus após a ressurreição garantem que tais aparições ocorreram.
 2. Os relatos dos evangelhos fornecem múltiplos e independentes relatos das aparições
 3. As aparições de Jesus foram físicas, corpóreas.
 - C. Os primeiros discípulos vieram a crer com sinceridade na ressurreição de Jesus, a despeito de todas as predisposições em contrário.
 1. Os judeus não nutriam nenhuma expectativa de um Messias que, em vez de triunfar sobre os inimigos de Israel, seria vergonhosamente executado por eles como um criminoso.
 2. As crenças dos judeus sobre a vida após a morte excluíam a possibilidade de que alguém ressuscitasse da morte para a glória e a imortalidade antes da ressurreição do fim do mundo.

II. Explicando a evidência

- A. As explicações concorrentes não se saem muito bem quando analisadas pelos critérios padrões para a melhor explicação, tais como o âmbito explicativo, o poder explicativo, a plausibilidade, o fato de ser artificial, de ser refutada por poucas crenças aceitas ou de superar outras hipóteses no cumprimento desses requisitos.
 - 1. Hipótese da conspiração
 - 2. Hipótese da morte aparente
 - 3. Hipótese da remoção do corpo
 - 4. Hipótese da alucinação
- B. A hipótese da ressurreição, quando julgada por esses mesmos critérios, desponta como a melhor explicação.



CAPÍTULO 10

JESUS É O ÚNICO CAMINHO QUE LEVA A DEUS>

E não há salvação em nenhum outro, pois debaixo do céu não há outro nome entre os homens pelo qual devamos ser salvos (At 4.12).

Sou convidado com frequência para falar sobre a existência de Deus em universidades do Canadá. Tipicamente apresento uma defesa cumulativa que culmina na ressurreição de Jesus. Depois de uma dessas palestras, uma estudante ligeiramente irada escreveu em sua ficha de comentários: “Estava com você até que começou a falar aquelas coisas sobre Jesus. Deus *não* é o Deus dos cristãos”.

Essa é uma atitude bastante difundida na cultura ocidental de hoje. A maior parte das pessoas fica feliz em concordar que Deus existe; mas em nossa sociedade pluralista tornou-se politicamente incorreto alegar que Deus se revelou de forma definitiva em Jesus.

O que ensina o Novo Testamento

Contudo, isso é exatamente o que o Novo Testamento claramente ensina. Tomemos as cartas do apóstolo Paulo, por exemplo. Ele convida os gentios convertidos a se lembrarem dos dias em que não eram cristãos: “Portanto, lembrai-vos de que, no passado, vós, gentios por natureza, chamados incircuncisão pelos que se chamam circuncisão, feita pela mão de homens, estáveis naquele tempo sem Cristo, separados da comunidade de Israel, estranhos às alianças da promessa, *sem esperança e sem Deus no mundo*” (Ef 2.11-12).

Cabe aos capítulos de abertura da carta de Paulo aos romanos mostrar que essa condição desoladora é a condição geral em que se encontra a humanidade. Paulo explica

que o poder e a divindade de Deus se dão a conhecer através da criação que nos cerca, de modo que todos os homens são indesculpáveis (1.20), e que Deus escreveu sua lei em seus corações, de modo que todos são moralmente responsáveis diante dele (2.15). Embora Deus ofereça vida eterna a todo que responder de maneira apropriada à revelação geral de Deus na natureza e na consciência (2.7), o triste fato é que, em vez de adorar e servir ao seu Criador, os homens ignoram a Deus e desprezam a sua lei (1.21-32). A conclusão é que todos os homens encontram-se sob o poder do pecado (3.9-12).



Perpétua foi uma jovem mãe que foi presa no início do século III d.C. por se recusar a reconhecer outros deuses além de Cristo. Ela e muitos outros foram sentenciados a morrerem despedaçados por feras selvagens. Quando estava na prisão ela escreveu um relato de sua experiência que chegou até nossos dias.



O que é pior, Paulo prossegue explicando que ninguém pode redimir a si mesmo por viver justamente (3.19-20). Portanto, estamos totalmente desamparados. Felizmente, porém, Deus providenciou uma saída para nós: Jesus Cristo morreu pelos pecados da humanidade, assim satisfazendo a exigência de Deus por justiça e facilitando nossa reconciliação com Deus (3.21-26). Por meio de sua morte expiatória, a salvação se torna disponível como um dom a ser recebido pela fé.

A lógica do Novo Testamento é clara: A *universalidade do pecado* e a *singularidade da morte expiatória de Cristo* implicam no fato de que não há salvação fora de Cristo. Como proclamavam os apóstolos: “E não há salvação em nenhum outro, pois debaixo do céu não há outro nome entre os homens pelo qual devamos ser salvos” (At 4.12).

Essa doutrina particularista da salvação apenas por meio de Cristo era tão escandalosa para o mundo romano politeísta quanto o é para a cultura ocidental contemporânea. Os primeiros cristãos frequentemente eram submetidos à severa perseguição, tortura e até à morte por se recusarem a acatar uma perspectiva pluralista em relação às religiões. Com o tempo, porém, à medida que o cristianismo cresceu e se tornou a religião oficial do Império Romano, o escândalo ficou para trás. Na verdade, para pensadores medievais como Agostinho e Tomás de Aquino, uma das marcas da verdadeira igreja era a universalidade. Para eles parecia inconcebível que o grande edifício da igreja cristã, que abrangia toda a civilização, pudesse estar fundamentado sobre uma mentira.

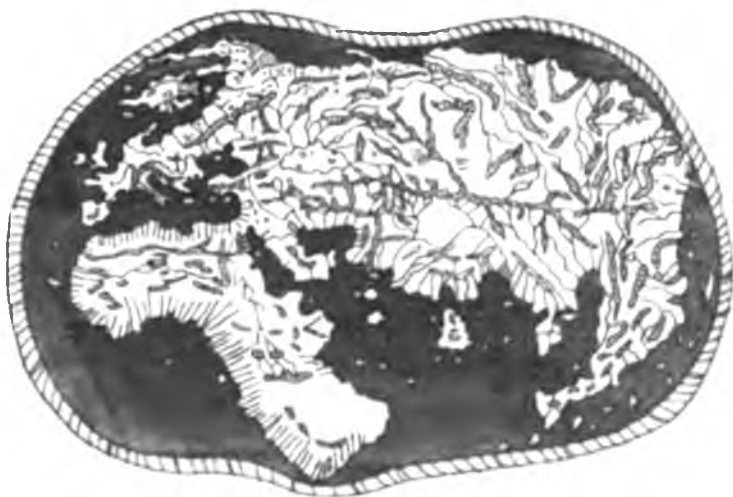
O fim da doutrina tradicional

O fim dessa doutrina veio com a chamada expansão da Europa, ou seja, os três séculos de exploração e descobrimentos que se estenderam de cerca de 1450 a 1750. Por meio das viagens de homens como Marco Pólo, Cristóvão Colombo e Fernão de Magalhães, foram descobertos novos mundos e novas civilizações que nada sabiam sobre a fé cristã. A percepção de que a maior parte da população mundial

estava além das fronteiras do cristianismo teve um duplo impacto sobre o pensamento religioso das pessoas.

Primeiro, isso tendeu a relativizar as crenças religiosas. As pessoas perceberam que, longe de ser a religião universal da humanidade, o cristianismo estava grandemente confinado à Europa ocidental, um recanto do globo terrestre. A impressão que se tinha era que nenhuma religião em particular poderia alegar ter uma validade universal; cada sociedade parecia ter uma religião própria que se adequava às suas necessidades peculiares.

Segundo, fez com que a alegação do cristianismo de ser o único caminho para a salvação parecesse estreita e cruel. Os racionalistas do Iluminismo, como Voltaire, escarneciam dos cristãos daquela época recorrendo ao panorama de milhões de chineses serem condenados ao inferno por não terem crido em Jesus, quando eles nem sequer haviam ouvido falar de Cristo.



Um mapa-múndi traçado em 1498 pelo cartógrafo Henricus Martellus dava mostras de um conhecimento cada vez maior da costa ocidental da África e Ásia. Em pouco tempo o Novo Mundo seria incluído nesses mapas.

Nos próprios dias de hoje, o afluxo de imigrantes vindos de antigas colônias para as nações do Ocidente e o progresso das telecomunicações que contribuiu para fazer do mundo uma vila global

aumentaram nossa consciência da diversidade religiosa da humanidade. Em consequência disso, o pluralismo religioso — a visão de que muitos caminhos levam a Deus — hoje se tornou novamente a sabedoria convencional.



O problema trazido pela diversidade religiosa

Mas qual é, exatamente, o problema trazido pela diversidade religiosa? E para quem isso supostamente é um problema? Quando se lê o que foi escrito sobre o assunto, o desafio constante parece se voltar para o particularismo cristão, para a pessoa que afirma que Cristo é o único caminho que leva a Deus. O fenômeno do pluralismo é tomado como algo que implica a verdade do pluralismo, e o principal debate então se torna a questão de qual forma de pluralismo é a mais plausível. Mas por que pensar que o particularismo cristão é insustentável em face da diversidade religiosa? Qual parece ser o problema exatamente?

Argumentos falaciosos em prol do pluralismo

Quando analisamos os argumentos apresentados em defesa do pluralismo, descobrimos que muitos deles são quase que exemplos de falácias informais encontrados em livros-texto de lógica.

Ad hominem

Por exemplo, frequentemente se afirma que é uma postura arrogante e imoral defender qualquer forma de particularismo religioso, pois com isso se tem que considerar todos que discordem de você como estando errados. Portanto, o particularismo religioso é falso.

Isso mais se parece com um exemplo que encontramos em livros-texto de lógica, conhecido como “argumento *ad hominem*”, que tenta invalidar um argumento atacando o caráter de quem defende o argumento, e não o argumento em si. Isso é uma falácia porque a verdade de um argumento independe do caráter moral daqueles que nele acreditam. A título de ilustração, podemos dar

O PARTICULARISMO
RELIGIOSO VS.
O PLURALISMO
RELIGIOSO

Particularismo é a visão de que somente uma religião é o caminho para a salvação. *Pluralismo* é a visão de que muitas religiões são caminhos para a salvação.

Relembre as definições de falácia formal e falácia informal no capítulo 3, página 64.

o seguinte exemplo: Imagine que um cientista tenha finalmente descoberto uma vacina para a AIDS. Imagine que esse cientista está cheio de si por seu feito. Ele se vangloria abertamente de sua descoberta, diz que merece receber o prêmio Nobel, menospreza a capacidade de seus colegas por não terem feito essa descoberta, e assim por diante. Seu comportamento é claramente arrogante e imoral. Contudo, será que isso de algum modo diminui a verdade de que foi ele quem descobriu a vacina? Ou mais ainda, se você tivesse AIDS, se recusaria a tomar a vacina pelo fato de o cientista que a descobriu ser arrogante e imoral? Espero que não! A verdade de uma proposição independe do caráter daqueles que a sustentam. Do mesmo modo, mesmo se fosse o caso de todos os particularistas religiosos serem arrogantes e imorais, isso nada faria para provar que sua visão particularista é falsa.

Não só isso, mas por que pensar que arrogância e imoralidade são condições necessárias para ser um particularista? Suponha que eu tenha feito tudo que está ao meu alcance para descobrir a verdade sobre Deus. Suponha que eu tenha estudado várias religiões e que sinceramente tenha buscado Deus em oração. Suponha que, em consequência da minha busca eu esteja convencido de que o cristianismo é verdadeiro e, assim, humildemente aceite a fé cristã como um dom imerecido de Deus. Será que sou arrogante e imoral por crer em algo que sinceramente creio ser a verdade? Que mais

posso fazer a não ser crer nisso? Ora, creio que isso é *verdade*!

Por fim, e o que é mais fundamental, essa objeção é uma espada de dois gumes, pois o pluralista também acredita que a visão *dele* é a correta e que todos os que creem em religiões particularistas estão *errados*. Portanto,

se sustentar uma visão da qual muitos discordam faz de você uma pessoa arrogante e imoral, então o próprio pluralista seria condenado por arrogância e imoralidade.



PARA DISCUTIR

Você acha que é arrogância da parte do pluralista religioso a postura de achar que a sua visão está correta e todos os particularistas religiosos estão errados? Explique.



Falácia genética

Ou para dar outro exemplo, frequentemente alega-se que o particularismo cristão não pode ser corrigido pelo fato de que crenças religiosas são culturalmente relativas. Por exemplo, se você tivesse nascido no Paquistão, é bem provável que teria sido um muçulmano. Portanto, sua crença no cristianismo é falsa ou injustificável.

Mas isso de novo parece ser um exemplo, extraído de um livro-texto de lógica, de algo que é chamado a “falácia genética”. Significa tentar invalidar uma posição criticando o modo como a pessoa veio a crer nessa posição. O fato de que suas crenças dependem de onde e quando você nasceu não tem qualquer relevância para a *verdade* dessas crenças. Se você tivesse nascido na Grécia antiga, provavelmente teria acreditado que o sol gira em torno da Terra. Isso por acaso implica que a crença de que a Terra gira em torno do sol seja, portanto, falsa ou injustificável? Obviamente que não!

E mais uma vez, para variar, o pluralista puxa o tapete debaixo dos próprios pés? Pois se ele tivesse nascido no Paquistão, então ele provavelmente teria sido um particularista religioso! Logo, segundo sua própria análise, o pluralismo que ele defende é, portanto, falso e injustificável, pois é meramente um produto do fato de ele ter nascido no final do século xx, em uma sociedade ocidental

O problema com o particularismo cristão

Assim, alguns dos argumentos que frequentemente se ouvem contra o particularismo cristão não impressionam nem um pouco. Porém, não pense que pelo fato de tais argumentos serem costumeiramente apresentados em defesa do pluralismo religioso isso faz com que o pluralismo religioso não represente um grave desafio à fé cristã. Pelo contrário, penso que representa sim um grave desafio à nossa fé. Contudo, o fato de desvendar esses argumentos falaciosos pode nos ajudar a chegar ao verdadeiro problema que está à espreita, em segundo plano.

O verdadeiro problema está no destino dos incrédulos fora da própria tradição religiosa em particular. O particularismo cristão condena tais pessoas ao inferno, algo que os pluralistas têm como inaceitável.

Em lugar algum esse problema está mais bem ilustrado do que na vida do próprio orientador de meu doutorado, John Hick. Ele começou sua carreira como um teólogo cristão relativamente conservador. Seu primeiro livro intitulava-se *Christianity at the Centre* [Cristianismo no centro]. Mas à medida que ele começou a estudar as outras religiões do mundo e passou a ter contato com muitos de seus piedosos seguidores, ele achou simplesmente inconcebível que pessoas tão boas estivessem a caminho do inferno. E ele percebeu o que isso significava. De algum modo, ele tinha que colocar Jesus fora do centro. Enquanto a encarnação e a morte expiatória de Cristo fossem retidas, Cristo não poderia ser marginalizado com sucesso. Para tanto, ele publicou o *The Myth of God Incarnate* [O mito do Deus encarnado], obra em que argumenta que essas doutrinas centrais do cristianismo não são verdade, mas meros mitos. Ele escreveu:

O problema que veio à tona no encontro do cristianismo com as outras religiões do mundo é este: Se Jesus é literalmente o Deus encarnado e se é somente por sua morte que os homens podem ser salvos, e se é somente por sua resposta a ele que eles podem se apropriar da salvação, então, o único caminho para a vida eterna é a fé cristã. Disso se segue que a maioria da raça humana até aqui não foi salva. Mas dá para acreditar que um Deus amoroso, pai de todos os homens, tenha decretado que somente aqueles que nasceram dentro de um ramo em particular da história humana serão salvos?¹

¹ John HICK, "Jesus and the World Religions, in *The Myth of God Incarnate*, ed. John Hick. Londres: SCM, 1977, p. 180.

Este é o verdadeiro problema levantado pela diversidade religiosa da humanidade: o destino daqueles que estão fora da tradição cristã.



O inferno é o problema?

Qual exatamente deve ser o suposto problema aqui? Qual é o problema em sustentar que a salvação só está disponível por meio de Cristo? O suposto problema está no fato de que simplesmente um Deus amoroso não mandaria as pessoas para o inferno?

Não penso que seja isso. A Bíblia diz que Deus deseja a salvação de cada ser humano: “O Senhor [...] não quer que ninguém pereça, mas que todos venham a se arrepender” (2Pe 3.9). E novamente, ele “deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1Tm 2.4). Deus também disse através do profeta Ezequiel:

Por acaso tenho algum prazer na morte do ímpio?, diz o SENHOR Deus. Por acaso não desejo que se converta dos seus caminhos e viva? [...] Porque não tenho prazer na morte de ninguém, diz o SENHOR Deus; convertei-vos e vivei. [...] Dize-lhes: ‘Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, não tenho prazer na morte do ímpio, mas sim em que o ímpio se converta do seu caminho e viva. Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; por que morreríeis, ó casa de Israel? (Ez 18.23,32; 33.11).

Nessa passagem Deus literalmente roga às pessoas que deixem seu caminho de autodestruição e sejam salvas.

Assim, nesse sentido, Deus não envia ninguém para o inferno. Ele deseja que todos sejam salvos, e procura trazer as pessoas para ele mesmo. Se fizermos uma opção livre e esclarecida de rejeitar o sacrifício de Cristo por nossos pecados, nada mais resta a Deus senão nos dar aquilo que merecemos. Deus não nos mandará para o inferno, mas nós mesmos nos mandaremos.

PARA DISCUTIR

Quão fácil é para você responder friamente e racionalmente, em vez de emocionalmente, à ideia de que pessoas que nunca ouviram falar de Cristo vão enfrentar o sofrimento eterno? O que o ajuda a fazer isso? O que torna isso mais difícil?



Nosso destino eterno, portanto, está em nossas mãos. Onde passaremos a eternidade é uma questão de nossa livre escolha. Aqueles que se perdem, portanto, condenaram a si mesmo; eles se afastaram de Deus, apesar do desejo e dos esforços de Deus para salvá-los, e Deus lamenta a sua perda.

A punição é adequada ao crime?

Ora, os pluralistas devem admitir que, dada a liberdade humana, Deus não pode garantir que todo mundo seja salvo. Alguns podem livremente condenar a si mesmos ao rejeitar a oferta de salvação de Deus. Mas, podem eles argumentar, seria injusto da parte de Deus condenar essas pessoas para sempre. Pois mesmo terríveis pecados como os cometidos pelos torturadores nazistas nos campos de concentração merecem somente uma punição finita. Portanto, o inferno no máximo poderia ser uma espécie de purgatório, cuja duração teria um tempo apropriado para cada pessoa, antes de a pessoa ser liberada e admitida no céu. No fim o inferno ficaria vazio e o céu cheio. Assim, ironicamente, o inferno é incompatível não com o amor de Deus, mas com a sua justiça. A objeção acusa Deus de ser injusto pelo fato de a punição não ser adequada ao crime.

Porém, mais uma vez me parece que esse não é o verdadeiro problema. Pois essa objeção parece falha em pelos menos dois modos:

Primeiro, ela se equivoca entre cada pecado que cometemos e todos os pecados que cometemos. Poderíamos até concordar que cada pecado individual que uma pessoa comete merece apenas uma punição finita. Mas disso não se segue que todos os pecados de uma pessoa tomados em seu conjunto mereçam apenas uma punição finita. Se uma pessoa comete um número infinito de pecados, então, a soma total desses pecados merece uma punição de igual quilate, ou seja, infinita.

Ora, é evidente que ninguém comete um número infinito de pecados durante sua vida terrena. Mas o que dizer durante a vida depois da morte? Na medida em que os habitantes do inferno continuam a odiar e rejeitar a Deus, eles continuam a pecar e, com isso,



atraem para si mesmos mais culpa e mais punição. Em um sentido real, então, o inferno perpetua a si mesmo. Nesse caso, cada pecado tem uma punição finita, mas pelo fato de a atitude de pecar continuar para sempre, o mesmo acontece com a punição.

Segundo, por que pensar que cada pecado tem apenas uma punição finita? Poderíamos concordar com a ideia de que pecados como roubar, mentir, cometer adultério e assim por diante causam apenas consequências finitas e, sendo assim, merecem apenas uma punição finita. Contudo, em certo sentido, esses pecados não são o que separaram alguém de Deus. Pois Cristo morreu por esses pecados; a pena por eles já foi paga. A pessoa tem somente que aceitar Cristo como Salvador para estar completamente livre e purificada desses pecados.

Mas a recusa de aceitar a Cristo e a seu sacrifício parece ser um pecado de ordem totalmente diferente. Pois esse pecado repudia a provisão de Deus para o pecado e assim decisivamente separa a pessoa de Deus e de sua salvação. Rejeitar a Cristo é rejeitar ao próprio Deus. E, à luz do que Deus é, esse é um pecado de gravidade e proporções infinitas e, portanto, plausivelmente merece uma punição infinita. Não devemos, portanto, pensar no inferno primariamente como uma punição para a ordem de pecados de consequência finita que tenhamos cometido, mas sim como a justa pena para um pecado de consequência infinita, a saber, o pecado de rejeitar ao próprio Deus.

O problema é a falta de informação?

Porem, talvez o suposto problema seja o fato de que um Deus amoroso não mandaria pessoas para o inferno por elas *não serem informadas* ou serem *mal informadas* a respeito de Cristo. Não se pode esperar que pessoas que nunca ouviram falar de Cristo ou que receberam uma imagem distorcida de Cristo depositem sua fé nele.

Novamente isso não me parece ser o cerne do problema. Pois, segundo a Bíblia, Deus não julga as pessoas que nunca ouviram falar de Cristo com base no fato de elas terem ou não depositado sua fé em Cristo. Antes Deus as julga com base na luz de sua revelação geral na natureza e na consciência que elas de fato possuem. A oferta

O INFERNO DE DANTI

Dante Alighieri, poeta italiano da Idade Média, escreveu um poema chamado *Inferno* que retrata o inferno com um horror gótico. No entanto, ele cuidadosamente escolheu cada tipo de sofrimento para ilustrar sua crença de que a punição para o pecado é o próprio pecado. Isto é, o pecado de cada pessoa molda sua alma de tal modo que ela cria sua própria agonia. Por exemplo, Satanás fica no fundo do inferno envolto em gelo até a altura do peito. O que mantém o gelo é o interminável bater de suas asas de morcego. O bater das asas exprime vontade dele: "Eu *vou* voar até as alturas do céu e ser igual a Deus do meu próprio modo". Se ele pudesse ao menos ser mais humilde e parar de bater suas asas, o gelo derreteria e ele estaria livre. Mas ele nunca fará isso.

Os teólogos fazem uma distinção entre a revelação geral e a revelação especial de Deus. Elas diferem pelo fato de que a primeira é mais genérica que a última tanto em termos de sua disponibilidade quanto em termos da informação que transmite. A existência e o poder de Deus são revelados de forma geral na natureza, e sua fundamental lei moral é instintivamente compreendida pelas pessoas de todos os tempos e lugares. Deus se revela especificamente a pessoas de certos tempos através de sua Palavra e supremamente através de Jesus Cristo. Surge então a seguinte questão: Como Deus julgará aqueles que experimentaram sua revelação geral na natureza e em suas consciências, mas não conheceram sua revelação especial?

de Romanos 2.7 —“Assim, ele dará a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e imortalidade” — é uma oferta de salvação caracterizada pela boa fé. Aquele que sente a necessidade de ser perdoado, por meio de sua consciência culpada, e se lança sobre a misericórdia do Deus revelado na natureza pode encontrar salvação. Isso não é o mesmo que dizer que as pessoas possam ser salvas sem Cristo. Antes é dizer que os benefícios da morte expiatória de Cristo podem ser aplicados às pessoas sem que elas tenham um conhecimento consciente de Cristo.

Tais pessoas seriam como certas pessoas mencionadas no Antigo Testamento, como Jó e Melquisedeque, que foram salvas somente por meio de Cristo, mas que não tinham um conhecimento consciente dele. Eles não eram nem mesmo membros da família da aliança de Israel, mas, contudo, claramente desfrutavam de um relacionamento pessoal com Deus. Do mesmo modo, poderia haver outros Jós em nossos dias entre a porcentagem de pessoas da população do mundo que ainda precisam ouvir o evangelho de Cristo.

Infelizmente, o testemunho do Novo Testamento, como vimos, é que as pessoas geralmente não chegam a alcançar nem mesmo os padrões mais baixos da revelação geral. Assim, há poucos motivos para sermos otimistas sobre a existência de pessoas, se é que existe alguém, que de fato serão salvas por meio de sua reação somente à revelação geral. Entretanto, permanece a questão de que a salvação está ao *alcance universal* por meio da revelação geral de Deus na natureza e na consciência. Assim, o problema colocado pela diversidade religiosa não pode ser simplesmente o fato de que Deus não condenaria pessoas que *nao fossem informadas* ou que fossem *mal informadas* a respeito de Cristo.

O verdadeiro problema

O verdadeiro problema me parece ser este: Se Deus é onisciente, então ele sabia quem iria aceitar livremente o evangelho e quem não iria. Porém, então, surgem certas questões muito difíceis:

(1) Por que Deus não trouxe o evangelho a pessoas que ele sabia que *iriam* aceitá-lo se o ouvissem, muito embora elas rejeitem a luz da revelação geral que de fato têm?

A título de ilustração: Imagine um índio norte-americano que vivesse na época anterior à chegada dos missionários cristãos. Vamos chamá-lo de “Urso que anda”. Vamos supor que quando ele olha para o céu à noite e vê toda a beleza e complexidade da natureza que o cerca, ele sinta que tudo isso foi criado pelo Grande Espírito. Além do mais, Urso que anda olha para dentro de si mesmo e sente lá a presença de uma lei moral, que diz a ele que todos os homens são irmãos criados pelo Grande Espírito e que, portanto, devemos amar uns aos outros.

Mas vamos supor que em vez de adorar o Grande Espírito e amar seus companheiros, Urso que anda ignore o Grande Espírito e faça totens de outros espíritos e que, em vez de amar seus companheiros, ele seja egoísta e cruel para com eles. Nesse caso, Urso que anda seria justamente condenado por Deus, com base em sua falha em responder à revelação geral de Deus na natureza e em sua consciência.

Mas vamos supor agora que se os missionários tivessem chegado, então Urso que anda teria crido no evangelho e sido salvo! Nesse caso sua salvação ou condenação parece ser resultado da má sorte. Sem ter cometido nenhuma falha por si mesmo, simplesmente aconteceu de ele ter nascido em um tempo e lugar na história em que o evangelho ainda não se encontrava disponível. Sua condenação é justa; mas será que um Deus que ama a todos permitiria que o destino eterno das pessoas dependesse de um acidente histórico e geográfico?

(2) O que é ainda mais fundamental, por que Deus criou o mundo, quando ele sabia que tantas pessoas não creriam no evangelho e seriam condenadas? Uma vez que a criação é um ato livre de Deus, por que não ter deixado simplesmente de criar qualquer criatura livre que fosse?



PARA DISCUTIR

Você acredita que muitas pessoas são salvas sem um conhecimento consciente de Cristo, por causa de sua resposta à revelação geral? O que leva você a pensar isso?

(3) Ou pensando de forma ainda mais radical, por que Deus não criou um mundo em que todos acreditassem livremente no evangelho e fossem salvos? Tal mundo deve ser logicamente possível, uma vez que as pessoas são livres para crer ou não. Então, por que Deus não criou um mundo em que toda pessoa livremente escolhesse depositar sua fé em Cristo e fosse salva? O que se espera que um cristão diga diante dessas questões? O cristianismo criou um Deus cruel e sem amor?

O problema analisado

A fim de responder a essas questões algo que pode nos ajudar é examinar mais de perto a estrutura lógica do problema que temos diante de nós. Esse problema parece ser bem semelhante à versão lógica do problema do sofrimento, que analisamos no capítulo 7. Os pluralistas parecem estar alegando que é impossível que Deus seja onipotente e amoroso e, ainda assim, algumas pessoas nunca ouvirem o evangelho e serem condenadas. Ou seja, os pluralistas alegam que os seguintes enunciados são logicamente inconsistentes:

1. Deus seja onipotente e amoroso.
2. Algumas pessoas nunca ouvem o evangelho e são condenadas.

Logo, o particularismo cristão é logicamente incoerente.

Existe uma inconsistência?

Agora precisamos perguntar: Por que pensar que os enunciados 1 e 2 são logicamente inconsistentes? Afinal, não há uma contradição explícita entre eles. Mas se os pluralistas estão alegando que os enunciados 1 e 2 são implicitamente contraditórios, devem estar presumindo algumas premissas ocultas que estariam servindo para revelar essa contradição e torná-la explícita. A pergunta é: Quais são essas premissas ocultas?

Devo confessar que nunca vi uma tentativa sequer por parte dos pluralistas religiosos de identificar essas premissas ocultas. Mas

vamos tentar dar uma mãozinha a eles. Parece-me que eles devem estar presumindo alguma coisa mais ou menos assim:

3. Se Deus é onipotente, ele pode criar um mundo em que todos ouçam o evangelho e sejam livremente salvos.
4. Se Deus é amoroso, ele prefere um mundo em que todos ouçam o evangelho e sejam livremente salvos.

E uma vez que, segundo o enunciado 1, Deus tanto é onipotente quanto amoroso, segue-se que ele pode criar um mundo de salvação universal e que ele prefere um mundo assim. Portanto, esse mundo existe, contrariando o enunciado 2.

Ora, as duas premissas ocultas devem necessariamente ser verdadeiras se os pluralistas pretendem provar a incompatibilidade lógica dos enunciados 1 e 2. Resta, então, a seguinte pergunta: As premissas 3 e 4 são necessariamente verdadeiras?

Considere a premissa 3: Parece ser incontroverso que Deus poderia criar um mundo em que todos ouvissem o evangelho. Não vejo grandes problemas aqui. Porém, enquanto as pessoas forem livres, não há garantias de que todas as pessoas num mundo como esse seriam livremente salvas. De fato, quando refletimos um pouco a esse respeito, vemos que não há razão para pensar que o equilíbrio entre salvos e condenados num mundo como esse seria de qualquer maneira melhor do que o equilíbrio que temos no mundo real!

E logicamente impossível obrigar alguém a fazer algo livremente. Ser onipotente não significa ter a capacidade de fazer o que é logicamente impossível. Portanto, não há garantia de que um mundo hipotético em que todos ouviriam o evangelho e seriam livremente salvos seja algo possível para Deus criar. Por tudo quanto sabemos, em qualquer mundo de pessoas livres que Deus pudesse criar, algumas pessoas iriam livremente rejeitar sua graça salvadora e ser condenadas. Consequentemente a premissa 3 não é necessariamente verdadeira e, portanto, o argumento dos pluralistas é uma falácia.



Mas o que dizer da premissa 4? Ela é necessariamente verdadeira? Vamos supor, a título de argumento, que existam certos mundos possíveis para Deus criar nos quais todos ouçam o evangelho e livremente o aceitem. Sendo Deus amoroso isso o levaria a preferir um desses mundos em detrimento de um mundo como o nosso, em que algumas pessoas não são salvas? Não necessariamente, pois os mundos em que existe a salvação universal podem ter outras deficiências mais importantes que os tornem menos preferíveis. Por exemplo, suponhamos que os únicos mundos em que todos aceitam livremente o evangelho e são salvos possuam pouquíssimos habitantes, digamos, apenas três ou quatro pessoas. Se Deus tivesse criado mais pessoas, então pelo menos uma delas teria livremente rejeitado sua graça e não se salvado. Deveria Deus preferir um desses mundos escassamente habitados em detrimento de um mundo em que multidões de pessoas creem no evangelho e são salvas, mesmo que isso implique que outras pessoas livremente rejeitam sua graça e não são salvas?

Isso está muito longe de ser algo óbvio. Ao mesmo tempo em que Deus dá graça suficiente para a salvação de todas as pessoas que ele cria,

Deus parece não menos amoroso por preferir um mundo mais povoado, muito embora isso implique que algumas pessoas vão livremente resistir aos esforços que ele faz para salvá-las, e serão condenadas. Assim, a segunda premissa dos pluralistas também não é necessariamente verdadeira, de modo que o argumento deles revela-se duplamente falacioso.

Portanto, nenhuma das premissas dos pluralistas parece ser necessariamente verdadeira. A menos que os pluralistas possam sugerir outras premissas, não temos motivo para pensar que os enunciados 1 e 2 sejam logicamente incompatíveis.

Não há nenhuma inconsistência

Mas podemos levar o argumento um pouco mais adiante. Podemos mostrar de forma positiva que é inteiramente possível que Deus seja



PARA DISCUTIR

As pessoas criadas em lares cristãos estão alcançando mais graça para salvação do que aquelas criadas em comunidades onde o evangelho é desconhecido? Se isso não acontece, por que não? Se acontece, isso é falta de amor da parte de Deus?



PROVIDÊNCIA

Providência é a doutrina segundo a qual Deus ordena os acontecimentos na história de modo que seus propósitos sejam alcançados. O desafio está em fazer isso e ao mesmo tempo respeitar a liberdade humana. Alguns teólogos diminuem a providência divina; outros encurtam a liberdade humana. Uma maneira melhor é dizer que Deus leva em conta as livres opções humanas em seu plano. Ele faz isso ao saber como cada pessoa iria escolher livremente em quaisquer circunstâncias não determinadas em que Deus a coloque. Ao criar certas pessoas em certas circunstâncias, Deus sabe exatamente como elas livremente escolherão fazer e pode planejar de acordo com isso. Dentro dessa visão, tudo o que acontece é diretamente desejado por Deus ou permitido por ele, inclusive onde e quando as pessoas nascerão.

onipotente e amoroso e que, mesmo assim, muitas nunca ouçam o evangelho e não sejam salvas.

Como um Deus bom e amoroso, ele quer que o máximo possível de pessoas sejam salvas e que o mínimo possível não se salve. Seu objetivo, então, é alcançar um equilíbrio ideal entre esses dois grupos, para criar não mais pessoas condenadas do que o necessário para alcançar certo número de pessoas salvas. Mas é possível que o mundo real (que inclui o futuro, bem como o presente e o passado) tenha tal equilíbrio. É possível que a fim de criar essas muitas pessoas que serão salvas, Deus também tenha que criar esse tanto de pessoas que serão condenadas. É possível que, se Deus tivesse criado um mundo em que menos pessoas fossem para o inferno, então menos pessoas ainda teriam ido para o céu. É possível que a fim de alcançar uma multidão de santos, Deus tenha que aceitar uma multidão de pecadores.

Alguém pode fazer uma objeção, dizendo que um Deus amoroso não criaria pessoas que ele sabia que se perderiam, mas que teriam sido salvas se apenas tivessem ouvido o evangelho. Mas como vamos saber que existem pessoas como essas? É razoável presumir que muitas pessoas que nunca ouviram o evangelho não teriam crido no evangelho, mesmo que o tivessem ouvido. Vamos supor, então, que Deus, em sua infinita misericórdia, organizou o mundo de forma tão providencial que todas as pessoas que nunca ouviram o evangelho sejam precisamente essas pessoas — aquelas que nunca ouviram o evangelho, mas que não teriam crido nele, mesmo que o tivessem ouvido. Deus é bom demais para permitir que alguém se perca devido a um acidente histórico ou geográfico.

Nesse caso, alguém que nunca ouviu o evangelho e se perdeu teria rejeitado o evangelho e se perdido, mesmo que o tivesse ouvido. Ninguém poderia comparecer diante de Deus no dia do julgamento e reclamar: “Tudo bem, não respondi à sua revelação geral na natureza e na minha consciência! Mas se eu tivesse tido a chance de ouvir o evangelho, então eu teria crido!”

Pois Deus responderia: “Não, eu sabia que mesmo que você tivesse ouvido o evangelho, você não teria crido nele. Portanto, o julgamento que faço de você, com base na natureza e na consciência — para as quais você voluntariamente virou as costas — não é um julgamento injusto ou que careça de amor”.

Portanto, é possível que:

5. Deus tenha criado um mundo que possui um equilíbrio ideal entre salvos e não salvos, e que aqueles que nunca ouviram o evangelho e não foram salvos não teriam crido no evangelho, mesmo que o tivessem ouvido.

Enquanto a premissa 5 é ainda que possivelmente verdadeira, ela mostra que não há nenhuma inconsistência entre a existência de um Deus onipotente e amoroso e o fato de algumas pessoas nunca ouvirem o evangelho e não serem salvas.

Com base nisso, estamos agora preparados para oferecer possíveis respostas às três difíceis questões que nos levaram a essa investigação. Vamos inverter a ordem delas:

- (3) Por que Deus não criou um mundo em que todos livremente acreditassem no evangelho e fossem salvos?

Resposta: Pode ser que não seja possível para Deus criar um mundo assim. Se um mundo assim fosse possível, então (se todas as demais variantes fossem iguais) Deus o teria criado. Porém, dada a sua vontade de criar criaturas livres, Deus teve que aceitar que algumas delas iriam livremente rejeitar a ele e a seus próprios esforços para salvá-las, vindo a se perder.

- (2) Por que Deus sequer criou o mundo, se ele sabia que tantas pessoas não creriam no evangelho e se perderiam?

Resposta: Deus queria compartilhar seu amor e comunhão com as pessoas que criou. Ele sabia que isso significava que muitas iriam rejeitá-lo e se perder. Mas ele também sabia que muitas outras iriam aceitar sua graça e ser salvas. A alegria e a bênção dessas que iriam aceitar seu amor não deveriam ser impedidas por aquelas



que iriam rejeitá-lo. As pessoas que, por livre e espontânea vontade, iriam rejeitar a Deus e ao seu amor não devem, de fato, ter um poder de veto sobre os tipos de mundo que Deus é livre para criar. Em sua misericórdia Deus providencialmente organizou o mundo de tal forma a alcançar um equilíbrio ideal entre salvos e perdidos, ao maximizar o número dos que livremente o aceitam e minimizar o número dos que o rejeitam.

(1) Por que Deus não trouxe o evangelho às pessoas que ele sabia que iriam aceitá-lo se tivessem ouvido, muito embora elas tenham rejeitado a luz da revelação geral que chegou até elas?

Resposta: Essas pessoas não existem. Em sua providência, Deus organizou o mundo de tal forma que aqueles que iriam responder ao evangelho caso o ouvissem, de fato o ouviram. O Deus soberano ordenou a história humana de modo que, à medida que o evangelho se difundia a partir da Palestina, no primeiro século, ele colocou nesse caminho pessoas que creriam nele, se o escutassem. Uma vez que o evangelho alcançasse um povo, Deus providencialmente colocava lá pessoas que ele sabia que iriam crer nele, caso o ouvissem. Em seu amor e misericórdia, Deus se assegurou que ninguém que creia no evangelho se o tivesse ouvido nascesse em um tempo ou lugar da história em que não tivesse oportunidade de ouvir o evangelho. Aqueles que não responderam à revelação geral de Deus e nunca ouviram o evangelho não teriam crido nele, mesmo se o tivessem ouvido. Consequentemente, ninguém deixa de ser salvo por causa de um mero acidente histórico ou geográfico. Qualquer um que queira *ou mesmo que teria querido* ser salvo será salvo.

Quero frisar que essas são apenas *possíveis* respostas às questões colocadas. Porém, na medida em que elas sejam ainda que possíveis, elas mostram que não há qualquer incompatibilidade entre o fato de Deus ser onipotente e amoroso e o fato de algumas pessoas nunca ouvirem o evangelho e não serem salvas.

Além do mais, essas respostas são atrativas porque também parecem ser bíblicas. Em seu discurso aos filósofos atenienses reunidos no Areópago, Paulo declarou:

O Deus que fez o mundo e tudo o que nele há, Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens. Tampouco é servido por mãos humanas, como se necessitasse de alguma coisa. Pois é ele mesmo quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas. De um só fez toda a raça humana para que habitasse sobre toda a superfície da terra, determinando-lhes os tempos previamente estabelecidos e os territórios da sua habitação, para que buscassem a Deus e, mesmo tateando, pudessem encontrá-lo. Ele, de fato, não está longe de cada um de nós; pois nele vivemos, nos movemos e existimos, como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois dele também somos geração (At 17.24-28).

Isso soa exatamente igual à conclusão à qual eu cheguei exclusivamente através de uma reflexão filosófica sobre a questão!

A plausibilidade da solução

Ora, os pluralistas podem admitir a *possibilidade* lógica de Deus ser onipotente e amoroso e o fato de algumas pessoas nunca ouvirem o evangelho e não serem salvas, mas eles insistem em dizer que esses dois fatos são, todavia, improváveis um em relação ao outro. As pessoas em geral parecem crer na religião da cultura em que foram criadas. Mas nesse caso, os pluralistas possivelmente argumentariam, é altamente provável que se muitos daqueles que nunca ouviram o evangelho tivessem sido criados em uma cultura cristã, eles teriam crido no evangelho e sido salvos. Assim, a hipótese que eu propus é altamente implausível.

De fato seria fantasticamente improvável que somente em função do acaso aconteceria de todos os que nunca ouviram o evangelho e não se salvaram serem pessoas que não teriam crido no evangelho, mesmo que o tivessem ouvido. Mas essa não é a hipótese! A hipótese é que Deus ordenou o mundo de determinada forma. Dado um Deus dotado do conhecimento de como cada pessoa iria livremente reagir a sua graça, quaisquer que fossem as circunstâncias em que

Deus as colocasse, não é de modo algum implausível que Deus tenha ordenado o mundo da forma que descrevi.

Tal mundo não seria aparentemente em nada diferente de um mundo onde as circunstâncias em que uma pessoa nasce são uma questão de acaso. Podemos concordar que as pessoas geralmente adotam a religião da cultura em que nascem e que se muitos dos que nasceram em culturas não cristãs tivessem nascido em uma sociedade cristã, provavelmente eles se tornariam cristãos, seja nominalmente ou culturalmente. Mas isso não é o mesmo que dizer que eles teriam sido salvos. E um simples fato empírico a questão de que não há diferenças em características psicológicas ou sociológicas entre pessoas que aceitam a Cristo e as que não o aceitam. Não há como prever com precisão, apenas examinando alguém, se e sob quais circunstâncias aquela pessoa viria a crer em Cristo e ser salva. Uma vez que um mundo providencialmente ordenado por Deus da forma que sugeri seria aparentemente idêntico a um mundo em que o nascimento é uma questão de acidente histórico ou geográfico, é difícil ver como se pode dizer que a hipótese que defendi é improvável — a não ser pela demonstração de que a existência de um Deus dotado de tal conhecimento seja implausível. E eu nunca ouvi falar de nenhuma demonstração desse tipo.

Conclusão

Portanto, à guisa de conclusão, podemos dizer que os pluralistas não foram capazes de demonstrar qualquer inconsistência lógica no particularismo cristão. Pelo contrário, fomos capazes de provar que tal posição é logicamente coerente. Mais do que isso, acredito que tal perspectiva não só é possível como também plausível. Portanto, a diversidade religiosa da humanidade não enfraquece o evangelho cristão da salvação por meio de Cristo somente.



PARA DISCUTIR

Já vimos que o argumento lógico em favor do pluralismo não se sustenta, mas o que fazer com o problema emocional de imaginar milhões de pessoas condenadas ao inferno, sendo que algumas delas viveram vidas admiráveis? Como trataremos esse problema emocional?

E, aproximando-se
Jesus, falou-lhes:
Toda autoridade me
foi concedida no céu e
na terra. Portanto, ide,
fazei discípulos de todas
as nações, batizando-
os em nome do Pai,
do Filho e do Espírito
Santo; ensinando-lhes
a obedecer a todas as
coisas que vos ordenei;
e eu estou convosco
todos os dias, até o
final dos tempos
(Mt 28.18-20).

Assim, para os que são cristãos, acredito que aquilo que eu disse nos ajuda a colocar as missões cristãs sob a devida perspectiva: É nosso dever como cristãos proclamar o evangelho a todo mundo, confiando que Deus ordenou as coisas de forma tão providencial que, por meio de nós, as boas-novas chegarão até as pessoas que Deus sabia que iriam aceitá-las, se as ouvissem. Nossa compaixão por pessoas de outras religiões do mundo é expressa não pela atitude de fingir que elas não estão perdidas sem Cristo, mas pelo apoio e por todos os esforços que pudermos fazer para comunicar a elas a única mensagem que traz vida, a mensagem de Cristo.

Minha esperança é que o material contido neste livro possa ajudá-lo a se tornar um comunicador do evangelho mais eficaz para um mundo agonizante e perdido. Releia-o, memorize as premissas e os argumentos, discuta as questões com outros cristãos, e então, quando surgir a ocasião, compartilhe-o com outros todas as vezes em que você for chamado a responder a razão de sua esperança.

OBJEÇÕES DO PLURALISMO RELIGIOSO

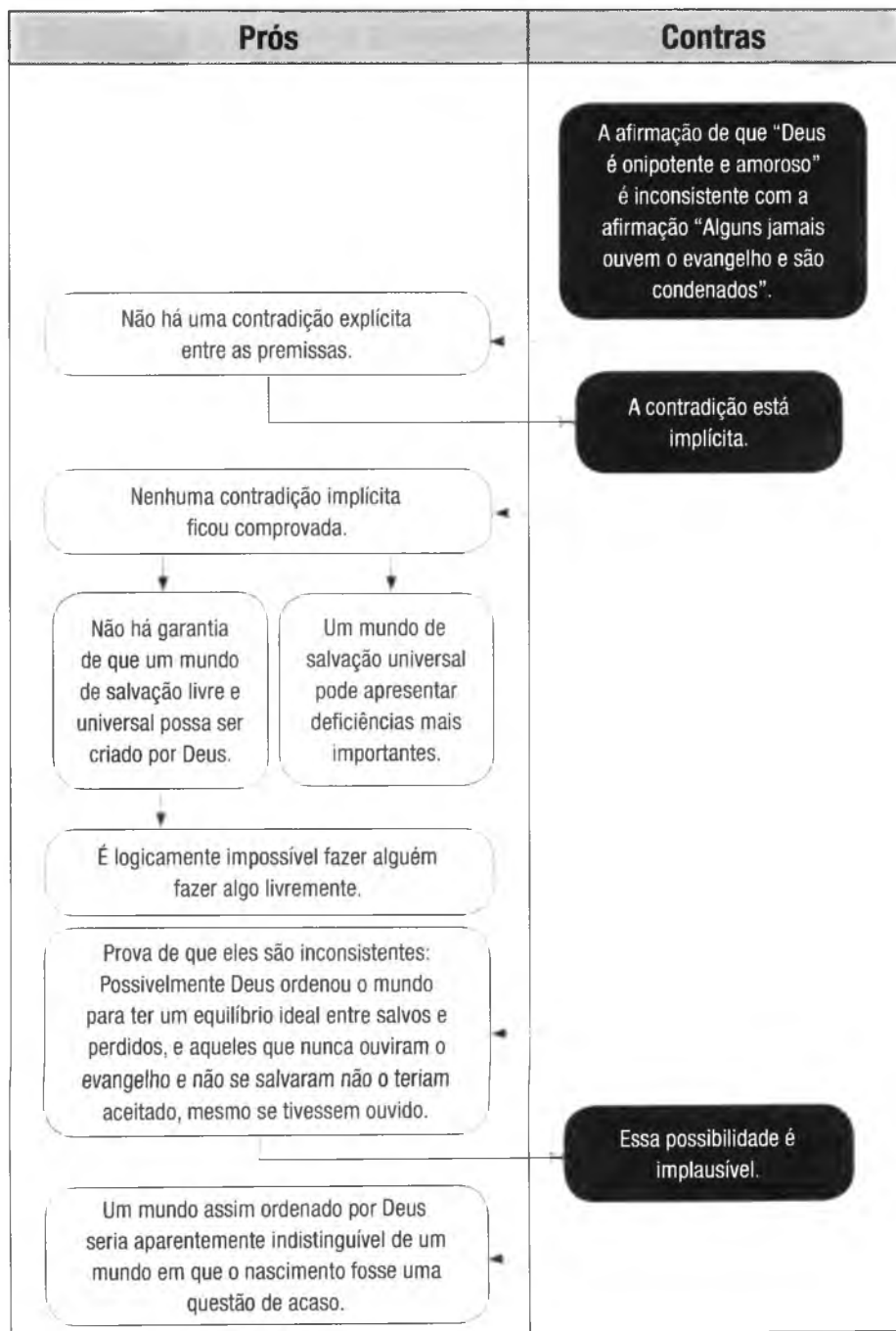


Prós	Contras
Isso é um argumento falacioso <i>ad hominem</i>. O que mais posso fazer senão acreditar que aquilo que eu penso é verdade? O pluralista religioso pensa que só ele está certo e, portanto, também é arrogante e imoral. Como argumento em favor do pluralismo ele comete a falácia genética. A perspectiva religiosa é influenciada de maneira semelhante. As pessoas livremente se afastam de Deus contra a vontade dele.	Um Deus justo não puniria as pessoas para sempre. Pessoas creem na religião de sua própria cultura. Um Deus que ama não mandaria pessoas para o inferno.

OBJEÇÕES DO PLURALISMO RELIGIOSO (cont.)

Prós	Contras
Se o pecado continua para sempre, a punição deve continuar para sempre. Rejeitar a Deus é um pecado de gravidade e proporções infinitas. Essas pessoas são julgadas com base em sua resposta à revelação geral, de modo que a salvação com base na morte de Cristo é universalmente acessível.	Um Deus justo não puniria pessoas eternamente. Pessoas não informadas ou mal informadas sobre Cristo não podem ser condenadas por deixarem de acreditar em Cristo.

OBJEÇÕES DO PLURALISMO RELIGIOSO (cont.)



CONHEÇA TAMBÉM



Apologética para questões difíceis da vida

William Lane Craig

Todo aquele que busca compreender as razões de sua fé acaba se deparando com questões complicadas como sofrimento, dúvida, fracasso, existência do mal e orações não respondidas, mas muitas vezes, em meio a nossa sociedade cada vez mais culturalmente estagnada, não encontra respostas bem elaboradas, francas e inteligentes.

Além de tratar dessas, o autor, William Lane Craig, que é doutor em teologia e filosofia, também encara de frente questões espinhosas da atualidade que envolvem as polêmicas do aborto e da homossexualidade.



Filosofia e cosmovisão cristã

J. P. Moreland – William Lane Craig

O mundo está mudando a passos alarmantes. A cada dia, novos valores surgem. As pessoas não se contentam com o antigo. A novidade do momento é o que interessa. Muitas são as indagações. As pessoas não querem mais respostas objetivas de uma única fonte principalmente se essa fonte afirma ser inspirada por Deus.

Entretanto, mesmo em meio a esse reboiço no campo da razão e da fé, ainda há pessoas preocupadas com conceitos fundamentais e inquietantes, com dúvidas e indagações que incomodam a humanidade há muito tempo:

Com tantas opiniões e tantas religiões no mundo, como alguém pode afirmar que existe uma só verdade? Existe realmente uma Verdade entre as diversas “verdades”? Diante de tantas opções de pensamentos e de crenças conflitantes entre si, em qual devemos acreditar? Todas são validas?. Deus existe como realidade? Se existe, podemos conhece-lo verdadeiramente? As doutrinas cristãs ainda fazem sentido ou são relevantes nesse mundo em constante transformação de seus valores?

Site do autor: www.reasonablefaith.org
(artigos disponíveis em português)

Esta obra foi composta por Luciana Di Iorio em Adobe Garamond Pro,
capa em cartão 250 g/m², miolo em papel Polen soft 70g, impressa
pela Imprensa da Fé em abril de 2012.



VOCÊ FICA PREOCCUPADO QUANDO ALGUÉM LHE
FAZ UMA PERGUNTA SOBRE SUA FE E VOCÊ NÃO
SABE COMO RESPONDER?

JÁ TENTOU ESTUDAR APOLOGÉTICA, MAS SE VIU
PERDIDO NO MEIO DOS JARGÕES TEOLÓGICOS
E FILOSÓFICOS?

O QUE FAZER QUANDO VOCÊ MESMO ENFRENTA
DÚVIDAS RELACIONADAS A SUA FÉ?

Em guarda, leitor! Você tem em suas mãos as respostas para essas e outras tantas perguntas que deixam qualquer pessoa insegura na hora de defender sua fé. Trata-se de um manual de treinamento conciso, escrito por William Lane Craig, um dos mais renomados defensores da fé cristã na atualidade. O livro é repleto de ilustrações, notas explicativas e esquemas para ajudar na memorização dos melhores argumentos para a defesa de sua fé com razão e precisão.

Com um estilo envolvente, Craig oferece quatro argumentos plausíveis para a existência de Deus, defende a historicidade da ressurreição de Jesus e aborda o problema do sofrimento. Além disso, mostra por que o relativismo religioso não consegue responder ao nosso desejo de compreender as questões últimas da vida.

Provando que a defesa da fé não se faz apenas com palavras, o autor também compartilha sua própria história de vida, bem como o chamado de Deus para torná-lo um evangelista bem preparado e, ao mesmo tempo, relevante para a cultura contemporânea.



VIDA NOVA
www.vidanova.com.br

